
"UM ROMANCE MAGNÍFICO SOBRE AMOR, VIDA E MORTE."
THE NEW YORK TIMES
Alguém para amar
Alice McDermott
GLOBOLIVROS

Alice McDermott

# Alguém para amar

Tradução: Natalie Gerhardt

GLOBOLIVROS



Clube Estrada dos Livros

Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho

Copyright © 2016 Editora Globo S.A. para a presente edição
Copyright © 2013 Alice McDermott

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: *Someone*

*Editora responsável:* Amanda Orlando
*Editora assistente:* Elisa Martins
*Editor digital:* Erick Santos Cardoso
*Preparação de texto:* Juliana de Araujo Rodrigues
*Revisão:* Jane Pessoa e Carmen T. S. Costa
*Capa e diagramação:* Gisele Baptista de Oliveira
*Imagem de capa:* Thinkstock

1ª edição, 2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M429a
McDermott, Alice
Alguém para amar / Alice McDermott ; tradução Natalie Gerhardt. - 1. ed. - São Paulo : Globo, 2016.

Tradução de: Someone
ISBN 978-85-250-1512-6

1. Romance americano. I. Gerhardt, Natalie. II. Título.

16-32207 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3
Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos por Editora Globo S.A.
Av. Nove de Julho, 5229 — 01407-907 — São Paulo — SP
www.globolivros.com.br

# Sumário


Capa
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
Um
- Pegeen Chehab saiu da estação de metrô
- De manhã, a ambulância no meio-fio
- Subi as escadas da casa de Gertrude Hanson
- Nos seus últimos dias,
- Minha mãe me chamou na cozinha.
- Debaixo do sol na calçada em frente

Dois
- Certa vez, acordei e descobri
- Como Walter Hartnett dissera:
- — Talvez você não se importe
- E, então, inevitavelmente, é claro,
- Dos cerca de quinze pacientes
- — É você de novo? —
- Então, no final das contas,
- A figura na porta tinha uma compleição
- O médico estava com o rosto vermelho.

Três
- A primeira coisa estranha foi que Tom

Notas

*Para David*

Um

Pegeen Chehab saiu da estação de metrô para a luz do final da tarde. O casaco de boa qualidade era azul-claro; os sapatos pretos cobriam o dorso de seus pés grandes. O chapéu bege tinha algo escuro preso na parte superior, uma ou duas penas marrons. Os ombros eram ligeiramente assimétricos. O caminhar, meio curvado. Como sempre, havia algumas mechas do cabelo negro lhe emoldurando o rosto e escorrendo pelos ombros, e o coque se desfazendo. Segurava frouxamente a bolsa na altura dos joelhos, dando a impressão de languidez e cansaço, mesmo enquanto seguia rapidamente pela calçada cinzenta, cobrindo a distância entre o metrô e o apartamento formado pelo térreo e o porão da casa ao lado.

Eu estava na escada da minha própria casa, esperando meu pai. Pegeen parou para dizer oi.

Ela não era uma garota particularmente bonita; os olhos eram meio juntos, e o queixo, alongado; tinha dentes tortos, sobrancelhas desgrenhadas e a sombra de um bigode. Do pai sírio, herdara os cabelos grossos e escuros, e da mãe irlandesa, a pele clara e o rubor permanente espalhado pelas bochechas cheias. Tinha um emprego na parte baixa de Manhattan, naquele seu primeiro ano depois do Manual de Treinamento, e ela dizia que não gostava das pessoas de lá. Não gostava de nenhuma delas. Ela passou a mão nua pelo corrimão de pedra, acima da minha cabeça. A outra, que segurava a alça fina da bolsa, estava coberta por uma luva cinza. Ela perdera o par em algum lugar, contou. E riu, exibindo os dentes tortos. Era o quarto par naquele mês, ela me disse.

E, no dia anterior, esquecera no metrô o livro da biblioteca que estava lendo.

E olhe só o rasgo da meia-calça.

Ela ergueu o sapato preto do degrau em que eu estava sentada e levantou o casaco e a saia. Eu vi o fio puxado, e a pele da batata da perna peluda de Pegeen por entre cada buraquinho. A unha do dedo que passou pela meia estava roída até o sabugo, mas o movimento da mão ao longo do rasgo era gentil e conciliador. Um tipo de empatia com a própria pele, que eu imitei, passando a minha mão na seda intacta da meia dela e, depois, nas partes onde o fio correra.

— *Amadan* — disse Pegeen. — Esta sou eu. É assim que eu sou.

Ela afastou a perna. A saia e o sobretudo voltaram aos devidos lugares. Na bainha do casaco de boa qualidade de Pegeen, na parte de trás, no lado esquerdo, havia uma mancha de fuligem, e eu, impulsivamente, estendi a mão para espaná-la.

— Está um pouco sujo aqui — expliquei.

Pegeen se virou o máximo que conseguiu, com o braço erguido, tentando ver o que não dava para enxergar porque estava atrás dela.

— Onde? — perguntou ela.

— Bem aqui. — Eu espanei a sujeira, até que Pegeen jogou a cabeça para trás, frustrada, e puxou o casaco para a frente, cingindo-o ao corpo, como se fosse um manto.

— Eu vou ficar feliz — afirmou ela, batendo com a mão no quadril —, quando não precisar mais ir àquele lugar imundo. — Ela se referia à parte baixa de Manhattan, onde trabalhava.

Ela fez uma pausa, empinou o nariz, assumindo um ar de autoconfiança fingida.

— Eu vou arrumar um namorado — declarou, piscando e dando um sorriso malicioso. Eles eram ótimos piadistas, os Chehab, e, ao que parecia, nenhum namorado ainda tinha surgido para Pegeen. — Eu vou me casar — continuou ela. Então, Pegeen lambeu de uma vez só os quatro dedos da mão sem luva e os passou sobre o tecido sujo.

— *Amadan* — repetiu. E ela me explicou que aquela era a palavra que a sua mãe usava para "tola".

Então, soltou a parte de trás do casaco e, curvando os ombros, o ajeitou de novo. Ela me lembrava um passarinho tomando banho de areia.

— Eu caí no metrô — contou ela no mesmo tom impaciente e afetuoso que usara para descrever a luva perdida e o livro da biblioteca esquecido. O mesmo tom que uma mãe usaria para falar sobre o filho favorito e desobediente.

Pegeen suspirou, exasperada, soltando o ar pela boca.

— Mas eu não sei o que me fez cair — disse, impaciente. — Acontece comigo o tempo todo. — De repente, apertou os olhos e o rubor natural de sua face ficou ainda mais intenso, chegando a um tom avinhado. Ela baixou o rosto até ficar diante do meu. — Não se atreva a contar nada disso para a minha mãe.

Eu tinha sete anos de idade. Na maior parte do tempo conversava apenas com os meus pais. Com o meu irmão. Com os meus professores, quando necessário. Também dava algumas respostas sussurradas para o padre Quinn ou para o senhor Lee na confeitaria quando minha mãe me cutucava as costelas. Eu não conseguia imaginar uma conversa com a senhora Chehab, que era ruiva e muito alta. Ainda assim, prometi. Não contaria nada.

Pegeen se agitou de novo, se levantou e ergueu os ombros dentro do casaco azul-claro.

— Mas sempre tem alguém gentil. — A voz dela assumiu, de repente, um tom melodioso. — Alguém sempre me ajuda a levantar. — Ela fez outra pose, recatada e altiva, como antes, empinando o queixo. Tocou a pena do chapéu. — Hoje um homem muito bonito me ofereceu a mão. Ele me perguntou se eu estava bem. Um verdadeiro príncipe encantado. — Ela sorriu de novo e olhou em volta. Apenas a algumas portas dali, os garotos mais velhos estavam jogando beisebol, usando cabos de vassoura como taco. Havia um grupo de garotos menores sentados no meio-fio assistindo ao jogo. Bill Corrigan estava sentado em sua cadeira na calçada bem atrás deles.

Pegeen se inclinou para a frente mais uma vez.

— Amanhã — disse ela, ofegante, sussurrando agora —, vou procurar por ele de novo. Se eu o vir, vou me aproximar bem. — Ela se abaixou, a mão pousada no corrimão bem acima de mim. — Vou *fingir* que estou caindo, sabe? Bem ao lado dele. E ele vai me pegar e perguntar: "É a senhorita de novo?".

Todos os olhos humanos são bonitos, mas os de Pegeen eram tão negros e emoldurados com cílios fartos e estavam lindos naquele momento, com o brilho da brincadeira, ou do plano, ou talvez, quem sabe, o vislumbre de algum futuro impossível.

Ela se aprumou.

— Vamos ver o que acontece, então — continuou, ardilosa e confiante, com as grossas sobrancelhas erguidas. Balançou a bolsa devagar e se virou para ir embora. — Isso vai ser algo que vale a pena ver.

Na própria casa, Pegeen não usava a porta do porão, como era o mais comum. Subia os degraus de pedra, um de cada vez, como uma criança pequena. Quando chegou ao último, parou de novo para limpar a parte de trás do casaco, tocando na sujeira apenas com o punho. Era final de tarde. Primavera. Eu conseguia ver o reflexo de Pegeen no vidro oval da porta externa — ou, pelo menos, um reflexo azulado do casaco e da luz da tarde que banhava o seu rosto. Ela abriu a porta e a imagem do vidro tremulou como uma chama.

Eu me virei para continuar a minha vigília nos degraus de pedra. Uma vigília para a chegada do meu pai, que ainda não subira as escadas da estação do metrô.

Na esquina mais distante, os trabalhadores da vizinhança estavam voltando para a casa. Todos usavam chapéus. Todos usavam sapatos escuros de qualidade, que era onde meus olhos pousavam sempre que um deles me cumprimentava, dizendo “Olá, Marie”, ao passar por mim.

Aos sete anos, eu era uma criança tímida com aparência engraçada, rosto achatado, duas fendas escuras para os olhos cobertos por óculos de lentes grossas, cachos negros, boca fina e séria — uma pequena caricatura de menina.

E todo mundo via que meu coração era todo do meu pai naquela época.

Os garotos jogavam beisebol na rua. Todos os dias, sempre no mesmo horário. Alguns eram amigos de Gabe, meu irmão, embora ele, um jovem estudioso, ficasse em casa com seus livros. Os garotos mais novos ficavam sentados lado a lado no meio-fio, assistindo ao jogo, Walter Hartnett entre eles. O boné virado para trás, a perna com o sapato adaptado de solado grosso estendida diante dele. Bill Corrigan, o cego, que fora atingido por uma bomba de gás na guerra, estava na calçada bem atrás de Walter, sentado na cadeira de cozinha que sua mãe colocava para ele na calçada todos os dias quando o tempo estava bom.

Bill Corrigan usava terno e sapatos engraxados, e embora houvesse uma pequena falha na pele ao redor dos olhos, uma cicatriz brilhosa nas dobras acetinadas das pálpebras, e embora ele fosse guiado pela mãe até a cadeira de cozinha todas as tardes quando o tempo estava bom, cujo braço ele segurava do mesmo modo que uma noiva segura o braço do noivo, era a ele que os garotos da rua recorriam sempre que uma bola caída ou uma falta cometida fazia com que os dois times começassem a berrar e a reclamar, seguindo até o seu lado da rua. Eles estavam lá agora: gritando uns com os outros, jogando seus bonés no chão e implorando que Bill Corrigan tomasse a decisão. Ele ergueu uma das mãos grandes e pálidas e, de repente, metade dos garotos se virou para ir embora, e a outra comemorou. Walter Hartnett se inclinou para trás em desespero, erguendo o pé normal.

Ajeitei os óculos no nariz. Passarinhos cinzentos da cidade alçavam voo e pousavam nos telhados. Na luz da aurora, o degrau sob as minhas pernas, tão morno quanto o meu hálito quando me sentei, parecia mais frio agora. O senhor Chehab passou por mim trazendo nas mãos um saco marrom da padaria. Seu avental branco estava enrolado embaixo do braço, as faixas de amarrar penduradas. Senti o cheiro de pão fresquinho quando ele passou. Big Lucy, uma menina que eu temia, empurrava um patinete do outro lado da rua. Duas irmãs de caridade do convento do final da rua passaram, sorrindo sob seus véus. Eu me virei para ver suas costas, sempre me perguntando por que as bainhas compridas nunca agarravam o salto dos sapatos. No final do quarteirão, as irmãs pararam para cumprimentar uma senhora gorda de pernas grossas e brancas, com um avental escuro por baixo do casaco. Ela disse algo que as fez assentir. Então, as três dobraram juntas a esquina. O jogo parou de novo, e os garotos, relutantes, abriram caminho para a passagem de um carro preto.

Estremeci e esperei. A pequena Marie. A única sobrevivente, agora, na cena da rua. Esperei pelo primeiro vislumbre do meu pai, subindo as escadas da estação do metrô com seu chapéu e casaco, o mais amado entre aqueles fantasmas.

Certa vez, eu me inclinei sobre o balcão de vidro de uma delicatéssen em Rego Park, pronta para fazer o pedido. Eu estava grávida do meu primeiro filho, faminta e ligeiramente tonta. Em alguns meses, eu estaria às portas da morte, receberia a extrema-unção e tudo mais — minha mãe balançando a bolsa acima da cabeça do padre que tinha ido realizar o sacramento —, naquele dia, porém, só senti uma ruptura repentina atrás dos olhos. Caí sem saber que estava caindo. Caí como um saco de batatas. E, então, eu estava deitada no chão de madeira. Minhas pernas dobradas sob o corpo. Senti uma ardência na palma da mão. Vi rostos pairando sobre mim. Mais dores surgiam, no meu tornozelo e na parte de trás da cabeça. Havia salada de atum na minha mão e no cotovelo e na barra do meu sobretudo, pois eu havia derrubado o pedido de alguém ao desabar. Só vi o peito coberto por um avental da esposa do dono do estabelecimento quando fui erguida e levada para uma cadeira em um quarto nos fundos. Havia serragem no chão e caixas de papelão úmidas empilhadas ao longo de uma das paredes. Um cheiro forte de salame. Eles me acomodaram em uma cadeira dobrável — que era da mesma cor das caixas de papelão — diante de uma mesa de jogos frágil e com marcas de fita adesiva. Houve uma lenta reconstituição do que acontecera. Apareceu um policial se oferecendo para me levar ao pronto-socorro, embora o consenso entre as outras mulheres reunidas na porta estreita fosse que um pouco de Coca-Cola quente seria o suficiente para me recuperar. E foi mesmo. Além do rosbife no pão de centeio que eu estivera prestes a pedir, o qual a esposa alemã do dono me observou comer no quarto apinhado dos fundos — as fatias macias como manteiga empilhadas para formar uma camada grossa —, até que as mulheres estivessem satisfeitas para declarar que não tinha sido nada demais. A esposa do dono me deu um pote de canja de galinha e um pouco de arroz-doce para levar para casa. Ela era uma mulher grande e forte, com braços e pernas robustos. Esfregou vigorosamente a mancha do meu casaco com um pedaço de papel-toalha úmido, e eu me lembrei de Pegeen naquele momento: sempre tem alguém gentil.

Meu pai apareceu na esquina. Parou para comprar o jornal da tarde. Sobretudo leve e chapéu para mostrar que era um escriturário e não um trabalhador comum. Eu só ergui a cabeça dos joelhos quando o vi — embora certamente algo, alguma energia vigorosa, um encanto, tenha feito as minhas costas e ombros estremecerem e ficarem tensos, quando olhei para a ladeira. Os garotos jogando beisebol abriram caminho para outro carro: tratava-se do fluxo e do refluxo do jogo. Dei as costas para eles, me apoiei no corrimão para levantar e correr. Meu pai era um homem magro e delgado em um sobretudo. Os passos, rápidos e garbosos. Ele também usava sapatos lustrosos.

Esperei até que ele estivesse no meio do caminho para casa. Então, disparei calçada abaixo e pulei em seus braços, que me seguraram — o jornal bem preso embaixo de um braço, o que constituiu, ao que parece, o único empecilho para a cena que imaginei, equivalente, de alguma forma, aos bonés que os garotos jogavam para cima quando Bill Corrigan tomava sua decisão. Eu não teria ficado nada surpresa de ouvi-los comemorarem.

Meu pai sempre tinha cheiro de jornal e cigarro, e do álcool da colônia fraca. Prendi o queixo em um dos botões do casaco quando ele me colocou no chão. Um arranhão rápido e doloroso que entortou os meus óculos e deixou os meus olhos marejados. Segui os últimos passos para casa, equilibrada sobre os pés dele. Subimos juntos e entramos no vestíbulo perfumado — com o cheiro de cebola das refeições sendo preparadas e com o odor de arenito e madeira velha — e subimos as escadas estreitas até o nosso

apartamento, onde minha mãe estava na cozinha, e o meu irmão, sentado à mesa de jantar com os seus livros.

O apartamento em que morávamos era comprido e estreito, com janelas na frente e na parte de trás. Os fundos pegavam a luz da manhã e, a frente, a luz lenta e alaranjada da tarde e do crepúsculo. Mesmo àquela hora fresca de final de primavera, uma luz metropolitana e poeirenta caía sobre os assentos de tinta polida sob as janelas e sobre as rosas do tapete. Ela carimbava as paredes brancas com a sombra das barras cruzadas, formando longos retângulos; passava pela porta do quarto, cruzava a sala de estar, e subia pelas pernas fortes das cadeiras até pousar na mesa de jantar onde a toalha — de linho engomado habilmente bordado com os meticulosos pontos cruz da minha mãe — fora dobrada ao meio para que Gabe pudesse colocar sobre o tampo liso de madeira o mata-borrão e os livros da escola.

Foi a primeira luz que meus pobres olhos conheceram. Ao me lembrar disso, eu às vezes me pergunto se toda a fé e todo o desejo, todo o medo e especulação, toda a imaginação extravagante que acompanham o estudo do céu e do inferno, não acabaram enganando aquela outra incerteza inicial: a escuridão que antecede a chegada lenta da consciência da primeira luz.

Segui meu pai até o armário estreito e segurei o jornal para ele pendurar o sobretudo e colocar o chapéu na prateleira. Ele se dirigiu para o sofá na sala e eu o segui, acomodando-me ao lado dele e descansando o meu peso contra o seu braço — "como um crustáceo grudado nas rochas", dissera ele, enquanto lia a edição da tarde do jornal.

A capa do sofá, também trabalho manual da minha mãe, mostrava um paraíso de beija-flores e videiras e flores alongadas; as cores, se não as imagens, suavizadas pelo brocado grosso. Afundando-me ao lado do meu pai, escorregando para baixo do braço dele quando erguia o jornal aberto pacientemente para me acomodar, eu entrava naquele paraíso através do toque da ponta dos meus dedos e dos olhos apertados, até que ele dissesse "Marie", cheio de paciência, e me pedisse para sentar direito.

Ele mantinha um longo chaveiro preso ao cinto, e talvez para evitar que o meu peso ossudo deixasse o seu braço dormente, ele tirava as chaves presas do bolso e as colocava nas minhas mãos. Havia duas chaves, pequenas, mas pesadas, e os discos de metal onde estavam gravados o nome e o número da época em que servira o Exército, assim como uma medalha bem pequena de são José manchada de verde. Eu as revirava enquanto ele lia e passava os meus dedos por elas, sentia o peso e o som de cada uma delas. Eu me perguntava se Bill Corrigan, que fora ferido com gases na guerra, também carregava algo assim no bolso.

Quando minha mãe me chamou para pôr a mesa, meu pai passou a mão pela minha cabeça.

Ao escapar daquela escuridão inicial, na poeirenta luz metropolitana daqueles aposentos, eu vi os rostos embaçados dos pais que eu recebera — recebera sem qualquer mérito da minha parte —, rostos que, até para os meus olhos defeituosos e malformados, poder-se-ia dizer, nas horas daquela escuridão inicial, estavam maravilhados de amor.

Nós nos reunimos para jantar, uma toalha impermeável sobre a mesa, sob uma luz comum — a última

concessão à minha infância piegas, porque em algumas semanas, depois da minha primeira comunhão, abandonaríamos a toalha impermeável nas refeições e voltaríamos ao linho engomado, como pessoas civilizadas, como explicou meu pai. Purê de batata e fatias de bife de língua e cenouras cozidas com açúcar. Pêssego em calda com uma colherada de creme espesso. Então, a toalha foi dobrada de novo e meu irmão voltou a espalhar o mata-borrão e os livros sobre a extremidade liberada da mesa comprida.

Na cozinha estreita, inclinada sobre a pia vaporosa, com as mãos e os antebraços vermelhos, minha mãe estava despreocupada.

— Pegeen Chehab tem pés grandes — disse ela. E meninas daquela idade, continuou ela, costumam mesmo tropeçar nas próprias pernas procurando por garotos.

Ela me entregou um pires molhado. Eu ainda não tinha permissão para enxugar os pratos grandes. A cozinha estava quente e fechada, uma das janelas, embaçada, e o cheiro agradável no ar era de sabão e do sol primaveril que secara o avental da minha mãe.

Quanto à minha mãe, ela adorava romances — principalmente os americanos, que envolviam, para ela, uma mistura milagrosa de vidas em diferentes partes da Terra — o casamento do senhor e da senhora Chehab era uma constante fonte de espanto e encanto. Ela contou a história de novo: o local onde o senhor Chehab nasceu se chamava Monte Líbano, em um país chamado Síria. Um deserto, disse ela. Com sol inclemente e palmeiras, tâmaras e abacaxis e areia e — nesse ponto, ela deu de ombros, a voz de repente incerta — parece que um monte.

Ela me entregou um pequeno copo e disse:

— Não coloque a sua mão dentro, apenas o pano.

Os pais dele, continuou ela, o enrolaram em fraldas e roupas e o levaram para longe daquele lugar ensolarado. Cruzaram o Mediterrâneo e fizeram uma parada na Espanha.

Ela olhou os azulejos úmidos sobre a pia com os olhos apertados, como se houvesse um mapa desenhado ali.

Eles foram para a França e chegaram em Paris, um lugar conhecido como Cidade Luz, cruzaram o Estreito de Dover — tem até uma música sobre esse lugar —, chegaram em Liverpool e, sem dúvida, em Dublin, encontraram a cidade de Cork, como ela mesma fizera quando tinha dezessete anos, usando três saias e quatro blusas, carregando apenas uma bolsa para que o seu padrasto, um homem muito cruel, não desconfiasse que estava fugindo de casa.

No porto, o senhor e a senhora Chehab encontraram um navio que os levara até o Brooklyn. Lá, eles colocaram um berço no canto mais fresco do porão da padaria da rua Joralemon.

E, durante todo aquele tempo, disse minha mãe — com a voz vibrante de emoção —, em County Clare, a senhora Chehab — que se chamava McMahon na época — respirava pela primeira vez. E estremecia, sem dúvida, naquela umidade eterna da amargura daquela terra desolada.

Minha mãe olhou para mim por sobre o ombro, as mãos ainda na pia.

Havia um odor de queimado na casa, contou ela — não pela primeira vez. Um odor de cinzas molhadas e fogo apagado. Aquilo faz com que você acredite, continuou ela, que havia uma constante tristeza nas redondezas. Você sempre achava que, em algum lugar próximo, a casa de alguém tinha sido queimada até restarem apenas cinzas no chão.

Naquele país úmido e sujo, contou minha mãe, a senhora Chehab cresceu e se transformou em uma

garota alta, que não teria a menor dificuldade de subir na longa prancha que a levaria para longe do porto de Queenstown — uma subida que minha própria mãe tinha conseguido galgar com esforço, contou ela, porque chovia no dia em que embarcou e porque estava sozinha, sem nenhum homem para ampará-la, e nenhum apareceu durante toda a viagem, até que o meu pai lhe ofereceu o braço nos degraus da Grand Army Plaza.

Contudo, a senhora Chehab não teria qualquer dificuldade para manter aqueles pés grandes plantados firmemente no piso inclinado do navio que a levara até ali. Onde ela parou na padaria síria um dia e viu um homem baixo e de olhos escuros atrás do balcão.

Eu observava as mãos da minha mãe se movendo embaixo da água de novo, procurando por algum utensílio de prata perdido ali, sorrindo aquele sorriso maroto diante da estranheza adorável de tudo aquilo. Então ela puxou o tampão da pia e eu fechei os olhos e tapei os ouvidos com o dedo para bloquear aquele som horrível.

Quando destapei os ouvidos e abri os olhos, minha mãe estava esfregando a bancada.

— Depois de tudo aquilo — concluiu ela —, e depois de tudo aquilo, nasce aqui a simplória Pegeen, com a pele manchada da mãe e o narigão do pai, e aqueles pés enormes, que Deus a ajude.

Quando a louça foi guardada, meu pai foi até o armário estreito para pegar o chapéu e disse:

— Vamos dar um passeio.

Descemos juntos as escadas. As pontas pretas brilhantes dos sapatos limpos e o caimento perfeito da bainha da calça sobre os cadarços bem amarrados. Uma cadência dos passos dele na escada sem tapete, dos nossos passos. Chegamos ao vestíbulo e saímos para a calçada de novo. Estávamos na frente do prédio dos Chehab, quando ele soltou a minha mão e parou para acender um cigarro, a fumaça subia branca por baixo da aba curvada do seu chapéu. E, então, ele jogou a cabeça para trás sentindo o prazer da primeira tragada. Aquilo fez com que eu também olhasse para cima para ver as estrelas. Um homem magro e bonito de quarenta anos de idade.

Era um dos seus primos pequenos, os McGeever, que mais tarde diria que um corpo tão magro não era nada mais do que um convite errante para o azar.

Ele pegou a minha mão de novo. Senti a familiaridade confiante do seu toque, quente e firme, a palma grande contra os meus dedos pequenos. Caminhamos até a outra esquina, para o lado oposto à estação de metrô, embora conseguíssemos ouvir o barulho do metrô em algum lugar sob nossos pés. Também ouvíamos o som do bonde em outra rua, a voz de alguém chamando uma criança, outra pessoa gritando dentro de um prédio. As luzes nas janelas estavam brilhando mais forte e ficando mais quentes, ao que parecia, à medida que o ar ficava mais frio. Senti o cheiro de metal, um ligeiro odor de asfalto, pedra e excremento de cachorro deixados ao lado de uma grade de ferro que cercava uma árvore mirrada. A gabardine macia do paletó do meu pai roçava nas costas da minha mão. Ao virarmos a esquina, ele jogou o cigarro na rua.

— Só vai levar um minutinho — disse ele, colocando as duas mãos nos meus ombros, como se quisesse me fixar de forma mais segura na calçada, diante de outra escada na entrada de um estabelecimento.

Então, ele se virou, empurrou um portão estreito de ferro que levava a um beco mal iluminado. O ar estava sombrio, mas as luzes dos prédios, quentes e douradas. Algumas poucas pessoas passavam por ali, com os casacos apertados junto ao corpo. Um homem levou a mão ao chapéu quando passou e eu baixei a cabeça, tímida. Então, fiquei na ponta dos pés depois que ele passou, virando o meu rosto para a luz da rua, como se fosse um sol quente. Apertei os olhos, e a luz explodiu e se espalhou em tons de amarelo e branco na escuridão. Ouvi o rangido do portão de ferro e o meu pai estava do meu lado de novo, exalando o cheiro forte da bebida que acabara de tomar. Ele estendeu a mão, no meio dela havia um torrão branco de açúcar, brilhando sob a luz. Eu o peguei e enfiei na boca. Eu o revirei com a língua. Olhei para os lábios apertados do meu pai e para seu queixo inclinado, como se ele também sentisse o sabor do açúcar. Então, ele pegou a minha mão de novo.

Passamos pela janela dos Chehab, onde havia um abajur e uma cadeira, e vimos as costas largas do senhor Chehab enquanto ele fumava e lia o jornal da tarde.

No vestíbulo, meu pai puxou o punho da camisa e colocou as mãos no meu rosto. Ele me analisou de forma séria, sorrindo um pouquinho — eu tinha o rosto redondo, olhos estreitos, e era uma menininha comum e engraçada —, até que o meu rosto ficasse quente o suficiente, disse ele, para passar pela vistoria de minha mãe. E subimos as escadas de novo.

Tinha chá e uma fatia de bolo simples, e minha mãe, com um dos livros da escola no colo, tomava a matéria do meu irmão: catecismo, declinações do latim, datas e nomes históricos. Ele respondia a tudo sem hesitar, e comia um pedaço de bolo apenas depois que terminava uma rodada. E, então, ainda com um pedaço de bolo no prato e metade de chá na xícara, ele se levantou da cadeira e se encaminhou, devagar, para a outra extremidade da mesa.

Meu pai, no outro lado, largou a sua xícara e se inclinou para a frente. Eu conseguia ver o reflexo do queixo e do pescoço pálidos na superfície da mesa de madeira escura, como um rosto que estava apenas começando a aparecer em uma poça parada de água negra. Ou a desaparecer.

— O que teremos nesta noite? — perguntou ele.

Meu irmão passou a mãos pelos cabelos grossos e depois as apoiou no encosto da cadeira diante dele. Ergueu os olhos para a parede em um ponto um pouco acima da cabeça do meu pai. Ele era um garoto bonito, com ombros estreitos, cabelos claros e grandes olhos castanhos. Ele corava com facilidade.

— “As sete idades do homem” — disse ele de forma clara, agarrando a cadeira. — De William Shakespeare.

Ele começou. Enquanto Gabe recitava, observei meu pai fazendo movimentos vagos com a boca, formando as palavras de forma inconsciente, mexendo os lábios do mesmo modo como fizera quando eu tinha revirado o torrão de açúcar na minha boca.

Minha mãe mantinha a cabeça baixa, observando as próprias mãos enquanto ouvia o poema, parecendo uma mulher rezando ou curvada ao lado do rádio.

Encostei o queixo na mesa, tirei a xícara do pires. O gole de chá que ainda restava estava esfriando, mas era como eu gostava. Tomei um golinho e pousei a xícara fazendo mais barulho do que devia, o que

teria provocado um olhar reprovador da minha mãe se o som não tivesse coincidido com o final do poema e os aplausos dos meus pais.

— Um pouco de Shelley — pediu meu pai.

Minha amiga Gerty Hanson era obrigada a rezar o terço com sua família todas as noites depois do jantar, enquanto a mãe, o pai e os três irmãos mais velhos ficavam ajoelhados no chão em volta da cama dos pais. Eu me juntara a eles uma ou duas vezes, um ritual não mais tedioso do que aquele ali, embora Gerty, ao menos, tivesse a chance de dizer a oração a cada cinco séries de dez, uma chance de falar em voz alta no silêncio atento — enquanto eu ficava ali apenas para ouvir meu irmão, que tinha ganhado a medalha de dicção na escola durante mais anos do que eu poderia contar.

Gabe ergueu os olhos e dirigiu a voz para o lustre simples acima de nós. Era algo novo aos meus ouvidos, sua voz mais profunda e, de alguma forma, mais incerta do que estivera dias antes. Eu observei o pomo de adão protuberante em seu pescoço branco.

— "Ode ao vento oeste" — entoou ele. — Por Percy Blithe Shelley.

Talvez meus pais tenham visto o padre nele naquele momento, na sua postura na extremidade da mesa e no modo como as palavras adoráveis saíam de sua boca.

Eu vi, apenas na minha imaginação, um desenho em um livro ilustrado que eu encontrara em algum lugar, representando um rosto cruel entre as nuvens, com bochechas inchadas e lábios apertados que sopravam contra um homem encolhido em um grande sobretudo escuro.

— "Oh, escutem!" — recitou meu irmão, hesitando em seguida por um breve instante antes de erguer a mão aberta para o teto, um gesto que talvez o tenham ensinado a fazer na escola, embora não combinasse com ele nem com sua voz firme.

Sem erguer o queixo, olhei em volta. Gabe tinha deixado um pedaço de bolo no prato. Eu sabia que ele o comeria com uma única garfada triunfante quando voltasse ao seu lugar. Meu pai já tinha comido a fatia dele. Assim como a minha mãe. Olhei de novo para o meu prato, sabendo muito bem que eu não deixara nenhuma migalha sequer, e fiquei surpresa ao ver ali, bem no meio, um outro torrão de açúcar. Olhei para meu pai, que pousou rapidamente os olhos em mim e deu um sorriso breve. Olhei para minha mãe cujos olhos estavam fixos na aliança fina de casamento na mão pousada no colo. Peguei o torrão depressa e o mergulhei no resto frio do meu chá. Meu pai sussurrou as últimas palavras do poema enquanto meu irmão o recitava. Então, uma vez mais, meus pais o aplaudiram.

Meu irmão anunciou "Ozymandias" quando ergui a xícara de novo. Senti o dedo da minha mãe cutucando a minha coxa para que eu prestasse atenção.

E eu prestei, meus olhos presos nos resíduos de açúcar molhados de chá no fundo da xícara de porcelana. Imaginei aquela mesma areia doce e prateada mencionada no poema, areia do deserto, areia da Síria e do Monte Líbano. Observei com os olhos apertados enquanto o líquido se movia lentamente sob a luz amarelada e avançava devagar em direção à minha língua, então, quando ficou devagar demais, mergulhei a ponta do dedo. Eu estava pensando em um bebê enrolado em roupas brilhantes, sendo empurrado lentamente em uma carruagem branca, bem devagar, pelas luzes da cidade, em direção ao Brooklyn, quando senti um tapa na minha cabeça e a dor rápida que se espalhou ali. Tirei o dedo da xícara. Minha mãe não erguera os olhos das mãos.

Gabe terminou o poema e voltou ao seu lugar à mesa para beber o chá frio e devorar o pedaço de

bolo, o rosto corado de triunfo. Pacientemente, minha mãe se virou para me perguntar o que teria acontecido se a xícara se quebrasse enquanto meus dedos estavam lá dentro.

Algum vizinho ou parente sem rosto foi citado, uma garota boba que "se cortara feio" com a mão dentro do copo enquanto o lavava. A imagem sugerida de água com sabão manchada com sangue escuro me seguiu para o banho, onde observei a mão embaçada e vermelha da minha mãe enquanto testava a temperatura da água.

Eu já tinha usado todas as minhas desculpas de uma vez: a água estava muito quente, a casa, muito fria, eu tinha tomado banho na semana anterior, eu estava com dor de barriga, eu estava com sono. Mas a minha mãe agarrou o meu braço e minhas pernas resolveram obedecer. Elas se ergueram contra a minha vontade sobre a beirada da banheira alta e mergulharam na água quente, onde a dor do calor se tornou um arrepio na minha espinha e o meu corpo magro — vermelho-vivo nas panturrilhas, mas branco quase azulado no peito e nos braços — virou nada mais do que um trapo de pano, um trapo carregado e sacudido e revirado pelo vento repentino. Eu queria chorar, queria vomitar. Eu vi por um instante terrível que o meu corpo não passava de um trapo de pano, que os meus ossos não passavam da mais fina porcelana, assim como meus dentes trêmulos presos ao meu crânio. Vi um aro de luz, o reflexo em movimento da água, subir até os azulejos da parede e descer de novo, carregando-me em uma onda nauseante e cheia de sofrimento. Eu me sentei. A água quente cobriu os meus braços e tocou o meu queixo. Minha mãe soltou o meu braço e tocou o meu queixo, embora a marca dos dedos tenha ficado ali por mais tempo.

Pronto, disse ela. Tudo bem. Depois de toda essa confusão. Você só precisa se acostumar.

Naquela época, eu ainda dormia no berço que fora do meu irmão, no canto de um quartinho que eu dividia com ele. Um carneiro descascado pintado na cabeceira, uma linha borrada de grama e flores do campo nos pés. Luzes baixas. Orações. Os lábios secos dos meus pais na minha testa e alguma palavra sussurrada no final do dia que me dizia que eu era estimada acima de todas as coisas por aquelas sombras indistintas e de respiração quente que se inclinavam sobre mim antes de dormir.

Gabe chegava depois. Outra mancha na escuridão e luz — roupas escuras e cabelo claro — entrando para pegar o pijama debaixo do travesseiro. Quando ele voltava, era uma mancha mais clara porque estava vestido com ele. Pela grade do berço, eu o via se ajoelhar e rezar e, então, puxar as cobertas e subir na cama. Ele dormia de barriga para cima, com o punho sobre os olhos, como um outro desenho que eu vira no livro de ilustrações, de um trabalhador descansando em um campo. A luz ficava acesa a maior parte da noite, e aquele gesto, o punho sobre os olhos, era a aceitação silenciosa do meu medo do escuro.

Acordei e descobri que a luz tinha sido apagada. Havia apenas as margens indistintas e as faixas de luzes geométricas da iluminação da rua no teto do outro lado do quarto. Passei a perna sobre a grade do berço, encaixando o meu dedão do pé no espaço entre as grades e, com cuidado — eu não era uma criança atlética —, me inclinei para passar a outra. Pisei no chão frio e o atravessei na ponta dos pés. Gabe puxou as cobertas para mim do mesmo modo que fazia tudo: de forma calma, metódica, e com a aceitação bondosa, mas estoica, da obrigação. Um filho cumpridor dos seus deveres. Alerta mesmo àquela hora.

Eu disse a ele que tinha tido um pesadelo, inventando tudo conforme contava: um gigante terrível de punho fechado com bochechas inchadas que me levava para um lugar alto e instável do qual eu não conseguia descer, e Gabe ouviu atentamente, compadecendo-se um pouco e maravilhando-se a cada vez que eu sussurrava “e aí”, acrescentando outro horror. Ele disse que nunca sonhava. Nunca tinha tido um sonho do qual se lembrasse. Suas feições não passavam de um borrão, embora nossos rostos estivessem bem próximos. Ainda assim, o garoto bonito e saudável com rosto bem definido que era o meu irmão durante o dia, o irmão que eu enxergava quando estava com os óculos, era bem menos conhecido para mim do que aquele ali de feições incertas na penumbra suave, com um brilho molhado nos lábios e nos olhos quando dizia que, se eu fosse boazinha e não chutasse, poderia ficar. Fiz as minhas promessas, e ele as aceitou, porém afastou-se para o canto da cama estreita, encostando-se na parede — a parede que dividíamos com o prédio dos Chehab —, virando de costas para mim e colocando a mão na parede fria. Os lençóis macios retiveram o cheiro do sol apesar do odor mais quente e próximo do cabelo, do hálito e da pele do meu irmão. De costas para mim, ele me disse para rezar para afastar os pesadelos. Ele disse que, se eu rezasse, Nossa Senhora me livraria dos pesadelos.

Devagar, enfiei a mão embaixo do travesseiro dele para encostar em sua mão. Ele segurava um terço. Afastou a mão até que os meus dedos tocassem apenas as contas frias do rosário.

Ele dormiu com pequenos sobressaltos, mas resistindo a eles. Como se o Sandman estivesse segurando seus tornozelos e o puxando contra a vontade. Como se ele lutasse para permanecer acordado. Olhei para as formas de luz na parede, uma retangular e outra na forma de um crucifixo. Tentei algumas orações, mas uma vez que o pesadelo que eu descrevera fora inventado, não havia por que pedir proteção. Ouvi o joelho ou a mão ou o pé do meu irmão bater na parede, enquanto ele se acomodava. Um baque, outro baque e, então, eu sabia que ele tinha adormecido.

De manhã, a ambulância no meio-fio soltou uma baforada de ar quente. Crianças se aproximaram, mulheres com casacos nos ombros, homens com camisas de manga comprida. Do outro lado da rua, as cortinas foram puxadas, e havia rostos nas janelas, um deles, repulsivo, com creme de barbear. Primeiro, um burburinho no grupo aglomerado: mulheres com os dedos nos lábios ou as mãos no peito, os homens conversando em tom suave. Então, à medida que os minutos passavam, a excitação crescente, o prazer de ter algo acontecendo que diferenciaria o dia comum: a emoção da rotina quebrada, de um desjejum sem graça largado na mesa, dos livros escolares ainda à porta. A excitação que apareceu primeiro na voz das crianças — uma risada repentina, um grito alto — mas que, então, contagiou os adultos também — um espirro e uma resposta animada "Saúde!", mais risadas — como se tivéssemos esquecido, por um minuto, que os Chehab estavam passando por algum tipo de crise, uma crise que nos levara a todos para a calçada úmida às sete horas da manhã.

Então o homem da ambulância passou pela porta do porão, e o som de todo o burburinho que acontecia entre as pessoas foi substituído, repentinamente, por um arfar coletivo, quando as pessoas reunidas na calçada viram que a maca levava um corpo coberto dos pés à cabeça — apenas uma mecha do cabelo molhado de Pegeen escorregando por sob o lençol.

Da porta aberta atrás do segundo homem da ambulância, o lamento da senhora Chehab se transformava em um grito de dor. A maioria das mulheres e muitos dos homens na rua se benzeram. A minha mãe colocou a mão áspera no meu ombro e puxou o meu rosto para o seu avental, que ainda estava um pouco úmido da louça que lavara na noite anterior. Movida pelo instinto, fechei os olhos e abracei a minha mãe pela cintura, agarrando o avental e a lã grossa da sua saia, aninhando-me naquela escuridão familiar e sentindo a calidez repentina das mãos do meu irmão pressionadas contra os meus ouvidos, tentando me preservar do som das orações das mulheres, das exclamações e dos lamentos da senhora Chehab, e das batidas das portas amplas da ambulância.

No entanto, eu ouvi tudo.

Foi no final da tarde seguinte que entramos no silêncio solene ao subir os degraus da casa dos Chehab e entrar na sala de estar lotada. Foi doloroso o modo como a minha mãe agarrava a minha mão enquanto passávamos por aquela floresta de adultos, eu só via os nós avermelhados dos dedos e as alianças de casamento e a bainha dos casacos, até que aqueles vultos se separassem e, lá, diante do vidro da janela que dava para a rua, estava o caixão brilhante e a cama de cetim de Pegeen. Ela estava com o vestido branco de formatura, e o terço de contas vermelhas de quando fora crismada estava entremeado por seus dedos. Havia uma única vela ao lado da cabeça de Pegeen, a luz refletia na negritude da janela de tal modo que, por um momento, acreditei que o nariz fino e pálido de Pegeen tinha sua própria chama.

Senti um par de mãos quentes e fortes sob as minhas axilas. Então, fui erguida. A luz ficou mais forte e a escuridão se foi. Agarrei a extremidade dura do caixão, resistindo mesmo enquanto me rendia, baixei o meu rosto para a claridade lunar das bochechas de Pegeen e lhe dei um beijo, e, então, vi o meu próprio rosto pálido, por um breve instante, refletido no vidro escuro da janela quando me colocaram novamente no chão, no meio da poça de sombras.

Em casa, minha mãe tirou o grampo que prendia o chapéu, e meu pai guardou o seu chapéu de feltro e o seu casaco no armário. A senhora Chehab, diziam eles, notara a sujeira no casaco de Pegeen e as

lágrimas nas suas mangas, os círculos de fuligem nos joelhos da meia-calça de boa qualidade que usava, bem antes do último tombo do dia anterior enquanto descia a escada para o porão. Pegeen sempre fora desastrada, continuaram eles, embora Fagin, o agente funerário, suspeitasse que algo mais do que a queda a matara: algum problema no cérebro, dissera ele.

Minha mãe dobrou a boa toalha de mesa, e o meu irmão trouxe os seus livros. Naquela noite, para compensar o tempo que perdêramos na visita a Pegeen, tomamos o nosso chá em silêncio, enquanto ele estudava próximo a nós, o único som no aposento era o tilintar da xícara do meu pai contra o pires, o qual imitei, com o meu próprio tinido. A visita aos Chehab também fez com que perdêssemos o nosso passeio noturno até o bar que vendia clandestinamente bebidas alcoólicas.

Então, o meu irmão fechou o livro grosso diante dele e pegou outro de uma pilha ao lado da sua cadeira, aquele tinha uma capa de couro gasta e papel fino. Ele virou as páginas e, então, enfiou as mãos embaixo das coxas, inclinou-se sobre o livro e leu. Vi os meus pais observando-o por sobre sua cabeça baixa. Pareceu-me que eles o observavam furtivamente, como se, caso ele erguesse a cabeça de novo, eles desviariam o olhar.

Começou a ler em voz alta. Ele não lia do mesmo modo claro como recitava os seus poemas, mas suavemente, sentado, encurvado sobre a mesa, as palavras falhando ali e acolá sob o peso do novo tom grave que sua voz adquiria.

— "Não se vendem dois passarinhos por um ceitil?" — leu ele. — "E nenhum deles cairá em terra sem a vontade de vosso Pai. E até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados. Não temais, pois; mais valeis vós do que muitos passarinhos."[1]

A cabeça da minha mãe estava curvada. As mãos do meu pai permaneciam cruzadas atrás da xícara de porcelana, preso naquele momento dissimulado no qual apoiavam-se mutuamente contra o tremor que a caminhada noturna costumava manter sob controle. Na rua, passou um caminhão transportando garrafas. Uma voz feliz gritou para a outra.

No silêncio que se seguiu eu disse:

— *Amadan*.

Pronunciei a palavra como Pegeen a dissera, de forma pesarosa, meneando a cabeça como se estivesse falando com carinho de alguma criança difícil. Disse aquilo com o meu queixo um pouco acima da minha xícara de porcelana e dos resíduos de açúcar derretidos, com os olhos desviando-se do olhar atônito do meu irmão e pousando na luz cor de marfim. Então, por precaução, repeti a palavra dentro da xícara:

— *Amadan*.

A sala bonita, então, se inclinou — a toalha branca de mesa dobrada e a madeira negra polida e a luz do simples candelabro —, quando minha mãe agarrou o meu braço com dedos de ferro, arrancou-me da minha cadeira e me levou para o banheiro ladrilhado onde encheu a xícara com água quente, na qual mergulhou sabão uma vez, depois outra.

— De novo — ordenou a minha mãe, enquanto eu tomava um gole da água amarga e me debruçava sobre a pia para cuspir.

Na sala de jantar, o meu irmão — o estudioso — perguntou ao meu pai o que *amadan* significava. Meu pai respondeu:

— Um tolo. Significa alguém tolo.

Mesmo com a água correndo pela torneira, a xícara com água e sabão contra os meus lábios, ouvi meu pai explodir em uma gargalhada quando o meu irmão perguntou:

— Quem?

Eles passaram a me chamar de “nossa pequena pagã” depois daquilo, sempre que precisavam controlar um pouco o orgulho que sentiam pela santidade do meu irmão. O modo de fazerem isso era se ridicularizarem. Quando o padre de St. Francis veio para dizer que havia claramente uma vocação. Quando a carta do seminário chegou.

— Não somos tão encantados pelo sacerdócio como alguns — declarou minha mãe, lavando a louça depois que o padre viera tomar chá, corada de orgulho, mas também apertando os lábios de um modo que deixava claro que não cometeria exageros, como ela mesma diria, com o seu prazer com o sucesso de Gabe. Havia muitos homens no presbitério, continuou ela, que eram vaidosos ou preguiçosos ou burros, assim como na população em geral.

— Um bispo — brincou o meu pai com a mão pousada na minha cabeça — e uma pequena pagã. Nós conseguimos atingir a escala completa com apenas esses dois.

Subi as escadas da casa de Gertrude Hanson com a mão apoiada no amplo corrimão. O tapete estava gasto e senti o cheiro familiar de poeira no ar. A pouca luz que entrava vinha de uma janela acima da entrada ou era filtrada por um único feixe amarelo que vinha da claraboia suja quatro andares acima. O apartamento de Gertrude Hanson ficava no terceiro andar. Bati na porta pesada. O corredor estava quente e abafado. Ouvi a voz da senhora Hanson lá dentro, rindo, e fiquei na ponta dos pés.

— Pode entrar, Marie — gritou a senhora Hanson. — Eu sei que é você.

Porque aquela era a rotina das manhãs de sábado, Gerty e eu éramos, mesmo naquela época, muito mais do que melhores amigas. Abri a porta e me apoiei no batente.

A sala da frente dos Hanson era abarrotada de móveis: a grande mesa de jantar preta, oito cadeiras com assentos de tapeçaria, um bufê pesado, um carrinho de chá, uma cristaleira com vidros curvados — uma indicação, naquela época, do nível de prosperidade e decência de uma família. Eu me lembrava de já ter chegado à casa de Gerty em uma manhã de sábado por duas vezes e ficar surpresa ao encontrar a sala da frente completamente vazia, apenas os lustres ainda estavam lá, os pratos e o conjunto de chá de boa qualidade estavam empilhados no chão. “Reintegração de posse” foi a expressão que Gerty usou com um dar de ombros despreocupado. Porém, naquela manhã, tudo estava em seu devido lugar e, além dos móveis, vi a senhora Hanson em uma grande cadeira próxima à porta da cozinha, os pés descalços sobre uma rede, enquanto as mãos acenavam para mim.

— Pode entrar — convidou ela. — Entre e leve essa pobrezinha para tomar um ar fresco. Ela passou a manhã inteira cozinhando.

A senhora Hanson sempre fora rechonchuda, com punhos grossos e rosto largo e redondo, mas, agora, com o quinto filho a caminho, estava enorme naquela cadeira, os pés e tornozelos inchados, a barriga forçando a flanela que fora o roupão do marido. Ela enfiara um lenço na gola do roupão, e um pouco da renda nas extremidades ficava preso entre os seios fartos e fazia com que parecesse uma mulher retratada em algum quadro antigo. E como uma mulher em um quadro antigo, usava parte do cabelo negro preso para cima e outra parte solta lhe caindo sobre os ombros. Havia um brilho úmido na pele branca, nas bochechas, na testa e nos braços nus, como se eles refletissem algum tipo específico de luz. Enquanto eu me aproximava timidamente da senhora Hanson, ocorreu-me que ela era tão bonita quanto uma mulher em uma pintura, mesmo com o seu tamanho e sua abundância, a fartura dos seios e do cabelo e da pele úmida, do rosto e dos traços: olhos grandes e escuros e dentes brilhantes e largos e boca risonha.

— Vocês, meninas, podem correr e brincar — disse a senhora Hanson, acariciando a barriga dura. — Fatty Arbuckle[2] e eu vamos tirar uma soneca.

Na pequena cozinha quadrada, Gerty enxugava as mãos. Usava um leve avental de algodão, com as faixas dando duas ou três voltas em torno da cintura fina e a bainha descendo bem abaixo dos seus joelhos. Havia um excelente aroma de seus trabalhos da manhã, que descansavam no peitoril da janela e em uma pequena mesa no canto: um frango dourado que ela cobria com um pano de prato limpo, uma tigela de batatas brancas misturadas com aipo e salsinha, uma torta caseira, os sulcos do garfo que quebraram a crosta pálida podiam até estar espaçados de forma inexperiente, mas mostravam, ali e acolá, um brilho dourado do recheio.

Gerty tinha jeito de menino e era prática, facilmente a garota mais inteligente da turma, porém também pequena como eu, sem um dente e com o rosto coberto de sardas. Ela apenas deu de ombros

quando assoviei, surpresa.

— Você cozinhou tudo isto?

— Ela está aprendendo ainda — explicou a senhora Hanson. — Mas leva jeito. Algum dia, será uma grande cozinheira. E será uma ótima mãezinha enquanto eu estiver longe.

A senhora Hanson tinha um sotaque irlandês que a fazia engolir o ar, um tipo de soluço silencioso que comia o final de todas as frases. Isso fazia com que parecesse estar sempre ofegante, prestes a soltar uma exclamação ou cair na risada.

— Será como jantar no Waldorf — disse ela.

Gerty tirou o avental e o pendurou no antigo bico de gás ao lado da porta. Um ano antes, sua pobre cabeça fora raspada por causa de piolhos, porém agora os cachos escuros estavam tão grossos e ondulados como um esfregão seco. Perguntou à mãe se ela poderia lhe dar dinheiro para tomar um refrigerante, considerando o quanto trabalhara duro naquela manhã. A mãe riu de novo e mandou Gerty até o quarto para pegar a sua bolsa. Sozinhas apenas por aquele momento, a senhora Hanson esticou a mão e segurou o meu punho, então respirou bem fundo, tragando bastante ar. Suas pernas apoiadas nas almofadas se contraíram enquanto o sangue escuro lhe subia pelo rosto e, tão de repente como começara, empalideceu de novo.

— Minha querida — sussurrou ela, puxando-me para mais perto. Eu me inclinei sobre o braço grosso da poltrona. A senhora Hanson tinha cheiro de coisas saudáveis, raios de sol e mingau de aveia e fermento, seu hálito enquanto ofegava era quente e doce. — Se você levar Gerty até a esquina — disse ela —, vocês vão conseguir ver Dora Ryan saindo para a igreja. Vão lá ver. Depois, tomem um refrigerante. Fique com ela na rua até a hora do jantar. — Ela inspirou forte de novo. — Faça isso para mim.

Eu virei um pouquinho a cabeça. Dava para sentir o hálito da mulher no meu rosto, ver as pérolas mosqueadas dos dentes. Inexplicavelmente — a não ser, é claro, que você considere a beleza abundante da mulher, a calidez do aposento, os cheiros gostosos e o riso e a recém-novidade de que haveria um casamento naquele dia —, envolvi o pescoço da senhora Hanson com os meus braços e pressionei os lábios contra o rosto adorável e úmido da mulher.

— Querida — disse a senhora Hanson, tocando as minhas costas. — Queridinha. Minha querida

E, então, Gerty estava de volta do quarto, segurando moedas na mão e exclamando:

— E quanto a mim? — perguntou, seguindo para o outro lado da cadeira e pousando os lábios no rosto da mulher.

De repente, nós duas estávamos cobrindo o rosto da senhora Hanson de beijos, bochechas, sobrancelhas, nariz e o canto da boca sorridente. Ela nos abraçou e nós nos apoiamos na barriga dura para não cairmos uma em cima da outra por sobre o joelho da senhora Hanson.

— Vocês vão me sufocar — disse a senhora Hanson, e nós beijamos até os dentes secos dela com os nossos lábios. — Vocês vão ter de ligar para Fagin — disse ela, como se estivesse dando o último suspiro. — Vocês vão me matar de tanto carinho. — Nós duas agora tínhamos enroscado as mãos no cabelo grosso dela. Era sedoso, porém mais substancioso do que a seda, e nós duas levamos uma mecha à boca. Rindo, a senhora Hanson nos empurrou para ficarmos em pé. — Uma só no meu colo já é suficiente — declarou ela, recuperando o fôlego, a cor subindo novamente pelo seu rosto. — Além disso,

Fatty Arbuckle já tomou todo o espaço para ele. — Ela riu, mesmo enquanto a cor ainda mais escura subia pelo peito, lhe tingindo o pescoço até chegar ao rosto. — Agora vão — ordenou ela, engolindo o ar.

Saímos da sala, descemos as escadas de braços dados porque éramos mais do que melhores amigas, e havia a felicidade de darmos continuidade à afeição repentina e elaborada que demonstráramos para a senhora Hanson. Na rua fria, dobramos a esquina, e o carro preto já estava lá, além de um grupo de meninas, algumas trazendo os irmãos menores. E, então, como se estivesse aguardando a nossa chegada esbaforida, uma agitação de branco no vestíbulo atrás do vidro, a porta foi aberta pela mãe robusta de Dora Ryan, usando chapéu e luvas e um novo conjunto azul, com uma orquídea trêmula sobre o ombro. Então, a própria Dora, com o seu vestido de casamento e sapatos brancos, tendo o velho pai ao seu lado — pois Dora não era uma noiva jovem, talvez tivesse uns trinta anos, uma professora do terceiro ano do ensino fundamental em uma escola pública distante, com ombros quadrados e rosto largo, mas, de qualquer forma, adorável naquele dia, com o vestido de noiva de cetim e renda e meia-calça branca e sapatos brancos, apenas com um pequeno véu para voar ao sabor de qualquer brisa que porventura soprasse. Seu irmão a seguiu, assim como a irmã, que usava um vestido cor-de-rosa. A família parou no degrau superior, enquanto um fotógrafo se agachava diante deles; então, todos seguiram para o carro que os aguardava, todos nós apreciando em silêncio, até que Gerty gritou:

— Boa sorte, Dora! — E todas as crianças repetiram o grito. Dora acenou como uma rainha por trás do reflexo da nossa própria imagem na janela do carro.

Foi naquele momento, enquanto o carro se afastava do meio-fio, que eu vi Big Lucy do outro lado da rua. Ela estava respirando pela boca, segurando o patinete entre os joelhos avermelhados, o guidão pressionado rigidamente contra a saia infantil. Seu olhar descontrolado caiu, por um instante, sobre mim, e senti o dia lindo achatar-se e ficar paralisado. Então Lucy montou no patinete, irrompeu pela calçada e partiu atrás do carro da noiva, usando a perna branca e grossa que parecia tão sólida e pálida quanto a própria calçada para pegar impulso. As palavras que vociferava eram uma variação dos votos felizes de Gerty, “Boa sorte! Boa sorte!”, mas pareciam zangadas e, até mesmo, ameaçadoras, na voz cruel e suplicante de Lucy. Algumas das meninas levaram a mão à boca, com os olhos arregalados. Outras deram uma risada maldosa.

Ainda assim, quando ela estava prestes a virar a esquina — prestes a deixar o bairro para todo o sempre, sair da vizinhança e entrar em uma instituição, porque o que mais a sua pobre família poderia fazer com o corpo feminino de repente enorme e desproporcional, sua mente imatura e infantil e seus ataques de violência —, vi Big Lucy erguer a perna para trás, pairando-a ali com a graça de uma bailarina.

Quando chegamos à igreja, a cerimônia já havia começado. Conseguíamos ouvir as notas abafadas do órgão atrás das portas fechadas. Lucy não estava em nenhum lugar à vista. Nós nos sentamos alinhadas na calçada, onde o carro alugado estava parado, silencioso e frio. O motorista estava encostado no capô, fumando e lendo o jornal. Quando as portas da igreja se abriram de novo — o som do órgão derramando-se sobre nós como água do mar —, levantamo-nos e espanamos a parte de trás das saias. Esperei que a noiva e o noivo fossem os primeiros a sair, em vez disso, porém, os convidados saíram, de dois em dois,

descendo os degraus da igreja, hesitantes e apertando os olhos contra a claridade do sol. Um homem de terno se aproximou de nós e, com um cigarro preso no canto da boca, demonstrou que queria que colocássemos as mãos em concha: a esquerda sob a direita, e esta curvada em um pequeno funil. Então, ele pegou um pacote de papel do bolso do terno e derramou uma pequena quantidade de arroz em nossas mãos. Era um jovem sorridente, brincalhão e com rosto avermelhado, que se tornou ainda mais charmoso para mim pelo cheiro indisfarçável de álcool no seu hálito, um odor adorável e masculino, pensei, porque era igual o do meu pai.

Quando a calçada e os degraus em frente à igreja estavam ocupados pelos convidados do casamento, Dora e o seu novo marido finalmente apareceram. Sob a luz do sol, e com a multidão perfumada à nossa volta, foi difícil dizer se o noivo era bonito. Ele era rechonchudo e tinha o corpo meio quadrado no seu terno escuro, bem semelhante ao da própria Dora, mas ele ergueu o braço livre enquanto Dora e ele desciam os degraus, protegendo a ambos da chuva de arroz, então, foi só depois que chegaram à segurança do carro alugado que ele pegou o cotovelo da noiva para ajudá-la a entrar no veículo que conseguimos ver, brevemente, o seu rosto. Foi uma decepção: rosto redondo e macio, com pouco queixo e uma boca pequena esticada em um sorriso que, até aos nossos olhos, pareceu estranho. Ele entrou no carro ao lado da noiva e vimos o seu perfil, que não era nada promissor, enquanto o veículo se afastava.

Eu me virei para Gerty, e ela deu de ombros. Mesmo sem Big Lucy ali, algo se perdera naquela manhã, algum brilho.

Em casa, minha mãe sugou o ar por entre os dentes quando contei como Big Lucy havia gritado atrás do carro. Ela se benzeu, olhou em volta e disse:

— Nada de bom pode vir dali.

Então, ela repetiu o gesto e o olhar na manhã seguinte, na igreja, quando Dora Ryan apareceu entre o irmão e a irmã, a mãe e o pai logo atrás dela, o véu escuro do chapéu cobrindo o rosto largo. Padre Quinn não conseguiria ter a atenção de nenhuma das mulheres da congregação naquela manhã, pois, mesmo enquanto se ajoelhavam, faziam o sinal da cruz e baixavam a cabeça para rezar, seus olhos eram atraídos para os ombros trêmulos de Dora e a coluna ereta dos seus pais. Minha mãe disse mais tarde que talvez o noivo fosse um católico relapso ou que estivesse descansando após as festividades da noite anterior, ou que Dora talvez houvesse ido à missa de domingo antes de sair em lua de mel. Era possível, mas a postura da garota, o rosto sério dos pais, tudo indicava outra coisa. Quando a missa terminou, a família partiu exatamente como chegara, a garota (que não era mais garota, uma vez que já devia ter uns trinta anos, com ancas largas, tornozelos grossos e um conjunto escuro e um chapéu sem um pingo de meninice que o vestido de noiva lhe conferira no dia anterior), ladeada pelos pais e pelos irmãos seguindo atrás, sem parar para falar com as pessoas do lado de fora igreja — da "balbúrdia" como disse minha mãe ao discutir esse estranho desdobramento dos acontecimentos no desjejum em casa —, saiu da igreja, atravessou a calçada e dobrou a esquina.

Meu pai disse que o pobre rapaz não devia ser o primeiro noivo a ficar de ressaca na manhã seguinte ao grande dia, isso sem mencionar da grande noite, e deu uma piscadela para Gabe, que sorriu e assentiu para demonstrar que entendera, mas, depois, olhou para a minha mãe e ficou solenemente rubro.

Os olhos da minha mãe desviaram-se dos de Gabe, seguiram para meu pai e, depois, com mais

rapidez e intenção, pousaram em mim e voltaram, em seguida, para meu pai.

— Bobagem — declarou ela, erguendo o queixo, comprimindo as narinas uma vez e depois outra, como costumava fazer. Como se, em algum lugar na vizinhança, ela farejasse alguma tragédia, ainda indefinida, mas que não tardaria. — Meu coração estava com Dora Ryan esta manhã — afirmou ela, olhando por sobre o ombro para a cozinha que estava banhada da luz do dia. — Realmente estava.

Na segunda-feira, Gerty não foi à aula e, quando passei pela casa dela a caminho da minha, uma senhora grande estava sentada nos degraus. Ela usava um avental e sapatos pretos gastos, e as meias estavam enroladas ao redor dos tornozelos como anéis de excesso de pele. Estava se abanando com um leque de plumas, embora o dia estivesse fresco e úmido. A mulher pousou os olhos em mim enquanto eu me aproximava e, por timidez, me afastei, atravessei a rua e continuei andando. Virei a esquina e teria ido para casa, exceto pelo fato de estar totalmente convicta de que a estranha sentada na escada já teria entrado e o caminho estaria livre. Resolvi tentar de novo. Os garotos na rua ainda não tinham começado o jogo de beisebol depois da aula, embora alguns já estivessem em volta de Bill Corrigan sentado na sua cadeira. Um deles girava um cabo de vassoura, Walter Hartnett atirava a bola de borracha para cima. A senhora Chehab estava debruçada na janela da sala, limpando a parte de fora do vidro com um pedaço de jornal. Ela olhou por sobre o ombro e gritou:

— Você passou da sua casa, Marie, querida. Você acabou de passar por ela.

Não havia o menor motivo para eu mentir para a mulher — a pobre mulher, como ainda nos referíamos a ela, mesmo três anos depois que Pegeen caíra da escada —, ainda assim, porém, senti um ímpeto de fazê-lo.

— Eu estou voltando para a escola — respondi de forma vaga. — Esqueci de me lembrar de uma coisa. — Senti o cheiro de vinagre que emanava do jornal molhado. — Acabei de lembrar que esqueci uma coisa.

A senhora Chehab riu, com os dentes tortos da filha na boca.

— Nunca é bom esquecer de lembrar. É sempre melhor lembrar que você esqueceu.

Baixei a cabeça e me apressei, caminhando, de repente, de modo rápido e urgente, o que achei que combinaria bem com a minha mentira.

Na casa de Gerty, com certeza, a escada estava vazia, e um tipo de confiança na minha própria premonição fez com que eu subisse os degraus de dois em dois. No entanto, assim que entrei no vestíbulo marrom e sombrio, vi a mulher gorda sentada na escada interna, bem no meio dela, um pouco inclinada para se apoiar no corrimão. Não havia como passar por ela sem primeiro pedir licença, por favor. Mas eu também não poderia me virar para ir embora com a mulher olhando para mim. Relutante, coloquei a mão no corrimão e o pé no primeiro degrau, simplesmente porque não sabia mais o que fazer.

Lá de cima a mulher disse:

— Você não mora aqui, não é? Eu a vi passando antes. — A voz dela parecia a de um homem, grossa e rouca, com um sotaque irlandês, se é que era irlandês mesmo, ainda mais pesado do que o dos McGeever, primos do meu pai, que falavam em irlandês com ele quando vinham para as intermináveis visitas de domingo e, pelas bocas finas, saía um inglês ininteligível para mim. — Eu achei que você fosse

subir, mas então, você seguiu o caminho — continuou a mulher. Ela se afastou do corrimão e se empertigou em uma postura que parecia cansada, como se a conversa fosse uma tarefa que estava adiando até aquele momento. Ela tocou o degrau ao lado dela, convidando-me para sentar. A outra mão segurava o leque de plumas. Totalmente contra a minha vontade, continuei subindo a escada. As batatas da perna da mulher, mesmo à luz obscura, eram brancas, marcadas com veias cinzentas e azuis, como colunas de mármore, as meias enroladas nos tornozelos, sólidas como pedras. Ela tinha um cheiro de porão, um odor de sujeira. O avental, que cobria a blusa escura e descia sobre a saia preta, era cinza e escuro, amaciado pelo uso.

— Imagino que você seja amiga da pequena Gertrude Hanson — adivinhou ela, um pequeno sorriso tornando suas palavras mais calorosas. — Imagino que tenha vindo procurar por ela. — Um pouco da luz que entrava pelo vidro sobre a porta talvez tenha brilhado em seus olhos enquanto ela olhava para mim. Seu cabelo curto, cuidadosamente enrolado, tinha um brilho dourado e grisalho. Ela meneou a cabeça. — Mas estou aqui para dizer que ela se foi. O pai dela a levou hoje cedo. Para a família dele em Nova Jersey. Não tem ninguém em casa lá em cima.

Naquele momento, parei e emiti um "Oh", e a mulher, de repente, se encostou de novo. A princípio, achei que talvez quisesse me ver melhor na penumbra, mas, então, me dei conta de que ela estava se inclinando para empurrar o avental de lado e enfiar a mão no bolso da saia. Esticou uma das enormes pernas marmóreas, enquanto enfiava a mão livre por baixo do avental, voltou os olhos para o teto como se tentasse imaginar o que procurava. Havia algo no modo como revirava os olhos que me fez lembrar de Big Lucy. Então, ela pegou uma moeda de um centavo e a entregou para mim.

— Você sabe rezar? — quis saber ela.

Assenti, embora eu soubesse que não conseguiria rezar se ela pedisse. A mulher soltou uma risada como se também soubesse daquilo. O riso fez com que parecesse mais jovem. Pensando nos McGeever, eu esperava um sorriso desdentado, mas os dentes da mulher eram fortes e retos.

— Dê-me a mão direita — pediu a mulher em tom gentil e, quando eu me enrolei com os livros da escola nos braços e lhe entreguei a esquerda, ela meneou a cabeça e sussurrou: — A direita, querida — cheia de compaixão peculiar. Pôs o leque no joelho. Esticou a mão para tirar a minha mão direita do corrimão. Senti-me, de repente, desequilibrada ali na penumbra da escada.

— Vá até a igreja de Nossa Senhora dos Mares — orientou ela — e acenda uma vela. — Ela pressionou a moeda contra a palma da minha mão. — Não se preocupe se todas as orações sumiram da sua cabeça. Não se incomode com isso. Um bom desfecho é o importante a dizer. Acenda a vela e peça à Santa Abençoada por um bom desfecho. Não custa nada pedir.

Os olhos claros dela passearam pelo meu rosto. Apesar da penumbra da escada, percebi que a mulher conseguia ler tudo que havia ali: não apenas o fato de que todas as orações tinham fugido da minha mente, ou que eu ainda me confundia com a direita e a esquerda, mas também que eu já tinha decidido que não entraria naquela igreja vazia sozinha. Eu nunca fizera aquilo. Se Gerty estivesse ali, nós duas iríamos juntas, tornaríamos aquilo um jogo, como costumávamos fazer nas manhãs de sábado, rindo na porta e entrando na ponta dos pés pela nave ecoante, acendendo uma vela e baixando a cabeça sobre as mãos unidas enquanto ajoelhávamos com devoção exagerada. Mas Gerty fora para Nova Jersey, para a família do pai, e o apartamento do andar de cima estava vazio.

A mulher segurou o meu punho e pressionou a moeda contra a palma da minha mão, e ela sabia, percebi, que não seria obedecida. Mas perguntou de qualquer forma:

— Você vai fazer isso?

E eu respondi por responder:

— Vou.

Na rua, dei a volta no quarteirão e subi a escada para a minha casa. A senhora Chehab já tinha ido, mas o cheiro de vinagre da limpeza da janela ainda pairava no ar. O cheiro de Páscoa, pensei, embora a Páscoa já tivesse passado. Era o cheiro da solução que fazíamos para pintar os nossos ovos, mas também o odor que causava formigamento no meu nariz quando eles liam aquela parte da Paixão, na qual Jesus disse "Tenho sede" e levaram uma esponja embebida em vinagre aos seus lábios. E, então, o anjo no túmulo vazio dizia: "Ele não está aqui".

Lá em cima, Gabe estava sozinho em casa, já curvado sobre os livros. Ergueu a cabeça quando entrei. Seus olhos castanhos com cílios dourados pareciam cansados sob a luz fraca. Ele disse:

— Mamãe saiu. — Mas eu tinha percebido aquilo assim que abrira a porta, uma ausência no ar. Então, ele me observou enquanto eu colocava os meus livros escolares sobre a mesa na qual ele já estava estudando. — Você voltou tarde da escola — repreendeu ele. — Você não devia deixar a mamãe preocupada. Ela precisa que você seja boazinha.

Dei de ombros. Ainda segurava a moeda enegrecida de um centavo na palma da mão, e a reprimenda gentil foi apenas um pequeno peso a mais na minha consciência de que eu não estava sendo boa: que eu pegara a moeda sem a menor intenção de ir até a igreja. Que eu já tinha me esquecido o que a senhora gorda tinha me solicitado para pedir na oração, uma boa solução ou uma resposta de algum tipo. Coloquei a moeda em cima da mesa entre nós dois.

— Parei para ver a Gerty — contei. — Ela não foi à aula hoje. Ela foi para Nova Jersey.

Mas meu irmão falou junto comigo:

— A mamãe foi até a cidade — explicou ele. — Você precisa ser uma boa menina agora — ele estava repetindo a expressão que o meu pai usava — e fazer o seu dever de casa quietinha até eles voltarem.

Peguei a moeda de volta. Aquela era a expressão que meu pai usava, "você precisa ser uma boa menina agora", no entanto, quando meu pai a dizia, havia uma piscadela e as palavras também me diziam que ele entendia como era insosso e tedioso ser uma boa menina quando eu era uma pequena pagã. Quando meu pai dizia aquelas palavras, estava pedindo que eu pelo menos fingisse. Ele dizia que me admiraria ainda mais por fingir. Mas o meu irmão queria dizer exatamente o que dissera. Ao lado dele na mesa, havia um único copo de água, o qual ele se permitia tomar durante a tarde, seu alimento entre o desjejum e o jantar, uma preparação para a sua vida no seminário no outono vindouro.

— Eu tenho de ir à igreja — informei. — Uma senhora me encontrou na casa de Gerty e me pediu para acender uma vela para ela e eu prometi que faria isso. Ela me deu um centavo.

Abri a mão e lhe mostrei a moeda enegrecida, como se ele ainda não a tivesse visto. Gabe olhou para a moeda e, depois, para o meu rosto. Vi que ele percebeu que havia algum tipo de truque ali, mesmo que fosse apenas na extravagância do meu gesto. Vi a decepção sutil, um tipo de tristeza, cruzar os seus olhos. Ele queria que eu fosse boa.

Fechei os dedos sobre a moeda.

— Eu não vou demorar muito — prometi, virando-me para sair.

— Não demore mesmo — pediu ele. — Pela mamãe.

Do lado de fora, os meninos estavam bem envolvidos com seu jogo, e as meninas que fingiam que não estavam prestando atenção todas as tardes estavam reunidas na escada depois da casa dos Chehab. Algumas delas eram amigas da escola, outras eram garotas mais velhas que provocavam a minha timidez.

Todas estavam com o corpo inclinado para a frente como gostavam de ficar, os braços enfiados embaixo dos joelhos e as saias coladas às coxas para que a calcinha não aparecesse. Elas me chamaram, e, com a moeda na mão e sem a menor intenção de ir à igreja sozinha, me juntei a elas. Ouvi o som de pernas nuas e meias e sapatos e joelhos ossudos roçando enquanto abriam espaço para mim. Sentei-me no degrau mais baixo, enfiando a minha saia por baixo da coxa enquanto as outras meninas se inclinavam na minha direção para perguntar se eu ouvira as novidades. Estavam ofegantes enquanto falavam, e mesmo as que nada diziam, que apenas se juntavam para ouvir, seguravam a boca com cuidado, como se as palavras provocassem algum tipo de dor nos dentes ou nas mandíbulas.

Na noite de núpcias, sussurraram ela, Dora Ryan descobrira que o homem com quem se casara não era homem coisa nenhuma.

Era uma mulher, contaram elas. Uma mulher vestida de homem.

A surpresa estava em suas bocas e mandíbulas. Elas se inclinaram para a frente, os queixos ultrapassando os joelhos. Algumas tinham sardas, e outras tinham lábios rachados ou espinhas ou mau hálito. Algumas eram bonitas, ou tinham um prenúncio de beleza. Alguém batia os dentes como se estivesse com frio. Mas havia certo prazer naquilo também. No que estavam dizendo, um brilho leviano nos seus olhos, um tipo de orgulho ensandecido, um orgulho de como a vida podia se provar estranha e terrível. Elas abraçaram os joelhos contra o peito. Na rua, os meninos comemoravam em vozes finas.

Meneei a cabeça. Eu queria, acima de tudo, que Gerty estivesse ali para eu olhar para ela.

— Mas como pode uma coisa dessas? — perguntei. — Quem faria algo assim?

Mas não havia nenhuma garota entre elas tão inteligente quanto Gertrude Hanson. Elas arrastaram os pés à minha volta. Franziram o cenho, trocaram olhares vagos e divertidos, que apenas arranhavam a superfície das coisas que não compreendiam. Uma brincadeira cruel foi o melhor que conseguiram dizer: um ato de crueldade simples, como na escola, foi o melhor que conseguiram oferecer. Uma brincadeira cruel e nojenta contra a gorda e coitada Dora Ryan, uma mulher fingindo ser um homem, vestindo-se como um homem e enganando-a até o dia do casamento. Postando-se diante do padre e tudo o mais. Beijando-a na boca. Colocando a mão sobre a de Dora Ryan quando cortaram o bolo de casamento juntas. E, então, rindo, do jeito que elas imaginavam, rindo da cara dela quando tiraram as roupas.

O que despertava ainda mais especulações sobre a questão da noite de núpcias e sobre tirar as roupas. Uma questão misteriosa e complexa para todas nós naquela época, mas agora com um toque de crueldade quanto às possibilidades vagas e variadas do que acontecia entre homens e mulheres.

Enquanto as meninas estavam conversando, um táxi parou no meio-fio em frente à minha casa. Minha mãe desceu primeiro, então, deu a mão para ajudar meu pai, cujo rosto estava oculto pela aba do chapéu, mas cujas pernas, percebi, estavam fracas e sem forças. As garotas assistiram em silêncio, sua atenção

concentrada no táxi, na extravagância daquilo.

Tinha uma cantiga que cantávamos quando pulávamos corda: o rico vai de táxi, o pobre pega o trem, o mendigo anda no trilho, mas chega lá também. Uma das garotas atrás de mim começou a cantá-la agora, no ritmo, enquanto cutucavam as minhas costas, e eu observava os meus pais subindo a escada juntos.

— A mãe de Marie deve ser rica — disse uma outra.

Elas se sentiam à vontade para implicar comigo, porque Gerty não estava lá. Como Gerty não estava lá, eu estava sozinha entre elas.

Enfiei o punho na boca e me inclinei sobre as minhas pernas. Senti o gosto amargo e metálico da moeda velha na minha boca. Se Gerty estivesse lá, nós duas, as melhores amigas, teríamos dado os braços e juntado nossas cabeças e ido embora. Em vez disso, eu simplesmente fechei os olhos por um instante.

A hora do jantar se aproximava, e os garotos na rua começaram a se dispersar, cada partida marcada pelo eco oco e melancólico do cabo de vassoura batendo no asfalto. Uma agitação surgiu entre as garotas, uma raiva ou crueldade que a provocação contra mim não satisfizera. Com o dia chegando ao fim, fizeram uma proposta desanimada de irem até a casa de Dora Ryan. Ir até lá com a esperança de encontrar com ela na saída do metrô ou vê-la na janela, com o véu de uma cortina de renda lhe cobrindo o rosto envergonhado.

As meninas mais velhas foram na frente, deixando a ladeira para trás e atravessando a rua. Eu as segui, segurando a minha moeda. Duas delas pararam para cochichar algo para alguns dos garotos que estavam deixando o jogo. Ouvi um dos garotos dizer “Vão em frente”, e soube que a catástrofe de Dora Ryan fora propagada. Passando por trás de Bill Corrigan na sua cadeira de cozinha, as mesmas duas garotas correram as mãos pelas costas do paletó dele e o cumprimentaram de forma lânguida e quase caindo na risada:

— Olá, Billy!

Bill Corrigan ergueu a mão grande, levantou o queixo no ar, virando um pouco a cabeça para olhar para nós por sob as pálpebras cicatrizadas. Consegui ver seus olhos claros procurando. Então, Walter Hartnett, que estava sentado no meio-fio aos pés de Bill Corrigan, olhou por sobre o ombro e disse:

— É melhor vocês darem o fora.

Uma das garotas sibilou:

— Inválido.

E Walter respondeu:

— Sumam daqui! — com desprezo, mas se virando de novo.

Caminhamos até a casa de Dora Ryan. Ficamos do outro lado da rua e analisamos as janelas comuns. O ar ainda estava úmido, o céu sem cor parecia uma abóbada sobre a vizinhança. Depois de alguns minutos, uma das meninas sussurrou:

— Ela está se escondendo.

Ficamos em silêncio, como se esperássemos por alguma confirmação disso — uma mão mexendo nas cortinas, alguma sombra atrás do vidro. Meus olhos foram atraídos para as latas de lixo ao lado da entrada do porão. Eu esperava talvez ver um pedaço rasgado do véu de noiva ou uma meia-calça branca acenando por baixo de uma tampa gasta.

Pensei na cerimônia feliz do casamento de Dora, nos sapatos de cetim, no arroz e nos convidados sorridentes. Eu me perguntei se a sua felicidade poderia ter sido mantida se a noiva e o noivo tivessem permanecido vestidos.

— Então, agora ela vai ter que tentar conhecer outra pessoa — concluiu uma das garotas mais velhas em tom solene.

Ouvi um coro de "És" sussurrados e compassivos, suas energias cruéis, de repente, diminuindo. Ouvi-me dizer:

— O meu coração está com ela — imitando a minha mãe.

Seguiu-se um breve silêncio e, então, relutantemente, a mim pareceu, uma a uma das garotas começou a concordar.

— Isso mesmo — disse uma.

— O meu também.

— Coitadinha.

Não tínhamos mais muita coisa para fazer, a não ser voltarmos para casa. Voltamos e, lentamente, começamos a nos dispersar, então, quando estava chegando a minha casa, eu estava sozinha de novo. Meu irmão estava descendo a escada da frente, apressado, com o seu quepe e a boca firme. Ele ergueu as mãos quando me viu. Na calçada, pegou o meu cotovelo.

— Onde você esteve? — quis saber ele. — Eu disse para você voltar logo para casa. — Lá dentro, subindo as escadas, ele perguntou: — Você foi à igreja?

E eu não fui rápida o suficiente para inventar uma mentira.

— Não — respondi.

Ele parou na frente da nossa porta. Tirou o quepe e passou a mão pelo cabelo grosso, o gesto que o nosso pai fazia.

— Aquilo era verdade? — perguntou ele, usando um tom firme. — A história da senhora que queria que você fosse acender uma vela.

— Era.

Gabe pegou a moeda da minha mão. Colocou o quepe de novo, erguendo o queixo enquanto o fazia, parecendo, na penumbra do corredor, resoluto e capaz.

— Ela pediu para você rezar pelo quê? — perguntou ele, e eu dei de ombros. Não conseguia me lembrar da frase.

— Uma viagem segura para Nova Jersey — respondi. — Para Gerty.

Os olhos de Gabe passearam pelo meu rosto de um jeito que me lembrava a mulher gorda na escada, lendo o meu rosto.

— Tudo bem — disse ele, lendo tudo. — Entre agora. Se o papai acordar, diga a ele que eu já volto. — E virou-se para descer as escadas.

Esperei até que a porta para a rua se fechasse antes de entrar em casa. Senti imediatamente um leve cheiro indicando que meu pai vomitara. Encontrei a minha mãe no banheiro, debruçada na pia, jogando água fria no rosto. Durante toda a vida, este foi o segundo melhor antídoto da minha mãe — depois da oração — para dores e sofrimento: jogar água fria no rosto.

Passei por trás dela, sentei-me na beirada estreita da banheira. A minha mãe ainda vestia o conjunto

escuro de saia e casaco, suas roupas para ir à cidade, mesmo quando só ia buscar o meu pai sempre que recebia um recado em casa, em geral, do senhor Lee, da confeitaria, ou do senhor Fagin, da funerária — os dois estabelecimentos do bairro que aceitavam ligações para aqueles de nós que ainda não tinham telefone —, um recado que dizia que ele estava passando mal.

Esperei que minha mãe fechasse a torneira. Eu queria apenas contar para aquelas costas largas, aqueles quadris determinados, que o homem com quem Dora Ryan se casara não era homem coisa nenhuma, só para que minha mãe pudesse responder "Bobagem", como costumava fazer, e, assim, restaurar o mundo. Mas minha mãe se virou da pia com uma toalha áspera no rosto e pareceu surpresa por me ver ali.

— Ah, Marie — suspirou ela, olhando por sobre a toalha, e, mais tarde, ela se desculparia por não ter tido a calma, naquele momento, para me dar a notícia de forma mais gentil. — Pobrezinha da Gerty, perder a mãe dessa forma. A filha de Fagin me contou tudo. Ela morreu esta manhã. Sofrendo muito — acrescentou. — Que descanse em paz.

Havia só uma janela pequena e estreita no banheiro, no alto da parede de ladrilhos, que dava apenas para o respirador, mas a luz que entrava por ela iluminou o rosto da minha mãe assim mesmo. Não havia lágrimas em seus olhos, apenas algumas mechas molhadas de cabelo na testa e grudadas nas bochechas. Ela começou a enxugar as mãos na toalha, daquele modo eficiente e prático com que fazia tudo.

— Uma menina — contou a minha mãe. — Uma irmãzinha para Gerty. Eles vão chamá-la de Durna.

Minha mãe disse, dobrando a toalha com capricho, pendurando-a no gancho.

— Ela já estava velha para ter outro filho. Tem uma mulher na rua Joralemon, em cima da padaria. Ela poderia ter ajudado aquela alma triste. Se ela ao menos tivesse pedido.

Sentada na beirada fria da banheira, eu estava ciente da vertigem que conhecera quando era menor, quando eu flutuava na água que sacudia o meu corpo e fazia com que meus dentes batessem uns nos outros. De repente, ergui os braços para a minha mãe. Ouvi-a estalar a língua — por pena pela morte da senhora Hanson ou pela infantilidade do meu gesto, talvez ambos —, antes de ela cruzar o espaço estreito entre nós e me tomar nos braços.

Fingi estar com dor de barriga para evitar o velório da senhora Hanson. Disse que pegara a "gripe" do meu pai. Meu medo era que quando eu visse Gerty de novo ela pareceria aquelas crianças desleixadas na escola — crianças com cabelo oleoso e unhas pretas, com bainhas frouxas e pedaços de cera cor de caramelo nas orelhas. Mas Gerty usava um casaco xadrez novo e uma boina xadrez nova para o funeral da mãe na igreja de Nossa Senhora dos Mares, e, quando uma vez mais eu subi as escadas para bater em sua porta — agradecida por descobrir que não havia nenhuma mulher gorda no corredor —, ela sorriu ao me ver. Gerty sorriu. Seus dentes ainda eram bem espaçados, e as sardas, vívidas sobre o nariz, o cabelo rebelde, penteado da forma mais caprichada que eu já vira, os seus cachos ainda grossos, bem presos sob a lã. Ela levou a mão ao meu cotovelo. Uma mulher mais velha com roupas escuras saiu da cozinha para ver quem era, mas voltou para lá de novo.

— Venha conhecer Durna — convidou Gerty.

Passamos pelo conjunto de jantar polido e entramos no quarto dos pais dela, onde eu estivera apenas para rezar o terço. Estava iluminado por uma luz difusa que atravessava a cortina. Havia uma

cesta de vime branco aos pés da cama. O papel de parede mostrava um desenho fechado e cheio de rosas e vinhas verdes e havia rosas bordadas na colcha que cobria a cama. Havia uma cômoda marrom e alta encostada em uma das paredes, o quepe de porteiro do senhor Hanson em cima, e, entre duas janelas, uma penteadeira com vidros de perfume e potes de creme e uma escova de prata ainda com os fios de cabelo da senhora Hanson. As janelas ali estavam abertas por trás das cortinas, e a luz do sol, assim como o cheiro metálico do ar iluminado, enchiam o quarto. Ouvi o barulho dos carros, das pessoas passando na rua. Gerty pegou a minha mão. Juntas nos aproximamos do pequeno berço e demos uma espiada. O bebê tinha cabelo claro, apenas uma sugestão de louro na parte superior, bochechas vermelhas, dedos gordinhos e uma boca que parecia duas pequenas pétalas cor-de-rosa.

A bebê acordou assustada quando esbarrei no cesto, e os olhos dela eram azuis tão profundos, instantaneamente serenos. Cílios claros como trigo. Ela sacudiu os braços. Os punhos e as mãozinhas eram gorduchos e com furinhos. E, então, um sorriso sem dentes, todo para mim, pensei, embora Gerty, uma nova perita no assunto, tenha sussurrado que eram apenas gases. A luz do sol banhava o quarto. As janelas estavam escancaradas, mas não entrava qualquer brisa, apenas o som dos carros e das carroças e de algumas crianças na rua. Quando a bebê começou a se agitar, Gerty estendeu os braços até o cesto e a pegou, o cobertor ficando pendurado. Ela a apoiou no ombro e passou a mão pelas suas costas, como qualquer adulto experiente. E, então, Gerty aconchegou a bebê, calma agora, na dobra do seu braço e pousou os lábios na testa bonita da menina.

Senti uma onda de inveja tão grande — ser Gerty, ter aquela bebê adorável sob os meus cuidados —, que cheguei a estremecer com o pensamento, sabendo muito bem que eu acabara de caminhar pelo túmulo da minha mãe.

Da cozinha, ouvi o assovio da chaleira e, por trás dele, mamadeiras de bebê tinindo em uma panela de água fervente. Eu conseguia ouvir a mulher na cozinha falando consigo mesma, fechando a geladeira e batendo a porta do forno. Senti o cheiro de pão assando.

A senhora Hanson nunca mais veria aqueles aposentos. Nem ficaria esperando por Gerty do outro lado da cerca da escola. Ou seria encontrada na padaria ou na multidão depois da missa. Sua escova e seu pente estavam ali, os vidros de perfume, seus filhos e seu marido estavam ali, e aquela bebê adorável, mas ela desaparecera para sempre. E embora chegaria o dia quando Gerty, sentada ao meu lado no degrau, de repente, apoiasse a cabeça nos joelhos e começasse a chorar sem emitir sons ou explicação pelo que parecia ser uma hora, naquele momento, naquele quarto bonito, com a bebê adorável nos braços de Gerty, acreditei apenas que o mundo brilhante e agitado tinha simplesmente se fechado sobre o desaparecimento da senhora Hanson, e que aquilo ali era o modo de toda a tristeza — de Gerty, dos Chehab e talvez até de Dora Ryan, assim que encontrasse outra pessoa — se fechar, ser esquecida e desparecer em um piscar de olhos.

Nos seus últimos dias, minha mãe perguntava ao acordar:

— Eu estou em casa? — Porque ela não queria estar na Irlanda, mas nos seus últimos dias, sempre que dormia, parecia se lembrar de como tinha pavor daquela terra. — Estou em casa? — perguntaria ela, com lágrimas nos olhos reumosos.

Nos primeiros dias da sua última doença, respondíamos:

— Está sim — Gabe e eu e a amiga de Gabe, Agnes, que nos ajudava, e até mesmo as enfermeiras que nos visitavam, mas quando percebemos como a resposta a afligia, como ela se agarrava ao lençol e virava a cabeça, começamos a entender e corrigimos a nossa resposta: — Você não está em casa. Está aqui. No Brooklyn.

Uma vez ela pediu:

— Mostre para mim.

Eu já tinha aberto a cortina e levantado a veneziana. Agora, com um joelho apoiado no assento abaixo da janela, fiz força para abrir a antiga janela cuja borda estava com excesso de tinta. Bati com a parte inferior da mão, praguejando baixinho, até que meu irmão, que estava sentado em uma cadeira da sala de jantar que ele trouxera e colocara à cabeceira da cama, ergueu o olhar impaciente e perguntou se eu queria ajuda.

Consegui abrir a janela, o som da rua, o cheiro da rua, de repente, quase visível, invadiram o quarto, subiram pelas paredes, atravessaram o teto e chegaram à cama. O cheiro de escapamento dos carros e asfalto quente, de lixo e de incineradores.

— Pronto — disse eu. — É o cheiro do Brooklyn.

Havia uma discussão acontecendo na rua, vozes de crianças, na maior parte, praguejando e gritando, uma música baixa vinda de um rádio em algum lugar.

— E os sons do Brooklyn também — completei, e vi Gabe olhar para mim do outro lado da cama da nossa mãe.

O bairro estava em declínio, o próprio prédio, bastante negligenciado. Gabe e minha mãe dormiam agora com as luzes acesas em todos os cômodos, apenas para controlar as baratas. Soube pela Agnes que, quando o apartamento do térreo foi invadido e saqueado — drogas estavam envolvidas —, um dos policiais que veio à nossa porta perguntou ao meu irmão por que ele ainda estava aqui, por que não levava a minha mãe para um bairro melhor. Para Jersey ou Long Island.

Gabe explicou que a nossa mãe criara a família ali. Que chegara lá como uma jovem recém-casada. Ela ficaria muito triste, explicou ele, se tivesse de partir agora.

— Ela vai superar — respondeu o policial.

Gabe contou a ele:

— Meu pai passou os últimos dias de vida nestes aposentos. — E o policial lançou um olhar compassivo em volta, mas ergueu as sobrancelhas daquele modo irônico “Sério, caia na real”, típico dos nova-iorquinos.

— Duvido que ele vai voltar — respondeu o policial em tom gentil.

Depois, quando Gabe foi assaltado à mão armada por três adolescentes magrelos, “rapazolas” foi como se referiu a eles, ele me perguntou ao telefone:

— O que aconteceu para endurecer tanto o coração das crianças?

Eu não deveria ter rido, mas ri alto.

— Olhe onde vocês moram — respondi.

— Aí está — disse eu para minha mãe, diante da brisa quente que entrava junto com o barulho do trânsito e as vozes na rua. — O Brooklyn.

Minha mãe se voltou para Gabe, que lhe segurava a mão.

— Mostre para mim — repetiu.

A extenuação daquela vigília estava evidente na postura dos ombros dele e no cansaço dos seus olhos. Ele ergueu o olhar para onde eu estava ao lado da janela e para ela de novo.

— Tudo bem — concordou ele com voz suave.

Ele se levantou devagar, empurrando a antiga cadeira da sala de jantar para trás. Inclinou-se sobre a cama, enfiando as mãos por baixo dela. Observei, um pouco surpresa, quando ele a ergueu nos braços, puxando a roupa de cama junto.

— Abra a porta — pediu ele por sobre o ombro enquanto saía do quarto carregando a minha mãe no colo como uma criança.

Ele se virou de lado para conseguir passar pelo corredor e eu os ultrapassei na sala de estar. Nós tínhamos espalhado pelo madeiramento ácido bórico para controlar as baratas, e havia um pouco daquele pó claro sobre tudo naqueles dias. Aquilo às vezes fazia com que eu me lembrasse: areia da Síria e Monte Líbano.

Segui na frente e abri a porta. Gabe passou por ela com nossa mãe nos braços. Eu os segui pelas escadas, atônita, cheia de objeções, mas incapaz de protestar. Eu me perguntei por um instante se ele pretendia carregá-la até o hospital. No vestíbulo, a porta do apartamento térreo ainda estava fechada com madeira. Gabe se virou para mim e indicou a rua. Os olhos da minha mãe estavam fechados. No colo do meu irmão, ela parecia tão pequena e frágil quanto um recém-nascido. Fui na frente e abri a primeira porta, depois, me afastei para abrir a porta externa também. Sentimos uma onda de calor. Gabe carregou a minha mãe para a luz do sol e desceu a escada. Havia crianças na ladeira do outro lado da rua, havia música tocando em pequenos rádios de pilha. Elas nos encararam, boquiabertas. Dois homens passaram e ergueram o olhar quando Gabe desceu as escadas com a minha mãe nos braços. Eles foram até o meio-fio olhando por sobre o ombro, dando a ele um amplo espaço. Gabe também foi até o meio-fio e, depois, se virou para olhar para a casa. Eu me apressei para levantar o lençol e o cobertor que estavam arrastando pela calçada.

— Você está aqui, mamãe — ouvi-o dizer. — Estamos onde sempre moramos.

Minha mãe ergueu a cabeça. Libertou uma das mãos magras das roupas de cama que a envolviam e levou-a até a fronte para proteger os olhos do sol. Ela olhou para a rua e, depois, para o nosso prédio, a luz azul do verão refletindo no vidro da porta da frente, na janela do térreo — que também tinha algumas partes protegidas com madeira — e, então, para o quarto andar, onde um pedaço de cortina rendada, feita por ela, aparecia pela janela aberta.

— Você não está em casa — ouvi Gabe dizer a ela, tranquilizando-a. — Estamos no Brooklyn.

Minha mãe me chamou na cozinha. Gabe já estava no seminário em Long Island naquela época, um lugar bonito ao qual chegávamos depois de uma longa viagem de trem. Havia árvores altas lá e gramados íngremes, e os rapazes entravam e saíam das sombras das folhas com a cabeça baixa e os livros de oração seguros, gentilmente, entre as mãos, como menininhos com lagartas guardadas nas mãos em concha.

— Está na hora de você aprender algumas coisas — declarou ela.

Na bancada estreita de estanho ondulado ao lado da pia, havia uma lata de farinha e uma garrafa de creme de leite, a caixa descorada de bicarbonato de sódio, uma embalagem de uvas-passas, um pacote de sal e uma lata de sementes de cominho. Na mesinha abaixo da janela, uma tigela, uma colher e um copo medidor. Havia também um cartão estreito no qual ela escrevera, com sua letra caprichada, a receita de pão de bicarbonato.

Estava na hora, afirmara a minha mãe, de eu aprender algumas coisas sobre cozinhar.

Eu fiquei parada na porta da cozinha, relutante. Por quê? Eu queria perguntar.

A minha mãe amarrou um avental na minha cintura.

— Muito bem — começou ela.

Ela fez um gesto com a cabeça em direção à mesa, a tigela, a colher e o cartão de receita. Olhei para ela. O sol matinal entrava pela única janela iluminando o seu rosto. Mostrava seus olhos castanhos-claros com uns traços esverdeados também. E que, nos dois lados da testa alta, seu cabelo escuro estava ficando grisalho.

— Vamos logo — estimulou a minha mãe. — Pode começar. — E, quando me viu hesitar, colocou impacientemente a mão nos meus ombros e me virou para a mesa e para a tigela e a colher. — Leia a receita inteira e junte os ingredientes que vai precisar — orientou ela, devagar. — Está tudo aí. Eu vou supervisionar.

Olhei para a minha mãe com o seu vestido de ficar em casa e o seu avental com fita zigue-zague verde, seus seios fartos e macios e sua barriga, acolhedora como um travesseiro, e as mãos fortes e firmes. Um corpo, uma presença física, mais familiar para mim naquela época do que meu próprio corpo, já que o meu era algo que eu tinha apenas começado a considerar.

— Não seja boba, Marie — pediu a minha mãe. — Não fique aí parada olhando para mim como se eu estivesse falando grego. Vá logo. — Outro toque no ombro. — Leia a receita e junte os ingredientes. Não é difícil. Já passou da hora de você aprender.

*Por quê?* Eu queria perguntar, mas estava certa, sem ter pensando nisso de forma consciente, que tal pergunta me causaria problemas. Virei-me, relutante, para a mesa, os meus pés pesados como chumbo dentro dos sapatos. Peguei o cartão. A minha mãe tinha o hábito de fazer o pão de bicarbonato nas manhãs de sábado enquanto eu saía para me encontrar com as minhas amigas. Sempre fora assim.

— Leia a receita inteira — orientou ela. E eu assenti, fingindo ler. O sol que passava pela janela estava forte para os meus olhos.

— Agora junte tudo de que você precisa.

Peguei a lata de farinha e a levei até a mesa. Peguei o creme de leite e as uvas-passas. Voltei para pegar o sal e as sementes de cominho, então, fiquei diante da tigela e da colher e do copo medidor. Além da janela, além das grades cinzentas da saída de incêndio, as roupas que mamãe lavara naquela manhã

dançavam no varal: lençóis e fronhas, minhas blusas da escola e as camisas do meu pai, que estavam penduradas de cabeça para baixo, pela bainha, as mangas balançando de um jeito que me deixava tonta e compadecida.

— Você não está se esquecendo de nada? — perguntou minha mãe, atrás de mim.

Olhei para os ingredientes que eu alinhara na mesinha. O sol conferia um brilho azulado ao creme de leite.

— Não — respondi.

Minha mãe me pegou pelos ombros e me virou para ela.

— Você está sonhando acordada? — perguntou ela. — Você vai precisar do bicarbonato de sódio. Sem isso você não terá nada.

Peguei a caixa com o ingrediente e parei diante da mesa.

— E agora? — quis saber a minha mãe.

Eu dei de ombros. Além das roupas dançando no varal, havia as saídas de incêndio e as janelas dos nossos vizinhos e as roupas dançantes de mais uma dezena de famílias, os postes altos e marrons que seguravam as linhas, os fios elétricos e as cordas dos varais.

— Meu Deus! — exclamou a minha mãe. — Agora, você tem que ler a receita, Marie.

Olhei para o pequeno cartão. A tinta que minha mãe usara era marrom. Sua letra era adorável e caprichada, o *P* maiúsculo e o *F* maiúsculo no alto do cartão eram impressionantes — com forma perfeita e proporção exata. Minha mãe aprendera com freiras irlandesas.

— Marie? — chamou minha mãe.

A voz dela era mais familiar para mim do que a minha própria; eu percebia quando a sua paciência estava se esgotando.

— Você me diz — pedi com voz suave. — Você me diz o que fazer.

Atrás de mim, ouvi a minha mãe cruzar os braços sobre o avental com fita zigue-zague.

— Mas a receita está bem na sua frente — retorquiu ela. — E a não ser que eu esteja muito enganada, você sabe ler. Então, leia.

Baixei a cabeça do modo que já vira os cavalos e os cachorros fazerem quando não queriam ser guiados.

— Você me diz — repeti.

Ouvi-a batendo o pé.

— Não vou dizer. — A raiva sempre estimulava o sotaque irlandês da minha mãe, como a carne puxada para cima em um ensopado. — Eu escrevi para que você pudesse ler. Agora leia.

Eu não meu virei.

— Só me diga o que fazer — insisti.

— Uma receita deve ser lida — retorquiu ela.

Baixei a cabeça de novo.

— Eu prefiro que você me diga.

No silêncio que se seguiu, consegui ouvir o barulho abafado que vinha da rua, onde eu queria estar: os carros passando e as crianças gritando. Também havia o som distante de portas se fechando no apartamento do andar debaixo e vários passos na escada. Também o ranger da roldana do varal de

alguém sendo puxado. O arrulho cacarejado de alguns pombos na janela.

— Meça a farinha — começou a minha mãe devagar, cedendo.

Arrastei um pouco os pés para conciliar o meu triunfo: melhor do que arriscar um sorriso astuto.

Levei a mão ao copo medidor.

— Quanto? — perguntei.

E agora, mesmo sem me virar, eu sabia que era a minha mãe quem estava sorrindo.

— Você vai ter que ler a receita para descobrir — concluiu ela. — Não é mesmo?

Foi um milagre, diria a minha mãe depois, sempre que recontava essa história, que não tenhamos nos matado uma a outra naquela manhã ensolarada. Devagar, passando por uma série de pequenas concessões de ambas as partes — um pouco de orientação, um pouco de leitura, algumas viradas raivosas e algumas desistências —, os ingredientes foram colocados na tigela e o pão tomou forma e foi levado à frigideira preta. Quando minha mãe passou por mim para marcar a cruz na massa, suas mãos estavam trêmulas de raiva.

— Não sei o que deu em você — declarou ela, batendo com a frigideira na parte superior do fogão, antes de enfiá-la no forno quente. — Você é a filha mais teimosa.

Ela guardou os ingredientes, batendo a porta dos armários, e lavou a tigela e a colher na pia.

Ela se virou para mim de novo. A luz do sol refletiu o castanho-esverdeado dos olhos apertados da minha mãe, como se estivesse espreitando algo em uma floresta.

— A criança mais estranha que já vi — continuou ela. — Recusando-se a ler uma simples receita.

Ela secou a tigela e a guardou. Secou a colher e perguntou:

— Será que você pode, pelo menos, ficar de olho no relógio e tirar o pão do forno daqui a quarenta minutos? Preciso ir me encontrar com o seu pai no centro da cidade. Será que você pode ficar responsável por isso?

Respondi que sim, mas os meus olhos foram atraídos para o céu ensolarado que eu via pela janela.

A minha mãe pegou o meu queixo e me fez olhar para o relógio que ficava em cima do fogão.

— Quando o ponteiro grande chegar ao doze — explicou ela —, pode tirar o pão. Use um pano. Você consegue fazer isso? Quando o ponteiro grande chegar ao doze.

— Eu sei ver as horas — respondi, mal-humorada, arriscando-me a reacender a raiva dela de novo.

Minha mãe analisou o meu rosto mais uma vez, como se estivesse perdido no meio de um bosque de árvores.

— E você também sabe ler — declarou ela, medindo as palavras. — Mas hoje não parece ser uma questão de saber, não é mesmo? É uma questão de vontade. Então, você vai fazer o que estou pedindo?

Virei a cabeça para a luz que vinha da janela. Tirei os óculos. Eu era uma criança audaciosa — consegui detectar a acusação da minha mãe mesmo antes de ela fazê-la.

— Tudo bem — cedi e, então, me joguei na única cadeira ao lado da mesa. — Eu vou fazer — respondi, cruzando os braços no peito, pousando o olhar fixo no pequeno relógio sobre o fogão, o vidro antigo embaçado, os números e os ponteiros apenas riscos pretos. — Aqui estou eu — declarei, impertinente. — Estou olhando o tempo passar.

Conhecendo a voz da minha mãe como eu conhecia, já conseguia ouvi-la dizer: “Ah, mas você é

mesmo audaciosa". Conhecendo os limites da paciência dela, eu já conseguia sentir o tapa que levaria no rosto.

Mas minha mãe apenas ficou ao meu lado com as mãos nos quadris, analisando a filha teimosa uma vez mais, mesmo enquanto aquela filha mantinha o olhar míope no relógio.

— Acho que é assim que vai ser — concluiu ela em tom suave, mais para si mesma do que para mim. — Você está crescendo. — Então, por um instante, ela pousou a mão gentil na minha cabeça. — Que Deus nos ajude. — E saiu da cozinha.

Mantive os olhos no mostrador do relógio até que minha mãe voltasse usando chapéu e casaco e com a bolsa embaixo do braço.

— Mais meia hora — avisou ela, e eu não fiz a pergunta que queria fazer, "onde você vai no centro?", para soltar um suspiro impaciente.

— Tudo bem, mãe.

Ouvi quando ela fechou a porta do apartamento. Coloquei os óculos e deixei o meu olhar vagar pelo mundo sólido, o alto do fogão, com seus acendedores escuros, a porta branca esmaltada do forno. A pia e a bancada para escorrer a louça ao lado. A parede ladrilhada e a prateleira estreita acima, onde havia uma caixa amarela de fósforos e uma pequena estátua de Nossa Senhora com o seu manto azul. A mesa na qual o meu cotovelo estava apoiado e a marca arredondada de bicarbonato derramado que marcava o local onde a tigela estivera, a janela e a luz e as roupas no varal. A luz do sol já tinha deixado para trás o frescor da manhã e assumira o peso estável do resto do dia.

Olhei em volta. Eu queria sair da cozinha, é claro, sair do apartamento e chamar as minhas amigas, o que constituíra, até aquela manhã, a minha rotina dos sábados, mas resisti. Olhei para o relógio de novo. O que eu precisava era de um livro ou de um jornal, pensei. Imaginei minha mãe voltando e me encontrando sentada ali, com o jornal aberto diante de mim e o pão perfeitamente dourado esfriando na janela, destruindo todas as suas expectativas. Aquilo me causaria alguma satisfação.

Levantei-me da cadeira da cozinha, ensaiando o olhar inocente que eu lhe lançaria quando chegasse — convencida, é claro, de que o pão havia queimado — e descobrisse, em vez disso, que eu estava sentada, serena, à mesa com o jornal aberto diante de mim e o pão perfeito esfriando no peitoril da janela.

Caminhei pela sala, mas o jornal da noite anterior não estava lá. Fui até o quarto dos meus pais: o segredo seria transmitir com o meu próprio olhar atônito a minha mais absoluta descrença de que minha mãe chegara a duvidar de mim. O vestido de ficar em casa e o avental estavam jogados ao acaso em cima da cama. Onde no centro da cidade? Eu me perguntei.

Fui para o meu próprio quarto – só meu agora que Gabe estava no seminário. Agora que estava no seminário, ele dormia no sofá da sala quando vinha para casa e pendurava as roupas escuras no armário do vestíbulo como uma visita. Da minha janela, dava para ver Gerty Hanson e uma outra garota caminhando de braços dados em direção à parte da rua onde os meninos jogavam. Inclinei a cabeça para vê-las subir a ladeira quatro portas abaixo, onde um grupo pequeno das garotas de sempre já tinha se acomodado nos degraus.

Levaria apenas um minuto, eu sabia, correr até lá e lhes contar que minha mãe me deixara dentro de casa para assar pão. Que eu estaria com elas em, no máximo, quarenta minutos. Mas, quando cheguei na

ladeira, as meninas estavam sentadas com os joelhos dobrados, rindo de forma extravagante, apoiando-se no colo ou cobrindo a boca com as mãos. Gerty tinha acabado de lhes contar uma história, a qual elas repetiram para mim, uma história que o pai dela tinha contado sobre um homem muito bêbado que estava jogando tomates na porta de uma igreja e, ainda por cima, durante um funeral.

— O que diabos deu em você, cara? — perguntara o seu pai.

E o homem, tenso como um lançador na posição, respondera para o pai:

— Que o diabo fique no inferno. — E lançou o tomate mesmo assim.

A não ser que você considere o absurdo da pequena e boa Gerty dizer "inferno" usando uma voz grossa de estivador, percebi que a história não era tão engraçada para justificar a risada enlouquecida das outras meninas. Aquela risada em si era apenas para atrair o olhar dos garotos que jogavam na rua. Para fazer com que eles dissessem:

— Ah, calem a boca — como estavam fazendo agora que Gerty contara a história mais uma vez e elas estavam rolando de rir. — Bando de galinhas cacarejando — disseram os meninos entre si com suas vozes masculinas como as dos pais, mesmo enquanto as meninas meneavam a cabeça, como as mães, e fingiam que não tinham ouvido.

Quando a risada parou, e os garotos tinham voltado para o jogo, contei que minha mãe me prendera em uma armadilha.

— Hora de aprender algumas coisas sobre a cozinha — repeti, o que fez com que Gerty contasse outra história engraçada sobre a sua tia, que havia, recentemente, tentado esconder uma caçarola de pastinaca queimada no elevador de alimentos. Era fato bem conhecido de todas nós que a tia de Gerty não sabia nem descascar uma batata quando chegara para cuidar da casa.

— Ela ainda não consegue fazer um ovo *poché* — continuou Gerty com um pouco de arrogância. — Eu tentei lhe mostrar cem vezes, mas ela simplesmente não consegue aprender. — Ela ergueu um dedo, ensinando para todas nós. — Um pouco de vinagre na água é o segredo.

— Bem, eu não quero aprender — eu disse. — Uma vez que você aprende a fazer, passam a esperar que você faça. — Fiquei surpresa com a forma como as minhas próprias palavras esclareceram para mim o que tinha sido, até aquele momento, um impulso vago de recusa. Elas olharam para mim por sobre os joelhos, aquele bando de garotas: uma vida de horas passadas na cozinha aproximando-se, ameaçadoramente, sobre nós. — Eu prefiro ser como a sua tia.

Gerty meneou a cabeça.

— Meu pai diz que ela seria capaz de queimar até água se isso fosse possível.

E as garotas riram de novo, batendo os pés e os joelhos. E os garotos jogando bola na rua olharam por sobre os ombros e gritaram:

— Será que não conseguem ficar quietas?

Não haveria escapatória de tal futuro.

Voltei para casa com quinze minutos de folga. Abri a porta do forno e usei um pano para tirar o pão pesado. Eu sabia que estava mais claro do que deveria, mas desliguei o forno assim mesmo, apenas para me livrar da tarefa. Eu me juntei de novo às garotas quando elas estavam se levantando para sair da ladeira e caminhar, lentamente, pela rua, fingindo que queríamos apenas comprar refrigerante.

Quando voltei para casa de novo, meu pai estava à mesa de jantar e minha mãe lhe servia o chá. Minha mãe me chamou com um gesto do dedo e me levou à cozinha, onde o pão estava na tábua de cortar, mais escuro do que antes.

— A que horas você tirou o pão do forno? — perguntou ela com uma sobrancelha erguida.

— Na hora que você me disse para tirar — respondi de forma vaga.

— Não estava nem assado ainda.

Dei de ombros, demonstrando para nós duas que eu não poderia ser culpada e que não me importava com aquilo.

Minha mãe cortou o pão que assara novamente e o levou para meu pai, que estava sentado à mesa coberta com uma toalha. Eu a segui levando a manteiga. O lugar de Gabe agora estava vazio. Então, depois do jantar, ouvíamos o rádio.

O chá foi servido. Meu pai passou manteiga na fatia grossa e deu uma piscadela para mim antes de dar uma mordida. E, então, mastigou. E depois mexeu a boca como se tivesse queimado a língua. Engoliu e tomou um gole de chá. Minha mãe disse:

— Bicarbonato demais — e colocou a sua fatia de pão quase intocada no prato. Então, descansou as duas mãos no colo, com as costas eretas. — Você deve ter colocado duas vezes — concluiu ela, de forma severa o suficiente para mostrar que sabia que aquilo era uma sabotagem. — Não sei como não percebi isso.

Eu colocara, na verdade, quatro vezes mais, com as minhas costas voltadas para minha mãe, cuja impaciência — "Meu Deus, Marie, leia a receita. Como é que você vai aprender?" — a fez se virar em três ocasiões distintas.

— Você tem que aprender a prestar mais atenção, Marie — dizia minha mãe. — Você nunca vai aprender a cozinhar se não prestar atenção. A cozinha pode ser um lugar perigoso se você não fizer isso.

— Ah, ela vai aprender — respondeu meu pai, distraído. — Ela vai aprender logo.

Baixei a cabeça e olhei para as mãos. Eu não aprenderia, sabia que não. Eu não aprenderia. Gerty Hanson aprendera, mas eu não.

Ergui os olhos devagar, ajeitando os óculos com o dedo, satisfeita comigo mesma, mas tendo o cuidado de não demonstrar. O dia tinha ficado nublado e a sala de jantar estava escura. Meu pai devolveu a fatia de pão ao prato, mas, como para demonstrar sua compaixão, continuou segurando-a com a ponta do indicador e do polegar — talvez por não querer ferir ainda mais os meus sentimentos ao soltá-la completamente. Seus outros três dedos estavam soltos e tremiam ligeiramente. Sua mão larga contra a toalha branca e o prato de porcelana estava de uma cor que eu não esperava: unhas cinzentas encravadas, profundamente, na carne amarelada e inchada. A mão estava inchada, apesar de ele ser magro daquele jeito. Olhei para o rosto sorridente. Embora estivesse apenas a alguns metros de distância, do outro lado da mesa familiar, senti os meus olhos pesarem, como acontecia às vezes, quando coisas próximas pareciam, de repente, encolherem como se estivessem a uma grande distância. Na minha lembrança, senti um cheiro de éter no ar.

Naquela noite, encontrei minha mãe sentada na minha cama quando saí do banheiro de chinelo e com o meu penhoar. Ela me perguntou:

— Como você está?

Surpresa com a sua presença, respondi:

— Estou bem, obrigada. E você? — Aquele era o modo como ela sempre respondia quando outras pessoas lhe faziam aquela mesma pergunta na rua. Agora, ela parecia um pouco surpresa. Respondeu que estava bem também, obrigada, mas como se fosse apenas por instinto. Suas mãos estavam no colo. As costas eretas.

— Mas — começou ela em tom de conversa, como se fôssemos, na verdade, vizinhas que tinham se encontrado na rua — estou um pouco preocupada com o seu pai.

Então, ela me disse que ele iria ao hospital no dia seguinte para ver se conseguiam curá-lo.

Respondi de acordo com a etiqueta desse tipo de encontro na rua:

— Sinto muito por isso.

Não senti qualquer ameaça com a notícia, filha displicente que era, porque os meus pensamentos se concentravam em como era estranho vê-la ali sentada, à toa, a meu ver, na beirada da minha cama. Ela costumava ir bastante ao meu quarto naquela época, mas sempre apressada, para limpar a poeira ou passar pano no chão, guardar as roupas limpas na cômoda ou virar o colchão, ou limpar a cabeceira da cama com amônia para afastar os percevejos. Todas as noites ela vinha me cobrir, dava-me um beijo na testa e lembrava-me de fazer as minhas orações. Sua quietude naquele momento, sentada ali, com as mãos vazias, tornou a sua presença bastante peculiar.

Ela me perguntou se eu gostaria de ir ao hospital com eles. Eu não poderia subir para ver o meu pai se acomodar no quarto, você precisava ter mais de dezesseis anos para entrar nas alas, mas poderia ir até o vestíbulo.

Respondi que tudo bem.

Minha mãe disse, olhando para as mãos:

— Na saúde e na doença. — Então, ela olhou para mim, de forma cautelosa, na minha opinião. — Essas são as palavras que você precisa repetir quando se casa. Quando faz os votos do matrimônio.

— Eu sei.

Ela ergueu o meu queixo e até deu um pequeno sorriso, com o tipo de admiração sutil que costumava reservar para Gabe.

— Você sabe? — perguntou ela. Um tipo de alegria brilhou nos seus olhos. — O que mais você sabe?

Eu repeti os votos completos:

— “Na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, até que a morte nos separe.”

Até perceber como minha mãe ficou impressionada com o meu conhecimento, nunca me ocorrera saber como eu aprendera as palavras, na escola, nos filmes, com as minhas amigas. Quando ela me perguntou, respondi:

— Aprendi com as minhas amigas.

A minha mãe baixou a cabeça de novo e disse:

— As suas amigas conversam com você sobre casamento, então. Sobre o que acontece. — Acho que ela estava vermelha.

Eu me virei para pegar a minha escova na penteadeira. Comecei a pentear o cabelo, ainda úmido do banho. Conseguia ver o seu reflexo no espelho, sentada, ereta, na beirada da minha cama com as mãos pousadas no colo.

— Ah, é claro — respondi, sem saber direito o que eu estava admitindo.

Atrás de mim, ouvi um suspiro.

— Você está crescendo — afirmou ela, de forma bem parecida como dissera naquela tarde, com um tom alegre e melancólico e nem um pouco impaciente. Ouvi o ranger familiar das molas da cama quando ela se levantou. — É bom que você saiba dessas coisas. — A sua voz, assim como o ranger das molas, pareceu se elevar no quarto, como se livre de um pouco do peso. — Nós vamos para o centro da cidade amanhã, depois da missa — disse ela. — Vá para a cama agora.

De manhã, depois da missa, nós três pegamos o bonde para o hospital. Meu pai carregava uma pequena bolsa preta. No vestíbulo, ele colocou a mão na minha cabeça e pediu:

— Seja uma boa menina agora — enrolando a língua do jeito que fazia, degustando a doçura da piada.

Ele se abaixou, e eu lhe beijei o rosto, que estava bem barbeado e macio e tinha cheiro de colônia pós-barba Bay Rum. Então, quase derrubei o seu chapéu quando envolvi o seu pescoço com os meus braços. Ele deu uns tapinhas nas minhas costas, depois, colocou as duas mãos nos meus ombros, como costumava fazer do lado de fora do bar clandestino, como se quisesse me manter ali, sem me mexer, enquanto ele subia com a minha mãe para ser internado.

Quando ela desceu de novo, nós duas saímos e atravessamos a rua, então, olhamos para cima para o grande prédio. Ela apontou. Eu demorei um pouco para encontrar a janela certa. E, então, eu o vi, acenando para nós por trás do reflexo do céu.

Debaixo do sol na calçada em frente à igreja de Nossa Senhora dos Mares, em um domingo de manhã no início de junho quando eu tinha dezessete anos, Walter Hartnett perguntou:

— O que há de errado com os seus olhos?

Nossas mães estavam conversando, com as bolsas embaixo do braço e os chapéus na cabeça. O sol forte reluzindo no vidro dos para-brisas e para-choques de metal, nos livros de bolsos das mulheres na multidão reunida depois da missa, na calçada branca e na rua e mesmo nos sinos distantes da igreja. Reluzindo nele também, quando olhei para o seu rosto: o cabelo escuro e aquele rosto pálido, e então os olhos cinzentos pareceram transparentes sob a luz do sol.

— Não tem nada de errado — respondi. — Este aqui apenas se contrai às vezes sem querer. Quando o sol está muito forte.

— Bem, tente não fazer isso — aconselhou ele. — Faz o seu rosto todo ficar engraçado.

Em casa, diante do pequeno espelho acima da pia do banheiro, eu vi: o modo como o olho direito se contraía e fechava, puxando o canto da minha boca, fazendo com que eu parecesse um valentão mascando chiclete. Como os meus óculos, com lentes grossas como fundo de garrafa, ficavam firmes no meu rosto, apesar das contorções da face atrás deles.

Eu me lembrei, por um instante, de Walter Hartnett quando menino, o modo como ele cruzava as mãos nas costas, plácido e sábio, ao lado do cego Bill Corrigan. Eu me lembrei da sagacidade que sempre usava quando assentia, concordando com as decisões impossíveis de Bill Corrigan. Como se apenas ele e o cego conseguissem enxergar o que mais ninguém via.

Abri o olho ofensivo. Sorri para o espelho e perguntei:

— Que tal agora, senhor Hartnett? — Tirei os óculos e alisei a pele sob os olhos. — Está melhor agora?

Walter Hartnett. Senhor Hartnett. Penteei meu cabelo para trás — escuro e grosso, mas, assim como o olho apertado, tinha vontade própria — e espiei no pequeno espelho, o qual me mostrou apenas um rosto borrado, cabelo escuro e dentes sorridentes, arregalei os olhos o máximo possível e disse em voz alta:

— Está melhor assim, senhor Walter Hartnett?

Quando ele ligou naquela tarde — a voz, algo miraculoso e pequeno dentro do receptor preto —, se desculpou por talvez ter sido rude. Não era problema dele, declarou, o que eu fazia com os meus olhos. Mais tarde, ao reconstituir a conversa no que seria a primeira noite da minha vida na qual o sono me abandonara completamente, eu respondi:

— Não foi nada. — Mas, na verdade, eu mal murmurei uma palavra.

— Eu sou mandão, às vezes — explicou ele. — Acho que por causa do trabalho. Eles me dão um monte de responsabilidades. Você gostaria de sair para tomar um refrigerante?

Quando as minhas filhas começaram a namorar, eu as aconselhei: “Eis uma boa regra: se ele olhar acima da sua cabeça quando você estiver falando, livre-se dele. Walter Hartnett...”. Mas, naquela época, elas simplesmente erguiam as mãos: “Meu Deus, mãe, já chega de histórias sobre Walter Hartnett”.

Walter Hartnett sentado em um banco na confeitaria, olhava por sobre a minha cabeça sempre que alguém aparecia na porta atrás de mim. De tal forma, que senti que também conseguia vê-las, as outras pessoas entrando e saindo do sol de final de tarde, como se eu pudesse sentir as sombras frias sobre as

minhas costas enquanto ficavam paradas por um tempo formando uma silhueta, e Walter olhava para ver quem era. “Oi”, cumprimentaria ele se conhecesse a pessoa — eu poderia estar no meio de uma frase — “Tudo bem?”. Ele levantava um dedo ao lado do rosto como cumprimento. Ou apenas ficava olhando — isso para os estranhos —, e os olhos seguindo quem quer que estivesse na confeitaria, pensando, calculando, avaliando como um homem desacompanhado faria — um homem desacompanhado e imprudente com a audácia do seu olhar. Então, os olhos cinzentos voltavam para o meu rosto de novo. Seguidos por um segundo de total indiferença, tédio talvez, e, então um lento ar de compreensão — Oh, sim, é você — um aquecimento lento conforme sua atenção voltava para mim de novo — Bem, estou feliz de estar aqui com você —, às vezes, um leve ar de sorriso chegava a entrar naqueles olhos emoldurados por cílios espessos, então, eles olhavam, de novo, por cima da minha cabeça, para erguer o queixo para cumprimentar alguém que entrava, ou apenas para observar quem quer que tivesse lançado uma sombra às minhas costas. Então, seus olhos voltavam para o meu rosto, sem me ver de novo, e, uma vez mais, o lento reconhecimento começaria de novo.

Poderia ser uma segunda natureza para ele, essa mudança de atenção. Ele não poderia ter calculado o efeito que causava. Mas, para mim, foi devastador e emocionante, de forma que, quando terminamos de tomar o refrigerante e levantamos do banco, eu perdi o equilíbrio, tonta com as reviravoltas de esperança que o meu coração estava sofrendo. Minha sapatilha, de alguma forma, esbarrou em seus sapatos e eu caí em cima dele, e ele escorregou a mão quente sob o meu braço.

— Não muito graciosa — disse ele. Mas nós dois estávamos vermelhos.

Na calçada de novo, caminhamos sem nos tocar, embora a maioria das outras pessoas na rua parecia formar casais, jovens e velhos, andando de braços dados. No passeio de domingo no final de tarde. O sol estava se pondo com aquela luz alaranjada densa, mas o céu do leste ainda estava azulzinho como uma manhã fresca de domingo. Havia apenas uma leve falta de ritmo no seu caminhar, um coxear quase imperceptível, mas ele não chegava a mancar. Se ele tivesse virado à direita e me acompanhado, em silêncio, direto para a minha ladeira, eu o teria seguido, de cabeça baixa, sem dizer mais nada. Em vez disso, porém, ele virou à esquerda, e eu o acompanhei. Ele estava falando sobre o seu trabalho. Que era estável e que ele tinha sorte por tê-lo conseguido. Disse o nome de alguns amigos que tinham um emprego que ele não desejaria nem para um cachorro — na empresa de trânsito urbano Brooklyn-Manhattan Transit Corporation (bmt), na diocese, na barcaça do porto. Ele me disse para esquecer a parte baixa de Manhattan e me dirigir para Borough Hall quando chegasse a hora de procurar um emprego. Quem ia querer trabalhar na cidade de Nova York? Durante todo o tempo, os seus olhos acompanhavam os casais pelos quais passávamos, ou voavam para o outro lado da rua para ver quem estava lá.

Quando parou, pensei primeiro que tinha sido por ter reconhecido alguém à frente. Mas, então, os seus olhos se voltaram para mim e, daquela vez, sob a sombra de um poste de luz, os seus olhos encontraram o meu rosto de novo; indiferença, novamente, transformando-se em um prazer profundo. Ele apontou para a casa de arenito atrás dele.

— Tenho de subir por um minuto — disse ele, a voz demonstrando grande relutância em me deixar ali, que combinava bem com o prazer recém-descoberto de me ver ali. — Você quer subir ou prefere esperar aqui?

— Esta é a sua casa? — perguntei.

E ele apenas inclinou a cabeça como resposta. De quem mais a casa poderia ser?

— Prefiro subir — respondi.

Ele e a mãe moravam no último andar, assim como a minha mãe e eu. “Viúvas em aviários”, ele diria algum tempo depois. Ele entrou e chamou:

— Mãe?

Mas não havia luz acesa no apartamento, a não ser a que vinha do crepúsculo e das luzes dos postes. Ele esticou a mão para um pequeno abajur e o acendeu. A cúpula amarelada e a lâmpada sobre ela tremeluziram um pouco.

— Ela deve ter saído — concluiu ele. — Sente-se um pouco. Não vou demorar muito.

Ele atravessou a sala de estar e entrou na sala de jantar adjacente e, depois, passou para outro cômodo, a cozinha talvez. Sentei-me. O sofá era forrado de brocado azul-escuro, bordados de renda enfeitavam os braços e o encosto. Havia uma pintura da Sagrada Família sobre a lareira fechada com tábuas. A Virgem e o bom são José e o Menino Jesus, de branco, no centro. Um pequeno jarro de vidro com flores lilases murchando estava sobre a cornija da lareira. Havia mais duas cadeiras pesadas forradas com o mesmo brocado azul-escuro de frente para mim. Ao lado de uma delas, um cesto de costura. Na mesinha entre elas, quatro fotografias ovais. Eu me levantei e me aproximei delas. Um retrato do casamento dos seus pais, o pai se parecendo bastante com Walter se caso ele usasse um bigodão, um retrato de Walter quando bebê, de olhos arregalados e segurado por trás, e, depois, de calções e camisa de colarinho branco, um laço enorme de primeira comunhão no braço e, depois, parecendo-se exatamente com ele, embora mais pensativo e sério — ou, quem sabe, apenas se segurando para não rir — com a sua beca de formatura.

Senti um pouco de inveja, tola que era naqueles primeiros momentos da minha primeira incursão nas dores irracionais do amor. Inveja da mãe viúva que o conhecera a vida inteira, que ouvira suas primeiras palavras, secara suas primeiras lágrimas — teriam sido por causa da perna mais curta? —, invejei até o pai bigodudo, enterrado em Calvary, onde meu pai também jazia, invejei cada momento feliz que Walter vivera sem qualquer traço da minha existência.

Ouvi a voz dele vinda dos fundos do apartamento. Estava ao telefone. Parecia estar falando algum assunto sério, repetindo uma série de números. O trabalho era importante? Mesmo agora, não sei dizer se o telefonema fora um estratagema. Suspeito que ele não era tão inteligente assim.

Fui para o sofá novamente. Quando ele voltou para a sala, trazia duas garrafas abertas de cerveja. Ofereceu-me uma e recusei, rindo um pouco do que me pareceu um despropósito total, e ele olhou para a garrafa marrom e disse:

— Ah, mas já está aberta. — Como se eu tivesse quebrado uma promessa. Colocou a cerveja recusada sobre o aquecedor coberto ao lado dele e seguiu para o sofá. Sentou-se ao meu lado. — A minha mãe logo estará de volta — comentou ele, olhando para mim como se fosse a primeira vez: meu pescoço, minha blusa, meu cinto, minhas mãos pousadas no colo. — Ela vai querer cumprimentar você.

Assenti, apontei para os retratos na mesinha.

— É o casamento dos seus pais? — perguntei.

— É.

— Ela estava bonita — elogiei.

— Eu não me importaria de me casar — declarou ele.

E, então, tomou um gole de cerveja. Começou a falar do trabalho de novo. Como era bom. Como o escritório era ótimo. Como seria fácil para ele começar a economizar para conseguir um lugar para morar. Quando se casasse. Ele estava sentado bem perto de mim. Eu queria me casar?, perguntou-me ele, e quando respondi que sim, com certeza, algum dia, aquele reconhecimento lento e prazeroso brilhou em seus olhos de novo. Ele se afastou um pouco como se quisesse me ver melhor. Talvez fôssemos as únicas pessoas no vasto universo que concordavam que gostariam de se casar algum dia, e ele gostou muito da minha resposta.

E quanto a filhos?, quis saber ele. Será que eu queria ter filhos?

Bem, é claro.

Bem, é claro. Seus olhos, mais escuros naquele momento na penumbra do apartamento, estavam concentrados apenas em mim, passeando por todo o meu rosto, como se, afinal, aquilo fosse o que estivera procurando a noite inteira.

Quando ele se inclinou para me beijar, aquele foi tanto o meu primeiro beijo como a primeira vez que senti o gosto de cerveja. Ele manteve a garrafa aberta contra o meu ombro por um minuto, enquanto pressionava o corpo contra o meu, encharcando a minha blusa, agora também com um cheiro forte de cerveja, assim como o gosto fraco na minha boca. Quando ele baixou o braço sobre o meu colo para colocar a garrafa no chão e o ergueu de novo, colocou a mão no meu seio. Surpresa e talvez temerosa — eu já tinha conhecido o triunfo e o sofrimento com a oscilação da atenção dele —, não me mexi. Delicadamente — primeiro achei que ele estava fazendo o sinal de “o.k.” com o polegar e o indicador sobre o meu coração —, ele desabotoou a minha blusa e, então, escorregou os dedos por dentro dela. Afastou meu sutiã. Exposto na penumbra da sala, o meu seio pareceu se iluminar. Ele suspirou e baixou a cabeça. Senti um pavor momentâneo de não saber o que ele ia fazer, enquanto movia a boca em direção a mim, e tal medo aumentou cem vezes quando compreendi. Ele fechou a boca no meu mamilo. Puxou e chupou.

É claro que eu já tinha visto mulheres dando de mamar para os filhos ali e acolá, em quartos fechados, e foi a lembrança daquilo que confundiu as minhas emoções naquele momento. Ele respirou fundo, como um recém-nascido mamando, e eu senti o ar quente de suas narinas na minha pele. Coloquei a mão no cabelo dele. Será que aquilo era errado? Se eu o impedisse de continuar, será que ele me olharia de novo com fria indiferença e desviaria os olhos?

Ele levou a mão à base das minhas costas, puxando-me para si. Senti a saliva dele esfriar na minha pele, mesmo enquanto a sala parecia se aquecer à nossa volta. Senti os dentes dele na minha pele, de leve no começo, mas depois espetando, o que me fez prender a respiração. Ele mordeu com mais força e eu gritei, o que o fez apenas virar um pouco mais a cabeça para encaixar melhor os molares. Talvez ele tivesse arrancado sangue, não fosse a batida repentina da porta do vestíbulo do prédio. A batida da porta interna e talvez passos. Ele disse:

— Cubra-se. — E, então, estendeu o braço sobre o meu colo para pegar a cerveja no chão.

Meu pobre seio pálido estava empapado e sensível, o mamilo rosado, inchado, transformado de forma assustadora. Atrapalhei-me com os botões. Ele se recostou no sofá, pareceu rolar para fora dele, a cerveja em uma das mãos e a outra pressionando a virilha. Ele andou, mancando naquele momento, em

direção à garrafa que deixara sobre o aquecedor. Mas, então, ouviu um molho de chaves e a porta do apartamento debaixo se abrindo. Praguejou e, de costas para mim, baixou a cabeça, meneando-a tristemente. Então, sem outra palavra, saiu mancando da sala.

Por alguns minutos, fiquei sentada ali, na sala escura. Achei que talvez ele não fosse voltar. Senti, com certeza, que o sangue escorria pelo peito. Quando ele voltou, parecia ter se lavado, as mãos e o rosto, o cabelo estava molhado e penteado. Ele não segurava mais a garrafa de cerveja, mas pegou a segunda sobre o protetor do aquecedor e a levou com ele até a poltrona grande do outro lado da sala. Sentou-se ali e tomou um longo gole.

— Quando nos casarmos — começou ele —, acho que você vai querer morar no térreo. Carrinhos de bebê e tudo mais. Mas eu acho que é barato. Todo mundo e seu irmão passando pela sua porta. Acho melhor os andares superiores. — Ele terminou a cerveja em dois ou três longos goles, colocou a mão no peito, soltou um arroto, como se já fôssemos casados e, talvez, por muito tempo. — Acho que é melhor você ir agora — sugeriu ele em tom amigável.

Descemos as escadas. Senti um pânico a cada vez que virávamos — e se a mãe dele passasse pela porta naquele momento, o que ela leria na expressão dos nossos rostos? Mas ele não se apressou. Na rua — o ar estava adorável, uma leve brisa soprava e parecia água do banho contra a minha pele —, ele passou o braço pela minha cintura enquanto caminhávamos. Passamos pela igreja. Será que fora apenas naquela manhã que ele me olhara com o sol iluminando o seu rosto e perguntara: “O que há de errado com o seu olho?”.

— Bem — começou ele —, pelo menos não vamos precisar brigar sobre em qual igreja nos casaremos, na sua ou na minha. As nossas mães vão ficar muito felizes. Quanto tempo ainda falta para você se formar? — perguntou ele. — Mais um ano, não é?

Respondi que sim.

— Consiga um emprego no centro do Brooklyn — orientou ele. — Você não vai querer ir para a cidade de Nova York.

Viramos o quarteirão. O senhor e a senhora Chehab estavam na sacada do térreo com as costas voltadas para a rua e o abajur com duas cúpulas entre eles. Ele parou na escada da nossa casa.

— Aqui estamos — disse ele, enfiando a mão no bolso e mudando o peso do corpo entre as pernas tortas. Talvez estivesse sofrendo os efeitos das duas garrafas de cerveja. Havia um outro casal descendo a rua, do outro lado, em direção ao metrô, e seus olhos os acompanharam. Daquela vez, eu também virei para olhar para eles. A mulher usava uma saia justa cobrindo um traseiro grande, e os saltos dos sapatos estalavam no calçamento. O paletó do homem era comprido, com um cinto nas costas. Juntos, Walter e eu nos viramos para nos olharmos de novo, mas daquela vez ele não passou por aquela amnésia momentânea de desinteresse. Em vez disso, ergueu o queixo e apontou com o dedo — como fizera a tarde toda quando via as pessoas na confeitaria e na rua — um “eu te conheço” sem palavras, e, então, seus olhos desceram para os meus seios e se demoraram ali, para aquele que ele expusera e chupara. Ele sorriu, malicioso. Eu te conheço.

Nas primeiras dores da minha primeira incursão nas alegrias irracionais do amor, senti tanto a emoção pelo reconhecimento dele quanto uma onda quente e escura de vergonha.

— Entre agora — disse ele, tocando o meu quadril. — Entre e conte para a sua mãe que você tem

um namorado.

Todo o pensamento e todas as preocupações, toda a fé e toda filosofia, as pinturas e as histórias e os poemas, todo o resto envolvido no estudo do céu e do inferno, e, no entanto, tão pouca curiosidade despertada no ato de cair no sono. No adormecer. Todas as orações que fiz antes de dormir durante a vida inteira, todas as orações que obriguei os meus filhos a rezarem — Pai-Nosso, Ave-Maria, Glória ao Pai —, as confissões no caso de alguma transgressão, estão completamente erradas. Era o agradecimento, a simples oração que fazemos antes das refeições, é isto que deveríamos murmurar com as mãos unidas ao final de um dia: Abençoe-nos, ó Deus, com esta Vossa graça que estamos prestes a receber.

Voltando do cemitério Calvary no carro da funerária, pressionada contra o corpo da minha mãe, eu tinha mergulhado no sono mais gostoso que jamais conhecera. Tinham enterrado o meu pai, e o meu mundo havia ruído, mas o cochilo que tirei no carro de Fagin no caminho de casa foi como um gole longo de néctar fresco — doce e profundo e fragrante, banhado com uma luz marmórea — será que era o sol de inverno entrando pela janela? —, o tipo de sono que só chegava como resultado de muitas lágrimas. Quando o carro parou no meio-fio em frente ao restaurante onde o almoço do funeral aconteceria, minha mãe me acordou de forma gentil. Apenas Gabe, com seu colarinho clerical, me censurou. Seus olhos estavam vermelhos e úmidos; e havia sulcos no rosto pálido. “Você dormiu?”, perguntara ele. Ele tinha seguido no banco da frente, ao lado do motorista. “Como é que você pôde dormir?”

Agora, deitada ao lado da minha mãe na cama que compartilhávamos porque Gabe voltara para casa depois de sua primeira paróquia, dizendo apenas que o sacerdócio não era para ele, passei a minha primeira noite insone sentindo um misto de alegria, vergonha e confusão. Eu não podia nem colocar a mão no meu seio sensível — machucado em volta do mamilo (eu vira no espelho do banheiro enquanto me despia), marcado com duas mordidas rosadas —, pois minha mãe, mesmo nas sombras, poderia ver o que eu estava fazendo. Eu não conseguia evitar a vergonha latente. Eu a sentia serpentear e descer pela minha espinha. Eu a sentia tocar ou acender algo que queimava e brilhava, fazendo com que a culpa e a confusão se transformassem em um sentimento prazeroso, como júbilo. Eu estava apaixonada. Walter Hartnett, com seus olhos cinzentos, me amava. No ano seguinte, nos casaríamos na igreja de Nossa Senhora dos Mares, e aqueles olhos nunca mais pousariam em mim com indiferença fria. Eu te conheço.

Minha mãe perguntou na escuridão:

— Você quer um pouco de leite quente, Marie?

— Não — respondi.

— Você não está conseguindo dormir?

— Não.

— Será que você pode, pelo menos, tentar ficar quieta? — pediu ela. — São três horas da manhã. Eu tenho que trabalhar amanhã de manhã.

— Desculpe — sussurrei.

O tique-taque do relógio na cabeceira nunca soou tão cruel. As janelas eram amplas, com pinceladas irregulares de cinza-claro, pintadas apressadamente na parede comprida e preta além da cama. As janelas estavam abertas naquela noite fresca, mas não havia nenhuma brisa soprando. Qualquer som que viesse da rua soava distante e indistinto. Nem mesmo o barulho de um rato atrás das paredes ou

a tosse do meu irmão no quarto ao lado. Todos naquela rua estavam tranquilos. Todos tinham mergulhado na luz fria e marmórea e dormido.

— O Walter Hartnett é um rapaz legal? — perguntou minha mãe com um sussurro.

— É — foi tudo o que consegui dizer. Não consegui acrescentar mais nada, já sentindo o rubor quente subir pelo meu rosto.

A minha mãe se virou, fazendo o colchão que dividíamos balançar, e, então, puxou o lençol sobre o ombro.

— Eu gosto da mãe dele — declarou ela. — A família dela é da cidade de Armagh, na Irlanda.

Próximo ao final do mês, ele descia do metrô uma parada depois da sua todas as noites na volta para casa, passando em frente à nossa casa, onde sempre fingia estar surpreso por me encontrar sentada na escada, esperando por ele. Ele se apoiava no corrimão, dobrava o pé para a ponta do sapato de solado alto ficar apoiada na calçada, e falava sobre o seu trabalho, o nosso casamento, os rapazes que não queria que fossem, os olhos se desviando, sempre, do meu rosto para o meu seio e voltando, em seguida, para o meu rosto de novo, as sobrancelhas erguidas como se perguntasse: “Lembra?”. Como se o rubor do meu rosto não lhe revelasse que eu me lembrava.

Íamos juntos ao cinema e fomos a uma festa uma vez, onde ele tomou meia garrafa de uísque e se apoiou com todo o peso em mim quando caminhamos de volta para casa. Fizemos um passeio em caravana de carros para uma casa de veraneio de um juiz chamado Sweeney, cuja filha saía com um conhecido de Walter. Fizemos um piquenique em um gramado adorável, mas só podíamos entrar na casa para usar o banheiro. No caminho de volta, ele disse:

— Talvez devêssemos comprar uma casa como aquela.

Eu passava a mão pelo braço dele quando caminhávamos juntos ou ele me abraçava pela cintura. Ele apoiava o braço nos meus ombros no cinema. No final da noite, ele me beijava de forma gentil, sempre na calçada, aos pés da nossa escada, nunca na porta, porque, eu imaginava, ele não ia querer que eu me virasse para vê-lo mancando pelos degraus largos.

Mesmo agora, eu não sei dizer se foi falta de oportunidade ou parte de algum plano, mas a intimidade daquele primeiro domingo no final da tarde nunca se repetiu. Ainda assim, estava sempre lá, em cada toque que se passava entre nós, certamente em cada movimento dos seus olhos claros. As horas que passei naquela primeira noite insone, imaginando o que eu diria quando ele aproximasse a boca novamente na minha direção, deram lugar a noites insones nas quais eu apenas relembrava com riqueza de detalhes tudo que ele fizera aquela vez, dentes e língua, seus dedos nas minhas costas. Eu caminhava ao seu lado em um estado de antecipação trêmula. Sentia o pulso acelerar cada vez que nos aproximávamos do quarteirão dele — seria aquela noite que ele finalmente perguntaria de novo: “Você quer entrar?”. Quando saímos da festa em que ele bebera muito, Walter apoiou o seu peso em mim no vestíbulo escuro e momentaneamente vazio e, por um instante, a sua cabeça baixou em direção ao meu peito, seu cabelo roçou o meu queixo, e tive de me controlar para eu mesma não envolver os meus seios com a mão e oferecê-los a ele. No gramado amplo como um parque na casa de veraneio do juiz Sweeney, ele se deitara na grama ao meu lado, apoiado no cotovelo. Ele estava conversando com os outros, seu rosto roçando o meu braço enquanto falava, mastigava ou ria, os movimentos do seu maxilar enchendo-

me de lembranças do sofá escuro e do abajur âmbar e do meu seio nu, aceso como de dentro para fora.

Foi bem no final do verão quando ele me ligou para dizer:

— Encontre-me no centro da cidade para almoçarmos.

Não sei bem o que eu esperava, mas antes de sair, troquei o vestido tubinho sem manga de algodão com um zíper nas costas por um vestido cinturado com botões e um cinto de couro envernizado. Usei sapatos novos e luvas novas e uma combinação nova e um chapéu novo com aba vermelha. Cheguei ao restaurante antes dele e fiquei sentada, sozinha, à mesa, o que eu nunca fizera antes, os copos de água formando anéis trêmulos de luz provocados pelo tremor nas minhas pernas por baixo da toalha de mesa branca, por baixo da saia listrada e por baixo da combinação cor-de-rosa. Eu o vi quando entrou — bonito, vestindo um terno que eu nunca o vira usar antes, de tweed, com a cintura marcada e uma faixa nas costas — e, então, tirei os óculos e sorri na direção dele, até que a sua forma se materializasse diante de mim do outro lado da mesa estreita.

— Bonito chapéu — elogiou ele, puxando a cadeira. — Este restaurante não é o máximo? Coloque os óculos de novo, eu não conheço você sem eles.

Eu já estivera ali três anos antes, para o almoço do funeral do meu pai, mas não conseguia falar sobre aquilo sem a minha voz falhar.

Coloquei os óculos de volta e disse:

— Terno bonito.

Ele ergueu o braço.

— Gostou? — Ele deu um sorriso malicioso. Ele era um rapaz de aparência comum, com cabelo castanho e olhos cinzentos ligeiramente marcantes. Mas estava bonito naquele dia, de terno, camisa branca e gravata clara. Ele tinha dentes pequenos e retos. Orelhas bonitas. — Peguei emprestado com um amigo meu — explicou ele — porque irei à casa de veraneio do juiz Sweeney para passar o fim de semana.

Pousei as mãos enluvadas na beirada da mesa e pressionei os botões da minha camisa contra elas.

— Para quê? — quis saber.

Seus olhos se afastaram dos meus para observar o guardanapo de tecido, que ele sacudiu.

— Parece que Rita Sweeney e eu vamos nos casar — contou ele, esticando o guardanapo no colo.

Com certeza, tratava-se de um desenho animado infantil, talvez fosse algum ao qual eu assistira no cinema, com Walter, ou alguma outra pessoa, mas na minha lembrança daquele momento, eu vi as lágrimas escorrerem livremente pelos meus olhos e encherem os meus óculos como água em dois aquários. Porque eu sabia que tinha chorado, mas nenhuma lágrima caiu.

Não era só porque a família de Rita tinha dinheiro, explicara ele enquanto comia, e o prato que ele pedira para mim permanecia intocado na mesa. Embora ela fosse melhor do que nós dois, com as nossas mães viúvas acabando sozinhas nos seus aviários no último andar se nos casássemos. Era simplesmente porque Rita era mais bonita, na verdade. Não tinha defeitos que ele pudesse ver. Diferente de mim e você, disse ele.

— Cega e manco.

Ele continuou no decorrer do almoço:

— Não se engane achando que todos são iguais neste país. São os mais bonitos que conseguem as

melhores chances.

Ele também disse:

— Estou dando aos meus futuros filhos a melhor chance que posso dar. Que tipo de pai eu seria se não fizesse isso?

As lágrimas se acumulavam como um mar atrás dos meus óculos.

— Você foi ótima, e eu queria lhe dar um bom almoço.

Caminhei de volta ao metrô com as lágrimas presas nos óculos afogando os meus olhos. Através delas, vi os prédios, os postes de luz e os carros com seus para-brisas brilhantes, até mesmo as roupas escuras das outras pessoas pareciam boiar. Eu as via passando por mim, esbarrando e se desculpando, sendo arrastadas pela corrente.

Em casa, subi a escada, e tudo que era horrível em relação àquela casa e àquela rua, e à minha vida até aquele momento, se descortinou diante dos meus olhos: ali estava o canto da escada no qual os empregados de Fagin tiveram de lutar para passar com o caixão do meu pai. Ali estava o sofá no qual eu vira a minha mãe em uma manhã do ano anterior contando uma pilha de dólares amassados no colo, com olhos fundos e insones. Ali estava a cama que outrora pertencera aos meus pais, mas que, agora, minha mãe e eu dividíamos porque Gabe perdera a vocação.

Sentei na beirada daquela cama. Queria tirar os óculos e atirá-los para o outro lado do quarto. Arrancar o chapéu novo da minha cabeça e lançá-lo para longe também. Levar as mãos ao escalpo e arrancar aquele rosto comum. Desabotoar o vestido, abrir o cinto, tirar a combinação delicada. Eu queria levar a mão ao pescoço e arrancar a pele do corpo e jogá-la no chão. Dorso, ombro, estômago e peito. Esmagar tudo. Erguer o punho cerrado para Deus, pois Ele tinha me feito naquela escuridão inicial: sem beleza e sem amor.

A porta do segundo quarto se abriu, e meu irmão apareceu segurando seu breviário. Estava com a calça do terno leve de algodão que usara de manhã quando saíra para o trabalho, mas tirara a gravata e o paletó. O colarinho estava aberto e o cabelo, despenteado — qualquer um acharia que estivera dormindo —, e havia uma inclinação dos ombros bem incomum, como se estivesse preparado para levar um soco.

— Meu Deus! — exclamou ele. — O que aconteceu?

Aparentemente, eu estava chorando o tempo todo.

Em pé na porta do quarto que dividíramos no passado, ele ouviu a história da minha angústia com o dedo ainda marcando a página do breviário, o livro seguro contra o peito. Eu não esperava encontrá-lo em casa. O escritório fechara mais cedo, explicara ele, por causa do calor.

Ele ficou ali, sem se mexer, na porta, com o livro pressionado contra o peito, enquanto eu recontava alguma versão do que tinha acontecido para me fazer sofrer tanto. Quando parei, soluçando e chorando, ele disse simplesmente:

— Lave o seu rosto. Eu vou pegar o meu chapéu.

No meu sofrimento, apenas obedeci, caminhei, indiferente, pela sala de estar e fui até o banheiro, os braços soltos ao lado do corpo. Joguei água gelada no rosto. Quando saí, Gabe me aguardava. Tinha colocado o chapéu, a gravata e o paletó do terno.

— Tudo se resolve com uma caminhada — disse ele, abrindo a porta.

Ele não pegou a minha mão. Nem me ofereceu o braço. Descemos as escadas juntos, sem nos

tocarmos, como crianças. Ele abriu a porta do vestíbulo para mim, e, então, a porta externa. Descemos os degraus marrons juntos e, na calçada, ele enfiou as mãos nos bolsos e fez um gesto com a cabeça indicando que devíamos ir pela direita. Seguimos o caminho. Era um dia quente. Tinha me esquecido o quanto, porque antes, quando saíra para o restaurante, eu tinha acabado de sair do banho e me perfumado toda, e depois, quando voltei, o calor era apenas mais uma parte da devastação total.

Agora, porém, o asfalto estava quente como uma frigideira. O ar, denso com o calor. Do outro lado da rua, a cadeira de cozinha de Bill Corrigan estava no lugar de sempre, mas vazia. Havia poucas crianças nas ladeiras. Estavam sentadas nos degraus mais altos das escadas, mais próximas dos prédios para ficarem na sombra. Pareciam fracas e malnutridas. Olhei para elas e elas devolveram o olhar. O sol na aba do meu chapéu era um peso que ameaçava curvar a minha cabeça. O concreto quente fazia as solas dos meus sapatos novos parecerem maleáveis e grudentas.

O ar parecia um muro. O calor, um lembrete do que eu vira quando meu pai estava morrendo, mas sem planejar ou mesmo querer, tinha conseguido esquecer: que aqueles dias comuns eram um véu, um pedaço de tecido fino que distorcia a visão. Deixados de lado, em momentos como aquele, tudo o que era frágil e terrível e imutável ficava claro. Meu pai nunca mais voltaria para a Terra, os meus olhos não se curariam, eu nunca mudaria ou me casaria com Walter Hartnett na linda igreja. E como aquilo era verdade para mim, era a verdade, ao seu próprio modo, para todos. O meu irmão cumprimentava as pessoas que conhecíamos enquanto caminhávamos pelo bairro, mulheres, lojistas nas portas tentando pegar uma brisa. Pareceu-me que cada um deles, agora que o tecido tinha sido parcialmente aberto, tinham olhos fundos com decepções ou fracassos ou alguma tristeza solitária.

Meu irmão caminhou ao meu lado. O paletó abotoado e a gravata apertada, mas as mãos estavam nos bolsos, e isso fazia com que suas passadas parecessem vagarosas. Ele parou um pouco na primeira esquina e, então, deu de ombros, virou à esquerda do outro lado da rua. Logo percebi que ele não tinha um destino em mente — parava em cada esquina e virava, de forma arbitrária, erguia a mão para que eu esperasse os carros passarem —, o que estava bom para mim; eu poderia mesmo ter feito aquilo, caminhar daquele jeito, como qualquer outra coisa. Senti um medo momentâneo, quando o vi de paletó e gravata, de que ele me levaria para a igreja.

No quarteirão seguinte, um jovem parou bem à nossa frente, tirou o chapéu e enxugou a testa com um lenço branco grande como uma bandeira. Ele estava pondo o chapéu de volta quando passamos por ele. Ouviu-o chamar:

— Padre. — E então: — Padre Gabe?

Meu irmão se virou para cumprimentar o sujeito, cujos olhos amigáveis pareceram se demorar um pouco no pescoço de Gabe, e então pousaram em mim. Ele era baixo, com um rosto redondo e infantil que estava rubro de calor. A camisa e o terno claro estavam manchados de suor, a grossa gravata azul parecia ter sido mergulhada em água, torcida e recolocada no pescoço do homem. Ele ergueu o chapéu de novo quando fomos apresentados, e vi que a fita do chapéu deixara uma marca vermelha na sua testa grande. Tom Commeford. Ele perguntou:

— Como vai, padre?

Meu irmão ergueu a mão.

— Não sou mais padre — informou Gabe, levando a mão à gravata para indicar a ausência do

colarinho clerical. — Não era para mim.

Naquele momento, um verdadeiro pânico cruzou os olhos do jovem — ele olhou para mim de novo e eu dei de ombros, nós dois unidos por um momento pela perplexidade da perda da vocação de Gabe. Era a sensação de estar em pé em um píer com um estranho, observando um rosto conhecido desaparecer no horizonte da água e sabendo, de repente, que toda a afinidade agora era determinada pelo fato da terra sob os nossos pés ou apenas o mar. Por um momento eu fiquei mais ligada àquele homem do que era ao meu irmão, o padre fracassado, ao meu lado.

— Nossa — disse o jovem. — Sinto muito. — Era impossível saber se ele sentia muito pela perda da vocação ou pelo seu próprio erro estranho. Ele olhou para mim de novo, como se eu pudesse saber. — Uma vez um padre — começou ele, mas Gabe o interrompeu.

— Como estão todos na cervejaria? — perguntou ele, alegremente. — Todos bastante ocupados?

— Ah, sim, claro — respondeu o jovem. O esforço que estava fazendo para se recuperar era totalmente arruinado pelo rubor crescente do seu rosto.

— A cerveja ainda é seca? — perguntou Gabe, e o jovem riu como se aquilo fosse uma ótima piada.

— Ah, sim.

— Bom saber — disse Gabe. — Mande meus cumprimentos para todos, tudo bem? — Ele estendeu a mão de novo. — Bom ver você, Tom.

— Bom ver você, padre — respondeu ele e rapidamente apertou os lábios. Não chegou literalmente morder a língua, mas deu para perceber que era o que queria fazer.

Gabe ergueu a mão em um gesto de absolvição.

— Tudo bem, Tom — declarou ele com voz gentil.

Enquanto continuamos a nossa caminhada, meu irmão explicou que aquele jovem trabalhava na cervejaria que fazia parte da sua primeira paróquia. Ele às vezes ia à missa da tarde. Um monte de trabalhadores de lá fazia isso.

Eu disse:

— Ah, é?

— Nossa, esse calor está de matar — disse Gabe.

Ele puxou o chapéu para trás. Passou o lenço na testa. As solas dos meus pés estavam queimando, e uma bolha tinha se formado no calcanhar esquerdo. Senti o vestido grudando nas escápulas e o suor escorrer pelas costas. Gabe tocou meu ombro por um momento para me levar para uma sombra na rua, mas o calor não estava melhor ali. Ele parou em uma confeitaria de esquina e perguntou se eu queria entrar para tomar um refrigerante. Olhei para o lugar, senti a mistura de cheiros de café, jornal e leite e neguei com a cabeça.

Quando chegamos ao parque, fiquei surpresa ao constatar como tínhamos ido longe, embora, àquela altura, as minhas pernas parecessem inchadas dentro da meia-calça e a dor na bolha no calcanhar estivesse me fazendo mancar. Encontramos um banco em um lugar coberto e Gabe sugeriu:

— Vamos nos sentar um pouco antes de voltar.

Ele disse aquilo com um ar de derrota, como se tivéssemos combinado não parar.

Sentamo-nos juntos à sombra. Gabe cruzou as pernas e pousou as mãos no colo. Tirei o sapato esquerdo e senti a pele fina da bolha se afastar do couro e da seda. Tinha sangue na meia. Já era final de

tarde e o parque estava cheio de gente em busca de um alívio para o calor. Alguns já tinham encontrado um lugar para deitar na grama. Outros chegavam com cestas de piquenique. Havia crianças com tacos de beisebol e as luvas do jogo penduradas, esquecidas, ao que parecia, nas suas mãos. Mães com carrinhos de bebê. Homens sem paletó. Alguns com a camisa manchada de suor. Meu irmão tirou o chapéu e o colocou entre nós. Soltou a gravata e procurou no bolso cigarros e fósforo. Havia algo limpo, até mesmo refrescante, no cheiro do fósforo riscado e na primeira tragada do cigarro. Observei enquanto ele dava outra tragada e vi como ele tinha o rosto bonito — a barba macia e rala no seu rosto, o brilho âmbar da sua pele e o cabelo claro. Havia algo adorável na precisão da linha do cabelo na testa e na orelha, na articulação do maxilar. Suas mãos também eram bonitas, com dedos compridos. Elas tinham segurado um tecido branco no dia da sua ordenação. Haviam colocado a hóstia da comunhão na minha boca. Sua ordenação acontecera em um lindo dia de inverno. Minha mãe e eu pegamos o trem para o seminário juntas. Fomos direto para o hospital quando voltamos para que a minha mãe pudesse contar para o meu pai tudo que tínhamos visto.

Abri a minha bolsa e peguei o meu lenço. Tirei os óculos para enxugar o suor sob os olhos. Meus pais disseram: “Não somos tão encantados pelo sacerdócio como alguns”. Disseram também: “Um padre é muito bom. Mas uma família também é”.

Ao deixarmos o hospital naquela noite, minha mãe confidenciara: “Seu pai talvez preferisse vê-lo casado”.

Sem os meus óculos, olhei uma vez mais para o meu irmão, os meus olhos atraídos, talvez, pelo movimento do seu braço, o cigarro em seus lábios, a sugestão, na minha visão periférica, de uma bênção. Ali estava ele de novo, do modo como eu preferia, o dourado avermelhado do seu cabelo e pele, o borrão familiar do perfil visto pela minha visão distorcida: o modo como eu o conhecera quando éramos crianças, quando dividíamos o mesmo quarto. Ele não estava próximo — o calor exigia um bom espaço entre nós —, mas eu estava ciente da proximidade física e natural que conhecêramos na infância.

Levei o lenço aos olhos e, depois, coloquei os óculos de volta. Ergui o olhar e observei tudo, como o meu irmão estava fazendo. Vi as rodas prateadas de um carrinho de bebê elegante girando ao passar. E, então, uma mulher passeando com o filho magricelo, um dedo enluvado erguido no ar.

— Olhe isto — sussurrou Gabe quando duas adolescentes que eu conhecia entraram no parque. Usavam colarinhos clericais e gravatas vermelhas grandes do coral dos meninos. Nós as chamávamos de velas.

— Sacrilégio — reclamou Gabe, distraído. — E neste calor.

— Elas vão ver o bispo — disse eu.

— Então, elas deviam saber das coisas.

Uma das garotas acenou para mim, e, quando acenei em resposta, a outra acenou também. Então, a primeira garota fingiu tropeçar. Agarrou o braço da amiga, rindo alto, jogando a cabeça para trás, olhando para Gabe.

Percebi que ela estava flertando. Ele não. Senti-me mais velha do que todos eles.

Observamos um rapaz passar com um casaco sobre o ombro e um livro grosso na mão. Então, uma dupla de policiais balançando os cassetetes. Um trio de marinheiros magros. Vi um pombo ciscando a sujeira embaixo de um outro banco. Eu ouvia vagamente um passarinho cantando nas árvores, pouco

audível sobre o barulho ecoante do trânsito na rua.

Gabe jogou o cigarro no chão aos seus pés. Pegou o chapéu. O espaço entre nós agora era amplo. Ele se inclinou para a frente, apoiando-se no joelho, com o chapéu na mão. Ele falou sem se virar.

— Ele é digno de pena — começou em tom suave. — Aquela perna ruim. Uma aflição como aquela. Isso às vezes torna a pessoa mais misericordiosa. É de esperar que sim. Mas é mais comum que elas se tornem cruéis.

Olhei para as árvores, a paisagem fechada contra o céu sem cor. Eu amara Walter Hartnett pelo andar coxo, pelo sapato de solado alto, tanto quanto o amara pelo sorriso inteligente e os olhos cinzentos.

— Certa vez — contou ele —, estávamos jogando bola. Walter estava lá, mas era uma criança ainda. Isso foi bem antes de ele ter se tornado um grande comissário das ruas do Brooklyn. — Ele se virou para mim para ver se eu rira. Não ri. — Chegou uma ambulância — continuou ele — e parou bem na frente da casa dos Corrigan. É claro que fomos até lá para ver o que estava acontecendo. Os homens da ambulância já tinham subido metade da escada quando uma irmã de caridade saiu correndo da casa ao lado, acenando com os braços e dizendo: "Ela está aqui, ela está aqui". Então, eles se viraram e desceram as escadas da casa dos Corrigan e subiram os da casa vizinha. Todos nós seguimos bem atrás deles. Rapidamente, eles saíram com uma mulher idosa, a senhora Cooper, não sei se você se lembra dela, em uma maca. Morta, disse um de nós. Bêbada, sugeriu outro. Mas a freira disse: "Tomem conta da vida de vocês", e nos mandou embora.

Ele segurou o chapéu entre os joelhos, girando-o lentamente nas mãos.

— Então, nós voltamos para o nosso jogo — continuou ele —, mas estávamos discutindo sobre aquilo, do modo como as crianças fazem. Cada um de nós falando absurdos maiores do que o anterior. Ela estava morta ou era uma bêbada morta? Então, todos nós olhamos para Bill Corrigan, como se aquela fosse uma outra decisão para ele tomar. Mas Bill estava com os punhos cerrados apoiados com força nos joelhos e grandes lágrimas escorriam pelo seu rosto. "Foi a minha mãe?", perguntou ele quando nos aproximamos, com uma voz que nunca ouvíramos antes, falhada e sussurrada.

Ele continuava girando o chapéu nas mãos. Havia um pouco de cetim branco na parte de cima, elegante e arrojado, eclesiástico.

— Mencionei Bill em um sermão certa vez — contou ele. — Eu queria dizer algo sobre fé ou uma segunda visão, mas todos riram quando eu disse que tínhamos um árbitro cego quando éramos crianças. Então, meio que deixei o assunto de lado.

Ele deu de ombros. Havia mais crianças com tacos de beisebol e luvas passando por nós, mesmo àquela hora.

— Acho que foi algo naquelas lágrimas. Escorrendo no rosto de um homem-feito. Quantos de nós já tínhamos visto um homem chorar? Acredito que a fraqueza daquele momento despertou algo cruel em nós.

Ele fez uma pausa, olhando pelos caminhos do parque.

— Nós respondemos: "É, Bill, era a sua mãe, sim. Ela está morta". — Ele disse as palavras imitando as crianças de rua que foram um dia. — Então, nós simplesmente ficamos ali. Bill baixou a cabeça e os seus ombros perderam a forma. Foi uma questão de segundos, mas naqueles segundos, nós o vimos destruído. A vida dele inteira, o resto da vida dele, seja como for que ele a tenha imaginado, acabada. Apenas por alguns segundos. Percebemos que tínhamos causado aquilo. Tinha sido fácil.

Casual. Fizemos ele sofrer. — Ele meneou a cabeça e estreitou os olhos e a sua voz veio de algum lugar do fundo do seu peito. — Por alguns segundos — continuou ele —, nós saboreamos aquilo.

Ele meneou a cabeça.

— Foi Walter que, finalmente, disse para ele: "Não. Estamos brincando. Não foi ela. Foi a senhora da casa ao lado". E todos nós batemos nas costas de Bill, rindo de como o tínhamos enganado. Ele demorou um pouco para entender a piada. — Gabe olhou para o parque, ainda segurando o chapéu. — "Que brincadeira", disse Bill.

Mesmo mais tarde naquele dia, mesmo depois de todas as minhas lágrimas, o hábito de amar Walter Hartnett ainda não tinha me deixado, então, eu presumi que o meu irmão me contara aquela história para admitir que ele também já fora cruel e para provar que Walter já fora bom um dia.

— "Livra-me, ó Senhor, dos meus inimigos"[3] — disse Gabe, de repente, recostando-se. — "Livra-me dos que praticam a iniquidade."[4] Ele fez uma pausa. — Eu nunca mais gostei muito de jogar bola depois daquilo. Com Bill Corrigan sempre ali. Eu preferia ficar em casa.

Ele pousou a mão no espaço entre nós.

— Sinto muito que isso tenha acontecido com você, Marie — lamentou ele, cansado. — Existe muita crueldade no mundo. — Então ele acenou com o chapéu para indicar os caminhos pelo parque e as pessoas que os tomavam. — Você terá sorte se esta for a sua pior experiência com isso.

Virando-me para o outro lado, eu me abaixei de novo para examinar a bolha dolorida por baixo da meia-calça. Eu não acreditava nele. Não acreditava que pudesse haver algo pior do que aquilo. Não considerei naquela época que o meu irmão talvez já tivesse desejado ser outra pessoa. Que talvez tivesse carregado com ele a própria visão destruída de um futuro impossível.

— Você vai conseguir chegar em casa? — ouvi-o perguntar.

Respondi que eu ficaria bem se andássemos devagar.

Ele colocou o chapéu na cabeça e o ajustou alegremente. Quando se levantou, olhei para ele, o meu olho direito se contraindo por causa do sol. Toquei o braço dele. Mesmo através do tecido da manga do paletó, senti ele se retrair um pouco. Algo nele, ou nos seus músculos e ossos, se conteve.

— Quem vai me amar? — perguntei.

A aba do chapéu dele sombreou os seus olhos. Atrás dele, o parque fervilhava de estranhos.

— Alguém — respondeu ele. — Alguém vai amar você.

Dois

Certa vez, acordei e descobri que havia uma roda negra, com aro brilhante prateado, no meu olho esquerdo. Tom tinha se levantado um pouco antes. Ele estava em uma agitação silenciosa como sempre ficava naquelas manhãs escuras de inverno da nossa meia-idade — andando como uma sombra de um lado para o outro na frente da cama, com a silhueta recortada pela luz fraca do corredor. Estava cantarolando, como sempre, e, às vezes, sussurrava uma canção, sua voz profunda na garganta. A música "Believe Me If All Those Endearing Young Charms". Estava de camiseta e cueca samba-canção, e o quarto estava banhado do cheiro do seu sabonete e creme de barbear.

Até eu pegar os meus óculos, tudo isso tinha contornos indefinidos e indistintos. Tudo, a não ser a imagem negra e sólida que se impusera sobre a minha visão. Com a cabeça ainda no travesseiro, levei a mão em concha sobre o olho direito e, depois, o esquerdo. Era o esquerdo.

— Tem uma coisa errada — disse eu, sentando-me devagar. — Tem uma coisa no meu olho.

Ele ficou em silêncio de forma abrupta. Atravessou o quarto até o meu lado da cama, sentou-se com cuidado na beirada do colchão. Colocou um dedo torto sob o meu queixo e ergueu o meu rosto e se inclinou na minha direção. Olhei para o teto sombreado para não piscar. Senti o cheiro do creme dental no seu hálito, do sabonete em seus ombros roliços e da colônia pós-barba na sua mão quente.

— Não dá para ver — respondeu ele.

Pedi que ele acendesse o abajur.

Ele se inclinou para a mesinha de cabeceira, o colchão cedendo sob o seu peso. Ele se virou de novo. Agora, a luz lançava no teto um brilho suave e dourado. Ergui o queixo de novo, com cuidado, até com modéstia, o prelúdio de um beijo, e ele olhou novamente para os meus olhos.

— Não consigo ver nada de diferente — disse ele.

Foi o meu próprio medo, assim como a minha surpresa com o vislumbre de desejo que tocou as minhas costas quando ele levou a mão ao meu rosto que me fez falar de forma tão impaciente:

— Dê-me os meus óculos.

Ele os pegou — eu mesma poderia ter feito isso —, e eu os coloquei. Cobri o meu olho esquerdo com a mão em concha, e o quarto entrou em foco com todos os seus contornos distintos. Olhei para o rosto dele que estava visível de novo. Vi a irritação da lâmina de barbear em sua face, uma gotinha de sangue na bochecha. Mesmo agora a sua pele ainda era lisa, embora houvesse algumas rugas de sorriso, como se tivessem sido desenhadas a lápis, no canto dos olhos. Seus lábios eram finos e sérios. O queixo tinha ficado um pouco indolente. Parecia que já fazia muito tempo desde que eu o olhara tão de perto. Cobri o olho direito e a roda preta se sobrepunha a tudo.

— Tem uma coisa errada — repeti. Estendi a mão como se quisesse afastar o que quer que fosse. — Tem uma coisa preta no meu olho esquerdo.

Tracei um círculo no ar diante de mim e, então, tentei arrancar aquilo. Eu sabia que estava parecendo uma tola — como uma louca de camisola, com o cabelo despenteado, tentando agarrar o ar.

— Tem um brilho — descrevi. — Como se fosse um aro virando. Não consigo afastar a imagem.

Cobri o olho esquerdo de novo e olhei para ele. Eu sabia que não era incomum que os maridos se aborrecessem com esposas doentes. O bairro estava cheio dessas histórias. Tom, porém, baixara o queixo em direção ao pescoço e os seus olhos, de repente, ficaram mais profundos. Havia mais preocupação do que impaciência na expressão do seu rosto e nenhum tom de impaciência na sua voz.

— Melhor chamar o médico — concluiu ele.

Eu o ouvi cantarolando de novo na cozinha, enquanto aguardava o médico atender, a música era uma insistência de que estava perfeitamente calmo, que nada tinha mudado nos últimos minutos, nada de perturbador ou insuperável. Ouvi-o explicando tudo para Gabe quando ele desceu para tomar o desjejum: Marie parece ter machucado seu olho esquerdo, explicou ele. Em algum momento da noite.

No final da tarde, eu estava usando um tapa-olho e Tom me acompanhou até um hospital em Manhattan. Claro que as igrejas deviam ser a nossa base, um casal de católicos como éramos. Contudo, a verdade era que os corredores ladrilhados daqueles antigos hospitais urbanos marcaram os verdadeiros acontecimentos da nossa vida juntos. O nascimento dos nossos quatro filhos, a morte da minha mãe, as operações de garganta e apêndice das crianças no decorrer dos anos, a hérnia dele, o colapso de Gabe, e, agora, aquela cirurgia, no dia seguinte, para consertar o meu olho esquerdo. E não seria um corredor bem semelhante àquele que serviria como pano de fundo para a nossa última despedida?

Mas uma das mãos de Tom segurava o meu cotovelo naquele momento, e a outra carregava a bolsa que o oftalmologista dissera para eu arrumar, mas da qual não precisaria segundo a enfermeira que nos recebeu. Tom dera um jeito de conseguir um quarto particular e, assim que me acomodei, chegou uma bandeja de jantar para ele, embora eu só pudesse beber um pouco de água. Havia a estranha domesticidade do final da tarde, o cheiro de comida, o som do noticiário na tv, o ruído dos talheres e nossa conversa sobre coisas comuns, enquanto o hospital seguia sua rotina barulhenta de recados dos médicos e distribuição de remédios, e enfermeiras entrando, de vez em quando, para oferecer informações sobre o pré-operatório ou qualquer outra coisa.

De manhã — a aurora amarronzada da cidade vista pela janela estreita do quarto —, Tom estava lá de novo, mas ele só tocara a minha mão e dera um beijo na minha testa antes de eles chegarem para me levar para o centro cirúrgico. Levaram-me na mesma cama na qual eu dormira, de modo que, enquanto viravam a cama para passar pela porta e seguir na direção do elevador, olhei por sobre o ombro e acenei para Tom como se fosse uma mulher passando por ele em um trem. Ele ficou sozinho naquele quarto estranho e vazio, não demonstrando nem um pouco de preocupação no seu sorriso brilhante ou no aceno garboso, mas um medo e uma tristeza descarados em seus olhos e testa.

O que se seguiu foram dez dias de cegueira. Tiveram de cobrir os dois olhos com bandagens para que o olho saudável não ficasse se mexendo e, inadvertidamente, prejudicasse o olho operado. Parecia um pouco demais, disse eu para o médico, mas ele me assegurou que aquilo era o melhor a se fazer — um pequeno inconveniente naquele momento para um desfecho melhor mais tarde. Reconheci a expressão persuasiva do meu primeiro trabalho de parto quando, no auge da dor, o anestésico fora retirado. Um pouco de paciência, pediu o cirurgião ocular — depois de ter sido reduzido pela minha cegueira a um par de dedos secos e cheiro do que quer que fosse no seu hálito, café e bacon pela manhã, ketchup ou cebola logo depois do almoço —, para que o seu olho fique bem curado.

— Os meus olhos — contei para ele, a cegueira fazendo com que eu erguesse o queixo para falar — nunca ficaram totalmente curados.

No entanto, ele era de algum país da Europa Oriental e não entendeu bem o que eu queria dizer com aquilo. Ele apenas colocou a ponta dos dedos gorduchos no meu queixo e pediu:

— Tenha paciência.

Ao que respondi:

— Uma paciente paciente. — Ainda assim, ele não respondeu, embora, em algum lugar do quarto, Tom e Gabe tenham rido.

— A minha esposa, doutor, sempre terá a última palavra.

Em algum lugar do quarto naqueles dias longos de escuridão, os meus filhos se sentavam, conversando, na maior parte do tempo, entre eles, sobre onde tinham conseguido estacionar os respectivos carros e a que horas tinham saído de casa, a que horas deviam voltar para evitar o congestionamento: deviam pegar o túnel ou a ponte, a Southern State ou a L.I.E. Eu ouvia o farfalhar das roupas de inverno, o som do zíper abrindo e fechando. Havia o chacoalhar de chaves de carro e o cheiro do cano de descarga. Eu ouvia as vozes familiares com uma vaga indiferença. Tagarelice e tinidos. Foi a primeira sensação de suas vidas seguindo sem mim.

Quando acordei, estava sentada na cama. Não tinha como saber que horas eram. Agucei os ouvidos, nenhum ruído de bandejas de refeição nem o cheiro das roupas de visitantes. Talvez fosse o silêncio de uma mudança de turno, ou talvez fosse tarde da noite ou muito cedo de manhã. O som do trânsito da cidade estava calmo e esporádico o suficiente para me mostrar que ou era tarde da noite ou muito cedo de manhã. Os travesseiros estavam arrumados atrás de mim, e as minhas mãos estavam frouxas ao lado do meu corpo, por cima do cobertor térmico, cuja textura eu começara a conhecer como uma pessoa que enxerga seria capaz de conhecer um rosto familiar. Procurei a minha voz, e mesmo a forma como eu tentava encontrá-la me lembrava como uma pessoa cega poderia levar as mãos em direção a algo que tinha caído fora do seu alcance.

— Olá — disse eu por fim, com a voz fraca, sentindo-me tola por estar falando em um quarto vazio no meio da noite, ou uma ou duas horas antes do desjejum, mas acrescentando, ainda assim —, tem alguém aí? — cedendo à tolice para evitar ser tomada pelo medo.

Tive a terrível visão de mim, sozinha, naquela cama branca, meu nariz empinado, a gaze em volta dos meus olhos, imaginei o quarto escuro, mas como já fazia um tempo que eu vira aquele quarto — e eu o vira apenas brevemente —, não tinha como ter certeza se os detalhes eram reais ou imaginados, o quarto verdadeiro ou uma compilação de todos os quartos de hospitais em que eu já estivera. Imaginei o prédio à minha volta, o pulso constante de todos os corpos que dormiam ali, um quarto depois do outro em cada um dos andares. Algo do cemitério Calvary ou Gate of Heaven, sobre as fileiras de camas claras e todos aqueles estranhos com os próprios olhos e orelhas problemáticos inconscientes naquele momento, as cabeças apoiadas para trás, as bocas abertas, respirando suavemente naquela luz cinzenta entre a noite e o dia.

Ouvi o som de movimento, um pouco distante da cama, parecia a respiração de alguém e o som suave de alguém se mexendo com calma em alguma parte invisível do quarto invisível.

— Eu — respondeu uma voz rouca. Então, depois de limpar a garganta de forma discreta. — Estou aqui.

Hesitei. Vou admitir que eu estava com medo. Senti meus olhos inúteis se moverem atrás das gazes.

— Quem está aí? — perguntei.

Os dias de cegueira tornaram a minha voz impaciente e cautelosa.

Eu conhecia ele, é claro, pelo seu riso.

— Tom — respondeu ele. — Quem mais?

Como Walter Hartnett dissera: “Você não vai querer ir para a cidade de Nova York” — e a pobrezinha da Pegeen Chehab não chamara a cidade de lugar imundo? Analisava os anúncios de emprego no jornal todas as manhãs enquanto a minha mãe e Gabe se arrumavam para o trabalho e, depois, dizia a eles à noite quando voltavam:

— Não tinha nada para mim.

Eu talvez ainda estivesse de pijamas ou com um penhoar. Estaria sonolenta e entediada, e o apartamento estaria com cheiro de esmalte ou sais de banho ou cigarros, que eu começara a fumar no meu último ano na escola, na esperança de parecer glamorosa.

— Não havia nada para mim — dizia eu.

Minha mãe pegava o jornal, que estava sempre desarrumado e todo lido, ou o pegava na lata de lixo se eu tivesse me lembrado de jogá-lo fora.

— Aqui — apontava ela, segurando o jornal debaixo do meu nariz. — E quanto a este aqui?

Eu baixava o olhar desdenhoso.

— Sim, mas é no centro da cidade. — Ou fingia estar surpresa com a tolice da minha mãe: — Mas este é em Wall Street. Eu não vou trabalhar lá.

Gabe estava trabalhado para a it&t na Park Avenue. Ele saía da cozinha com um copo de bebida na mão, o único drinque que tomava após o trabalho, o colarinho aberto e a gravata frouxa.“Você não vai conseguir arrancá-la do Brooklyn”, dizia ele. Ou ainda: “Ela é só uma garota do Brooklyn”. E diminuía a raiva da minha mãe com uma piscadela e um leve movimento de cabeça e um toque gentil em seu ombro, o que, na verdade, era apenas um pedido de paz.

Tudo que Gabe queria naquela época, dizia ele, era paz e tranquilidade necessárias para um homem ler.

Desde a minha formatura, ele já agendara duas entrevistas para mim no departamento de datilografia no seu escritório, e nas duas vezes eu me recusara a ir. Até mesmo minha mãe, que trabalhava como costureira na Best and Company, tinha desistido de insistir para eu aceitar um emprego de vendedora lá. Todas as noites daquele verão e outono nós nos enfrentávamos na sala conforme a luz do dia ia se desvanecendo.

— A nossa Marie — anunciava Gabe, com o colarinho aberto e o drinque que tomava depois do trabalho na mão — jamais vai deixar essa ilha soberana, mamãe, este Brookyn — e com charme, acalmando a minha mãe para conseguir um pouco de paz, a paz necessária para que pudesse ler. — É melhor você encarar os fatos.

Embora, quando chegasse a hora, quando o bairro que conhecêramos ruísse e não existisse mais, seria Gabe quem se recusaria a ir embora.

No final de setembro, cheguei da missa com a minha mãe e Gabe, peguei o jornal de domingo do sofá. Enquanto eles colocavam a mesa para o café da manhã na cozinha, sentei-me à mesa de jantar com ele — aquela era a minha rotina — e virei as páginas devagar o suficiente até que, ao chegar a uma delas, percebi que faltava um pedaço da página. Uma coluna comprida tinha sido removida de forma caprichosa. Olhei para aquilo, sem entender por um momento. O corte começava em uma parte de um anúncio de sapatos femininos e se estendia por um trecho de uma matéria que começava na página 1, algo

sobre o primeiro-ministro inglês, um grande herói para Gabe naquela época. Olhei para o outro lado da página e vi que era a primeira página da coluna social, casamentos. E fora daquela seção que a coluna comprida havia sido cuidadosamente retirada. Fechei o jornal quando Gabe entrou com o chá e um prato com torrada e me perguntou em tom casual:

— Alguma novidade acontecendo no mundo?

Eu poderia ter respondido como Joan Blondell (eu tinha ido ao cinema com Gerty na noite anterior): "Você acha que sou idiota?", não fosse o olhar circunspecto que Gabe lançara para o jornal espalhado pela mesa.

— Nada de interessante — respondi de forma vaga.

É claro que fora Gabe quem cortara a coluna, o anúncio do casamento de Walter. A minha mãe não lia o jornal — na verdade, reclamava muito em relação ao tempo que os filhos dedicavam à atividade —, mas Gabe o lia, de cabo a rabo, nas primeiras horas da manhã, principalmente com tudo que estava acontecendo na Europa. Ele devia ter se levantado do sofá enquanto minha mãe e eu ainda estávamos dormindo, ido até a cozinha para pegar a tesoura. Eu poderia ter dito para ele naquele momento, bem no estilo hollywoodiano, você me toma por uma tola? Você realmente acha que eu não conseguiria somar dois mais dois?

Eu sabia que Walter tinha se casado, é claro. Conhecia pessoas do bairro que tinham sido convidadas. Na verdade, observei pela janela quando Bill Corrigan e a sua mãe entraram em um táxi, a mãe vestida com roupa de domingo em uma manhã de sábado.

Contudo, algo sobre o gesto de Gabe, a sua generosidade e futilidade, fez com que eu simplesmente dobrasse o jornal e o colocasse em outra cadeira.

— Eu não vou ficar lendo tudo — respondi. — É tão chato.

Gabe assentiu, encabulado, talvez. Mas satisfeito.

Eu o observei com as mangas da camisa dobradas, enquanto pegava os pratos e os talheres no bufê. Ele também fora ao cinema na noite anterior com uma garota do escritório com quem estava saindo, Agnes. Chegara depois que minha mãe e eu já tínhamos nos recolhido. Eu acompanhara sua sombra quando ele passou pelo nosso quarto para entrar no dele, ouvi o barulho dos sapatos caindo no chão e o tilintar baixo da fivela do cinto, enquanto se despia. Eu sabia, sem escutar, que ele tinha se ajoelhado para rezar antes de se deitar. Fiquei escutando por um tempo até que ouvi a respiração calma do seu sono relutante. Quando me virei de novo, vi na penumbra iluminada pelas luzes da rua que a minha mãe também estava acordada, escutando também.

Levantei-me da mesa para ajudá-lo. Como se a sua artimanha realmente tivesse funcionado, ele ficou despreocupado. Esbarrou em mim com o seu quadril quando passei por ele carregando uma xícara e um pires, brincalhão e fraternal, o cheiro da loção pós-barba dominical e de goma. Começou a me falar sobre as notícias, sobre a Tchecoslováquia e a Alemanha e a possibilidade de guerra. Assenti, mal escutando. Se eu tivesse visto a fotografia da noiva perfeita, eu a teria analisado, é claro. Eu teria lido, sofrendo o tempo todo, os detalhes dos convidados e do vestido dela, de suas escolas chiques. Os meus olhos teriam se demorado no nome: Walter Hartnett, filho de Elizabeth Hartnett e do pai bigodudo.

Gabe achou melhor me preservar daquilo. Achou que poderia.

Minha mãe carregou um prato de ovos fritos e bacon. Meu irmão parecia uma vitrola eloquente, em

pé atrás da sua cadeira à mesa, enquanto minha mãe nos servia. Nós duas olhando para ele de onde estávamos. Isso era, pensei, a linguagem dos homens tímidos, dos homens solitários demais com suas leituras e suas ideias — política, guerra, países distantes, tiranos. Homens que enterrariam as próprias cabeças nesses assuntos apenas para desviarem o olhar do simples coração partido de uma mulher.

Quando finalmente se sentou e mordeu a torrada, ergui a minha xícara e brindei:

— *Amadan*.

Minha mãe estalou a língua, desaprovando. Gabe riu. É claro que achou que eu estivesse me referindo aos seus assuntos políticos. E me elogiou posteriormente pela minha perspicácia.

Agora, um início de noite no final de outubro, minha mãe entrou na cozinha ainda usando o chapéu e as luvas. Eu estava descascando batatas na pia. No final do verão, minha mãe declarou que se eu não fosse arrumar um emprego, eu teria que, pelo menos, ficar responsável por começar a preparar o jantar para os membros que já tinham um — embora minha inaptidão na cozinha já estivesse tão estabelecida naquela altura que cozinhar batatas ou preparar a carne com um pouco de sal fosse o máximo que minha mãe ousava determinar para eu fazer.

— Fagin — anunciou minha mãe, ainda usando um chapéu e as luvas e carregando o seu livro de bolso — precisa de uma ajudante. Você tem uma entrevista com ele amanhã às nove horas da manhã.

Fechei a torneira. Olhei por sob o ombro.

— O agente funerário? — perguntei

Minha mãe assentiu, sorrindo, presunçosa e convencida.

— Eu me encontrei com ele no caminho para casa. A funcionária dele, a adorável Betty, está grávida. Ela vai deixar o trabalho assim que ele contratar alguém. Use o seu conjunto bonito. Se ele gostar de você, você terá um emprego bom e estável, bem aqui no Brooklyn. Exatamente como você queria. — Ela começou a tirar as luvas, sorrindo, satisfeita consigo mesma. — Sente-se, querida — ofereceu ela, generosa, todas as brigas do passado esquecidas agora que ela vencera. — Vou trocar de roupa para terminar o jantar. — O que constituía a rotina diária, mas que, naquela noite, a minha mãe dissera como se se tratasse de outra concessão. Ela se virou para sair da cozinha, cantarolando. Cantarolando.

As batatas que eu descascara estavam empilhadas na bancada ao lado da pia, cercadas por uma pequena poça da sujeira enxaguada com água. A cor delas, recém-expostas, era de um pálido doentio e ainda exalavam o cheiro da umidade fria da terra. Com seus olhos cegos e rostos mudos amarelados, pareciam ser exatamente o que eram: criaturas pálidas subterrâneas criadas sem luz — subsistência.

Será que era de admirar que eu odiasse cozinhar?

— Não quero trabalhar para Fagin — declarei, mas com voz fraca.

E eu sabia que a minha mãe fingia não ouvir.

A funerária ficava em um prédio de arenito a oito quarteirões de distância. O senhor Fagin, que era alto e tinha ombros largos, com uma cabeça pequena e elegante, encontrou-me na porta ao chegar, pois tinha saído para buscar o jornal. Subimos a escada juntos até o seu escritório no segundo andar. O andar da funerária, explicou ele, era para os velórios, o porão era onde ele e seus assistentes preparavam os

corpos, e o segundo andar era destinado aos negócios. Ele e a mãe moravam no terceiro andar.

Ele abriu a porta do escritório e estendeu o braço, sem dizer uma palavra, indicando que eu deveria entrar primeiro, o que, de repente, me fez lembrar da época do funeral do meu pai, quando, para mim, ele fora apenas uma figura grande e escura, dirigindo-nos, a todos, de forma silenciosa, mas eficiente: para o caixão ou para o carro ou para o banco da igreja e, então, para o cemitério lotado. Eu não tinha lembrança do rosto dele naqueles dias terríveis, apenas da sua sombra benevolente.

Ainda assim, o seu rosto era, pensando naquele momento, sentada em frente a ele, surpreendentemente agradável. Havia bolsas embaixo dos olhos, mas o rosto era macio e rosado, e ele tinha um sorriso discreto, mas agradável. Ele fora ruivo no passado. Embora naquela época estivesse grisalho, havia um ar de fanfarrice infantil e alegre no cabelo ondulado, domado com água. Ele se parecia mais com um policial ou um padre atlético do que com um agente funerário. A sala que usava como escritório não era grande, mas tinha de tudo: uma escrivaninha grande e escura, estantes de livros e uma oratória, uma mesinha com uma garrafa de cristal para o xerez, uma garrafa de uísque e uma de gim. Ele se sentou de costas para a única janela da sala que dava para uma árvore frondosa, cheia de folhas que se tingiam de amarelo e dourado. Havia pastas pretas nas prateleiras das estantes e pilhas de livros de oração, uma Bíblia e um dicionário, além de uma coleção das obras de Charles Dickens encadernadas com couro de qualidade.

Posteriormente, ele me disse que a sua intenção era recuperar o nome Fagin[5] do bastardo — um escritor, dissera ele, a quem amava e admirava e desprezava no que acreditava ser a maneira como irmãos de verdade se relacionavam.

Também havia em uma das prateleiras, entre os livros, uma cabeça sem corpo de uma boneca de porcelana, com cabelos encaracolados e bonitos com um sorriso de botão de rosa, e o que poderiam ser cílios humanos na ponta dos olhos fechados. Um modelo, explicaria ele depois, para o rosto de uma criança descansando em paz. Aquela foi a única coisa ali que me causou certo desconforto.

Ele me perguntou, educadamente, pela minha mãe e pelo meu irmão, e tentou se lembrar, de modo preciso, bem como era costume do Brooklyn, a rua e as ruas adjacentes ao nosso apartamento. Ele perguntou:

— Ao lado da casa dos Chehab, donos da padaria?

E eu respondi que sim.

Ele assentiu, pensativo.

— Pobre Pegeen — lamentou ele, apertando os lábios para demonstrar, de forma profissional, tanto os seus sentimentos pela perda deles como a sua completa resignação em relação ao que não poderia ser mudado. — Havia uma grande beleza ali.

Eu já gostava dele o suficiente àquela altura para saber que ele dissera aquilo como um galanteio e não por causa de uma falha na memória.

— Nada pior do que uma mãe ter de enterrar o seu filho — disse ele. — Os piores dias da minha vida são quando tenho de enterrar o filho de alguém.

Seu sotaque era do Brooklyn, mas também carregava certo vestígio do irlandês, que devia ter ouvido muito na infância, e isso me fez pensar no meu pai.

O serviço era bastante simples, como ele explicara. Nos seus vinte anos de trabalho, sempre tivera

uma funcionária na folha de pagamento. Ela não teria nada a ver com a preparação dos corpos, é claro. (Eu respondi "Graças a Deus", surpreendendo-me por ter dito aquilo em voz alta. Fagin riu.) Eu só precisaria agir como uma boa anfitriã, cumprimentando os enlutados e levando-os para o lugar correto, recolhendo os cartões da missa e pedindo para que assinassem o livro ou ocupassem seus lugares para rezarem o terço. Nos velórios domiciliares, você fica na porta do apartamento, dissera ele, pegando os casacos e indicando o local onde o corpo se encontra. Eu seria particularmente útil para ele quando houvesse um velório acontecendo ali, na funerária, e outro na casa de alguém, como os "antigos" ainda preferiam, pois para ele era difícil estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Ele riu de novo e brincou:

— Para dizer a verdade, é sempre difícil estar em dois lugares ao mesmo tempo. Você pode até dizer que isso é impossível — e ergueu as sobrancelhas avermelhadas.

Fiquei aliviada ao perceber que ele não era um homem solene.

Ele apoiou os cotovelos na mesa e cruzou as mãos diante de si. Eram grandes e fortes, mas, ainda assim, talvez por serem tão brancas, pareciam leves.

— Do meu ponto de vista, você vai fazer duas coisas por este estabelecimento — continuou ele. — Ele ergueu as mãos como se estivesse medindo uma em relação à outra. — A primeira, vou tentar explicar... — ele parecia buscar a palavra adequada — ... de forma delicada. — E ergueu as sobrancelhas de novo. — Somos todos homens aqui. Eu e meus dois assistentes, embora, é claro, os corpos que recebemos aqui sejam tanto de homens quanto mulheres de forma equilibrada. Talvez mais mulheres, para dizer a verdade. Maridos e filhos e irmãos vão até o caixão das suas entes queridas e veem o trabalho que fizemos: o cabelo, o blush, o bonito vestido para o enterro. Sem dizer nada eles podem começar a pensar, quero dizer, não todos, só alguns deles, que talvez possa ter faltado... — Ele fez uma pausa e olhou, com certa preocupação, sobre os dedos grandes, diretamente para o meu rosto, que senti que estava ficando quente — ... um pouco de privacidade na preparação do corpo.

Fez uma nova pausa e olhou para mim a fim de avaliar a minha reação, então sorriu, como se estivesse satisfeito por ter terminado a pior parte.

— É claro que ninguém menciona isso. Nos meus vinte anos de negócio, nenhum marido ou pai ou irmão jamais disse qualquer coisa... sobre isso, quero dizer. Mas eu acho que pensam, sabe? Então, eu sempre tenho uma mulher trabalhando comigo. Não para fazer o trabalho, é claro. Não para lidar com os corpos. Não mesmo! — Então, descansou as mãos leves sobre a mesa por um segundo, como se quisesse se recuperar daquele pensamento. — Mas para fornecer algum tipo de resposta para os homens que talvez pensem no assunto, sobre a privacidade, quero dizer. Eles podem dizer para si mesmos — nesse ponto, ele alterou a voz, tornando-a pensativa — "bem, ele tem aquela amável jovem trabalhando com ele. Talvez tenha sido ela quem abotoou o vestido ou passou o batom ou arrumou o cabelo". E ao pensarem nisso, eles se libertam de certo modo. Não precisam mais pensar no assunto.

Ele fez outra pausa, analisando a minha reação. Apenas assenti para mostrar que tinha compreendido, embora, para dizer a verdade (esta, aprendi também, era a expressão favorita do senhor Fagin), eu não entendi. Não naquela época.

Na árvore verde e dourada atrás dele, as folhas banhadas de sol balançavam com as sombras dos pássaros. Uma doce brisa outonal entrava pela janela aberta, carregando um pouco do cheiro do lixo do

beco dos fundos.

— E tem outra coisa — continuou o senhor Fagin, voltando a sua atenção para as duas ideias que indicara com as mãos largas. — A vigília, seja ela longa ou curta, é um peso para a mente. Eu não estou me referindo ao velório — acrescentou ele, rapidamente. — O velório é mais um alívio do que a maioria das pessoas percebe. Estou me referindo à vigília que acontece antes da morte de alguém. Acredito que você saiba do que estou falando pela experiência que teve com seu pobre pai. Ninguém precisou me dizer quando o corpo chegou aqui que ele passara por um terrível sofrimento. Dava para perceber. Depois de uma doença prolongada como aquela, a mente de todas as pessoas que fizeram vigília por ele está dormente. Estou certo de que não preciso dizer isso para você.

E desviei os olhos por um momento, deixei-os descansar no meu colo para que não ficassem marejados. Eu ficara em vigília pelo meu pai no vestíbulo do hospital, lendo revista, observando estranhos passarem, muitos dos quais carregando flores ou ursos de pelúcia, alguns chorando. Foram minha mãe e Gabe que ficaram ao lado da cama dele.

— E uma morte repentina não é nada diferente. É pior, creio eu — disse o senhor Fagin. — Veja bem o caso de Pegeen. Porque quando ocorre uma morte repentina, todo mundo fica pensando nos dias que a antecederam, os dias que constituíam uma vigília, afinal de contas, uma vigília que todos estavam fazendo sem saber. — Ele mexeu os ombros e pareceu estremecer um pouco. — Ainda pior — concluiu ele. — Mas é aí que você entra. — Ele abriu a mão direita e a estendeu na minha direção. — Aí está você. Você é o anjo consolador — continuou ele, apontando para mim com a enorme mão. — Só de olharem para você já serve de consolo para os olhos cansados. — Ele cerrou os punhos, deixando apenas o polegar gorducho esticado, o qual ele usou para indicar a prateleira por sobre o ombro. — Na época de Charles Dickens — explicou ele —, sempre havia crianças enlutadas. Crianças enlutadas profissionais. Eu peguei a ideia dele. Está em *Oliver Twist*, o livro que macula o meu bom nome. — Ele deu um sorriso irônico. — Você já leu *David Copperfield*?

E como eu ainda não sabia se queria o emprego, não senti o impulso de mentir.

— Não — respondi. Eu havia lido *Um cântico de Natal* na escola e ficara frustrada ao descobrir que ninguém sabia dizer ao certo, nem mesmo a minha professora de inglês, se o senhor Scrooge realmente fora visitado por espíritos ou se aquilo não passava de um sonho.

— Pois deveria — aconselhou o senhor Fagin.

E, de repente, ele se levantou para pegar o livro na estante. Era um homem grande e encorpado no seu terno, ainda assim, a cabeça pequena fazia com que parecesse ser mais jovem do que era. Quando se virou de novo para mim com o livro nas mãos, um dos volumes remanescentes se inclinou um pouco, acomodando-se no espaço vazio. E ficaria assim pelos dez anos em que trabalhei para Fagin, até que eu devolvesse o livro para ele no meu último dia — já casada àquela altura e grávida do meu primeiro filho —, desculpando-me por estar sempre perdendo o fio da meada.

O senhor Fagin se sentou novamente e escorregou o exemplar de *David Copperfield* pela mesa. Peguei o livro com as mãos enluvadas e o pousei no colo. Era mais pesado do que um missal.

— Eles sabiam bem o que estavam fazendo naquela época — continuou o senhor Fagin. — É um repouso para olhos cansados, no final de uma longa vigília, a visão de alguém jovem, uma mulher adorável como você. Isso nos faz lembrar da vida. Vida novamente, e também da esperança da

ressurreição.

Ele ficou em silêncio por um instante, avaliando-me. Senti o rosto queimar. Eu jamais ouvira alguém se referir a mim como uma mulher adorável. Então, ele olhou para as mãos, como se quisesse se certificar de que tinha explicado claramente cada uma das coisas que quisera dizer. Pousou as mãos na mesa novamente e olhou para mim.

— Este é o seu único traje de trabalho? — quis saber ele.

A pergunta me surpreendeu. Respondi que sim, ainda sem saber direito se eu queria o emprego.

— Mas eu sempre posso pegar um emprestado.

— Você tem bons vestidos? — perguntou ele.

Respondi que sim, mas sem muita convicção, e ele comentou, quase para si mesmo:

— Provavelmente roupas de escola. Saias e suéteres.

Respondi:

— É.

— Vestidos são mais adequados para as horas de visita — explicou ele. — Fazenda de lã em cores escuras, mas não pretos. Azul-marinho ou verde-escuro são ótimas opções. Equilibradas e elegantes. Com um toque de perfume atrás das orelhas. Betty usa Evening in Paris.

Ele abriu a gaveta da escrivaninha e pegou um pequeno cartão e o deslizou pela mesa.

— Muriel, na loja de departamento Abraham & Straus no centro da cidade. Vá vê-la. Ela conhece bem o trabalho. Vai ajudar você a escolher algumas coisas. Eu tenho uma conta lá. Compre cinco vestidos de qualidade e coloque na minha conta. Leve a sua mãe com você. Ela conhece o que é de boa qualidade. Não tem como você errar.

Peguei o cartão e o enfiei entre as páginas do livro.

Ele voltou a analisar o meu rosto.

— Você consegue enxergar sem esses óculos? — perguntou ele.

— Consigo — menti, porque agora eu queria o emprego.

Nunca na vida eu tinha comprado cinco vestidos de uma vez. Era uma luta para conseguir fazer a minha mãe pagar por pelos menos um a cada estação. Cinco de uma vez. Eu nunca ouvira falar em nada assim.

— Tire-os do rosto — pediu, e eu tirei. — Quantos dedos estou mostrando?

— Dois — respondi.

Ele riu.

— Três. Mas você não apertou os olhos. Bom para você. Nada pior do que uma garota quatro-olhos fazendo isso. Você pode usá-los aqui no escritório, mas vai precisar tirá-los nos velórios. Acho que não vai cair de nenhuma escada.

Assenti e coloquei os óculos de volta. Ele me analisou outra vez.

— Você vai se sair bem.

Ele se levantou e eu me levantei e, uma vez mais, ele me acompanhou até a porta sem dizer nada. No vestíbulo coberto com painéis, ele estendeu a mão. Era grande e macia e tinha um toque gentil. As mãos que tinham recebido o corpo desolado do meu pobre pai. Atrás dele, consegui ver uma sala com cadeiras e flores e a extremidade de um caixão brilhante. Olhei de novo para o senhor Fagin, o livro grosso

abraçado contra o peito como se eu tivesse acabado de sair da igreja. A minha mão ainda na dele, e eu soube, em um instante, como se fosse algo de que eu realmente pudesse me lembrar, que fora o senhor Fagin que me erguera para dar um beijo em Pegeen Chehab no seu caixão, tantos anos antes.

O trabalho provou-se ser tão simples quanto ele descrevera. Segui Betty, uma mulher robusta de cabelos castanhos, por uma semana e, a partir daí, fiz tudo como Betty fizera, falando de forma suave, mas pouco, e permanecendo, a maior parte do tempo, fora do caminho enquanto amigos e parentes do morto se juntavam para consolar e fofocar e, não raro, discutir uns com os outros em sussurros baixos e furiosos. Eu andava no carro da funerária, no banco da frente, ao lado do motorista, indo a cemitérios por toda a cidade — ao Bronx, Queens e até Long Island, onde eu fora apenas durante as viagens de trem até o seminário de Gabe. Eu ficava atrás dos enlutados, com os saltos mergulhando na terra quando a vigília chegava ao fim no que parecia ser um país ensolarado ou banhado de chuva, entre os túmulos da cidade cinzenta. Eu olhava para os bairros frondosos onde decidira que moraria algum dia, e quando eu voltava para a funerária, com um pouco de sol no rosto ou grama nos sapatos de qualidade, o senhor Fagin brincava que não teria de patrocinar uma criança da fundação de caridade Fresh Air naquele ano, porque já tinha a mim.

Certa vez, vi e comecei a entender o primeiro ponto que o senhor Fagin tentou me explicar naquela manhã. Um marido ou pai de luto poderia olhar para a velha esposa ou a jovem filha, assentindo com tristeza diante das palavras de conforto — ela está tão adorável, sua beleza foi restabelecida — e, então, de repente, olhava em volta. Mesmo sem os meus óculos, eu conseguia ver como os olhos deles recaíam no próprio Fagin nos fundos da funerária, ou em um dos seus dois assistentes, e por um instante, eu quase conseguia ver, com óculos ou não, o pensamento inoportuno sobre os procedimentos pelos quais o corpo da esposa, da mãe ou da filha — na funerária a gente dizia simplesmente “o corpo” — tinha passado durante as horas desde a morte. Quem a tocara e como. Então, eles olhavam para mim, e algum tipo de resposta seria fornecida; eles passariam, talvez sem saber, a se sentir seguros.

O segundo ponto, aquele que tinha a ver com *David Copperfield*, não ficou tão claro. No entanto, comecei a perceber aquilo, também, à medida que as semanas passavam. Eu passava o perfume Evening in Paris atrás das orelhas e no punho, o cheiro, combinado com os vestidos de qualidade da a&s, e os sapatos caros de salto que minha mãe providenciara, pareceram ter elevado o meu padrão de vida, conferindo-me uma maturidade que eu não tivera antes. Eu vi mulheres crescidas, mulheres da idade da minha mãe, baixarem a cabeça timidamente quando eu as cumprimentava na porta da funerária. Os idosos pegavam a minha mão ou se apoiavam no meu braço para se equilibrarem. Os jovens, que talvez não lançassem um segundo olhar na minha direção ao passarem por mim na rua, tocavam o chapéu e murmuravam: “Obrigado. Muito obrigado”, quando eu os acompanhava até uma cadeira ou lhes entregava um cartão de lembrança na saída. No decorrer do meu primeiro ano trabalhando para Fagin, duas ou três vezes um daqueles jovens ficara aguardando por mim até que eu saísse da funerária ou do apartamento no final de uma noite, esperando para perguntar o meu nome.

Nunca me aventurei até o porão da funerária, embora tenha começado a reconhecer o cheiro peculiar do que acontecia lá embaixo quando o odor sobrepujava o cheiro pesado das flores do funeral, o meu perfume e o ar do Brooklyn em geral: um cheiro nauseante e avinagrado que, às vezes, bafejava para

os andares superiores, mas que se dissipava rapidamente se eu abrisse uma janela ou a porta da frente. Mas depois das primeiras semanas, eu não sentia mais medo ao ver um corpo dentro do caixão na frente da funerária.

Se o corpo fosse de uma criança, o que era raro, mas não incomum na época em que trabalhei para Fagin, eu simplesmente ficava sem óculos e desviava o olhar. Aprendi a sair da sala discretamente ao som das lamúrias de uma mãe. Apesar das muitas vezes em todos aqueles anos em que pensei em Pegeen Chehab quando ficava no alto de uma escada bem alta, eu jamais pensara, até começar a trabalhar para Fagin, nos diversos tropeços que poderiam arrancar uma criança deste mundo: rotura de apêndice, coqueluche, tuberculose, pneumonia, envenenamento por chumbo, infecção por causa de uma mordida de cachorro (um anjo de menininha, dissera o senhor Fagin), além de acidentes e mais acidentes. Atropelamentos, afogamentos, choque por um ventilador; um garoto magrelo tentara saltar de um telhado para o outro, caindo no espaço entre os dois prédios — mesmo dentro do caixão dava para perceber como aquele corpo era novo para ele.

Posteriormente, diria para os meus filhos quando eles reclamavam que eu era uma mãe superprotetora sobre as menores coisas, ansiosa, supersticiosa, perseguida por pesadelos de desastres: "Vocês não diriam isso se tivessem visto tudo que eu já vi".

Contudo, eu rapidamente comecei a sentir que havia uma similaridade entorpecente na morte dos adultos, jovem ou velho, homem ou mulher. Talvez tivesse a ver com as particularidades da arte do senhor Fagin — eu escutara os dois assistentes reclamando mais de uma vez sobre a mão pesada que ele tinha com o blush —, talvez todos os agentes funerários, assim como qualquer artista, de Al Capp a Leonardo da Vinci, tivessem um estilo próprio que os distinguia, um estilo que fazia todo mundo ficar parecido.

Comecei a acreditar também que a própria ausência de vida dos corpos os tornava, de alguma forma, indistintos e anônimos. Embora o refrão favorito entre os enlutados fosse, sem dúvida, que o corpo na frente da sala estava "apenas dormindo". Nenhum sono natural se parecia com aquilo, os olhos que talvez pudessem se abrir novamente não poderiam estar costurados para permanecerem fechados. Além disso, tinha a sensação que passavam a mão ou o rosto ou o braço: rijos, frios e tão duros como se tivessem sido empalhados com pelo de cavalo. Mesmo entre os rostos que eu conhecia — eu vi, nos anos em que trabalhei na funerária, a minha professora do quinto ano, o pai de Dora Ryan, o homem que vendia sorvete italiano em um carrinho de empurrar, a velha senhora Fagin, o senhor Chehab e, é claro, o próprio Bill Corrigan —, havia pouca continuidade entre os vivos e os mortos. Eu já trabalhava na funerária havia alguns meses quando encontrei a coragem para arrumar alguns cachos de cabelo ou um rosário que tinha caído ou limpar um batom borrado, mas depois da primeira vez, fui uma aprendiz rápida.

Quando os garotos que me esperavam do lado de fora do velório, e, mais tarde, quando os jovens uniformizados começaram a encher a cidade assim que a guerra começou, perguntavam como eu conseguia aguentar — estar na presença da morte todos os dias —, eu soprava a fumaça do cigarro e ria de forma casual.

— São apenas corpos — respondia. — Como bonecas. Como conchas vazias. Poderiam muito bem ser sacos de batatas.

Um ponto de partida, em mais de uma ocasião, para os argumentos dos garotos, mais tarde na noite em questão, quando escorregavam as mãos para dentro da minha blusa ou pela meia-calça: “Somos apenas corpos, afinal de contas, apenas bonecos”. Um argumento que eu ficava mais do que satisfeita de permitir que fizessem, até certo ponto. Depois que fiz vinte anos, meu coração ficou curado, acho eu — embora a noção do que poderia ter sido ainda permanecesse: o vestido de noiva branco na bonita igreja, isso sem mencionar uma casa de campo —, mas eu não era nenhuma idiota.

E disse isso para Gabe uma noite bem tarde — na verdade, nas primeiras horas da manhã, a aurora já tingindo o céu através da janela da cozinha, iluminando a cortina na sala de jantar, mas ainda não chegando ao sofá onde ele estava sentado de roupão e chinelo, segurando um livro nas mãos, enquanto esperava, acordado, por mim. Eu estava chegando de um encontro com um soldado cuja mãe fora enterrada no dia anterior. Era um garoto tranquilo, em algum lugar no meio de doze filhos. Os filhos, e as diversas tias e tios e primos que foram ao velório, encheram a funerária de Fagin e o corredor e o vestíbulo com gritos trovejantes e riso e cumprimentos e discussões e conversas e choro. Tanta gente que, quando o padre conduziu a oração do terço, ao final de cada noite, o volume da resposta coletiva — santa Maria, mãe de Deus — era alto o suficiente, dissera Fagin, para arrancar as asas do próprio anjo Gabriel.

Rory, porém, o rapaz com quem eu tinha me encontrado, era um jovem delicado e magro, de rosto comprido. Eu pegara o seu quepe quando ele entrara pela primeira vez e, nos três dias que se seguiram, ele foi a minha sombra. Caseiro, pelo que pude perceber. Já de uniforme, vindo de Camp Crowder para enterrar a mãe e de volta ao serviço militar no dia seguinte, hoje, corrigi-me, explicando tudo para Gabe. Depois do funeral e da ida até o cemitério Gate of Heaven, tínhamos jantado juntos, ido ao cinema e, então, eu o acompanhara até a sua casa para ele pegar a bagagem; estava acontecendo algum tipo de problema com o encanamento, havia crianças de pijamas por todos os lados, tapando os narizes, rindo, batendo umas nas outras com o que pareciam ser cabos de vassoura e desentupidores de pia, o mundo caótico se fechando, feliz, sobre o desaparecimento da mãe. Parecia que ninguém nem estava notando a partida do pobre rapaz. Então, por consideração, expliquei para Gabe, fui com ele até a estação para esperar o trem, onde nós nos beijamos muito (mas não contei essa parte para Gabe) e dividimos um saco de rosquinhas e bebemos uma garrafa de uísque (também omiti essa parte) até às cinco e quinze da manhã.

Eu tinha pegado um táxi para voltar para casa, uma extravagância, eu bem sabia, mas não era melhor prevenir do que remediar?

Gabe estava sentado no meio do sofá, de roupão de banho e chinelos.

— Decidi me alistar também — contou ele em tom suave. — É melhor entrar antes.

Senti que eu cambaleava um pouco, ainda bêbada. Por todas as ansiedades que aquilo me causaria como mãe, por todas superstições que absorvi quando era criança, meu primeiro pensamento ao ouvir aquilo não foi em relação à segurança de Gabe, mas ao quarto e à cama, que seriam meus de novo se ele entrasse para o Exército.

— Agora, estou sentado aqui, preocupado em deixar a mamãe sozinha.

Senti um impulso de me sentar ao lado dele e dar uns tapinhas em sua mão, mas o uísque que eu

tomara me fez hesitar. Ele já tinha me passado um sermão. Tome apenas um drinque quando sair com um rapaz, isso é bastante simples. Assim, o rapaz vai respeitá-la. E ficará grato por não ter que gastar mais dinheiro. “Se você começar a ceder em pequenas coisas”, dissera ele, certa vez, citando alguém, “pouco a pouco você estará arruinada.”

— A mamãe não vai ficar sozinha aqui — respondi, mudando o peso do meu corpo cambaleante de uma perna para a outra. — Eu estou aqui.

Ele ergueu o braço e bateu no relógio de pulso.

— São seis horas da manhã — declarou ele, em tom bastante razoável. — Você esteve fora o dia inteiro e acabou de chegar em casa.

Olhei para a sala estreita para evitar o olhar de cenho franzido do meu irmão.

— Ah, por favor — respondi, tentando fazer a minha língua se comportar. — Esse foi um caso isolado. Um garoto voltando para o campo de treinamento. Ele acabou de enterrar a mãe. Eu não tinha como deixá-lo sozinho na estação de trem. Não fico até tão tarde na rua todos os dias.

Embora eu tivesse um encontro naquela mesma noite com o florista que também se alistara.

Gabe olhou para as mãos.

— Você fica andando por aí — começou ele. — E isso não é nada bom, Marie. Eu sei que você quer compensar pelo que aconteceu com Walter, você quer provar algo para si mesma. Como você é atraente, eu acho. Mas não é assim que você deve agir. Beber, e ficar saindo por aí. Isso só vai causar problemas.

Eu sabia o que ele queria dizer com “causar problemas” e fiquei surpresa ao descobrir como fiquei zangada com aquilo — era como se um raio de fúria negra tivesse atingido a minha cabeça. Fiquei furiosa por descobrir que era aquilo que ele pensava de mim: que os seus pensamentos tivessem tomado tal caminho, sentado ali, no escuro, com o seu livro, o de orações ainda por cima, esperando que eu chegasse em casa. Pensando, ali na escuridão, que eu estava em algum lugar da cidade — onde, nos bancos frios da estação de trem? —, entregando-me para um estranho apenas para provar que Walter Hartnett estava errado.

Eu me empertiguei, oscilando um pouquinho.

— Maldito padre — sibilei baixinho, mas alto o suficiente para ele ouvir. Eu não teria me atrevido a tanto se não fosse o uísque. — Santo do pau oco. — Tampouco. — Com a sua mente imunda. — Eu também não teria tido coragem de dizer isso, mas o uísque combinado com a verdade do que ele dissera sobre Walter Hartnett me fizeram chorar, de repente. — Eu não permito que ninguém tome liberdades comigo — afirmei. — Não mesmo. E eu não vou permitir que você pense isso de mim. — Bati o pé no chão. — Não vou mesmo. — Eu vi quando ele lançou um olhar para trás de mim, para o quarto onde a minha mãe dormia, e eu repeti, com a voz um pouco mais suave, mas não menos furiosa: — Não vou mesmo.

Abri a minha bolsa que estava pendurada no meu braço. Dentro, havia uma garrafa vazia de uísque, uma lembrança da noite. Também havia uma tabela de horários do trem, na qual Rory anotara o seu endereço, e o meu lenço, coberto com o batom e a canela açucarada que eu limpara da boca dele antes de entrar no trem. Tirei o lenço e o levei ao nariz: Evening in Paris e Old Spice. Tinha sido uma noite adorável.

Gabe se levantou do sofá e, com leveza, mantendo alguma distância entre nós, pousou as mãos nos meus ombros. Mais para evitar que eu acordasse a nossa mãe, suspeitei, do que para me confortar na minha indignação parcialmente justa. Baixei a cabeça para evitar a expressão séria.

— O que você sabe sobre as coisas? — perguntei em tom desafiador. — Um homem solitário e solteiro como você? O que você sabe? Você nem é casado.

Ele pode ter rido um pouco, e a sua diversão foi, de repente, ainda mais irritante do que a sua censura. Olhei para ele e disse:

— Vai arrumar uma esposa, filhinho da mamãe. Vai se casar com Agnes — e eu disse o nome dela da maneira que uma criança debochada teria dito na rua, o tipo de criança que jamais fui —, aí sim, você vai poder me dizer o que fazer.

Gabe comprimiu os lábios e seu rosto, de repente, foi tomado de pesar, como se as palavras duras tivessem sido proferidas por ele mesmo. Ele afastou as mãos dos meus ombros, as ergueu para mim para mostrar que estavam vazias.

— Alguns votos não podem ser quebrados — afirmou ele.

Tive de desviar o olhar. Eu sabia que ele acreditava mesmo naquilo, mas murmurei de qualquer forma:

— Bobagem.

Era tudo confuso, a fé do meu irmão, a sua vocação, os seus votos, seu fracasso, e pensar naquilo tudo me deixava impaciente depois de uma noite tão adorável. Eu gostaria que ele fosse um tipo menos complexo de homem.

Bati o pé no chão de novo.

— Peça desculpas — exigi.

Ele se afastou. Eu não olhei para ele. Podia ouvir o canto dos pássaros, dos pombos e pardais pela janela da cozinha. O sol da manhã avançava pelas rosas do tapete. Vi como a luz tocava a ponta dos pés compridos no chinelo, a pele pálida do peito do pé, tão branco quanto mármore.

— Tudo bem — ouvi-o sussurrar sobre a minha cabeça. — Sinto muito, acho que não consegui me explicar direito. — Ele se afastou ainda mais. — Só estou pensando em você — continuou ele. — Estou aqui para cuidar de você.

Levei o lenço cheiroso ao nariz. Os Rory dessa vida, com seus rostos alongados, tão doces quanto podem ser, teriam muito trabalho tentando chegar aos pés deste meu irmão tão sério.

Ergui os olhos e vi o pijama elegante e o roupão de flanela marrom cruzado sobre o peito e, então, a pele pálida do seu pescoço. Senti uma onda repentina de ternura: pescoço e peito do pé, será que existiam outros lugares no corpo mais vulneráveis e tristes? Será que eu dissera que ele era solitário?

Ele sussurrou:

— Nenhum de nós sabe a nossa hora, Marie. Com certeza você entende isso agora, trabalhando esse tempo todo com Fagin. — Troquei o peso do corpo para a outra perna. — É simples assim — continuou ele. — Eu não desejo nunca que você viva no pecado. Nem por um instante sequer. Não quero que nenhum de nós corra esse risco. Quero que fiquemos juntos na vida eterna. Exatamente como uma vez estivemos. — E eu o vi fazendo um gesto em direção à mesa de jantar, e sua toalha branca e o candelabro simples, tudo parecendo distante e sem cor na luz matinal. — Todos nós juntos de novo, como

costumávamos ficar. O papai conosco.

E, de repente, ergui a minha mão, ele ia me fazer chorar.

— Pode parar — pedi de forma tão firme que ele deu um passo para trás. — Você já disse o suficiente — declarei.

Antes de sair da sala, ele me mostrou o cobertor e o travesseiro que colocara em uma poltrona no canto.

— Durma no sofá — disse ele. — Você com certeza vai acordar a mamãe se for se deitar agora. Eu vou avisar que você chegou em casa — ele lançou um olhar para o relógio, erguendo as sobrancelhas claras — bem mais cedo.

Assenti. Mas ainda estava zangada, ou indignada ou arrependida ou envergonhada o suficiente para recusar a gentileza. E a luz não estava tão fraca no seu canto da sala que me impedisse de ver como aquilo o decepcionava.

— Sinto muito — desculpou-se ele de novo. Ele tentou um tom mais alegre. — O pensamento dos tolos sai pela boca, diz a Bíblia, e o sábio mantém as suas palavras no coração.

Virei de costas para ele. Eu aprendera no trabalho na funerária a como me manter indiferente sempre que a tristeza de alguém ameaçava me derrubar.

— Tudo bem, então — respondi friamente. — Nem tudo está em um livro.

Ouvi-o retrucar:

— Sem dúvida. Reze por mim de qualquer forma, está bem?

E isso me fez lembrar — como eu me esquecera rápido — que ele se alistaria. Tive de mudar o peso para a outra perna de novo. E, então, ele voltou para o corredor pequeno que levava até o quarto da minha mãe e, depois, para o quarto que costumávamos compartilhar.

— Talvez você não se importe — disse o senhor Fagin um pouco depois que comecei a trabalhar com ele —, às vezes, quando as coisas estiverem calmas por aqui, de subir e conversar um pouco com a minha mãe.

O apartamento no terceiro andar era coberto com renda irlandesa: cortinas de renda, toalhas de renda, paninhos de renda sobre os braços e o encosto de todas as cadeiras, renda na gola dos vestidos da senhora e renda na beirada do lenço que segurava nas mãos pálidas. O apartamento era um brinco de arrumação e limpeza, e sempre havia flores reaproveitadas dos funerais arrumadas em pequenos vasos sobre a cornija da lareira ou nos peitoris das janelas, no aparador e na mesa de chá.

Nunca encontrei a senhora Fagin sozinha, o que era surpreendente, uma vez que eu raramente via algum visitante chegar. Mas todas as vezes que eu subia as escadas e batia suavemente na porta, ouvia um tumulto enérgico de um outro visitante. O chá e o bolo já estariam servidos, ou um almoço leve, ou a chaleira estaria apitando na cozinha. Uma velha madre com sua touca antiquada estaria lá ou uma das irmãs de caridade da congregação Little Sisters of the Sick Poor, em geral ambas. Outras imigrantes idosas de todas as formas e tamanhos saíam da cozinha para trazer outra cadeira. A senhora Fagin se sentava no meio de um sofá de espaldar alto, seus pés pequenos, calçados com sapatos pretos, mal tocavam o chão. Ela sempre erguia a mão demonstrando prazer quando eu entrava na sala e tocava o espaço ao seu lado e dizia algo charmoso ou lírico: “Você é bem-vinda como as flores de maio” ou “Você é um colírio para esses olhos cansados”.

As freiras tinham de virar a cabeça para sorrir para mim por baixo dos chapéus e toucas. Eu costumava ficar com a impressão de que acabara de interromper uma longa história sussurrada que uma delas estava contando. Elas sempre pareciam estar se recostando no sofá. Sempre pareceu-me que havia um ar de silêncio pairando no aposento. “Deus ama você”, dizia a senhora Fagin quando eu entrava na sala arrumada. “Você iluminou o nosso dia.” Embora não houvesse dúvida, quando eu entrava naquele lugar rendado e ensolarado, que o dia delas já seguia bastante iluminado.

Eu me sentava no sofá duro ao lado da senhora Fagin ou, se alguma outra idosa ou uma das irmãs mais velhas já estivesse ali, eu ocupava uma poltrona. “Agora”, começava a senhora Fagin quando eu já estava com uma xícara na mão, “conte-nos o que está acontecendo lá embaixo.”

Eu dizia o nome de quem quer que fosse que estava sendo velado naquela noite, ou que família tinha ligado naquela manhã para pedir informações sobre os serviços de Fagin, ou de quem era o corpo que chegara naquela manhã do necrotério e estava sendo preparado. A senhora Fagin tinha olhos azuis brilhantes e cabelo branquinho. Assim como o filho, talvez tivesse sido ruiva. “Oh, sim”, dizia ela se reconhecesse o nome e, caso o nome não lhe fosse conhecido, olhava para as senhoras na sala até que uma delas dissesse: “Ah, mas é claro”, e discorresse para ela a linhagem do morto. “Aquela é a sobrinha de Bridget Verde”, elas poderiam dizer, ou: “O Tommy Cute é amigo dele”, ou — embora isso costumasse ser dito por uma das irmãs de caridade, que parecia, em um momento ou outro, ter assistido os corpos que chegavam para os cuidados de Fagin — diriam “foi uma morte tão lenta” ou “tinha coração fraco”, ou “a mãe dele também morreu do mesmo jeito”. Quando tudo mais falhava, uma delas pegava o jornal para procurar o obituário.

Recordações surgiam, eram classificadas e compiladas. Se houvesse uma boa história ligada à vida do morto, seja qual fosse a mulher que a detinha, recebia o direito de contá-la, e se houvesse algum

assunto na história considerado, talvez, delicado demais para os ouvidos da velha senhora (ou, mais provavelmente, para os meus), elas fariam uma série de gestos e acenos e silêncios repetidos que eu rapidamente conseguia interpretar tão bem quanto qualquer uma delas. Um dedo ao lado do nariz indicava fraude, uma pantomima de uma garrafa levada aos lábios significava que havia um problema relacionado à bebida, esfregar o indicador e o polegar mostrava problemas financeiros (em geral, porque alguém, mais provavelmente o cônjuge, era desprezível), sobrancelhas erguidas e palavras morrendo, seguidas por um aceno com a cabeça indicavam sexo ("e ele estava indo para a casa todas as noites, enquanto ela ainda sangrava e...") — sobrancelhas, acenos, e todas as mulheres estalavam a língua em comiseração ou aceitação.

Sentada entre elas, eu às vezes me lembrava das meninas cochichando nas ladeiras da minha infância. Às vezes, eu me sentia tão perdida com as histórias que contavam. No entanto, havia um sentido também para a classificação das lembranças, boatos, fofocas, incidentes, história — e, mesmo na decepção que sentiam quando um corpo chegava à funerária, um estranho ou forasteiro sobre quem nenhuma delas conseguia produzir uma palavra sequer —, havia um senso de obrigação da parte delas, da senhora Fagin e suas visitantes, de tecer uma biografia para o morto.

Digo obrigação, mas não havia nada de pesado ou mórbido naquelas conversas; havia, na verdade, ansiedade, diligência, divertimento, delicadeza em tudo aquilo, motivo pelo qual o apartamento sempre me pareceu iluminado e cheio de riso. Ou talvez fossem apenas as xícaras de chá adocicado que me serviam. "O que está acontecendo lá embaixo?", perguntava a senhora Fagin, querendo saber o nome do novo defunto. E, quando eu falava, ela e suas compatriotas se inclinavam para a frente para contar, da melhor forma que conseguiam, a história da vida da pessoa — sussurrando palavras sobre cinzas frias, era como eu costumava pensar naquilo, e, de um modo ou de outro, fazendo-as voltar a brilhar.

Foi assim que fiquei sabendo sobre o destino de Big Lucy, cuja mãe foi velada na funerária no início dos anos 1940. A senhora Meany era uma mulher enorme, com papada no pescoço, a qual Fagin maquiou de forma tão pesada quanto as bochechas gordas. Mas os resultados foram insatisfatórios. Mesmo com a maquiagem, havia algo horrível sobre a carne arredondada coberta com pele arroxeada e translúcida sob o queixo. Depois da primeira noite de velório, Fagin foi até o andar de baixo e voltou com uma faixa de *chiffon* com a qual envolveu a cabeça e o pescoço da senhora Meany de forma tão elaborada que, quando a família voltou no dia seguinte, a defunta não tinha mais a "sua aparência infeliz" — como dissera o senhor Fagin —, mas um ar de algum tipo de rainha viúva rica mumificada, que os deixou muito satisfeitos. A família Meany era o que a minha mãe chamaria de irlandeses ralé: homens e mulheres grandes e de rosto largo, que raramente apresentavam algum sinal de educação, com um tipo de timidez idiota quando entraram na funerária elegante do senhor Fagin, permitindo, relutantes, que eu pegasse os chapéus e casacos. Sussurravam de forma estranha entre eles no decorrer da primeira hora do velório, mas depois, à medida que se acostumavam com o lugar, começavam a ficar à vontade e a rir e a tratar cadeiras e abajures e tapetes de Fagin com um tipo de orgulho de posse, mostrando os quadros na parede ou comentando sobre a qualidade das cortinas com diversos visitantes, como se eles mesmos houvessem sido os responsáveis por escolhê-los e pagar por eles. O que, o senhor Fagin me lembrou quando mencionei isso, eles, de certa forma, haviam escolhido e pago.

Fiquei sabendo na sala da senhora Fagin no andar de cima que a senhora Meany fazia uma viagem

— pegando o metrô, a barca e dois ônibus — para visitar a filha internada no asilo de Staten Island todos os domingos — todo domingo, repetiram elas, fizesse chuva ou sol, durante todos aqueles anos, desde que Big Lucy desaparecera do bairro. Arrastando, disseram as idosas, o seu peso considerável e suas pernas grossas e uma sacola cheia de bolos que assara (para não mencionar a papada balançando — como eu me lembrava) por todo o longo caminho até aquele lugar desolado, apenas para se sentar por umas poucas horas com a menina, já mulher, que, em sua loucura, só falava as coisas mais vulgares. A pobre mulher, continuaram elas, a pobre senhora Meany, chorava durante todo o caminho de volta, dois ônibus, barca e metrô, incapaz de olhar para os outros passageiros, homem, mulher ou criança, a pele das mãos e dos braços e das pernas, seus corpos sob as roupas, sem pensar nas imagens terríveis evocadas pelas palavras sujas da filha, subindo pela sua mente como bile pela garganta.

Porque o diabo usa palavras sujas, explicou a senhora Fagin, dirigindo-se a mim em tom professoral, com o dedo erguido no ar, para nos fazer acreditar que somos apenas a soma e a matéria de coisas ruins.

No entanto, a senhora Meany, continuaram as mulheres inclinando-se para a frente, apesar do coração partido, se refazia, de qualquer forma, e fingia para o resto da família que estava tudo bem. E voltava, todos os domingos, até o que antecedeu a sua morte. A senhora Meany colocou o seu lindo amor — o amor de mãe — acima das cenas terríveis que fermentavam como esgoto na mente doente daquela pobre menina. Ela perseverava, assava os seus bolos e se arrastava (com a papada balançando) entrando e saindo da barca e se sentava, com o coração partido, segurando a mão da filha, mesmo enquanto Lucy berrava as palavras mais terríveis, provando para qualquer um com olhos para ver que o amor de mãe é bonito, iluminado, inexorável, que o diabo jamais conseguiria reduzi-lo.

Juntas, as mulheres se recostaram, sorrindo uma para as outras e para a brilhante conclusão que forjaram para a angústia da senhora Meany.

E eu, por certa timidez ou deferência que sempre senti na presença de freiras, ou talvez por respeito à decência e aos aposentos claros da senhora Fagin, não consegui perguntar a elas o que seria de Lucy agora que a mãe tinha sido enterrada.

Lá eu também soube a verdadeira história sobre a mãe de Redmond Hogan. Redmond tinha a mesma idade de Walter Hartnett, um dos meninos que jogava beisebol com cabo de vassoura na rua quando eu era criança — um dos meninos da turma, talvez, que tinham feito aquela brincadeira horrível com Bill Corrigan quando a ambulância parara na casa errada. Ele morreu na Normandia, e menos de seis meses depois, sua mãe foi velada na funerária de Fagin. É claro que fizeram uma ligação — a senhora Hogan tinha seis filhos mais velhos, mas Redmond era o mais novo e, dessa forma, diziam, o queridinho da mamãe. Ela morreu de tristeza, esse foi o consenso. Durante o velório, disseram que, quando ela recebeu a notícia da morte de Redmond, a senhora Hogan se esforçara para colocar o chapéu e o casaco. Estava determinada a ir, a todo custo, para Penn Station e pegar um trem para Washington, de onde seguiria diretamente para a Casa Branca e passaria um sermão no senhor Roosevelt. Foi sua filha, Florence, a mais velha — uma ruiva robusta que, mesmo na meia-idade, tinha uma pele de porcelana —, quem contou essa história no velório, fazendo todos rirem da determinação da mãe e de como Florence fora hábil para fazê-la desistir do plano. Elas se sentaram e escreveram uma carta para o presidente, descrevendo

Redmond e o que tinham perdido. Cinquenta e duas páginas. Um feito impressionante, disse Florence, considerando que Redmond tinha apenas vinte e cinco anos.

Florence Hogan era uma mulher grande, ruiva, com pele bonita e grandes olhos castanhos, e um casaco de caxemira com ampla gola de pele, o qual eu experimentei na sala de casacos da funerária depois que ela o entregou para mim no vestíbulo. Ele tinha um cheiro maravilhoso de frio, cigarro e algum perfume deslumbrante e apimentado.

Na sala da senhora Fagin, as mulheres se inclinaram na minha direção enquanto eu repetia a história de Florence sobre a carta, e elas trocaram olhares, de uma para a outra — foram olhares, mas ficou claro para mim como se a mensagem houvesse sido passada de mão em mão —, antes de alguém dizer: "Florence não era a mais bela, quando jovem?". Todas concordaram. A senhora Fagin acrescentou: "Uma rosa irlandesa", embora eu soubesse que a senhora Hogan tinha primos alemães. "Uma rosa irlandesa selvagem", comentou outra senhora, e seguiram-se algumas risadas tristes.

Florence Hogan, quando jovem, começaram a história, poderia atrair os pássaros das árvores. Mas ela era uma garota grande que cresceu rápido e não devia ter mais do que dezesseis anos quando começou a sair com um homem mais velho que ninguém sabia de onde vinha — da cidade White Plains, lembrou uma das irmãs com ar de quem sabe tudo, dizendo aquilo como se as palavras carregassem as mesmas implicações que teriam se tivesse dito Tombuctu ou Sibéria, ou algum outro lugar distante coberto de areia ou de neve.

Ah, mas ele era bonito, contou a senhora Fagin. Muito alto e de cabelos escuros. James Redmond era o seu nome. Não havia ninguém no bairro que não notasse os dois passeando pela rua juntos, de braços dados... Eles devem ter namorado por um ano, saindo todas as noites... e, naquele momento, as mulheres na sala da senhora Fagin fizeram silêncio e assentiram longamente.

E, então, James Redmond desapareceu do bairro, e a linda Florence, tão grande e bonita como sempre, começou a ser vista andando sozinha.

Foi uma das irmãs da congregação Little Sisters of the Sick Poor — uma freira gordinha com rosto firme e sério — que assumiu a história naquele momento, porque ela se lembrava de uma outra irmã, sua compatriota, que presenciara o nascimento de Redmond Hogan vinte e cinco anos antes. Todas nós estávamos inclinadas para a frente, embora eu tenha fortes suspeitas de que eu era a única entre elas que nunca soubera nada daquilo — um testemunho, talvez, da minha própria ingenuidade ou da capacidade do bairro de não falar nada que um dos seus membros desejasse manter em segredo.

Foi Florence, contou a irmã sem rodeios, quem deu à luz o seu irmão. Pobre Redmond. Que Deus o tivesse. O caçula de Mary Jane Hogan.

Por um momento enquanto eu ouvia, temi que tudo que eu achava que sabia sobre o nascimento de bebês estava, de alguma forma, errado — o ar de autoridade das palavras simples da irmã, vindas de dentro da touca branca e imaculada, era grande demais. Ela teve de virar a cabeça e os ombros para olhar para mim, sentada na cadeira ao seu lado. "O queridinho da mamãe", repetiu ela, lançando um olhar penetrante para mim para se certificar de que eu ouvira.

Eu estava na escada, voltando para minha escrivaninha que ficava depois da sala de casacos da funerária, antes de compreender que tal proposição era impossível: que Florence tenha dado à luz o irmãozinho. Embora, mesmo naquele momento, eu não pudesse evitar, a não ser pensar que a verdade da

questão, independentemente da questão biológica, estava do lado da freira.

E, então, houve o bispo.

Tínhamos em uma das salas uma mulher que trabalhara como governanta em uma residência paroquial próxima. Margaret Tuohy. Era uma mulher pequena e pálida com cabelo negro e bonito — sem tintura, contou-me Fagin, parecendo surpreso. Era solteira. O corpo veio do necrotério do Brooklyn College Hospital, mas parecia que tinha sido cuidado pelas freiras da Little Sister até o fim. Uma delas é que fora até a funerária trazendo o vestido com o qual Fagin deveria vesti-la: preto, com corte simples e pequenas bolinhas, um vestido usado para ir à missa pelas mulheres da idade dela. Mais tarde naquele dia, porém, chegou uma caixa de vestido trazida pelo caminhão de entregas — da Saks da Quinta Avenida. Dentro, havia um lindo conjunto de seda azul-escuro, uma camisa branca de seda e um cordão de ouro com um crucifixo, tudo para ela. E, nem vinte minutos depois da entrega, recebemos uma ligação de um padre, com voz de locutor de rádio. Ele se identificou como o secretário de Sua Eminência Martin D. Tuohy em Connecticut. Ele queria que soubéssemos que o bispo iria ao velório de sua irmã naquela noite. Ele perguntou se tínhamos recebido o "vestido", e cheia de animação como eu estava, a entrega da Saks, a visita de um bispo, eu não apenas confirmei que sim, tínhamos recebido, mas também continuei, elogiando o quanto o traje era lindo, e agradeci profusamente. Ele, por sua vez — já que estávamos falando como representantes de outras pessoas —, respondeu que eu não precisava agradecer. Sugeriu que o cordão de ouro com o crucifixo fosse doado para os missionários quando o velório terminasse.

O bispo tinha a pele pálida da irmã e o cabelo preto, bem preto, e eu me perguntei, quando o cumprimentei — o mais próximo que eu já tinha chegado de um homem em tal posição havia sido na minha cerimônia de crisma —, se ela tivera também os olhos azuis como os dele. Era o homem de aparência mais limpa que eu já vira. Usava a batina preta com bainha vermelha e o manto comprido e vermelho, seu barrete, mas o que realmente me impressionou foi a pele branca, os olhos claros e as bonitas mãos brancas. Não era um homem alto — o seu secretário, que provou ser tão bonito quanto a voz indicara, com queixo forte, era bem mais alto —, mas conforme ele adentrava o recinto onde sua irmã estava, sua presença mudava o ar. Havia outros padres e freiras ali — afinal, Margaret Tuohy trabalhara por muito tempo para a Igreja —, mas nenhum deles conseguia manter o próprio resplendor sagrado na presença do bispo. Ele foi até o caixão da irmã e se ajoelhou ali, com a cabeça baixa. Todos assistimos àquilo em silêncio. Até as solas dos sapatos dele eram imaculadas, como se tivessem acabado de sair da caixa. Vimos quando ele se benzeu e, então, pela primeira vez, assim me pareceu, olhou dentro do caixão. Estendeu a mão para tocar a da irmã. Então, antes de se levantar, olhou por sobre o ombro para o bonito secretário, assentiu e deu um sorriso. Expressando a aprovação, pareceu-me, do conjunto adorável.

E, então, ele se foi, deslizando para a saída com a elegância e a confiança de um anjo. Fagin ficou decepcionado, creio eu. Acho que esperava que o bispo fosse rezar o terço. Em vez disso, um dos padres mais velhos da sua paróquia despachou os oradores da noite com uma velocidade murmurada, lambendo o dedo e esfregando-o sobre uma mancha branca na sua batina durante dez ave-marias inteiras. Foi o mesmo padre que rezou, no dia seguinte, a missa do funeral e acompanhou o corpo até o cemitério, onde alguns outros membros da família Tuohy jaziam. Não vimos mais o seu irmão.

Na sala da senhora Fagin, senti as mulheres recuarem enquanto eu contava a história da entrega da Saks, do secretário bonito, da fragrância sagrada e limpa do manto bispal. Eu ainda estava encantada com a animação da visita, mas conforme a descrevia, notei também como as mulheres desviavam o olhar de vez em quando, na sala iluminada, virando o rosto sobre os ombros, do mesmo modo como trabalhadores ou jogadores de beisebol ou garotos na rua fariam enquanto se preparavam para cuspir.

— Martin Tuohy — contou uma das imigrantes mais velhas em tom solene quando terminei o meu relato — se deu muito bem na vida.

E o coro de concordância que seguiu essa afirmação não indicava aprovação. A sua família fora pobre, disseram elas. A mais pobre das pobres, continuaram. Vieram para o Brooklyn de Lower East Side, mudando-se "de um lugar para o outro" e passando por vários bairros. O pai era estivador, quando conseguia trabalho. A mãe era lavadeira, quando podia. Eles tiveram outros irmãos, mas tinham desaparecido havia muito tempo. Só havia Martin e Margaret quando chegaram ao nosso bairro, Martin tendo sido "assumido" — presumi que elas estavam se referindo a Assunção — no seminário um pouco depois que chegaram, ainda menino.

Pensei em Gabe, que já estava do outro lado do mundo naquela época, e no padre que se sentara à nossa mesa de jantar, informando aos meus pais que havia claramente uma vocação.

Sua irmã, Margaret, disseram as mulheres, não tinha recursos. Nem um pouquinho — reforçaram elas — da inteligência do irmão ou da boa aparência, o que me surpreendeu, já que eu notara a semelhança entre os dois no cabelo negro e na pele clara. Mas eu também já sabia algumas coisas àquela altura sobre como poderia ser tênue a linha entre as pessoas mais bonitas e que tinham todas as vantagens e o restante de nós.

Ela também não tinha nada do refinamento instintivo do irmão, continuaram elas. "Toda desengonçada", foi como a descreveram. "Uma alma doce", acrescentaram, abrandando a própria rudeza. "Mas jamais conseguiria dançar em Waldorf." Ao que parece, ela nem fora à cerimônia de ordenação do próprio irmão, ou à sua elevação ao bispado, ou a qualquer outra das ocasiões elegantes da sua nobre carreira. Ele conseguira para ela o emprego na casa paroquial, disseram as mulheres, dando o braço a torcer. Mas jamais ninguém o viu fazendo uma visita a ela em todos aqueles anos, e quando as irmãs da Little Sister começaram a tomar conta dela em seu declínio — foi câncer nas partes íntimas, contaram elas —, perguntaram se o irmão não deveria ser avisado que a hora da irmã se aproximava, e receberam como resposta: "Já foi avisado. O irmão está rezando por ela". Ela morreu sem colocar os olhos nele, a não ser pela fotografia grande que tinha dele com o manto e o crucifixo, e alguns recortes de jornal que juntara com o passar dos anos, e pela coleção impressionante de latas natalinas que ela mantinha em uma prateleira sobre a lareira em seu quartinho durante o ano inteiro — as latas que continham o panetone que o bispo lhe mandava ano após ano em que deixara a irmã sozinha.

Um silêncio repentino pairou na sala da senhora Fagin. Eu ouvia o som das xícaras contra os pires ou das mãos se esfregando.

Não que houvesse uma gota de ressentimento em Margaret Tuohy, continuou uma das freiras com voz gentil, alma simplória que era. Sabia que o irmão era um homem importante e sagrado, ocupado com a obra do Senhor.

Certamente, concordou outra.

Senti os olhos delas sobre mim. Senti que trocavam, com seus olhares, algum tipo de comunicação. Fiquei ciente de como eu fora arrebatadora, descrevendo a visita do bispo, as suas mãos limpas e as lindas roupas que ele enviara. Elas estavam avisando, uma para a outra, eu conseguia perceber, para não infectar a minha admiração pelo homem com suas avaliações esclarecidas e informadas.

Quebrei o silêncio:

— Era um conjunto muito bonito. De um tom de azul que nunca vi. Deve ter custado uma fortuna.

Para combinar, eu sabia, com o bispo elegante e o seu bonito secretário.

As senhoras responderam em murmúrios, ah, sim, sem dúvida, permitindo, deu para perceber, o meu direito de me impressionar.

Contudo, a pequena senhora Fagin, com seus pés mal tocando o chão iluminado pelo sol, ergueu as sobrancelhas brancas, sorriu e murmurou por sobre a xícara de chá, com seu sotaque, estou certa, um pouco mais acentuado:

— E ainda mais da Saks da Quinta Avenida.

As palavras eram como uma estaca enfiada no coração das pretensões do bispo e das minhas. Na verdade, o corpo da senhorita Tuohy no caixão parecera um pouco perdido na seda azul do conjunto. Seu irmão não poderia saber, dissera Fagin, como a doença debilitara o seu corpo que virara pele e osso.

Baixei a cabeça para tomar um gole do chá frio e doce e, quando ergui o olhar de novo, todas estavam sorrindo para mim com seus olhos claros, graciosos, pesarosos e clementes. Preocupadas, como era o jeito delas, com a criança tola que eu era, e talvez fosse para sempre, encantada com ninharias, ludibriada pelos imbecis.

É claro, eu não consegui evitar traçar um paralelo entre o destino da irmã do bispo e o meu. Ao descer a escada escura de Fagin naquela tarde, imaginei o que as senhoras na sala da senhora Fagin teriam a dizer sobre mim se eu perdesse o equilíbrio como Pegeen Chehab e sofresse uma queda fatal nas escadas. Suspeitava que o meu pobre pai fosse ser mencionado (acompanhado por uma xícara erguida), minha pobre mãe, mais uma viúva no seu aviário no último andar (talvez esfregassem o polegar contra o indicador). Eu me perguntava se algumas das senhoras reunidas no andar de cima tinham me visto passeando com Walter Hartnett.

Contudo, seria Gabe, eu sabia, que daria à minha breve história o tipo de virada que faria com que as senhoras se inclinassem para a frente... Um garoto bonito, o orgulho dos pais, e apenas um ano depois de assumir a primeira paróquia abandonara o colarinho eclesiástico e voltara para casa. Um mistério. Imagino todas elas — a pequena senhora Fagin e suas amigas, as freiras com suas toucas ou véus — erguendo as sobrancelhas, deixando as palavras morrerem em um movimento longo de concordância... embora eu não conseguisse saber o que elas teriam querido dizer.

Eu não poderia ter dito naquela época se a história de Gabe acrescentava algum escândalo à minha, ou se despertava apenas compaixão. Mas eu estava certa de que elas saberiam. As senhoras na sala do andar de cima da funerária. Elas saberiam a verdade daquilo. E também saberiam como escolher as palavras para contar uma história mais gentil.

E, então, inevitavelmente, é claro, considerando o tamanho da paróquia e o negócio estável de Fagin ali no bairro, Walter Hartnett entrou pela porta da funerária.

Foi no velório de Bill Corrigan. Foi um dos longos invernos durante a guerra.

No fim de semana anterior, eu tinha saído da estação do metrô no final de tarde em um sábado úmido, mas agradável, depois de um dia chuvoso. Foi a poça de água no meio-fio que me deu a primeira indicação de que havia algo de errado. Eu passara o dia no centro da cidade fazendo compras, fui ver Muriel na a&s e me encontrei com Gerty e Durna para o almoço. Nós nos sentamos perto da janela do restaurante, tínhamos entrado e saído de lojas. Não tinha chovido muito forte no centro naquele dia, ainda assim, havia um rio caudaloso correndo no meio-fio escuro quando saí do metrô. Quando virei a esquina para entrar na minha rua, vi o caminhão do corpo de bombeiros sob as luzes da rua. Os bombeiros ainda estavam guardando as mangueiras pretas quando me aproximei, e havia pequenos grupos de pessoas ainda reunidos na calçada ali e acolá. Havia janelas abertas no prédio de Bill Corrigan, cortinas finas e pálidas esvoaçavam de algumas delas. O primeiro grupo de quem me aproximei era formado pelos pobres coitados do senhor e da senhora Chehab e alguns outros vizinhos, assim como a senhora Shapiro, a senhoria que morava no térreo. Eu tive a impressão de que eles estavam do lado de fora havia muito tempo, pelo modo como se aproximavam uns dos outros e estremeciam. Todas as mulheres envolveram o próprio corpo com os braços, segurando os suéteres e mantendo os casacos bem apertados em volta do corpo, agarrando os braços e ombros com as mãos empalidecidas pelas luzes da rua.

— É o Bill — informou a senhora Shapiro quando eu me aproximei, apressada e surpresa. — Ele enfiou a cabeça no forno — contou ela. — Enquanto a mãe estava fora. Ele se matou com gás.

A senhora Chehab, alta, baixou a cabeça para me olhar com a boca cerrada sobre os dentes tortos e os olhos arregalados.

— Acho que aconteceu uma pequena explosão — continuou a senhora Shapiro. — Quando eles arrombaram a porta. Idiotas. — Ela tocou a testa. — O zelador não estava enxergando e acendeu um fósforo. Tolo.

— Burros — disse a senhora Chehab, zangada.

— Ele não sabia — interveio outra mulher.

— Uma explosão e um incêndio — insistiu a senhora Shapiro. Ela era uma mulher magra e ossuda com rosto cansado. — Apagaram o incêndio de forma bem rápida. Acabaram de levar o corpo. — Enquanto ela falava, o caminhão dos bombeiros, estalando e chiando, começou a se mover.

Do outro lado da rua, um grupo de mulheres tinha se reunido em volta da escada da casa ao lado da dos Corrigan. A velha senhora Corrigan, usando o seu chapéu e casaco, como se houvesse acabado de chegar em casa, estava no meio delas, sentada como uma criança no degrau da escada. Uma mulher corpulenta estava sentada ao seu lado. Uma outra, a senhora Lee da confeitaria, estava agachada. A minha mãe também estava lá, inclinada em direção à mulher idosa, que meneava a cabeça e batia com o punho cerrado na perna, um gesto de lamentação que eu agora conhecia muito bem. Havia um odor de combustível do caminhão do corpo de bombeiros no ar úmido e, de forma menos precisa, de madeira queimada. Eu conseguia ouvir os lamentos da senhora Corrigan de onde eu estava, e os pedidos sussurrados das outras mulheres para que ela fosse para dentro e saísse da friagem e da umidade. O senhor Chehab perguntou com o seu tom gentil:

— Mas por que cargas-d'água ele faria uma coisa dessas? Por quê?

Ao meu lado, a senhora Shapiro se empertigou ainda mais, meneou a cabeça e apertou as narinas.

— Era uma vida muito solitária para ele — concluiu ela, encerrando a história.

Como aquele foi um dos longos invernos durante a guerra, os meninos que viraram homens e conheciam Bill Corrigan a vida inteira estavam em outros lugares, lutando. O próprio Gabe estava em uma base aérea na Inglaterra. O velório de Bill Corrigan, então, estava cheio de gente mais velha do bairro e garotas, como eu, mas poucos dos meninos que jogavam beisebol com cabos de vassoura que fizeram dele o seu árbitro, profeta e sábio. Apesar disso, a mãe dele, cuja família, eu soube, era formada apenas por uma irmã e uma sobrinha de Greenpoint, quis um velório de três dias.

Como ele tinha tirado a vida com as próprias mãos, não haveria uma missa no funeral de Bill Corrigan na Igreja de Nossa Senhora dos Mares, e ele não poderia ser enterrado no cemitério Gate of Heaven, onde seu pai e um irmão que falecera ainda recém-nascido jaziam. Embora o senhor Fagin se recusasse a fazer velórios de suicidas — não era bom ficar contra a Igreja —, ele concluiu que aquele velório de três dias seria tudo que a senhora Corrigan poderia ter, e lhe prestou todos os serviços, caixão e tudo mais, sem cobrar nada, por compaixão.

Afinal de contas, Bill era um veterano, dissera-me o senhor Fagin. Ele poderia ter tido uma vida boa se não tivesse ido para a guerra. Às vezes, é um tormento maior para um homem, continuou o senhor Fagin, pensar no que poderia ter sido do que viver a situação como ela é. Deveria haver algum tipo de auxílio para isso, dissera ele. O senhor Fagin bateu na mesa com a mão grande.

— Para dizer a verdade — disse ele —, a maldita Igreja é cega para a vida às vezes. Cega. — Então, Fagin se benzeu e implorou perdão. — E não se atreva a contar para ninguém que eu disse isso.

Era o início da noite do segundo dia do velório. Como os padres da paróquia tinham de demonstrar a sua reprovação, foi Fagin quem liderou o rosário na noite anterior, e faria o mesmo naquela noite. Haveria mais um grupo grande de pessoas, a maioria formada pelos mesmos vizinhos que estiveram ali na noite anterior, muitos dos quais também ficaram durante a tarde. E apareceriam de novo no dia seguinte. Contudo, por ora, havia apenas a velha senhora Corrigan com sua irmã curvada e a sobrinha de meia-idade, voltando da lanchonete e se acomodando novamente nas cadeiras da primeira fileira — mas não antes, era um ritual que eu já observara diversas vezes, de olhar para o caixão, como se quisessem conferir se acontecera alguma mudança enquanto estiveram longe. Eu vi a senhora Corrigan passar a mão na lapela do filho, limpando algo, provavelmente nada. Apenas pela força do hábito materno.

Foi só durante o velório de Bill Corrigan que eu pensei, pela primeira vez, o quanto de esforço a senhora Corrigan tivera de dedicar durante todos aqueles anos para manter o filho arrumado em seu terno e camisa passada e os sapatos engraxados todos os dias. Eu me perguntava se não fora o terno que conferira a Bill Corrigan as habilidades de árbitro, a sua segunda visão — pelo menos no que dizia respeito aos meninos da rua. Uma transformação, pensei naquele momento, não muito diferente daquela pela qual eu passei com os cinco vestidos do senhor Fagin.

Eu estava na porta enquanto as três mulheres se acomodavam. Ainda estava de óculos. Eu tinha colocado mais cartões de lembrança na mesinha pequena — a senhora Corrigan havia escolhido um destinado a crianças: um garoto pequeno com um grande anjo da guarda alado ao seu lado, batendo nas

portas do céu —, e estava acabando de virar uma nova página do caderno de visitantes quando ergui o olhar e vi uma mudança sutil na iluminação lateral amarelada ao lado da porta da frente. Uma pequena sombra passando embaixo do poste de luz elétrica na porta que, para o meu olho agora treinado, significava que um novo visitante havia chegado. Antes que eu tivesse a chance de tirar os óculos, a grande porta foi aberta devagar e Walter Hartnett entrou, mancando. Fora o fato de ser manco, é claro, eu sabia, que o impedira de ir para a guerra.

Ele tirou o chapéu e olhou em volta. Não tinha mudado muito. O cabelo talvez estivesse mais ralo. O rosto talvez estivesse um pouco mais cheio. Um pouco mais pesado no geral, pensei, enquanto ele me via na porta e sorria — o mesmo sorriso afetado — e atravessava o vestíbulo. Senti cheiro de bebida alcoólica no seu hálito assim que ele falou.

— Olá, Marie — cumprimentou ele, com o mesmo sorriso aberto e olhos cinzentos bonitos, circundados agora de vermelho e, de repente, antes mesmo de eu ter a chance de responder "Olá, Walter", enchendo-se de lágrimas.

— Posso guardar o seu chapéu? — ofereci.

Ele me entregou o chapéu, e os seus olhos se afastaram do meu rosto e pousaram no aposento atrás de mim, para as mulheres sentadas nas cadeiras e, então, para o caixão no qual Bill Corrigan estava. Walter ergueu o queixo e virou o rosto para o local para onde seus olhos já o haviam levado.

— Isto é horrível, não é? — perguntou ele. E uma lágrima grossa escorreu pelo seu rosto macio. — O velho Bill — sussurrou ele. — Por que ele foi fazer uma coisa dessas? — E seguiu mancando para a sala.

Abalada, observei enquanto ele passava pela porta e se encaminhava para o caixão e se ajoelhava diante dele, o sapato de solado alto estranhamente atrás dele. Ele curvou a cabeça, apoiando a testa nas mãos cruzadas. Permaneceu assim, curvado e parado, por um minuto ou dois — a velha senhora Corrigan e a sua irmã e sobrinha o observavam respeitosamente —, então, todas nós o ouvimos arfar e vimos os seus ombros se sacudirem em um ritmo constante, ao que parecia, em uma série de soluços silenciosos e turbulentos.

Naquela altura, a porta da frente se abriu novamente, enquanto mais visitantes chegavam, e eu tirei os óculos e voltei a minha atenção para eles. Quando olhei de novo, o borrão que era Walter estava cumprimentando a senhora Corrigan com um aperto de mão. Ele parecia estar falando de forma sincera.

Observei-o enquanto mancava para o outro lado da sala e se jogava na cadeira mais afastada da última fileira. Ele limpou o nariz na camisa, passou as mãos pelo rosto e pelo cabelo, e, então, procurou um lenço no bolso do paletó, o qual levou ao nariz por um tempo e, depois, guardou no bolso interno. Fiquei ocupada, então, guardando chapéus e casacos no armário, cumprimentando as mesmas pessoas que eu cumprimentara no dia anterior. Quando olhei de novo na direção de Walter, ele estava pegando o lenço novamente no bolso interno e, daquela vez, eu reconheci o gesto pelo que era, uma reprodução da mímica de problemas com bebida que as senhoras do andar de cima faziam. Eu sabia que, se eu estivesse de óculos, veria que não se tratava de um lenço que ele estava tirando do bolso e levando ao rosto, mas sim um frasco. Quando olhei de novo, ele tinha escorregado um pouco na cadeira e a cabeça estava curvada. Parecia estar olhando para as próprias mãos cruzadas no colo.

Quando o terço foi concluído, encerrando a noite, Walter Hartnett não tinha se mexido. Agora, eu

estava pegando casacos para os outros. Eu havia desenvolvido um sistema estranho: eu cheirava cada casaco quando o pegava para guardar: loção pós-barba, perfume, naftalina, suor, cigarro, e cheirava de novo quando era necessário — uma maneira estranha, usada pelos cegos, para identificar o dono, mas até mesmo o senhor Fagin comentara sobre a sua eficiência. A minha mãe estava ali de novo, mas já que eu ia me encontrar com um cadete da Marinha no metrô às dez horas da noite, eu dissera para ela voltar com a senhora Chehab. É claro que minha mãe vira Walter, e ela cochichou que eu deveria ir até lá oferecer uma palavra de consolo para o pobre homem. E, com um pouco da confiança que o perfume Evening in Paris me dava, junto com o meu vestido elegante de lã e a minha experiência trabalhando com Fagin, coloquei os óculos e me sentei ao lado dele.

Na frente da sala agora silenciosa — era o ritmo e o ritual de todos os velórios —, o senhor Fagin estava de pé com as três mulheres, que estavam olhando de novo para o rosto rosado de Bill Corrigan no seu ataúde, dizendo um boa-noite baixinho uma vez mais, enquanto a mãe chorava novamente em silêncio.

Walter, observando-as, assentiu quando eu me sentei, mas os olhos dele pousaram apenas brevemente no meu rosto e, então, para o meu peito sob o vestido — e eu o desculpei instantaneamente por aquilo, porque ele tinha chorado por Bill Corrigan, e talvez por causa do cheiro de álcool em um homem que ainda me encantava.

Os olhos dele estavam pousados nas costas das três mulheres.

— Eu nunca tive um pai de verdade — começou, e eu soube, na hora, que ele estava bastante bêbado. — O meu velho não ligava muito para mim quando eu era pequeno. Não gostava da perna. Era como se estivesse me condenando. — Ele riu sozinho. — Ele dormiu com a minha mãe quando estava bêbado, e não tinha nada para dizer para mim e, depois, morreu. — Ele disse a última palavra com os "erres" acentuados. — E assim foi. — Então, ele me olhou de novo. Seus olhos cinzentos estavam fora de foco. — O Grande Bill foi um amigo para mim — continuou ele. — Nós... — Ele pareceu procurar a expressão adequada e sorriu ao encontrá-la. — A gente trocava confidências. Era isso que ele dizia: "Vamos trocar confidências". Ele confiava em mim e eu confiava nele. Nunca ninguém tinha confiado em mim antes. — Ele estava olhando para o passado. — "Fique perto de mim", dizia ele quando eu chegava todos os dias. Ele colocava a mão enorme no meu punho. "Talvez a gente tenha que trocar confidências." Ele sempre queria ouvir o que eu tinha a dizer. — Ele olhou de novo para a frente da sala, onde o senhor Fagin tinha, gentilmente, afastado as mulheres do caixão e as acompanhava até a porta. Eu o vi olhando para mim. As mulheres precisavam dos seus casacos. E eu tinha o meu cadete para encontrar às dez horas.

— E você foi um bom amigo para ele, Walter — declarei. Foi a minha voz angelical de consolo. Eu mesma não sabia dizer se aquilo fora sincero.

Os olhos dele pousaram no meu rosto de novo e, então, desceram para o meu peito, um olhar sem foco e indiferente.

— Nós dois tínhamos um problema sério — disse ele e, por uma fração de segundo, pensei que ele estivesse se referindo a nós dois. Achei que estivesse se desculpando. Mas, então, ele acrescentou: — Bill e eu.

Fiquei grata por um momento por ter de dizer:

— Com licença.

Encontrei as três mulheres na porta e, no vestíbulo, ajudei a senhora Corrigan a vestir o casaco. O senhor Fagin pedira a um dos seus assistentes para acompanhá-las de volta para Greenpoint (Greenpernt, como ele dizia) todas as noites, uma vez que o apartamento dos Corrigan sofrera poucos danos com o fogo e muitos danos pela água das mangueiras. O senhor Fagin e eu as acompanhamos até o carro que as aguardava na calçada e, quando ele seguiu na frente para abrir a porta, senti o peso total da idosa quando ela se apoiou no meu braço. Lembrei-me de como ela tinha levado o seu filho, o seu menino, pelos degraus todos os dias de manhã, em direção à cadeira de cozinha, as mãos dele enfiadas na dobra do seu braço, do mesmo modo que uma noiva segura o braço do noivo. Eu pensei novamente no esforço que ela tinha que fazer para levá-lo até lá todas as manhãs, com a camisa passada e o terno escovado.

Quando o carro se afastou do meio-fio, eu me virei. Walter Hartnett estava no último degrau da escada, segurando o chapéu. O senhor Fagin se despediu dele, lançou um olhar por sobre o ombro na minha direção e entrou. Eu disse, quando Walter se aproximou:

— Sinto muito, Walter — em tom profissional.

Ele me olhou de cima. Parecia ter se recomposto, havia algo do antigo charme e do seu andar afetado, apesar dos olhos vermelhos. Ele pegara um cartão de lembrança. Dava para ver a extremidade dele no bolso da frente do paletó.

— Eles deviam enterrá-lo naquela cadeira — declarou ele com um sorriso nos lábios. — Você se lembra daquela cadeira na qual ele se sentava todos os dias?

Concordei com a cabeça.

— Eu mesma estava pensando nisso. — Acho que talvez tenha sido a primeira vez na minha vida que entendi o que significava compartilhar facilmente um sentimento, tendo ambos morado no mesmo bairro como tínhamos e ter um passado em comum. — Ainda está lá — acrescentei, como se quisesse surpreendê-lo. — Pelo menos estava hoje de manhã. Ninguém teve coragem de tirar.

Ele balançou.

— Sério? Nossa! — Ele ficou olhando para o que acontecia na rua por sobre a minha cabeça, mas sem o menor interesse. — Eu nunca mais venho para cá. Levei a minha mãe para morar no Bronx, mais perto de nós.

E fiquei surpresa de descobrir que havia uma alfinetada ali, na palavra “nós”.

— Acho que ouvi alguma coisa a respeito — comentei, seguindo para a porta da funerária. — Acho que minha mãe comentou.

— O Bronx é muito melhor. — Ele estava alongando as palavras. Tocou no cartão de lembrança ou talvez no frasco no bolso interno. — Eu não desejo este bairro nem para um cachorro.

Estendi a mão. Eu tinha aprendido alguma coisa sobre despachar as pessoas com o senhor Fagin.

— Boa noite, Walter — despedi-me. Ele olhou para a mão que eu oferecia, mas não a pegou.

— Eu fui classificado como 4F, sabia? — contou ele. — O manco.

— Claro — respondi.

— Eu queria me alistar. Mais do que qualquer coisa.

— Claro — repeti, baixando a mão.

— Na Marinha.

Assenti. Eu o imaginei como algum tipo de oficial militar deliberando com Patton ou MacArthur,

com as mãos cruzadas nas costas.

— O meu irmão está na Aeronáutica — contei. — Na Inglaterra.

Walter trocou o peso do corpo de perna de forma instável. O cheiro de cigarro e álcool parecia emanar do tecido do terno que ele usava. Eu ainda ficava encantada com o cheiro de álcool no hálito de um homem.

— Aeronáutica é para bichinhas — declarou Water. — Os fuzileiros navais são os melhores.

Dei de ombros. Eu estava ciente da diferença entre o que Walter Hartnett se tornara e a minha lembrança do que ele parecera ser para mim, agora, em carne e osso, mais pesado do que antes, com toda a sua sofisticação transformada em uma infantilidade triste. Era meio loucura ainda ficar encantada por ele.

— Contanto que ele esteja em segurança — respondi. — Isso é tudo que importa para mim.

Walter olhou para mim, talvez com um pouco de desconfiança agora.

— Você quer tomar um drinque? — convidou ele. — Você já encerrou o expediente? — Ocorreu-me naquele instante que ele não ficara surpreso ao me encontrar trabalhando na funerária de Fagin, que ele soubera, de alguma forma, antes de vir, que eu trabalhava ali. Talvez a mãe dele também o tivesse mantido informado.

Neguei com a cabeça.

— Eu tenho um encontro — disse eu, e o vi olhando de novo para o meu peito, apertando um pouco os olhos agora, como se tentasse decifrar o nome dos garotos que já tinham enfiado a mão no meu sutiã desde a sua última visita.

— Um namorado? — perguntou ele, e quando eu apenas dei de ombros, ele cambaleou um pouco e respondeu: — Entendi.

Em pé ali com ele, entre o poste e a luz que vinha da funerária, percebi que eu estava diante de uma oportunidade — uma oportunidade de ser recompensada — dor com dor. Uma oportunidade para dizer "Um cadete dos fuzileiros navais. Ou melhor, um soldado experiente", e isso não seria ótimo para Walter Hartnett?

Mas ele amara o cego Bill Corrigan desde que era um menino solitário, trocando confidências com ele na calçada ao lado da cadeira de cozinha. Walter e Bill: o manco e o cego. Fora Walter quem dissera "Não, Bill, não foi ela", quando até mesmo Gabe falhara em ser bom. Walter que fora até ali naquela noite — descendo do Bronx para chorar como uma criança antes de o mundo se esquecer do falecimento de Bill Corrigan.

Estendi a mão de novo.

— Foi bom ver você, Walter. — Dessa vez ele a pegou. — Vamos manter o pobre Bill nas nossas orações. — Porque se Walter Hartnett não me amara, ele com certeza tinha amado Bill Corrigan, e esse amor tinha partido o seu coração.

Ele meneou a cabeça.

— Acho que ele que vai rezar por nós — respondeu ele. — Bill desistiu do jogo.

Eu o vi levar a mão ao bolso do peito do paletó uma vez mais enquanto se afastava sob as luzes da rua. Mas não era o frasco que procurava, mas sim o cartão de lembrança. Assim que ele virou a esquina, eu vi como a luz o iluminou, envolvido nas mãos dele.

Dos cerca de quinze pacientes na sala de espera, não havia nenhum sozinho. Comentei isso com a minha filha, que ergueu o olhar da revista, olhou em volta e respondeu:

— É verdade.

— Isso é bom — continuei. Estávamos no consultório do cirurgião oftalmologista. Era a manhã que ele "cuidava dos casos de catarata".

— É um requisito trazer um acompanhante para ajudar o paciente na volta para casa — explicou Susan. — Está escrito nas instruções que ele lhe entregou.

— Acho que você pode sempre pegar um táxi se estiver sozinho — sussurrei.

Eu já era viúva havia cinco anos, oito sem Gabe, e trinta sem a minha mãe no mundo, e havia sessenta e poucos anos (seriam sessenta e seis?) desde que meu pai se fora, e, embora eu tivesse quatro filhos bons e crescidos para cuidarem de mim, eu às vezes achava que tinha negociado esse tempo na minha vida para ocupar de um lugar alto e precário. Para cada gentileza que meus filhos faziam, cada carona para o consultório médico, cada tarefa ou jantar em um feriado que compartilhávamos, eu me via imaginando como conseguiria lidar com aquilo se eles não estivessem ali para mim, ou não pudessem aparecer ou tivessem algum outro compromisso.

— Não — respondeu Susan, de forma gentil. — O documento diz que é preciso ter alguém para acompanhar você até em casa. Uma outra pessoa — acrescentou ela.

Eu parei.

— Acho que você pode ligar para um serviço de acompanhantes se não tiver ninguém para te acompanhar — continuei e, quando a minha filha deixou a revista cair no colo com impaciência, acrescentei, rápido: — Estou brincando.

Susan pegou a revista de novo.

— Relaxe — pediu ela com voz suave, mas eu sabia que ela queria dizer para eu ficar quieta.

Susan tivera uma manhã difícil com os filhos, ou assim disse quando chegou lá em casa, e não estava a fim de voltar para o trabalho depois que a minha cirurgia acabasse. Todos na firma estavam nervosos, trabalhando em um caso importante, e o dia do julgamento se aproximava. E agora o médico estava atrasado.

Os pacientes à nossa volta estavam na meia-idade ou eram um pouco mais velhos, e os de meia-idade estavam sentados ao lado dos seus companheiros — cônjuges ou amigos —, e os mais velhos, todos eles, com acompanhantes mais jovens. Crianças, sem dúvida, embora a mulher mais velha na sala estivesse acompanhada por uma negra, jamaicana pelo som da voz, uma enfermeira ou empregada. Contratada. Ali estava, pensei. Uma acompanhante. Mas não disse nada.

O médico veio com seu jaleco azul-claro, todas as cordinhas da sua roupa, aquelas que amarravam a touca na cabeça e a máscara no rosto, estavam soltas em volta do pescoço, as que saíam da calça de amarrar — o que sempre achei meio indigno para um profissional — estavam soltas como se ele tivesse apanhado um vento. Ou estivesse correndo, como ele sem dúvida estava, uma vez que as consultas estavam atrasadas e o consultório, cheio de pacientes com os olhos prontos.

Havia duas mulheres sentadas sozinhas do outro lado da sala, e ele se aproximou de uma delas.

— A senhora é filha da senhora Fulana de Tal? — Eu não entendi o nome.

A mulher, com um vestido azul e um bronzeado atraente, se empertigou, ansiosa, mas respondeu:

— Não.

Ele foi até a outra, que era um pouco pesada e já estava tensa na sua cadeira.

— Eu estou aqui — disse ela, quando ele se aproximou.

— A senhora é filha da senhora Fulana de Tal? — repetiu ele.

E ela respondeu:

— Sou, sim.

— Tudo correu bem — informou o médico. — Ela está na sala de recuperação agora. Vamos monitorá-la um pouco. Digamos por uns vinte minutos ou um pouco mais. E, então, ela estará pronta para ir para casa.

— Obrigada — agradeceu a mulher.

O médico voltou pela porta pela qual viera, e uma outra porta se abriu na outra ponta da parede, e outro nome foi chamado. Um homem daquela vez, talvez com uns sessenta anos, deixando a esposa, ou irmã, ou amiga na sala de espera apenas com uma batidinha na mão. Na verdade, ele só estava indo se preparar agora, como informara a enfermeira.

Nem meia hora depois, a porta do médico se abriu de novo, e ele passou por ela, com as cordas da roupa frouxas. Ele foi até a mulher atraente de vestido azul e perguntou, com se nunca a tivesse visto antes e nem falado com ela:

— Você é a filha da senhora Sicrana?

Daquela vez, ela respondeu que sim.

— Tudo correu bem — informou o médico. — Ela está na sala de recuperação agora. Vamos monitorá-la um pouco. Digamos por uns vinte minutos ou um pouco mais. E, então, ela estará pronta para ir para casa.

Ele foi embora, a porta da enfermeira se abriu de novo, e outro nome foi chamado. A idosa com a enfermeira jamaicana.

— É apenas para a preparação — explicou a enfermeira, com voz gentil, enquanto a senhora passava pela porta.

Exatamente vinte minutos depois, o médico voltou uma vez mais.

— Senhora Fulaninha? — ou algo do gênero. Ele enrolava os nomes. Ele disse para a esposa de alguém, lançando apenas um breve olhar preocupado para a garota negra, que era a única outra pessoa sentada sozinha.

— Sim — respondeu a esposa.

— Tudo correu bem. Ele está na sala de recuperação agora. Vamos monitorá-lo um pouco. Digamos por uns vinte minutos ou um pouco mais. E, então, ele estará pronto para ir para casa.

Ele saiu. A porta da enfermeira se abriu de novo. A essa altura, Susan já tinha abandonado a revista no colo. Olhei para ela e disse:

— A minha cabeça está começando a girar.

Ao que Susan respondeu:

— Pelo menos ele é consistente.

E outra filha, cuja mãe acabara de entrar (“Para se preparar”, explicou a enfermeira sorridente), olhou para nós duas e meneou a cabeça.

— É quase inacreditável — sussurrou ela.

Àquela altura, os pacientes operados, usando óculos de sol de plástico, estavam começando a sair por uma outra porta, e seus acompanhantes se levantavam para recebê-los com uma alegria contida. Eu me lembrei de algo que observara no aeroporto no mês anterior, enquanto esperava meu filho na fila de desembarque, depois que fui visitar Gerty na Flórida: os carros paravam no meio-fio e o amigo ou parente que aguardava erguia a mão da alça da mala, haveria sorrisos o tempo todo, um abraço, um aperto de mão exuberante, um tipo específico de entusiasmo, não tanto pelo reencontro em si — certamente aqueles nova-iorquinos todos não deviam ser tão apegados uns aos outros —, mas sim pela segurança que conseguiram obter: a decolagem, o pouso, o ponto de encontro, a ida até o aeroporto, porque cada risco tinha sido superado, toda crise antecipada fora evitada e, assim, havia algo ótimo para ser celebrado a cada reencontro comum. Algo, pensei, lembrando-me do senhor Fagin, como a ressurreição e a vida, tudo isso naquele pequeno espaço do LaGuardia. Até mesmo Tommy, meu filho mais velho, que nunca fora de demonstrar muito as emoções, me deu tapinhas nas costas no seu abraço amplo antes de pegar a minha mala que estava no meio-fio.

— Tudo correu bem — ouvi o médico dizer por sobre o meu ombro. — Ela está na sala de recuperação agora. Vamos monitorá-la um pouco. Digamos por uns vinte minutos ou um pouco mais. E, então, ela estará pronta para ir para casa.

E, então, a enfermeira chamou o meu nome “apenas para a preparação”.

Quando a minha provação terminou, Susan se ergueu para me encontrar. Menos exuberante, pensei, do que alguns dos outros, talvez porque agora ela estava tão atrasada para o trabalho. Mas, no elevador, Susan disse:

— Ele sabia sobre o seu descolamento de retina, certo, de tanto tempo atrás? Você contou para ele, não contou?

Eu respondi:

— É claro que contei.

Mas eu, lentamente, levei a mão ao lado esquerdo do meu rosto. Eu me lembrei agora que era a catarata do meu olho direito que ele tinha de retirar. Eu vi a minha filha erguer o rosto e apertar as narinas, embora não houvesse nenhum cheiro, a não ser o tapete e o ar suave do elevador do prédio médico.

— Porque ele não disse que tudo correu bem — contou Susan. Consegui detectar o tom de advogada em sua voz. — Ele disse que havia tecido cicatricial. De uma cirurgia anterior. Como se aquilo fosse uma grande surpresa. Ele disse que você provavelmente precisará de um transplante de córnea, se não quiser perder o olho.

No carro, Susan perguntou de novo:

— Você disse a ele que fez uma cirurgia há alguns anos?

— É claro que eu disse — respondi. — Eles pegaram o histórico completo.

Mesmo assim, comecei a me sentir responsável pelo erro do médico. É uma conclusão muito fácil de se tirar quando você é uma velha morando sozinha. Morando na beira desse lugar precário. Talvez eu tenha confundido a esquerda e a direita, como eu costumava fazer quando era criança.

Susan bateu no volante com força, com a palma da mão.

— Merda! — exclamou ela. — Ele operou o olho errado.

Eu já tinha desistido havia muito tempo de chamar a atenção dos meus filhos quanto ao linguajar — citando a senhora Fagin com meu dedo erguido. O mundo era um lugar mais bruto e mais vulgar do que o que eu conhecera. Esse era o linguajar necessário para se viver nele.

Susan continuou:

— Eu disse que a gente devia ter ido à cidade para fazer isso. Esses médicos suburbanos só pensam em dinheiro. Você viu como ele gerencia a clínica. Como uma fábrica.

— Eu faço o transplante, então — respondi em tom casual. Sabendo muito bem que eu não faria. Uma córnea tirada de um cadáver, depois de todos os cadáveres que eu já vira? Não era muito provável.

— A gente devia processá-lo — declarou a minha filha. – Processá-lo por erro médico.

Eu respondi:

— O que está feito está feito.

Mas Susan insistiu.

— Estou falando sério. É óbvio que ele ferrou tudo. E, agora, vamos ter que procurar outro médico, na cidade, dessa vez. E você vai ter que passar por outra cirurgia. E eu vou ter que ficar mais tempo fora do trabalho. — Era como se cada item implicasse um esforço igual de todas as partes. — Há muitos danos aqui. Sério. A gente devia processar.

Eu estava pensando na beirada precária para a qual a minha vida tinha me levado, a beirada na qual você vive quando é uma mulher velha e sozinha, com quatro filhos ou não. Eu estava lembrando de mim naquele hospital antigo da cidade, com os olhos cobertos com gaze, falando para um quarto vazio. Mas ele não estivera vazio daquela vez.

Tínhamos virado na alameda de entrada. Já fazia anos que tínhamos nos livrado da garagem coberta, ainda assim, eu me dei conta de que eu esperava saltar do carro sob a sua sombra. Era melhor para os meus olhos.

— O que você acha? — perguntou Susan.

Eu estava pensando nos anos que haviam se passado desde que eu tirara a cobertura antiga da garagem, e como eu fora tola por ter esquecido ou ter confundido a época em que estávamos agora. Um pensamento que era melhor eu manter comigo mesma. Então, eu disse:

— O meu irmão às vezes dizia: “Os pensamentos de um tolo saem pela boca”. Acho que é da Bíblia.

— Pelo amor de Deus, mãe — resmungou Susan. — Não fique citando as palavras do tio Gay Gabe e me diga o que quer fazer.

Houve um tapa, seguido por uma dor reverberante e aguda. Um silêncio repentino no carro. Eu já ouvira meus filhos usarem a expressão antes, brincando entre eles. Eu sabia que não era por mal. Era como eles enxergavam o mundo.

— Sinto muito — minha filha se desculpou de forma brusca. — Mas eu estou falando sério. O que acabou de acontecer com você é muito errado. Por quanto tempo mais você acha que vai conseguir morar sozinha aqui se perder um olho? Isso pode representar um verdadeiro declínio para você. — Senti a mão dela sobre a minha. — Eu só acho que alguém deveria pagar por toda a inconveniência que você vai enfrentar. Eu realmente acho que você deve procurar algum tipo de compensação.

Meneei a cabeça ao ouvir o ardor na sua voz. Certamente havia algo do meu irmão na sua certeza sobre como o mundo deveria funcionar.

— Bobagem — respondi. E tentei rir. — Eu não preciso de compensação.

Ouvi-a suspirar, fingindo paciência.

— Compensação, sim! — exclamou ela, gritando. — Acho que você deve procurar alguma compensação. Por toda dor e sofrimento.

Eu ri de novo, de forma sincera daquela vez.

— Não tem muita chance de isso acontecer — declarei. — Não nesta vida.

Dentro de casa, ela preparou uma xícara de chá para mim e, apressadamente, um sanduíche de presunto. Eu me acomodei no sofá do solário com um cobertor e um travesseiro. A minha filha me deu um beijo na cabeça.

— Você vai ficar bem?

É claro que eu sabia que ela não queria a resposta honesta.

— Eu vou ficar bem — respondi. — É melhor você correr.

— A Helen vai vir hoje à tarde — disse ela. — Eu venho amanhã de manhã.

— Vocês são boas filhas.

Fechei os olhos. Estava ciente da forma larga da minha filha sobre mim. Ela usava um terninho escuro de trabalho.

— Eu não quis magoar você quando falei aquilo sobre o tio Gabe — disse ela, mas então, acrescentou com uma risada: — Mas a gente tem quase certeza que ele era gay.

Eu já tinha ouvido aquelas discussões antes entre os meus filhos. Havia uma leveza naquilo, um interesse jovial, como se estivessem falando sobre um personagem da tv. Cobri os olhos com o punho para demonstrar que estava cansada.

Eu disse:

— Eu não vejo o mundo do mesmo modo que vocês, jovens.

Susan respondeu, já se virando:

— Às vezes, você simplesmente não vê.

Ela tinha de ter a última palavra, e eu ri disso. Ela era a minha filha.

— É você de novo? — perguntou o jovem, curvando-se um pouco antes de se sentar ao meu lado. — Acho que já nos encontramos antes. Eu conhecia o seu irmão.

Mas os meus óculos estavam na minha bolsa, e, mesmo que eu estivesse com eles, não teria feito a ligação entre aquele borrão de um jovem e o rapaz gordinho e rosado que — conforme ele me explicou agora — poderia ter mordido a língua quando chamou o meu irmão de "padre" pela segunda vez, mesmo depois de Gabe ter explicado de forma tão educada que aquele não era mais o caso. Em Court Street, antes da guerra.

— Será que seria falta de educação perguntar o que aconteceu? — disse ele. — Por que ele largou a batina? Ele parecia ser um bom padre. Os sermões dele eram ótimos.

— Seria, sim — respondi e, então, suavizei o tom, porque ele tinha, afinal de contas, cruzado o salão de festa do hotel, o qual estava lotado de gente para comemorar o retorno de um garoto que eu mal conhecia, o amigo de um amigo da Gerty, só para se sentar do meu lado. — Não era para ele — disse eu. E fui mais além: — Ele uma vez disse que foi porque eles ameaçaram expulsá-lo do seminário por fumar. Ele disse que, depois disso, não conseguia acender um cigarro sem questionar a própria vocação.

Ele tinha um rosto redondo e crédulo.

— Sério?

Fiz um gesto com a mão. Decidi que eu poderia muito bem colocar os óculos. Eu não tinha interesse em alguém com tão pouco senso de humor.

— Estou brincando — confessei, e peguei os óculos na bolsa.

Certa vez ouvi a minha mãe dizer, para aqueles que insistiam muito, que o Gabe tinha voltado para casa para cuidar dela depois da morte do meu pai. O que mais um filho amoroso poderia fazer? Mas eu não estava inclinada a arriscar lágrimas tolas, mencionando isso para aquele estranho.

Visto de forma clara, ele realmente era magro, o colarinho não tocava o seu pescoço e, como resultado, o nó da gravata parecia frouxo. Eu tinha a impressão de que, dentro de suas roupas, a sua pele devia estar a uns dois centímetros de distância do tecido. Havia sombras no seu rosto que eu primeiro tinha atribuído à minha visão, mas conseguia ver agora que eram dele mesmo. Até mesmo os punhos do paletó e da camisa pareciam largos demais para ele. As mãos por baixo deles tinham um tom pálido, infantil.

— Você acabou de voltar para casa? — perguntei, suavizando o tom de novo. Eu estava começando a reconhecer o olhar de um soldado que passara por dificuldades na guerra.

— Já faz um tempinho — respondeu ele, unindo os lábios em uma careta séria de palhaço.

Então, ele ergueu a mão e a passou na frente do rosto — um número cômico — e sorriu para mim. Tinha dentes pequenos e adoráveis.

— Onde era o seu posto? — perguntei, mas ele meneou a cabeça, fazendo uma careta e me perguntou:

— Por onde anda o seu irmão agora?

Contei que ele havia voltado para casa, tinha assumido o antigo emprego de novo e estava pensando em ir para a faculdade.

— Ele se casou? — questionou ele e, quando respondi "Ainda não", assentiu como se entendesse algo que eu talvez não compreendesse. — Uma vez padre, sempre um padre — comentou com mais

sabedoria do que eu estava disposta a lhe conceder.

Fiz um gesto com a mão como se quisesse afastar aquele senso comum.

— Ah, mas ele tem um monte de namoradas — contei, e vi o modo como o seu olhar pousou na bebida que segurava, como se eu o tivesse deixado sem jeito.

Ele baixou a cabeça para tomar um gole da bebida. Seguiu-se aquele momento estranho de parar uma conversa com um estranho em um salão — será que continuaríamos conversando ou logo um de nós se afastaria? Gerty e as duas outras meninas que vieram comigo estavam em algum lugar no meio da multidão. Se ele se afastasse, eu ficaria sentada ali sozinha.

— E quanto a você? — perguntei, principalmente porque não queria terminar sentada ali sozinha, mas também porque havia um inequívoco sentimento de compaixão por um cara que obviamente enfrentara um período duro na guerra.

Ele ergueu a mão e respondeu:

— Nada de namoradas por aqui.

O rosto dele corou até a raiz do cabelo ralo. O que me fez corar também. Isso não estava indo bem.

— Eu quis dizer em relação ao trabalho — esclareci. — Você voltou para o seu antigo emprego?

Ele concordou com a cabeça.

— Estou de volta para cumprir o meu dever patriótico — contou ele, fazendo uma continência — de fabricar cerveja.

E, com isso, a lembrança floresceu na minha mente, e eu sabia com certeza em qual dia meu irmão e eu o tínhamos encontrado na rua, no final de agosto, na Court Street, antes da guerra.

Mais tarde naquela mesma noite, perguntei a ele:

— Como você me reconheceu? Depois de apenas um encontro tanto tempo atrás?

Eu estava dando a ele a oportunidade de dizer: “Ah, eu sabia que era você. Eu me lembrei de você por todos esses anos”. Mas ele riu e confessou que não tinha me reconhecido. Que estava sentado com um grupo do outro lado do salão e uma das garotas estava explicando para todo mundo quem era quem — apontando o dedo para um lado e para o outro, até que chegou a minha vez. Ele fez a ligação com o jovem padre que conhecera, o padre com quem se encontrara uma vez na rua, sem o colarinho eclesiástico, que deixara de ser padre. Ele perguntou e soube que sim, Gabe era o meu irmão.

Então, ele cruzara o salão para se apresentar: Tom Commeford, embora eu não tenha me lembrado do nome.

Estávamos diante da escada da porta de entrada da nossa casa. Ele tinha me acompanhado do hotel até lá, e já tínhamos marcado um encontro para irmos ao cinema na minha próxima noite de folga. Ele riu quando contei onde eu trabalhava, porque, segundo me contou — não é engraçado como as coisas acontecem? —, foi um velório na funerária de Fagin que o levara até Court Street naquela tarde quente de agosto, antes da guerra.

Em pé no metrô na volta para casa, ele se aproximou do meu ouvido e disse:

— A gente está mais ou menos no mesmo ramo: enterrar e embriagar, defunto e lúpulo, missa e birra.

Ele talvez tivesse continuado com aquilo se eu não tivesse perdido o equilíbrio quando o vagão fez uma curva e agarrado o seu braço. Ele deu uns tapinhas na minha mão, tranquilizando-me.

Ele era magro, e não muito mais alto do que eu, tinha um rosto redondo e estava ficando calvo. Ele deveria ter dito, de forma mais galante: “Ah, eu me lembrei de você assim que a vi no salão”.

Ele ergueu o chapéu com uma das mãos, enquanto estendia a outra para dizer:

— Estou muito feliz por ter conhecido você. — Ali, sob as luzes da rua, em frente a nossa casa. — Por tê-la conhecido de novo — corrigiu-se ele.

Aceitei a mão que ele ofereceu para um aperto e fiquei surpresa ao me ouvir convidando-o:

— Você não quer subir um pouco? Gabe adoraria revê-lo.

Ele meneou a cabeça.

— Ah, ele nem vai se lembrar de mim.

Olhei por sobre o meu ombro para ver se a luz no quarto do meu irmão estava acesa. Ele devia estar lendo. Ele mal dormia de tanto que lia, pois planejava entrar na faculdade.

— Gabe se lembra de todo mundo — afirmei. — É um talento.

Então, ele sorriu para mim com seus lindos dentes.

— Eu só vou dar um oi rápido.

Subindo as escadas atrás de mim, ele disse, jovialmente:

— A sua mãe não é italiana, é? — E eu parei no primeiro patamar da escada para olhar para ele. Sob a aba do seu chapéu, o rosto estava corado. Parecia um pouco sem fôlego. — Eu só conheço garotas italianas chamadas Marie — explicou ele, segurando o corrimão e com a voz falhando.

O que a pergunta revelava era que ele estivera pensando no meu nome enquanto subíamos as escadas: e não no estado do prédio, que parecia, na minha opinião, um pouco deplorável sob os cuidados do novo senhorio, ou no formato do meu traseiro, ou em como estava tarde, nem mesmo na possibilidade de tomar um drinque quando chegássemos lá em cima, mas em mim, no meu nome. Quatro degraus abaixo de mim quando paramos, ele agora tirou o chapéu, o rosto erguido na minha direção, e o olhar exibindo o mesmo pânico repentino que brilhara nos seus olhos naquele dia de verão, quando chamara meu irmão de padre de novo.

— Será que foi uma pergunta rude? — indagou ele com voz gentil, uma história dos próprios fracassos sociais ou, talvez, dos próprios oferecimentos de afeição e amizade agora na sua voz. Ele arrastou o pé. — Eu não tenho nada contra italianos.

Não consegui evitar e ri. Ele deu um sorriso, ainda incerto, sem saber o que esperar, mas satisfeito por me seguir.

— Foi o George M. Cohan — expliquei.

E ele retrucou:

— Ah — e assentiu, como se entendesse exatamente o que eu queria dizer com aquilo, mas o fingimento mal se sustentou por um instante. O seu rosto ficou sério de novo. Ele talvez fosse incapaz de fingir.

— Não entendi o que quer dizer — confessou.

— Você não conhece a música? — perguntei. Era como se toda a incerteza dele tivesse me dado permissão de me sentir segura. Cantarolei um pouco. — “But with propriety, society will say Marie”.[6] O meu pai contava que eu ia me chamar Mary até que minha mãe ouviu essa música e decidiu que sociedade e propriedade era o que ela realmente queria. “E que esquecêssemos a pobre e abençoada Virgem

Maria", como meu pai costumava dizer.

E me esforcei, indiretamente, para que a minha voz não falhasse, e não houvesse lágrimas tolas. De repente, me senti especialmente feliz, embora os drinques na festa estivessem bem aguados.

— Então, não, eu não sou italiana — assegurei, com um pouco mais de doçura do que antes. Dei um sorriso para aquele pobre jovem, encolhido dentro das próprias roupas. — É só um pouco de vaidade pretensiosa. Os meus pais nasceram na Irlanda.

O prazer e o alívio no rosto dele me fizeram rir de novo.

— É mesmo? Os meus também. Que coincidência.

— É — concordei. Uma coincidência e tanto. Dois nova-iorquinos com pais irlandeses.

E comecei a subir de novo.

— Não que eu tenha conhecido os meus pais — disse ele atrás de mim. — Mas eles eram irlandeses. Na verdade, fui uma criança enjeitada para dizer a verdade.

Uma vez mais, parei no degrau para olhar para ele. Eu me perguntei, de repente, se fora a negligência na infância que o tornara quem ele era e não a guerra. Mas ele estava sorrindo.

— Não é uma história triste — continuou ele. — Eu não cheguei a conhecê-los. Os meus pais. Eles eram artistas de um teatro de variedades. Minha mãe era uma bela mulher com voz de anjo. Meu pai, dançarino. Eles me deixaram em um orfanato na Tenth Avenue e continuaram a turnê deles.

— Isso é horrível! — exclamei, e ele meneou a cabeça.

— Havia pelo menos seis outras crianças que eu conhecia e que tinham ouvido a mesma história. Teatro de variedades, voz de anjo, Tenth Avenue, e tudo mais. Acho que metade das freiras que cuidavam do lugar deviam ter sido cantoras de algum coral. — Ele riu.

— Você nunca foi adotado? — Senti uma onda de compaixão, mas também fiquei um pouco cautelosa, sou obrigada a admitir. Eu já tinha lido o suficiente de *David Copperfield* àquela altura para saber que uma infância dura e azarenta podia ser o prenúncio de uma vida adulta igualmente azarenta.

— Estávamos a apenas alguns dias de sermos colocados em um trem para o oeste — contou ele. — Eu e alguns colegas. Eu tinha quase dez anos. Eu podia ter acabado como algum tipo de fazendeiro no Oeste Selvagem... Você consegue me imaginar usando um chapéu de vaqueiro? Mas a irmã Saviour, um nome que combinava com ela, me manteve aqui. Ela tinha uma irmã viúva no leste de Nova York que havia acabado de perder um filho mais velho que eu, filho único. Um adolescente. O pobre garoto se afogou no Rockaway. Então, eu fui para lá morar com ela. Ela tinha uma casa muito legal. Muito limpa. — Ele sorriu de novo.

— Não deve ter sido fácil — disse eu.

Eu estava em pé alguns degraus acima dele, o que fazia com que me sentisse mais alta e mais sábia. Até mesmo sob a luz feia das escadas, ele tinha o tipo de rosto que você queria tocar, como o de uma criança.

Ele meneou a cabeça.

— Ela era uma senhora muito boa. Muito refinada. Que Deus a tenha. Eu não tenho do que reclamar.

Viramos para subir o último lance de escadas. Sair com esse rapaz, pensei, envolveria um monte de risadinhas tolas, um pouco de inteligência — eu ainda ouvia o gracejo dele no meu ouvido. Mas também haveria a espontaneidade dele de contar, ou, mais provável, a incapacidade que tinha de omitir

informações, que estava treinando o meu nome em silêncio enquanto subia a escada atrás de mim. Haveria a sua espontaneidade de me conceder o poder de tranquilizá-lo. Ele confiaria a sua felicidade a mim.

Na porta do apartamento, ele disse:

— Só vou cumprimentar o seu irmão e vou embora. Não vou abusar da hospitalidade. — Abri a porta. — Só vou dar um oi rápido.

Mas ele não era, eu estava percebendo, um homem de uma palavra só, para nada. Eu o acomodei no sofá da sala e passei em silêncio pelo quarto onde a minha mãe dormia. Bati na porta do meu irmão e sussurrei o nome Tom Commerford. Ele ergueu o olhar do livro e franziu o cenho.

— Um dos caras da cervejaria — expliquei.

Quando Gabe entrou na sala iluminada, ficou claro que ele realmente se lembrava do homem.

— O que você sabe? — perguntou Gabe apontando para o rapaz e, depois, estendendo a mão para um cumprimento.

— Mundo pequeno — disse Tom, fazendo um gesto amplo no ar, como se quisesse abranger todo o aposento. — Depois de todos esses anos.

Eu disse para eles se sentarem à mesa enquanto eu colocava a chaleira no fogo. E foi o cheiro da torrada que eu quis preparar para eles queimando na grelha que arrancou a minha mãe do quarto, com um penhoar e sua longa trança, dando a Gabe a oportunidade de contar para o Tom:

— A minha irmã é um desastre na cozinha. É um aviso justo.

Então, foi um tipo de festa: nós três na mesa de jantar enquanto a minha mãe preparava chá e torradas e — "Bem, aceito, sim, se não for incômodo" — ovos com presunto, como se ela reconhecesse também, naqueles primeiros momentos da apresentação, como aquele estranho tinha pouca substância embaixo do terno.

Ela arrumou tudo em uma travessa aquecida, os ovos, o presunto e as torradas, enquanto eu colocava a mesa.

Os dois homens conversaram sobre os anos que passaram na guerra. Os dois foram para a Inglaterra, mas ficaram em bases aéreas diferentes, embora Tom tenha voado e Gabe não. Havia uma troca intensa entre os dois, enquanto minha mãe e eu ouvíamos. Tom fora um operador de rádio, contou ele, e, com a boca cheia de torrada e ovo, ele revelou, de forma casual, que tinha passado sete meses em um campo de prisioneiros alemão, perto do mar Báltico. Ele deu de ombros e me lançou um olhar de desculpas quando exclamei: "Meu Deus!". A comida lá não era muito boa, continuou — ele nunca mais comeria nabo sueco na vida —, mas a companhia era. Ele abriu um sorriso, mostrando todos os dentes pequenos.

— Chamada duas vezes por dia, mas, depois disso, não tínhamos muito o que fazer. Tédio terrível!

Pintava quadros lá, nos contou ele. Um modo de passar o tempo. Um pacote da Cruz Vermelha tinha chegado com aquarelas. Um cara tinha talento e dava aula para os outros. Apenas Tom continuou. Tudo que ele desenhava era meio torto, mas ele gostava de fazer aquilo.

De repente, enfiou a mão no bolso do paletó e pegou uma pequena lata de tabaco. Pressionou-a contra a gravata, enquanto a abria, as mãos pálidas e infantis, a não ser por um anel no dedo mínimo, o que demonstrava que ele era um pouco vaidoso. Só tinha um pedaço grosso de papel dobrado dentro da

latinha. Ele o pegou e o desdobrou, alisando-o sobre a toalha da mesa. Nós três nos inclinamos para ver.

— Estes são os barracões — disse ele com voz suave e em tom de desculpas. — Não é muito bom — opinou ele.

Era um desenho esfumado, feito a lápis. Mostrava vários beliches, um prisioneiro deitado em cada um, todos parecendo entediados e sem nada para fazer. Ainda assim, cada um demonstrava a própria personalidade. Havia um prisioneiro com as mãos embaixo da cabeça, os cotovelos erguidos e olhando para o teto. Outro estava deitado de lado, com as sobrancelhas franzidas olhando para o livro diante dele (uma única palavra alemã, *Nein*, escrita de cabeça para baixo na imagem), um com os joelhos dobrados e a boca aberta, e uma trilha de *zzzzz*, um outro estava dormindo de bruços com o traseiro empinado para cima. Havia uma janela que mostrava gotas escuras de chuva e, através delas, uma torre distante de guarda e uma cerca. Havia pedaços de papel atrás dos beliches — *pin-ups* insinuantes e calendários e dias riscados. Havia apenas alguns toques de cor, uma camada de amarelo-claro saindo da única lâmpada pendurada no teto, leves sugestões de cáqui e marrom e azul na roupa dos soldados, um vermelho inesperado no vestido de uma mulher no pequeno desenho na parede, com as pontas ondulando.

Nós três soltamos uma risada suave — parecia adequado, considerando os detalhes engraçados, os narizes bulbosos, e o *zzzzz*, e o prisioneiro com traseiro para cima. Tom também riu.

— Não é nenhum Da Vinci — declarou ele, olhando com carinho para o próprio desenho. — Mas é mais ou menos assim que era para mim, se eu olhasse bem.

— É muito bom — elogiei, embora estivesse mesmo meio torto e amador, com proporções estranhas. — Você podia desenhar nas feiras de domingo.

Minha mãe disse:

— Eu gosto de como podemos ver pela janela.

Sorrindo e corando, Tom cuidadosamente dobrou o papel seguindo as dobras bem marcadas e guardou de volta na lata. Não, ele não era muito bom, repetiu ele. O cara que dava aulas, um sulista, ele sim, era o verdadeiro artista entre eles.

Tom continuou — ele era um homem que adorava falar — descrevendo as formas inteligentes que tinha descoberto para aumentar a pequena caixa de aquarela da Cruz Vermelha: fervendo ou misturando coisas, pólen e folhas, pó de carvão do forno, um pouco de tinta se conseguissem, suco de beterraba, cuspir na mão para dissolver um pouco de barro.

Ergueu o olhar, sorriu e, depois, riu um pouco.

— É engraçado — disse ele, com voz suave e, então, parou, incerto se deveria continuar ou não. — O engraçado é que eu estava fazendo exatamente isto, cuspindo em um pouco de barro — ele imitou o gesto, segurando a mão em concha e circulando com o dedo indicador da outra, como se estivesse misturando —, quando pensei em algo sobre o Evangelho. Na verdade, algo que acho que você disse, Gabe. — Eu percebi quando ele engoliu a palavra “padre”. — Em um sermão, há muito tempo.

A expressão do rosto dele denunciava tudo: estava constrangido pelo rumo que a conversa tinha tomado, ainda assim — talvez por alguma inspiração repentina — continuou falando.

— Isso é para mostrar para você — disse ele, dirigindo-se a mim — como o mundo é pequeno. — E, então, ele acrescentou, insatisfeito com aquele clichê: — É para mostrar que nada nesta vida é arbitrário de verdade. — Ele se ergueu um pouco e se debruçou na mesa. — De qualquer forma, foi isto

que aconteceu — ele começou a fazer mímica de novo —: estava misturando a tinta e um pouco de barro, diluindo a tinta, e cuspi na palma da minha mão, e, de repente, eu me lembrei de uma coisa que você disse, Gabe, sobre o cego em um sermão há muito tempo.

Ele lançou um olhar cauteloso para o meu irmão.

— Bill Corrigan — comentei, indicando a janela da frente. — Ele morava do outro lado da rua e costumava ficar sentado do lado de fora. A sua mãe o vestia com um terno todos os dias. Ele ficou cego na Primeira Guerra Mundial. Ou quase cego. As crianças costumavam chamá-lo para arbitrar os jogos.

— O árbitro cego — acrescentou Gabe.

— Ele se foi — finalizou a minha mãe.

Contei para Tom:

— Ele se matou durante a guerra. Pobre homem. Ligou o gás. — Apontei para a nossa cozinha. — Ficamos todos chocados.

Comecei a me lembrar de uma vez que Gabe me contou que tentara usar Bill Corrigan em um dos seus sermões.

Minha mãe disse:

— Ele tinha uma mãe dedicada.

Tom, porém, olhou para nós duas, meneando a cabeça.

— É uma pena — lamentou ele de forma educada e respeitosa, mas também franzindo o cenho, determinado a não desviar o rumo da conversa. — Mas temo que estou me referindo a outra coisa. Não ao Brooklyn em si — acrescentou ele, de uma forma um pouco ilógica, mas transmitindo, de qualquer forma, a ideia de que estava tentando ser tanto inteligente quanto sincero. — É uma história do Evangelho. Jesus pegou um pouco de barro, cuspiu nele e colocou a mistura sobre os olhos de um cego. — Ele olhou para Gabe. — Você se lembra do que disse? Nós conversamos sobre isso, você e eu, depois da missa. Nós almoçamos juntos.

O colarinho de Gabe estava aberto, e um rubor profundo subia por ali, passando pelo pescoço e deixando até a ponta das orelhas vermelhas.

— Temo que nada muito original.

Mas Tom estava meneando a cabeça de novo.

— Não, não, não — disse ele, de forma tão séria que minha mãe e eu ficamos em silêncio. Tom olhou para nós duas, ainda sorrindo, embora aquela incerteza desanimadora tivesse cruzado o seu rosto novamente. Ele era um homem à mercê do próprio impulso de continuar falando. — Você explicou muito bem. De forma muito profunda. — Ele tocou a careca como se estivesse tentando se lembrar. Pareceu decepcionado por não conseguir. — Eu vou assassinar a explicação se tentar repeti-la. — Ele apertou os lábios e se recostou na cadeira. — Você não se lembra?

Olhei para Gabe, esperando que ele fosse gentil. Certamente seria necessário um pouco de força de vontade para não ser gentil com aquele pobre homem transbordando de sinceridade. Gabe levou a mão à xícara e ao pires na mesa diante dele.

— Eu provavelmente mencionei toda a ideia de profissão de fé — cedeu Gabe. — Realmente não há ninguém mais no Novo Testamento a quem Jesus tenha curado sem ser solicitado. Sem uma profissão de fé. Eu sempre achei isso interessante.

— O cara estava simplesmente sentado ali — acrescentou Tom, satisfeito. — Não é mesmo?

Gabe assentiu, generoso no sorriso discreto.

— Isso mesmo. João, capítulo nove. Jesus e seus discípulos estavam conversando, ao que parece, sobre o sofrimento humano ser uma punição pelo pecado. Os discípulos apontaram para o mendigo cego. Este homem nasceu cego, disseram eles, foi porque os pais pecaram? Era a crença naquela época — acrescentou ele, em tom professoral — que a cegueira e as deformidades eram punições pelos pecados dos pais.

— Grato por ser um órfão — interveio Tom, de repente, e olhou para minha mãe e para mim, sorrindo. — Ou talvez isso signifique que eu dê mais trabalho do que a maioria.

— Bem, somos todos pecadores — continuou Gabe. — Mas a questão é que ninguém estava pedindo a Jesus para curar o homem, eles só estavam tentando ilustrar os seus pontos de vista. Ainda assim, Nosso Senhor, tomado por compaixão, a mim me parece, se aproximou do homem, pegou um pouco de barro... — Ele fez uma pausa, baixando a cabeça com um sorriso torto. — Nós todos conhecemos a história.

— Isso! — exclamou Tom. Ele se inclinou para a frente, chegando até a se erguer um pouco da cadeira. Então, ele olhou para mim e disse: — Aí está — como se quisesse mostrar que estava tudo explicado. — Era isso o que eu estava fazendo, misturando umas tintas... — Novamente ele fez a mímica da ação, mexendo com o dedo na palma da outra mão. — Um pouco de terra e um pouco de cuspe. — Ele olhou para a minha mãe. — Desculpe o meu linguajar — pediu ele. E, então, acrescentou, corrigindo-se: — Saliva.

Ele parecia contentíssimo por outra conexão feita entre aquela época solitária no campo de prisioneiros e aquela cena doméstica ali sentado à nossa mesa de jantar, entre as palavras de Gabe e as dele. Ele olhou para a palma da mão.

— E eu pensei sobre o que você disse, sobre como o outro homem estava apenas sentado ali, sem perguntar nada, sem se preocupar em pedir, você disse, e bingo! Jesus o curou. Só por sentir compaixão pelo homem. Nós almoçamos e conversamos sobre isso. — Ele ergueu o olhar. — Eu não sei — continuou ele, com cautela. — Foi bom me lembrar disso lá. Que você não precisa necessariamente pedir. Nem acreditar. Isso me deu esperança.

Ficamos em silêncio por um instante, e eu conseguia ver, refletida em seu rosto, a incerteza com que nós três ouvimos a história.

— E eu não sou Bob Hope,[7] nem nada — disse ele, de repente. Como se aquilo tudo não tivesse passado de uma piada.

Nós todos rimos, e ele esfregou as mãos, como se estivesse se livrando da argila e da saliva imaginárias.

— Então, esta é a minha história da guerra — concluiu ele com um sorriso.

— E como você acabou lá? — perguntou Gabe. — No campo de prisioneiros?

Ele fez a pergunta com voz suave, como se estivesse falando com um penitente. A época em que ele mesmo passara na base da força aérea na Inglaterra fora, até onde eu e minha mãe podíamos dizer, um triunfo. Ele havia sido promovido duas vezes. Um papel glorificado para servir de estímulo era como ele se referia àquilo depois de sua volta, cheio de modéstia.

Tom se ajeitou na cadeira, olhou para mim e sorriu.

— Os alemães nos capturaram quando estávamos retornando — contou ele, em tom jovial. — Nos acertaram em cheio. Tivemos que fugir. — Ele fez uma careta estranha. Poderia muito bem ter sangue artístico nas veias. — Foi quando achei que a minha vida tinha acabado.

O treino de paraquedista, explicou, fora curto e apenas superficial e, depois de algumas missões fáceis, ele parou até mesmo de se imaginar saltando de um avião. Quando a ordem chegou, com o avião sacolejando — como um vagão do metrô passando por cima de paralelepípedos, se é que é possível imaginar uma coisa dessas, disse ele —, tinha certeza absoluta que não conseguiria fazer aquilo. Ele agarrou a porta. E pensou, seriamente, em ficar se segurando ali. Caindo junto com a aeronave. Mas, então, sentiu um empurrão por trás e mergulhou no pior pesadelo que alguém poderia ter: nuvens, fumaça, o cheiro denso de combustível. A queda infinita de um sonho.

Tom riu enquanto contava, como se aquilo tudo fosse uma piada, e ele fosse motivo de chacota. Pelos anos vindouros, sempre contaria a história exatamente daquele jeito. Até mesmo as crianças a contavam desse jeito.

Ele disse que só se lembrou *depois* que já tinha puxado a corda do paraquedas — batendo com a mão na testa em um gesto cômico de desânimo — que ele deveria contar até dez *antes* de puxá-la. E, então, ele contou de qualquer maneira, um segundo atrasado, de forma tola, como um pedido de desculpas, como se acreditasse que, se contasse com sinceridade suficiente, o paraquedas não notaria que ele estava contando tarde demais. Durante toda a queda, continuou contando. Ele se surpreendeu por ter continuado a contar daquele jeito, enquanto caía, quando, na verdade, deveria estar rezando.

E, então, saindo do pior e mais alto som que já ouvira na vida e esperava nunca mais ouvir de novo, caiu no mais profundo silêncio. Não ouvia absolutamente nada, contou. Ele ergueu as mãos e arregalou os olhos para representar a surpresa que sentira.

Um silêncio tão repentino que achou que tinha perdido a audição para sempre. Vira que o céu estava azul e havia um mundo retalhado e sereno abaixo dele. Até mesmo crianças correndo pelo pátio da igreja, entrando em um campo, e ele pensou...

— Não vou enganar vocês — disse ele naquele tom que indicava que uma piada estava a caminho. — Não era tão ruim. Eu até poderia me acostumar com aquilo.

Ele estava flutuando em paz; havia alguns raios de sol. As crianças boquiabertas como um coral sem voz abaixo dele. O terror tinha desaparecido, assim como a tremedeira amarga. Ele pensou e disse:

— Isso pode até ser melhor do que viver.

As crianças foram as primeiras a alcançá-lo quando caiu, tropeçando na terra dura, batendo o ombro e quebrando o punho.

— Mas aquelas crianças — continuou ele —, acabaram sendo a minha sorte de irlandês. — E ele fez um tipo de saudação à minha mãe, como se ela tivesse providenciado aquilo.

Porque, contou ele, quando deu por si, um alemão velho e louco estava apontando uma pistola Luger para a sua cabeça, tão próximo que conseguia sentir o cheiro do metal quente, como se ela tivesse acabado de ser disparada.

— Ele estava confuso — descreveu Tom. — Doido como o diabo. — E se desculpou de novo com a minha mãe pelo linguajar. — Eu não conseguia entender nada do que ele falava, a não ser *Kinder*

enquanto balançava a maldita arma. — Ele se desculpou de novo. — Acho que estava dizendo que gostaria de estourar os meus miolos, mas não na frente das crianças que estavam à nossa volta. Ele até tentou afastá-las de lá, mas elas estavam se divertindo muito, jogando terra na minha direção e gritando sem parar. Tanta animação. Você sabe como as crianças são. — Ele riu e segurou a xícara. — O alemão louco foi honrado o suficiente para não atirar em mim na frente delas.

A minha mãe levou as mãos aos lábios e murmurou:

— Louvado seja Deus.

Tom fez um gesto de autocensura com a mão.

— Bem — continuou ele —, para resumir uma longa história, um comandante alemão apareceu, comandante, pois sim, ele parecia ter uns dezoito anos, como um menino de coro, e saudou o homem em alemão e, então, se voltou para mim, em inglês, para mandar que eu soltasse o paraquedas e o seguisse, *mach schnell*, se eu quisesse continuar vivo. Demorei alguns minutos para compreender. Achei que eu já estivesse morto.

Ele riu de novo, o rosto corado sob a luz do lustre. Estava gostando de receber a nossa atenção. Ali estava um homem que adorava falar.

— Aquele camarada me pegou por baixo do braço. Eu ainda estava com as pernas bambas, tremendo como vara verde, mas ele me tirou de lá. Explicou que aquele velho estava louco, louco de tristeza. No dia anterior, havia recebido a notícia de que o seu filho, seu único filho, um piloto alemão, havia sido morto pelos Aliados. Então, ele queria vingança. Ele teria enfiado uma bala na minha cabeça se as crianças não estivessem lá.

— Olho por olho — comentou Gabe.

Tom se inclinou para a frente e meneou a cabeça.

— Mas aí é que está. — Ele abriu um sorriso estranho, menos jovial do que antes. — Eu vi isso de outra maneira. E pode acreditar, tive muito tempo para analisar aquilo. Se o velho tivesse atirado em mim naquele instante, não teria sido o mesmo. Não teria sido equivalente.

De repente, ele ergueu os olhos para o lustre acima da mesa, e eu fiquei um pouco constrangida e consternada ao ver a luz refletir o brilho de uma lágrima repentina. Vi o seu pescoço se mover quando engoliu em seco com dificuldade. Havia algo não muito másculo em tudo aquilo, pensei, não apenas na emoção repentina, mas no fluxo de conversa. Eu estava acostumada com mais discrição à mesa. Ainda assim, também senti uma onda indiscutível de compaixão pelo homem que passara por tanta coisa.

Seguiu-se um silêncio estranho — até mesmo com toda a minha experiência, eu estava me esforçando para encontrar uma palavra de consolo. E, então, Gabe disse com voz suave:

— Todos somos iguais aos olhos de Deus.

Tom se virou para ele, admirado. Fiquei aliviada ao ver que a lágrima no seu olho não tinha escorrido pelo rosto. Ele a secou com os nós dos dedos.

— Bem, esse é um modo bem melhor de pensar nisso — disse ele. — É um bom ponto a se considerar. — Ele sorriu de novo antes de acrescentar: — Mas isso não significa que alguns de nós não vão deixar este mundo sem que alguém chegue a notar.

A travessa no meio da mesa estava vazia, e eu me levantei para recolher os pratos. De forma calculada, esbarrei o quadril no braço de Tom quando me inclinei para pegar o dele. Ele virou um pouco

a cabeça, sorrindo, a sua orelha em algum lugar próximo ao meu seio e ao meu coração. Havia ali uma onda indiscutível de compaixão pelo homem que conhecera tanta solidão.

Demorei-me alguns minutos na cozinha, lavando os pratos e enchendo a chaleira de novo, resistindo a algo que eu não conseguia definir. Ouvi a minha mãe dizer para ele:

— Apenas estes dois. Mas o meu marido costumava dizer que tínhamos conseguido completar toda a escala, porque eles são muito diferentes. Tão diferentes quanto a noite e o dia.

Quando voltei à mesa com outro bule de chá, Gabe estava dizendo:

— *Amadan* era como ela me chamou quando era criança. Tolo. Embora a Bíblia diga que qualquer um que chame o irmão de tolo será condenado à fúria do inferno.

Tom se levantou quando entrei e puxou a minha cadeira para eu me sentar. Ele estava rindo de novo.

— O inferno, e nada menos — disse ele, saboreando a velha história da família sobre como eu tinha esmagado a devoção infantil de Gabe com o resquício de irlandês da senhora Chehab. — Você está pronta para isso, Marie — continuou ele, saboreando, talvez, o meu nome.

A minha mãe pousou as mãos na mesa e se ergueu devagar. Tom se levantou para ajudá-la com a cadeira. Ela tocou de leve o braço dele, embora nunca tivesse sido uma dessas pessoas que tocam em estranhos.

— Vou deixar você, Tom — declarou ela —, ficar no meio desses dois. Eu vou voltar para a cama.

Então, no final das contas, eu tive o meu casamento na linda igreja.

Apertando os olhos para ver o meu reflexo no estreito espelho do banheiro, eu estava adorável de maquiagem e véu, confesso que me lembrei de uma outra época. Que tal agora, senhor Hartnett?, pensei olhando para o meu próprio reflexo. Senhor Walter Hartnett.

Gabe me levou até o altar e me surpreendeu no último minuto quando não apenas me deu um beijo no rosto diante do altar, mas me puxou para um abraço apertado. Nós todos brincamos sobre isso mais tarde, na festa.

— Era como se ele estivesse despachando você para a Legião Estrangeira — disse Tom.

Gabe riu, tranquilo, e admitiu, corando, que ele talvez tivesse sido dominado pela emoção, havia tanta coisa para se pensar em um dia como aquele.

— É o sentimento de perda — explicou ele.

— Você não perdeu uma irmã — disse Tom. — Você me ganhou. Que Deu o ajude.

Naquela noite, Tom levantou o cobertor e eu fechei os olhos completamente, mesmo que a luz do quarto do hotel já estivesse bem baixa passando pela fresta da porta do banheiro e o brilho das luzes da rua por trás das cortinas grossas estivesse esmaecido.

— Não é muito para você, é? — perguntou ele.

Eu estava deitada com a barriga para cima e as mãos cruzadas sobre o peito tanto para poder ver a minha aliança nova de casamento em uma das mãos quanto para sentir o coração sob a outra. Eu estava com uma camisola branca de cetim e renda, que minha mãe costurara. Era a peça mais linda do meu enxoval, e o modo provocante que minha mãe aplicara a renda no corpo tinha sido uma surpresa para mim. Ao que parecia, minha mãe sabia de coisas sobre as quais nunca falava.

— Aceite ou desista — respondi com uma risada. Eu estava um pouco tonta devido ao champanhe que tínhamos bebido.

E Tom retrucou:

— Ah, eu aceito, se eu puder.

Senti um leve cheiro de álcool no seu hálito. O gosto de champanhe e do bolo no fundo da minha garganta. O cheiro fraco de alvejante nos lençóis e nas fronhas do hotel. Não sei se foi uma indicação de alguma experiência prévia que eu não sabia se ele tinha, ou a habilidade da minha mãe com tecido e agulha e fita, mas logo me vi sem a linda camisola sem o menor esforço da minha parte, sem nem mesmo abrir os olhos.

Eu era inocente o suficiente e tinha bebido o bastante para ficar surpresa ao descobrir que um corpo poderia se transformar em algo totalmente diferente sem as roupas. Assim como fiquei surpresa ao descobrir, não naquela noite, é claro, mas com o passar do tempo, que, no escuro, tudo continuava igual — a pele, o cabelo, os membros, os ossos e a gordura, o cheiro e os batimentos do coração e o ritmo da respiração. Igual pelo menos em relação à boca, aos lábios. Um mistério revelado apenas para os casados por muito tempo.

Na manhã seguinte, na luz pálida do hotel, quanta estranheza. Peguei os óculos para ver as horas. Passava um pouco das sete da manhã. Havia uma marca de bordas amarronzadas de um cigarro apagado na mesa de cabeceira de madeira que, de alguma forma, eu associei a uma dor de cabeça leve que sentia bem no centro do meu cérebro. A minha boca estava seca. A experiência me dizia que eu não voltaria a

dormir. Qualquer tipo de charme que o quarto pudesse ter tido na noite anterior, com as luzes baixas, as cortinas fechadas e o elegante balde de prata com champanhe, não tinha desaparecido por completo — afinal eu nunca tinha passado uma noite num lugar como o St. George Hotel —, mas havia uma estranheza em tudo aquilo naquela hora da manhã: a luz por trás das cortinas verde-claras e o barulho do aquecedor escuro, uma porta batendo em algum lugar, o som dos motores na rua, um senso decepcionante de um dia comum, até mesmo ali, naquele adorável hotel, simplesmente um dia comum. Tom, aquele estranho, com o seu cabelo fino enrolado no cocuruto, como o cabelo de um boneco barato, por sobre o rosto rosado, estava adormecido serenamente ao meu lado.

Encontrei a camisola no chão e a vesti — sem nenhum vinco, fiquei feliz ao notar, era de um tecido bom, dissera a minha mãe. O penhoar estava na cadeira no canto. No banheiro, joguei água fria no rosto para aliviar a dor de cabeça. Escovei os dentes e enxaguei a boca, penteei o cabelo e passei um pouco de batom. Nos filmes, haveria serviço de quarto, um garçom empurrando um carrinho com toalha de tecido, plumas nas mangas do penhoar, mas era domingo de manhã e precisávamos nos apressar, já que tínhamos de encontrar a minha mãe e Gabe para a missa das dez horas. Minha mãe serviria o desjejum lá em casa, com todos os convidados da festa de casamento. Haveria, certamente, algumas brincadeiras comedidas, sem dúvida, principalmente por parte dos amigos de Tom da cervejaria. Na recepção, um deles cantarolou: “Ah, como dançamos na noite do casamento, dançamos e dançamos porque o salão não tinha cama”. Um deles deixara um frasco de vaselina no assento do carro alugado quando saímos da recepção — o qual Tom derrubou no chão e eu fingi que não vi.

Nós íamos pegar o trem para um resort fora de Albany, um lugar recomendado por Gerty que se provaria menos elegante do que esperávamos.

Com a cabeça doendo, lembrei de algo que o meu pai disse um dia, sobre alguém não ser o primeiro noivo a ficar de ressaca na manhã seguinte ao grande dia. Imaginei que eu também não seria a primeira noiva a me sentir daquele jeito. Então me lembrei que ele tinha falado aquilo sobre o marido de Dora Ryan. A mulher que fingia ser um homem. Fiquei feliz por não ter pensado naquilo antes, principalmente na noite passada, quando tiramos as nossas roupas.

Quando voltei para o quarto, Tom já tinha acordado e estava me olhando com um pouco de preocupação. O cabelo ainda estava levantado sobre a careca como uma pequena labareda.

— Está tudo bem? — sussurrou ele, como se eu fosse algo delicado.

Embora eu estivesse um pouco dolorida — tenho que admitir que em dado momento me perguntei se a vaselina não teria ajudado —, respondi, blasé:

— Ah, eu estou bem, obrigada. E você?

Ele disse que achava que um copo de suco de tomate com um pouco de molho inglês ajudaria bastante depois da missa. E eu citei o meu pai para ele, sobre não ser o primeiro noivo depois da grande noite.

Ele chegou um pouco mais para o lado como se quisesse abrir espaço para eu me deitar de novo, então me deitei ao lado dele.

Estranhamente — ali estava eu com a minha camisola de cetim e renda e ele com a camiseta de dormir, na cama, juntos pela primeira vez nas nossas vidas e conversando como se estivéssemos completamente vestidos e sentados à mesa da casa da minha mãe, tomando chá —, repassamos o plano

para o dia: missa, café da manhã, metrô para a Grand Central, ou será que deveríamos ostentar pegando um táxi? Por que não? Nossas malas prontas já estavam na casa da minha mãe. Eu disse “na casa da minha mãe” de modo proposital, e não “na minha casa”, nem mesmo “lá em casa”, como que para me lembrar a que lugar eu pertencia agora — mesmo que fosse apenas um apartamento pequeno em Rego Park que eu mal tinha visto e que Tom garantira apenas duas semanas antes. Eu disse “a antiga vizinhança”, embora tivesse sido a minha vizinhança até o dia anterior.

Porque ela estava na minha mente, ou talvez porque fôssemos casados agora, e tais assuntos não fossem mais grosseiros, contei a ele a história da angústia de Dora Ryan, lá na antiga vizinhança: uma mulher que fingia ser homem.

— Tanto mais para lamentarmos — disse Tom. Ele, por sua vez, me contou uma história sobre um colega com quem trabalhava, Darcy Furlong, do Sul. — Um camarada legal — comentou ele —, mas um decorador de vitrines, se é que me entende. — Alguns dos outros colegas dificultaram muito a vida dele, até que o chefe colocou um fim naquilo. O cara já tinha problemas suficientes, foi o que o chefe, o senhor Heep, explicara para Tom.

(Em nossa recepção de casamento, o senhor Fagin e o senhor Heep ficaram diante de mim, de braços dados, rindo e apontando um para o outro, gritando sobre a “ironia” de ambos terem nomes de personagens de Charles Dickens. Achei que fosse apenas uma casualidade sem significado, mas Tom, que tivera aulas de catecismo com uma ex-corista, viu tal coincidência como um lembrete de Deus de que Ele era um diretor teatral orquestrando todas as coisas. Tom ergueu o copo em brinde aos dois homens e disse: “Enterrar e Embriagar”, o que fez com que todos gritassem.)

— Você tem que sentir pena deles — continuou Tom. — Esse tipo de pessoal. Deve ser uma vida solitária.

E nós nos aconchegamos mais um ao outro, na nossa nova intimidade recém-descoberta, sob os lençóis do hotel que tinham um vago cheiro de alvejante e, agora, o cheiro quente dos nossos corpos.

Para um de nós, pelo menos, nós sabíamos, tínhamos certeza — era assim que víamos o mundo —, nunca mais haveria solidão na vida. Acabou que foi para o Tom.

Ele se virou na cama e envolveu a minha cintura com o braço, e colocou o rosto no cetim rendado do meu colo. Ouvi o som de água correndo em algum outro quarto, uma porta se fechando em algum lugar próximo, vozes baixas no corredor. O mundo comum e apressado seguindo o seu ritmo, fechando-se sobre a felicidade tão rapidamente quanto se movia para curar uma tristeza.

Eu lembrei a ele que não tínhamos muito tempo, que precisávamos nos apressar se quiséssemos chegar à missa. Ele encostou o rosto no meu braço nu e a face estava áspera com a barba por fazer. O gosto de champanhe ainda estava no seu hálito. Esqueça a hora, disse ele, e eu me maravilhei ao descobrir que aquilo era algo que também podíamos fazer durante o dia.

A figura na porta tinha uma compleição quadrada, ombros largos por baixo da camiseta branca comprida e uma cabeça grande e escura, mas não era alta e, decididamente, estava inclinada para a direita.

— Você não está conseguindo dormir, Marie? — perguntou ele.

— Não — respondi.

— Você quer um pouco de leite quente? — Havia a cadência de um sorriso nas palavras.

— Não — respondi, resistindo ao charme daquilo.

Ouvi-o suspirar. Vi-o se inclinar um pouco mais para a direita, encostando-se, acredito, no batente da porta. Havia a luz do abajur atrás da minha cadeira que iluminava a camiseta branca. Ele tinha me contado, em algum momento, que encontrara uma caixa cheia delas, tamanho xg, em um canto do Grand Central Parkway, e agora ele as usava todos os dias para trabalhar, limpas e frescas, um pouco compridas demais talvez. Ele não era alto, mas grande e forte, embora um pouco torto. Teve duas escolioses quando criança. Também me contara isso. Assim como a maioria dos trabalhadores ali, cuidadores era como se referiam a si mesmos, ele era de uma das Ilhas e falava com uma cadência que era bonita e, ao mesmo tempo, incompreensível.

— Eu estou bem — afirmei.

Se você é um cuidador, eu às vezes perguntava, isso faz de mim uma cuidadosa?[8] Mas eles não entendiam a brincadeira.

— Você não quer voltar para a cama? — sugeriu ele, e eu ergui a mão. O sono me ludibriava de um modo como tantas outras coisas começaram a fazer: lembranças, sons, visões. Eu estava cansada de esperar por ele.

— Não — respondi. — Estou melhor na cadeira.

— Acho que você ficaria melhor na cama — contrapôs.

E eu lhe disse que eu tinha quatro filhos, seis netos e cada um deles fazia uma excelente imitação da minha mãe. Ele deveria tentar outra tática.

Eu o ouvi rir e ele retrucou:

— Mas a sua mãe não conseguiu ensinar você a fazer pão.

— Verdade. — Fiquei surpresa por me lembrar de ter contado a história para ele. — Eu achava que se eu aprendesse a cozinhar, a minha mãe ia morrer. Do mesmo modo que tinha acontecido com a minha amiga. Eu era uma criança teimosa — acrescentei. — "Audaciosa" era como a minha mãe me chamava.

Com os meus olhos do jeito que estavam e o modo como a luz do corredor brilhava atrás dele, era impossível ver o seu rosto, mas ouvi a sua risada, que era o modo de ele dizer que eu não mudara. Duas crianças pequenas, que não eram reais, estavam ao lado dele, encostadas na bainha da camiseta comprida. Era uma peça que os meus olhos começaram a me pregar: pessoas aparecendo ali e acolá, em geral, na minha visão periférica: pessoas estranhas, crianças com roupas antigas, às vezes freiras com seus longos hábitos, ou mulheres com bebês no colo. Uma luz limpa e embaçada em torno delas.

Quando comentava com os meus filhos sobre isso, eles assentiam, impacientes — bem, se você tivesse feito o transplante —, ou se solidarizavam com falso entusiasmo: talvez isso signifique que você está recuperando um pouco da sua visão. Mesmo com a minha visão reduzida, eu sabia que estavam trocando olhares do tipo "Temos que ter paciência". Uma vez, perguntei a eles, impaciente — uma paciente impaciente: "Por que vocês acham que todo mistério não passa de um truque de luz?".

Mas o meu cuidador, ali na porta, com sua camiseta grande demais, encontrada em uma caixa de papelão na saída do Grand Central Parkway — eu conhecia todas as histórias dele, assim como ele conhecia as minhas —, se referia a essas ilusões como anjos, os anjos consoladores que só apareciam para poucas pessoas de idade avançada. Ele disse que eu os via porque uma vez eu salvara a vida de alguém. Uma superstição de uma das Ilhas, pensei, ou uma tática do manual dos cuidadores. Mas, para ser sincera, aquilo estava bem mais próximo do que eu queria acreditar.

Ainda assim, eu lhe disse que ele estava muito errado. Que trabalhei na funerária de Fagin até o nascimento do meu primeiro filho. Eu era um anjo consolador naquela época, expliquei. Eu ajudava a enterrar os mortos. Não salvei nenhum deles.

Então, ele me perguntou, com as mãos ao lado do corpo, como que para pousá-las na cabeça das crianças:

— Você vai me chamar quando estiver pronta para ir para a cama? Será que vai, pelo menos, me deixar ajudar?

— Vou, sim — respondi. E o silêncio que seguiu a minha resposta me mostrou que ele sabia que eu estava mentindo. Vi as crianças entrarem no quarto.

— Se você pedir — disse ele em tom suave —, você sabe que eu vou fazer isso para você. Você só precisa pedir.

Então, ele despareceu do que restara da minha visão, porque os meus olhos, de repente, se encheram de lágrimas tolas.

Acho que me levantei, então, porque ele me pegou enquanto eu caía.

O médico estava com o rosto vermelho. Suas mãos eram bruscas.

— Senhora Commeford — disse ele —, a senhora não está cooperando.

Embora eu não conseguisse ver, sabia que o suor devia estar brotando em sua testa, porque quando ele se inclinou para gritar comigo, uma gota pingou no lençol abaixo do meu queixo. Não a vi caindo, mas, de alguma forma, ouvi o som que fez, e, na minha dor, imaginei que aquele som, o som de uma gota de chuva em um telhado seco, fazia com que o cheiro de alvejante no lençol se elevasse, o qual também quase me lembrou de alguma experiência que vivi que talvez tivesse gostado, até amado — a minha primeira noite com Tom, sob os lençóis que não tinham se secado ao sol ou em um varal na cozinha da minha mãe —, mas a dor era uma onda negra e inchada que subjugou aquela breve recordação feliz do mesmo modo que começou a absorver o rosto vermelho do médico e das enfermeiras de branco, que andavam de um lado para o outro, e a luz no quarto — natural ou artificial, quem poderia dizer. Eu já estava em trabalho de parto havia horas àquela altura, talvez até dias.

Eu não sabia, ninguém me dissera a extensão do sofrimento envolvido, desde as dores da lavagem intestinal, a raspagem da lâmina e a dor excruciante do começo de cada contração longa, até que a dor fosse cedendo até passar.

Eu já tinha feito tantas súplicas aos céus àquela altura — primeiro, que o meu bebê fosse saudável; depois, que, por favor, eu não morresse; agora, apenas que a dor passasse — que já estava começando a me ver como um vendedor da Fuller Brush[9] batendo em uma porta sólida, uma porta sem dobradiças e sem maçanetas. Horas, dias, poderiam ser até semanas, naquele sofrimento, eu já não tinha mais esperanças de ser atendida, então, dirigi as minhas súplicas ao meu pai, que me amara e que teria chorado ao meu ver ali, amarrada, como um animal no matadouro, presa sob o peso da minha barriga, rasgada pela dor e, agora, entre tantos outros ultrajes, aquele homem, aquele médico, gritando na minha cara.

— Eu estou cooperando — consegui dizer, e quis acrescentar algo chocante, amargo e profano. Mas a onda negra estava passando pela minha mente também. Eu não conseguia encontrar as palavras que eu queria proferir: bastardo, filho da puta, *amadan*, idiota maldito.

Havia, em algum lugar perto da minha orelha, um silvo de ar. Uma enfermeira de branco se inclinou. Ela tinha nas mãos uma máscara de borracha, oferecendo-me éter, mas o médico afastou aquilo de mim com a mão. Pareceu-me que ela havia desaparecido na luz.

— Ah, por favor — ouvi a minha própria voz pedir, não gritando com aquelas palavras infames que eu imaginara, mas suplicando, choramingando e fraca.

O homem se abaixou de novo. Aquele não era o meu médico, mas um que, eu me lembrava, chegara em algum momento nas últimas horas, ou dias, com rosto vermelho e despótico e mãos brutas e impacientes.

— Um pouco de dor agora — explicou ele — para um resultado melhor depois. Para o seu bebê. Um bom desfecho.

Uma gota amarga do suor dele pingou no meu lábio e, então, ele se debruçou sobre mim e o seu peito branco absorveu como algodão a onda negra da minha dor. Ele ia me sufocar, aquele era o único antídoto, é claro, para o meu sofrimento. Tola que eu fora de pensar diferente. Nenhum outro alívio, a não ser a morte, abandonar o meu pobre corpo por fim, descartando-o, uma concha, uma boneca. Eles iam

enchê-lo com pelo de cavalo. Eu não faria mais súplicas: eu cairia sem o menor esforço contra a porta sólida e inacessível.

Eles me cortaram em duas. Depois, brincando sobre aquilo, eu disse que fui atropelada pelo Coney Island Express, os parâmetros de dor, do peito à coxa, era o mesmo da distância entre o aço escuro dos trilhos do metrô. O cheiro de sangue que tomava o quarto cheio como um odor subterrâneo de rocha oca e aço frio. Eu ouvi, na verdade, a batida forte e o ritmo dos vagões de trem enquanto o médico de rosto vermelho me cortava em duas sem anestesia suficiente, ou sem nenhuma, eu tinha certeza. E tirava o bebê. E me costurou de novo para que eu sentisse cada um dos pontos. Uma dor como uma batida forte, clara e escura, triturando o ar, de um trem em movimento, aço contra aço, um trem passando por cima de mim, quebrando os ossos do meu quadril e fincando os dentes no meu crânio de porcelana.

— Desnecessário — disseram-me duas enfermeiras, enquanto me banhavam e trocavam o curativo e devolviam o meu pobre corpo, ainda meu, ao que parecia, para a cama da enfermaria. Elas falavam baixo, olhando por sobre os ombros para a porta e para o corredor do lado de fora. — Ele foi treinado no Exército — contaram elas. — Brutal. Ele acha que as mulheres precisam ser mais fortes em relação a essas coisas.

Mas quando o médico entrou no quarto de novo, elas apenas sorriram e assentiram e se espalharam como pombos quando ele berrou os seus pedidos.

Vi minha mãe sentada em uma cadeira perto da janela quando abri os olhos de novo. Minha mãe usava chapéu e o seu conjunto de tecido claro de verão, e a sua bolsa estava no colo. Os raios de sol tinham tirado toda a sua cor. Pensei por um instante que talvez nós duas tivéssemos morrido durante aqueles longos dias e noites da minha provação, não por causa da luz pálida no quarto branco, mas por causa da doce segurança que senti ao acordar e ver a minha mãe ali, uma certeza de que eu era amada e estimada acima de qualquer coisa. A paz e a tranquilidade do quarto, a suspensão temporária da dor, pareciam evidências suficientes de que o meu tempo chegara ao fim. Senti um júbilo estranho. Então, fechei os olhos e dormi de novo.

Era noite e a luz estava fraca. Tom estava na cadeira quando abri os olhos de novo. E, então, uma manhã seca, o som de bandejas e carrinhos e bebês chorando ali e acolá, o som da voz da enfermeira quando se inclinou sobre mim, tudo aquilo se encobriu e se inflamou. Eu tinha uma imagem inabalável de um papel de parede com flocos vermelhos crescendo como fungo na minha língua e descendo pela minha garganta. Eles tiraram o que quer que fosse que me cobria, mas não houve qualquer alívio no frio que agora eu sentia sobre a pele úmida.

As bandagens largas foram arrancadas do que restava da minha pobre pele pálida suspensa entre os ossos magros do meu quadril. Havia o cheiro pungente e doce de pus. Ordens sendo gritadas, ordens de um médico militar, ou talvez de algum outro. Mãos mais indiferentes passando pela minha pele; nenhuma indignidade naquilo, eu já tinha me acostumado. Uma enfermeira grande com cachos dourados sob a touca lavou o meu corpo nu com uma esponja, passando-a por toda a extensão do meu braço — ele estava estendido porque ela pegara a minha mão e a prendera sob as próprias axilas, de forma casual e eficiente como uma mulher pendurando as roupas no varal e segurando os pregadores na boca. Ela passou a esponja pelos meus ombros e entre os meus seios. A enfermeira usava um avental impermeável sobre o uniforme, e os seus braços gordos eram frios e sólidos como mármore cinza. Senti o cheiro vago de

vinagre no ar.

Mais tarde, ouvi a minha mãe erguer a voz, com raiva, mas não tive forças para assegurar a ela que não havia motivos para objeção: um corpo, afinal de contas, era apenas algo insignificante, e realmente, mamãe, toda modéstia já tinha saído pela janela havia muito tempo.

Então, ouvi orações sussurradas. Um padre careca de batina preta com uma estola verde e dourada, com um missal em uma das mãos e a outra pegando algo em um pequeno recipiente que Gabe segurava para ele nas mãos em concha. Gabe também em um terno claro, em pé ao lado do padre escuro, mas, presidindo, ainda assim de forma elegante e segura. Eu me concentrei nas mãos de Gabe. As suas lindas mãos. Então, senti a pele do polegar do padre contra a minha testa e as palmas da minha mão. E, depois, alguém mexeu no cobertor que cobria os meus pés e sussurrou, ou alguém me contou isso mais tarde.

— Ah, realmente. — Foi Tom que então riu. Eu o reconheci pelo riso.

Depois, ele pousou os lábios no meu rosto e os manteve ali.

— Por favor — pediu ele, um pouco mais tarde.

— Um menino lindo — contou ele, e me beijou de novo.

Ele disse:

— Você está indo bem.

E em outra vez:

— Você vai logo voltar para casa.

Eu ouvi o médico falante dizer:

— Uma compleição de criança para começar — e eu mantive os olhos fechados, fingindo dormir.

Então, em uma outra manhã, quando o médico entrou, eu estava sentada na cama e tinha acabado de tomar um desjejum leve. Ele dobrou o cobertor até a minha coxa para examinar o corte, mas daquela vez, com um cuidado educado que eu não vira antes. Ele chegou a pedir:

— Com licença.

Ele passou a ponta dos dedos pelo curativo. Ocorreu-me que eu já estava acostumada a olhar para baixo e vê-lo examinando o meu corpo. Eu conhecia a careca dele tão bem quanto a de Tom. Ele disse:

— Está bem, bem melhor — e, então, de forma rápida, quase tímida, me cobriu de novo.

Ele estava, pensei, me devolvendo o meu corpo. Senti uma tristeza peculiar, o fim de uma intimidade.

Ele pousou a mão no meu antebraço. Tinha rosto vermelho e cabelo grisalho e queixo forte. Parecia um velho general. Alguém me contara que ele tinha sofrido na guerra. Brutal.

— Não tenha mais filhos — declarou ele. E, então, dirigindo-se à enfermeira na porta: — Traga o bebê para esta jovem mãe.

Em casa — concordamos que eu voltaria para a casa da minha mãe até estar totalmente recuperada —, minha mãe disse:

— Tem o anel, a camisinha. Você pode medir a sua temperatura todos os dias de manhã e anotar. E vocês podem dormir em camas separadas.

O bebê, o pequeno Tommy, era forte e saudável, vivo nos meus braços, e ele acordava a cada três horas. Uma vez mais, minha mãe e eu compartilhávamos a mesma cama grande. A minha mãe se levantava

ao menor choro do bebê, sempre com a mamadeira pronta. A provação que quase me matara se reduzira agora a uma incisão quente e vermelha que dividia a minha barriga — tão retalhada e mal costurada que a minha mãe, ao ver, sussurrara: “Eu gostaria de quebrar o pescoço dele por isso”. Se eu me mexesse do modo errado, a dor que irradiava dali atravessava todo o meu corpo e fazia com que eu me curvasse para recuperar o fôlego.

A minha longa provação, como passei a chamar aquilo, também se reduziu à dor nos seios, a qual o meu próprio médico me assegurou que logo sumiria quando o leite secasse. Ele era mais gentil que o general, mas ainda falava dos meus seios e do leite que produziam com um sorriso indiferente, como se todo o processo fosse um vestígio de uma época primitiva — um costume dos imigrantes, como uma das enfermeiras dissera quando a minha mãe, que ficava perguntando por que eu não amamentava o meu filho, não estava no quarto —, um hábito biológico persistente que essas jovens mães, se tivessem os meios necessários, já teriam conseguido quebrar. Nenhuma das minhas amigas amamentou os filhos, e a infecção que eu tivera no hospital teria me impedido de fazê-lo de qualquer forma. Não que isso satisfizesse a minha mãe, que observava a criança arrotar no meu ombro e lamentava:

— Ele sabe o que está perdendo.

Eu era uma mulher casada agora, com quase trinta anos de idade, com um lindo filho nos braços e um corpo que tinha sido esfolado, publicamente, exposto de forma indiferente, isso sem mencionar a lembrança da porta sólida que não se abria — a porta da morte, sim, como eu pensava naquilo —, recordando-me por um instante, com um frio na espinha, do seio exposto, iluminado, e a boca de Walter Hartnett se aproximando de mim.

Tom vinha ao apartamento depois do trabalho para jantar conosco, geralmente com o bebê no colo e, então, se sentava na sala de estar segurando a minha mão, falando e falando, do seu jeito animado e, de forma relutante, pegava o seu chapéu e se despedia. Eu o acompanhava até a porta — eu ainda tinha que evitar as escadas —, mas Gabe quase sempre descia com ele até o carro. Gabe explicou, nos primeiros dias dessa rotina, que fazia aquilo porque Tom parecia uma alma solitária, voltando sozinho para o nosso apartamento no Queens, mas comecei a suspeitar que o meu irmão tinha outra intenção ao acompanhar o pobre Tom pelas escadas. Afinal, havia a questão das ordens médicas: eu não deveria ter outro filho.

Quando estávamos sozinhas no apartamento, minha mãe dizia:

— Tem o anel. Tinha uma mulher que morava na rua Joralemon, no andar de cima da padaria dos Chehab, que você poderia procurar se precisasse da coisa. Mas o médico certo também poderia ajudar. Também tem a camisinha, se o Tom aceitar usar. Você pode medir a sua temperatura todas as manhãs e manter um registro. Vocês podem dormir em camas separadas ou em quartos separados, e quando ele for procurá-la à noite, você pode perguntar — nesse ponto, ela empinava o nariz —: e quem vai criar o seu filho quando eu morrer? Você pode dormir com uma concha embaixo do travesseiro e usá-la para bater nele. E eu nem preciso dizer onde. — O que nos fazia rir como meninas. A minha mãe sabia de coisas sobre as quais nunca falara.

Da cozinha vinha o som de fraldas fervendo e mamadeiras na panela esmaltada.

A minha mãe disse:

— Quando o padre veio até a cabeceira da sua cama naquela noite, eu disse para Gabe mandá-lo

embora. Eu tinha ficado o dia inteiro olhando pela janela, e talvez ainda estivesse com manchas do sol atrapalhando a minha visão, mas não gostei da aparência dele, daquele padre. De terno preto e carregando uma bolsa preta pequena. Fiquei olhando pela janela o dia inteiro e observei o sol ficar forte e contei as sombras enquanto o dia passava e, na minha cabeça, eu sabia que era de noite quando o seu pai morreu naquele mesmo lugar. Enquanto você e eu estávamos dormindo em casa, e Gabe, na casa paroquial. Ele se foi à noite e nenhum de nós estava por perto. Sei que estava com medo de a noite chegar, tão temerosa quanto qualquer criança. Temia que aquela noite fosse a noite que você nos deixaria também.

Estávamos à mesa da família, minha mãe na cadeira que sempre ocupava, dobrando as fraldas que recolhera do varal. O calor do verão tinha diminuído, mas a janela continuava aberta. Eu estava sentada no lugar de Gabe à mesa para evitar a corrente de ar. O bebê estava no meu colo.

— O padre, aos meus olhos, parecia muito sombrio com aquela roupa — continuou a minha mãe —, com a sua pequena bolsa preta, em pé no batente da porta e, depois, vindo na direção da sua cama. Eu disse para Gabe mandá-lo embora. Ele ficou zangado comigo. Guiou o homem pelo cotovelo até o corredor e voltou e disse que aquilo era algo que tínhamos de fazer por você, para assegurar que você fosse para o céu. A extrema-unção. Ele estava muito sério. Você sabe como ele é. Um sacramento, ele ficava repetindo, como se eu tivesse me esquecido. — Ela ergueu o queixo, fazendo uma imitação do desafio com que recebera as palavras de Gabe. — Eu não tinha esquecido — explicou ela. — Eu só não gostei da aparência do homem se aproximando da sua cama daquele jeito. Como a morte de preto. Eu estava desesperada de medo de perder você.

"Eu disse para o Gabe: 'Ela é uma jovem mãe que acabou de dar à luz o primeiro filho, quem é que vai mantê-la fora do céu?'. Eu insisti: 'Como você sabe que ela não vai vê-lo rezando sobre ela e acabar desistindo de lutar?'. Por fim, eu disse: 'Você é um padre, não é? Você ainda é um padre. Mande aquele homem embora e ministre a extrema-unção você mesmo. Você não fez o mesmo pelo seu pai?'."

Minha mãe, ao contar aquilo, pousou a ponta dos dedos nos lábios. O sol da manhã banhava o rosto macio e as pernas onde as fraldas brancas estavam empilhadas com cuidado. As cortinas de renda, feitas por ela, se agitaram.

— O que foi horrível da minha parte — concluiu ela. — Lembrá-lo daquela dor de cabeça. — Ela olhou para mim. Àquela altura, a minha mãe já usava óculos e o seu cabelo grisalho já estava cacheado com permanente. — Ele mal tinha sido ordenado — continuou. — Foi uma coisa terrível ter de pedir para ele fazer aquilo naquele momento, e foi horrível ter jogado aquilo na cara dele só porque o padre afetado e sombrio me deixou zangada.

Ela pegou outra fralda limpa no cesto sobre a mesa e a dobrou.

O bebê começou a ficar agitado e eu me levantei, segurei-o em pé no colo e passei a mão pelas suas costas. Eu não sabia disso, que o meu irmão dera a extrema-unção para o meu pai. Mas fazia sentido, é claro — Gabe estava na sua primeira paróquia na ocasião —, mas aquela época era um borrão para mim, e eu não teria pensado em voltar a minha imaginação para aquele período até agora. Uma vez, logo no início, meu pai ficara na janela do hospital e acenara para mim na rua — apenas uma imagem pálida atrás de um vidro lá no alto —, mas a última vez que eu o vi de verdade foi naquela mesa, segurando na mão o pão sabotado de fermento, o meu próprio esforço infantil de parar o tempo.

Eu disse para a minha mãe:

— Eu não sabia disso.

Minha mãe assentiu.

— Foi algo terrível para ele ter que fazer — declarou ela, pousando a mão no colo, como se estivesse cansada. — Terrível para ele. E ele só tinha o quê? Vinte e três anos? Mal tinha sido ordenado. E o seu pai já tão fraco àquela altura. As tripas saindo pela boca, se você quer saber o pior. — Ela ergueu a mão magra até a altura do peito e depois subiu pelo pescoço, como se quisesse ilustrar.

Eu não queria saber o pior.

— Mesmo enquanto Gabe passava o óleo sagrado nele, o pobre homem estava vomitando e engasgando. Cruel. Aquele câncer. Foi cruel da minha parte obrigar Gabe a fazer aquilo. Eu deveria tê-lo expulsado do quarto.

— Eu não me lembro — disse eu, aproximando-me do canto da sala de jantar para evitar a corrente de ar da janela aberta. Sempre atenta àquilo, a objetos do caminho, água quente. Eu era mãe agora, e todas as coisas horríveis que poderiam maltratar uma criança, arrancá-la do mundo, já tinham se revelado para mim. O bebê estava quentinho e adormecido nos meus braços. — Eu mal me lembro daquela época.

O meu pai, uma figura pálida na janela do hospital. Todos aqueles estranhos passando pelo vestíbulo, alguns chorando, outros carregando flores. E, então, a sombra benevolente de Fagin. Os McGeever com a boca cheia de dentes quebrados sobre o caixão na sala de estar, dizendo que um homem tão magro andando por aí era um convite para o infortúnio. E, então, o doce sono no carro a caminho do cemitério Calvary, um dos sonos mais doces que eu já conhecera. Gabe com o seu colarinho eclesiástico na época, olhando para mim com desdém e os olhos vermelhos sem entender: “Você dormiu? Como é que você pôde dormir?”.

— É uma bênção para você — disse a minha mãe. — Não lembrar. — E, uma vez mais, ela tocou os lábios. — Foi culpa minha. Pedir a ele. As mãos do pobre rapaz tremiam e as lágrimas escorriam pelo seu rosto. E o seu pai engolia a bile negra em uma tentativa de encorajá-lo. Tentando ajudá-lo com o latim. — Seus dedos estavam agora no queixo. — Movendo os lábios como costumava fazer quando Gabe recitava os poemas. Movendo os lábios porque não podia falar. E aquele cheiro horrível. Podridão e bile. O corpo dele se reduziu a nada. Eles lhe davam rádio para beber. Veneno. O rosto dele virou uma caveira. Homem querido.

Com a mão no queixo, ela parou e fechou os olhos de novo. Eu ouvia a água fervendo nas panelas no fogão e o trânsito na rua.

— Acho que a vocação do seu irmão foi esmagada ali, naquele instante, se você quer saber a minha opinião.

E ela abriu os olhos de novo. Atrás das lentes finas, eles estavam escuros de raiva.

— Acho que foi o fim da doce fé daquele pobre menino. Testemunhar o sofrimento do próprio pai daquele jeito. Testemunhar o sofrimento da carne. Ali estava ele, recém-ordenado, repleto de palavras que aprendera lá no seminário, todas as orações, e ali estava ele, diante do corpo do próprio pai, reduzido a sofrimento e lamúrias.

Ela fez uma pausa e ergueu uma das fraldas brancas, e bateu com ela, uma, duas, três vezes no colo.

Um gesto de lamento que eu aprendera a reconhecer.

— Como ele poderia voltar para a sua paróquia — começou ela, com voz baixa — e subir ao púlpito para dizer às pessoas que olhavam para ele que havia misericórdia no mundo? — Ela me lançou um olhar fulminante, embora parecesse não estar ciente de que era comigo que estava falando. Seus lábios estavam úmidos de fúria. — A vocação dele acabou bem ali naquele hospital, se você quer saber o que eu acho. Sempre achei isso. E já penso assim há muito tempo. — Então, ela olhou diretamente para mim. — Mas não se atreva a contar para ele que eu disse isso.

Meneei a cabeça. Eu não diria nada.

A minha mãe recomeçou a dobrar as fraldas.

— Então, foi horrível da minha parte trazer esse assunto à tona de novo, no hospital, quando aquele padre apareceu com a sua bolsa preta. Terrível da minha parte jogar aquela lembrança na cara do seu irmão, quando ele estava tentando fazer por você o que ele ainda esperava que fosse o certo. O que ele sabia ainda. Tentando assegurar a mim que você iria para o céu depois de toda a sua dor. Mas aquilo não me consolava. Eu não queria você no céu. Queria você viva. Na Terra. Com o seu filho. Quando o padre entrou de novo, eu bati com a minha bolsa na cabeça dele.

"A sua mãe liberou o lado irlandês", foi como Tom descreveu a mesma cena mais tarde.

Em ambas as versões, Gabe simplesmente colocou a mão nos ombros da minha mãe, pedindo: "Mamãe, você precisa se acalmar agora". Ele mostrou a ela as mãos vazias, como se devesse ficar aparente que o que quer que ele tivesse antes, não tinha mais. Eu conhecia o gesto. "Vamos deixar o padre dar o sacramento", pediu ele. "Ele é um bom padre e eu vou ficar do lado dele."

— E não é que ele estava certo? — disse a minha mãe com um sorriso, trocando de lado, ou foi o que me pareceu, simplesmente ao limpar o cuspe dos lábios e afastar a raiva do olhar. Ela dobrou e alisou e deu tapinhas nas fraldas dobradas. — Você ficou melhor no dia seguinte. Quase um milagre.

Eu assenti. Pensei naquela porta sólida e no meu corpo escorregando por ela. Acho que agora eu podia dizer que tinha tido a minha própria experiência de vida equivalente, talvez, à noite sombria de Gabe no quarto de hospital do nosso pai ou da longa queda de avião de Tom ou quaisquer outras jornadas solitárias que os mortos fizeram e que não poderiam ser compartilhadas e nem mesmo descritas de forma suficiente. Agora, eu tinha o meu próprio mistério, só meu, a minha experiência particular que nunca seria compartilhada, nem descrita de forma suficiente, por mais que eu tentasse por todos aqueles anos: a porta da morte, eu diria. Como ser atropelada pelo Coney Island Express. Nada daquilo seria suficiente para representar tudo pelo que passei. Agora, eu conhecia a dor que era feita de tempo, de uma vida inteira. Agora sabia o que era abandonar toda a modéstia, o corpo e as súplicas daqueles que amam você e queriam que você vivesse.

— Foi a infecção que cedeu — disse eu. — A penicilina fez efeito.

E a minha mãe, agora que se acalmara, esquecida da raiva que sentira do padre, de Gabe e da injustiça do meu próprio sofrimento, olhou para mim com olhos sagazes, com aquele sorriso misterioso nos lábios que me advertia contra os riscos de chamar muita atenção para as alegrias mais profundas. A minha mãe pousou a mão nas costas do bebê apoiado no meu ombro.

— Bobagem — declarou ela.

Em um sábado frio de outubro, dois meses depois da minha provação, Tom colocou o cesto de vime do bebê e a minha mala no porta-malas do carro, amarrando a tampa meio aberta com uma corda grossa. Ele estava agitado, entrando e saindo com o seu sobretudo de qualidade. Minha mãe desceu na nossa frente, carregando uma sacola cheia de refeições que preparara, Gabe atrás de nós segurando o bebê. Tom envolveu a minha cintura com uma das mãos e segurou firme a minha mão direita com a outra, enquanto eu me apoiava no corrimão, descendo um degrau de cada vez por insistência dele.

— Eu estou bem mesmo — afirmei, embora o ar frio e a luz do sol na calçada tenham feito a minha cabeça girar.

Ele me acomodou no assento do carro, e eu senti uma pontada no abdômen quando me sentei, um eco do insulto. Gabe se inclinou para acomodar o bebê nos meus braços.

Quando Tom e eu partimos, acenei para eles, para a minha mãe e para o meu irmão. Eles estavam um do lado do outro na calçada — a minha mãe parecendo muito pequena ao lado dele. Gabe mais bonito do que nunca. Eu sabia que eles iam ficar olhando até que o carro virasse a esquina e, então, subiriam de novo, juntos, para concluir o dia repentinamente tranquilo.

O apartamento em Rego Park estava um brinco e com cheiro de cera de limão e de uma torta de maçã que Tom aprendera a fazer para compensar pela esposa que não conseguia aprender. Havia rosas em um vaso em cima da pequena mesa da cozinha. O berço já estava montado no único quarto, e a nossa casa estava bem-arrumada. Ele trouxe o cesto de vime e as mamadeiras e a sacola de comida, enquanto eu trocava a fralda do bebê e dava uma mamadeira antes de acomodá-lo no berço. Então, Tom fez chá e cortou duas fatias de torta. Admirei as rosas enquanto comíamos na pequena mesa. Tom contou uma história engraçada sobre duas senhoras na mercearia que o aconselharam sobre quais maçãs escolher.

— Enquanto o bebê está dormindo — disse eu —, acho que vou me deitar um pouco.

Ele trouxe a minha mala e eu tirei o meu vestido e a minha meia-calça e vesti um penhoar sobre a camisola. Coloquei os óculos na mesinha de cabeceira. Ele alisou a colcha para mim e pegou uma coberta no armário — tudo isso sem dizer nada para não acordar o bebê. Fechou a cortina enquanto eu me deitava e, quando se inclinou para me dar um beijo na testa e sussurrar algo sobre bons sonhos, segurei o seu punho e disse:

— Deite-se aqui comigo também.

Contornou a cama, sentou-se do outro lado e desamarrou os sapatos. Ele se deitou, com um pouco de cautela, pensei, e, com o máximo de distância que conseguiu manter na cama de casal, esticou o braço e pegou a minha mão. Apertou-a um pouco para se assegurar de que eu estava ali, ou talvez simplesmente para transmitir como estava grato. Ouvi-o suspirar e soube, sem virar a cabeça, que ele tinha fechado os olhos. Peguei a mão dele e levei aos meus lábios.

Não é que a minha vida tivesse menos valor para mim agora que eu tivera uma visão de como seria perdê-la. O amor pelo meu filho adormecido no berço, a necessidade que a criança tinha de mim, da minha vigilância, tornaram a minha vida valiosa de uma forma que nem mesmo o amor mais abundante que já me fora oferecido, dos meus pais, do meu irmão, e até mesmo de Tom, conseguira fazer. Agora o amor era exigido de mim — para ser dado, e não simplesmente ser buscado ou correspondido. A minha presença na Terra jamais fora tão premente e necessária. Ainda assim, a certeza de tal fato parecia ser

motivo para jogar a cautela e o cuidado para o alto.

Beijei a mão dele e a levei ao meu coração. Nós nos viramos um para o outro.

— Ah, Marie — sussurrou ele. — Nós temos de ter cuidado.

— Por quê? — perguntei.

E vi que ele não conseguiu segurar um sorriso ao me ouvir. Eu era audaciosa. Ele fez os olhos e a boca ficarem sérios.

— Você não pode ter outro filho.

— Quem disse? — sussurrei.

Ele meneou a cabeça. Eu ainda mantinha a mão dele no meu coração.

— O seu médico. O seu irmão. E até mesmo o padre que foi ao hospital para lhe dar a extrema-unção.

— Tolos — declarei. — Diga-me qual deles já teve um filho? — Mas Tom fechou os olhos e levou a mão à testa. — Aquela noite foi terrível. Eles lhe deram a extrema-unção — disse ele com um sussurro como se a lembrança daquilo ainda o deixasse sem fôlego.

Gentilmente, toquei o seu rosto para fazer com que me olhasse. Apertei os olhos em um esforço para vê-lo.

— Foi apenas uma infecção boba — assegurei enquanto me aproximava mais dele. Senti uma dor no abdômen, o músculo se fechando sobre a cicatriz. — Da próxima vez, eu já terei experiência e vou levar o meu próprio éter.

Comecei a desabotoar a camisa dele.

— Todo mundo diz que o segundo filho é mais fácil. — Beijei o pescoço dele (será que existia algum lugar do corpo mais solitário e vulnerável?). — Uma menina da próxima vez — disse eu. — Uma das enfermeiras disse para eu ter uma menina da próxima vez. Alguém para cuidar de mim quando eu ficar velha.

Mas ele ainda estava negando com a cabeça.

— Eu não tenho medo — afirmei.

E não tinha mesmo. Eu concebera o nosso primeiro filho sem ter noção do sofrimento envolvido. Agora eu sabia, o desejo — que ainda estava lá, é claro — parecia um incentivo suficiente para conceber de novo. A coragem era algo prazeroso para mim agora. Eu era audaciosa. Tinha ficado às portas da morte. Eu resistira à dor. Sabia que conseguiria enfrentar aquilo de novo, enfrentar o tempo, audaciosa e teimosa, com uma criança nos braços.

Quando passou o dedo pela cicatriz que dividia a minha barriga em duas, ele parou, ouvi-o arfar.

— Isso é burrice da nossa parte — sussurrou ele.

E eu respondi.

— Acho que é sim.

Três

A primeira coisa estranha foi que Tom o trouxe pela porta da frente, a qual nós nunca usávamos. Eu estava sentada na cozinha, esperando pela sombra cruzar a cortina rendada que cobria o vidro da porta dos fundos, a sombra que indicaria que o carro tinha sido estacionado na garagem, quando ouvi, em vez disso, um barulho e uma batida, seguidos pelo ranger estranho da porta da frente da casa. Ouvi a voz de Tom — alta e leve: "Pode entrar. Pode entrar", um tom jovial — e outra série de pequenos estalos provocados pela mala do meu irmão sendo levada pelo corredor estreito.

Susan estava na pia, tornando complicado o simples ato de fazer chá gelado — havia folhas de menta fresca envolvidas, ervas do jardim, até onde eu sabia, mel e casca de limão — e nós duas trocamos olhares ao som da porta da frente se abrindo, o som da porta externa batendo, com a mesma surpresa que teríamos demonstrado se Tom tivesse trazido Gabe pela abertura de ventilação.

— Mas o que é isso? — perguntei.

Gabe estava em pé no meio da sala de estar. Os braços soltos ao lado do corpo. Mesmo quando garoto, ele às vezes abria um sorriso muito largo como aquele. Transmitindo, inadvertidamente, o esforço que estava fazendo para expressar o prazer, que, apesar daquilo, era autêntico e sincero. Era o sorriso tímido e obediente para tirar uma fotografia, mantido por muito tempo.

— Oi, para vocês — cumprimentou ele.

Ele tinha emagrecido. Um pouco da sua cor natural tinha fugido não apenas do seu rosto e do seu cabelo mas também das costas das mãos alongadas, os sapatos engraxados, as roupas que ele usava — uma camisa polo branca abotoada até o pescoço sob um casaco esportivo, apesar do calor, e calça social cinza. Meticuloso como sempre, sim, o rosto largo estava bem barbeado, o cabelo claro e grisalho penteado com cuidado, mas, no todo, menos vívido do que fora, menos presente, de alguma forma, no mundo. Cruzei a sala de estar até ele, Susan atrás de mim e Helen nos seguindo. Tom já estava na metade das escadas com a mala e ele avisou para Gabe por sobre o ombro:

— Cuidado, a gangue já está toda aí — brincou ele como se quisesse lembrar o meu irmão que as mulheres precisavam ser mimadas.

Ergui a mão para tocar o rosto encovado de Gabe. A pele estava áspera e brilhante de suor. Ele tocou os meus cotovelos. Por um momento, aproximamos os rostos no cumprimento moderno, mas nos afastamos, assumindo a distância mais confortável com a qual crescemos. O cheiro da instituição emanava das suas roupas: comida de lanchonete e desinfetante hospitalar mascarados pelo cheiro da loção pós-barba.

— Como estava o trânsito? — perguntei.

— Bom — respondeu Gabe.

Até mesmo os seus olhos tinham perdido um pouco de vida.

Tom gritou da escada:

— A Southern State está parada até Hempstead. Os pobres coitados não vão chegar a Jones antes do pôr do sol.

Virei-me para as meninas atrás de mim. Não era a minha intenção, mas pareceu que eu estava lhe dando as costas.

— Aqui estão Susan e Helen — disse eu em tom animado.

As duas meninas tinham parado logo depois da porta em arco que levava à sala de estar. Cada uma

delas ergueu a mão e moveu os dedos. Helen inclinando a cabeça para o lado enquanto o fazia, erguendo os ombros, tímida — ela era um poço de timidez naquela época, sempre encolhida. E Susan demonstrando no seu sorriso que sabia que poderia, se assim quisesse, nos desmascarar a todos: o seu pai jovial, sua mãe zelosa, o seu tio que tinha acabado de sair de Suffolk — o hospital mental que ficava no leste e que tinha sido o lugar que conhecia apenas pelos insultos infantis desde que conseguia se lembrar.

Onde você estuda, Suffolk?

Ei, Suffolk ligou, está na hora de voltar.

Os caras de jaleco branco querem levar você para um passeio até Suffolk.

Ele talvez fosse o primeiro adulto sobre quem ela sabia algo que deveria fingir não saber, e entendeu, naquele momento, que aquilo a colocava em um patamar mais elevado do que todos nós durante aquelas primeiras horas da volta de Gabe.

Tom veio descendo as escadas de novo, a mão escorregando pelo corrimão.

— Dava até vontade de avisar àqueles relações-públicas — disse ele em voz alta e jovial, suando um pouco, o rosto largo e a careca corados — para pegar seus isopores e rádios de transmissão e voltar para o Bronx.

Agora ele tinha acabado de descer as escadas e estava no pequeno vestíbulo onde a porta da frente — a porta que nunca usávamos — ainda estava aberta. Ele a empurrou para fechá-la, e uma parte do sol foi bloqueada do vestíbulo e da sala também. Ficamos todos ali por um instante na penumbra, unidos pela porta fechada.

Embora a casa fosse pequena, não costumávamos usar muito a sala de estar: abríamos os presentes de Natal ali, tirávamos as fotos da Páscoa e, quando recebíamos visitas, sentávamos ali com coquetéis e tigelas de amendoim salgado. Havia apenas uma janela, coberta com cortinas brancas e transparentes e venezianas que estavam fechadas agora para bloquear o calor da manhã. Havia a coluna firme sob a escada, o brocado dourado no canto da sala, uma mesinha de centro, dois abajures Waterford. No início de cada verão, eu enrolava o tapete de qualidade bordado com rosas que tinha sido o estilo da minha mãe e que cobria o chão da sala e o guardava em um depósito, deixando as tábuas de madeira sem adorno até setembro. A minha voz ecoou um pouco naquele momento, como se eu estivesse em um palco quando disse:

— Vamos entrando, Gabe. Sinta-se em casa.

Eu o levei pela sala de jantar até a cozinha. Era uma cozinha tipo americana, verde-água e rosa, um espaço estreito e nada prático, espremido entre a sala de jantar e o corredor que levava para os dois quartos do térreo. Havia apenas uma mesa pequena e duas cadeiras. Helen correu para ocupar a mais distante, sentando-se sobre uma perna dobrada, do jeito que gostava de fazer, como se estivesse dobrando-se sobre si mesma, mas, ainda assim, pronta para florescer. Susan voltou à bancada onde estava preparando o chá gelado. Eu a segui e, então, me voltei para meu irmão. Gabe estava em pé na porta, relutante e incerto, uns trinta centímetros mais alto do que Tom, que estava atrás dele, ainda falando sobre o caminho, sobre o trânsito para a praia naquela manhã e sobre a relativa facilidade com que chegaram em casa.

— Pode se sentar — ofereci, indicando a cadeira. — Tome um pouco de chá. — Corei por estar agindo de forma tão estranha. — Ou será que você prefere se refrescar um pouco?

Gabe respondeu:

— Acho que vou fazer isso.

E eu o acompanhei até o lavabo pequeno, de forma tão educada, como se ele não passasse de um estranho.

Na cozinha, Tom bateu com as mãos nos bolsos e perguntou em voz bem alta o que tinha feito com as chaves do carro, e, então:

— Aqui estão elas — respondeu ele, rindo, como se as tivesse conjurado entre o polegar e o indicador.

Ele disse que deveria sair naquele instante para tirar o carro da alameda de entrada, que estava quente, e colocá-lo na garagem coberta, para que os assentos não derretessem e a tinta não desbotasse com o calor. Ele tinha dito a Gabe, na verdade, no caminho de volta, como o antigo mirante estava resistindo e como ele tomava cuidado para mantê-lo em boas condições.

Ele sacudiu as chaves do carro, e elas chamaram a atenção de Susan do mesmo modo como quando ela era bebê. Ela tinha aprendido a dirigir naquele verão.

— Vamos? — perguntou ele, mas Susan meneou a cabeça.

— Pode ir. Eu ainda estou preparando o chá.

Tom deu de ombros. Reconheci a breve luta interna que travou consigo mesmo para se convencer de que era irracional ficar magoado com a negativa. Ela nunca antes tinha recusado uma oportunidade de se sentar atrás do volante com ele: ela estava, compreensivelmente, curiosa sobre aquele tio louco dela, recém-chegado.

Quando Tom saiu pela porta lateral, como sempre, Susan se virou para mim e perguntou:

— Por que ele não parou lá assim que chegou? Por que entrou pela porta da frente?

Eu disse algo sobre ele querer levar a mala do tio Gabe para cima, embora agora eu entendesse que Tom não queria que Gabe sentisse que tinha se tornado um convidado que entrava pela porta dos fundos.

— Estranho — disse Susan, e então olhou por sobre o meu ombro, para Gabe, que voltava à cozinha.

De repente, voltou a se ocupar com os limões e as folhas de hortelã.

— Sente-se — disse eu, dirigindo-me a ele. — Você deve estar com sede. Susan está preparando uma mistura e tanto.

Gabe entrou na pequena cozinha. Notei uma vez mais a sua perda de peso. Não se tratava de uma perda saudável. Ele ocupou a outra cadeira na pequena mesa, em frente a Helen, que o analisava sem o menor constrangimento.

— Foi extremamente gentil da parte de Tom ir me buscar — disse ele, enquanto eu servia o chá. Nada tinha sido acrescentado ou tirado do sorriso que dava. — Cruzar todo aquele caminho. — A voz dele, também, tinha perdido um pouco do vigor. Ela sempre fora tranquila e com um tom nivelado, mas, agora, carregava uma cicatriz, como se ele tivesse se desgastado e se recuperado de uma doença nos pulmões ou na garganta. — Em geral, as pessoas costumam deixar Suffolk de táxi.

As meninas o observavam em silêncio. Eu estivera preparada para não mencionar o tempo que ele ficara em Suffolk.

— E eu poderia muito bem ter feito isso.

— Bobagem — respondi.

As pernas dele estavam cruzadas e os braços pousados na perna. Ele ainda estava de casaco, embora estivesse quente na casa naquela época pré-refrigeração de ar. Eu me ofereci para guardar o seu casaco, mas ele ergueu a mão para dizer que estava bem. Os sapatos de couro e cadarço eram novos.

— É meio solitário ir assim — continuou ele. E riu um pouco. — Ir embora, quero dizer. — A pele do seu pescoço estava enrugada, o queixo, frouxo, embora estivesse claro que ele tinha se barbeado com cuidado. — Eu vi alguns pobres loucos saírem para pegar o táxi como se preferissem ficar.

A palavra — "loucos" — me assustou e me fez sofrer. Eu senti as minhas duas filhas lutando contra as instruções de permanecerem caladas. Helen, é claro, era tímida demais para dizer qualquer coisa, mas Susan já tinha as perguntas na ponta da língua: Foi horrível lá? Havia camisas de força? Você ficou preso em uma cela acolchoada? — as mesmas perguntas que ela já tinha feito para nós quando as chamamos, tranquilamente, no nosso quarto na noite anterior e explicamos para ambas usando frases sérias e sussurradas que o tio Gabe estava vindo para passar um tempo. Não um homem doente, dissera Tom — ele fazia visitas regulares ao hospital e conhecia bem os psiquiatras, os especialistas, era como ele os chamava —, apenas um homem um pouco devastado por um tempo. "Soterrado" foi a palavra que ele usou.

— Como uma onda enorme — explicou ele às duas meninas. — Como na praia Jones Beach.

Na verdade, quase um ano antes, Gabe saíra pelado do apartamento ao alvorecer. Caminhara até o Prospect Park — aos prantos — conforme o relatório da polícia, motivo por que ele provavelmente não foi acusado de atentado ao pudor e apenas enviado para o hospital e, depois, após a intervenção do nosso próprio médico de família, foi levado para Suffolk.

A cena nos foi descrita na sala de internação do hospital na noite em que Gabe fora pego pela polícia. Um pequeno grupo formado, aparentemente, por jovens o seguiu enquanto ele cambaleava pelo caminho. Alguns jogaram lama nele. Havia traços daquilo nas omoplatas e nas nádegas. Outros atiraram galhos finos que arrancaram de árvores ou lixo, jornal, embalagens vazias de comida na rua. Ele estava nu e chorando. Estava descalço, um dos pés sangrava. Alguém no prédio chamou a polícia. Os policiais se aproximaram dele com cuidado. Eles o chamaram de "camarada". Perguntaram onde morava, se ele tinha família, mas ele só chorava e não conseguia falar. Eles não tinham nada no carro da polícia com que pudessem cobri-lo e teriam de colocá-lo no carro daquele jeito, quando uma senhora de um dos apartamentos apareceu, sem fôlego, falando em italiano ou iídiche, os guardas não chegaram a um consenso quanto ao idioma. Ela trazia um cobertor nas mãos. Ela não o conhecia. Não poderia dar qualquer informação sobre ele, mas, ao que parecia, o tinha seguido por alguns quarteirões, segurando o cobertor diante dele.

Era um dia quente de outono. Eles estavam na extremidade mais empoeirada do parque, que estava bastante negligenciado. Havia a gritaria da provocação dos jovens e a voz da senhora estrangeira e os carros passando, alguns diminuindo a velocidade e zombando também. A própria luz do sol parecia barulhenta. Exposto àquilo, a pele clara do meu irmão ficou sarapintada e pálida. Os policiais suavam

dentro dos uniformes, as armas presas nos coldres, absorvendo o calor. Um deles, não o que falava de forma gentil, chamando-o de “camarada”, mas o outro — policiais Fernandez e O’Toole, eu não tinha como saber qual era qual —, segurava um cassetete na mão. O meu irmão estava nu entre eles, pálido e magro, com as mãos largadas ao lado do corpo. Ele estava chorando, sem conseguir falar. Eles algemaram suas mãos nas costas. Eles o enrolaram no cobertor que a senhora trouxera. Ele se deixou levar.

Tom e eu, na pequena sala em algum lugar dentro do hospital, ouvimos, ficamos perplexos, baixamos os olhos, mesmo enquanto o médico descrevia a cena, lia o nome dos policiais, dizia, “aos prantos” e “chorando” como sinônimos. Caminhando juntos por aqueles corredores horríveis para vermos Gabe, eu soltei um único suspiro e meneei a cabeça. Tom segurou a minha mão. “Você viu aquele topete?”, sussurrou ele.

— Sempre que eu via um táxi parar — continuou Gabe —, eu me lembrava daquela cena do filme *Meu amigo Harvey*. Aquela quando o motorista entra para receber o pagamento mas a irmã não consegue encontrar a carteira. E, enquanto eles esperam, ele conta para eles como os doidos são todos amigáveis e felizes quando vão para o sanatório, mas todos parecem zangados e impacientes quando se vai pegá-los de volta depois que estão curados.

Ele fez uma pausa e inclinou-se para a frente, educadamente, como se quisesse verificar se nós o ouvimos e o compreendemos. Como se quisesse determinar se ele tinha falado muito e de forma repentina demais, ou se tinha falado qualquer coisa. Eu me lembro da expressão em seu rosto, a ligeira inclinação de interrogação educada que ele usava na infância. Havia entradas na sua testa e a luz da cozinha iluminou a sua cabeça naqueles dois pontos.

Helen disse:

— Eu adoro esse filme. — Ela estava sentada em frente a Gabe na pequena mesa de fórmica da cozinha. Ela não estava ereta, nunca estava ereta. Estava curvada sobre o copo, o pequeno queixo pontudo quase tocando a borda do copo. Havia tantas folhas de hortelã no seu chá que mais parecia um terrário com iluminação âmbar. — Harvey fez a carteira desaparecer — afirmou ela.

— A púca[10] — comentou Gabe, suavemente, assentindo. Ele se virou para ela, educadamente, mas um pouco surpreso, como se não esperasse que ela fosse falar.

— Para que Elwood não levasse o tiro — continuou ela.

Ele assentiu de novo.

— Elwood P. Dowd — completou ele, usando aquela atenção graciosa de um adulto que não está acostumado a conversar com crianças. — Você está certa. — O punho do seu casaco tinha subido um pouco expondo a pele pálida. Havia uma pulseira hospitalar no braço ossudo. Ele olhou para mim. — Alguém fica acordado até tarde para assistir *The Late Show*? — quis saber ele, e Helen baixou ainda mais o queixo até tocar a borda do copo.

Susan riu e respondeu:

— E o *The Late, Late Show*.

Havia um tom debochado de irmã mais velha em sua voz e talvez, por causa da presença de Gabe ali, um novo tom de indulgência. Havia o modo como o corpo dela se movia naquela época, balançando-se enquanto falava — como se uma Susan mais assertiva e adulta, a advogada que ela viria a ser,

estivesse ultrapassando a criança tímida que ela também fora um dia. Embora ela já tivesse sido tão magra quanto Helen era agora, havia começado a engordar um pouco recentemente. Eu estava ciente do seu braço carnudo. Ela estava apoiada na pia, as mãos cruzadas para trás, mas o seu corpo se inclinava para a frente. Eu a empurrei um pouco para o lado para abrir a gaveta de utensílios e pegar uma tesoura.

— Ela até tenta ficar em casa fingindo estar doente quando vai passar algum filme bom de manhã — continuou Susan. — Planeja a vida dela em torno dos programas de tv.

— Não planejo nada — protestou Helen dentro do copo. — Nunca.

— Você está brincando? — perguntou Susan, provocando a irmã e se exibindo. — Quem é que circula todos os filmes antigos no guia de programação da semana? E gruda lembretes no espelho do banheiro? Como *A juventude é assim mesmo* na terça-feira.

Helen baixou a cabeça de novo, e levantou os ombros quase até as orelhas.

— Eu não faço isso — insistiu ela, suavemente.

A irmã retrucou:

— É claro que faz. Não minta — Susan riu.

Cruzei o aposento estreito e peguei a mão do meu irmão sem dizer nada. Sem dizer uma palavra também, ele segurou a minha mão.

— Eu também penso assim — disse ele para as meninas. — Um filme antigo na tv torna o meu dia muito melhor.

A pele dele estava fria e cinzenta, pelos dourados nos dedos brancos. Passei a tesoura da cozinha entre a pulseira de plástico e o punho azulado dele, e a cortei no meio e, depois, lhe toquei o joelho antes de jogar a pulseira na lata de lixo.

— Acho que não vou mais precisar disso — declarou Gabe.

Tentei dar um tom leve à minha resposta:

— Nós conhecemos você.

Gabe se virou para a Helen:

— Que filme está passando hoje?

Helen ergueu os olhos para o relógio na parede. Ela tinha o rosto estreito e olhos escuros, emoldurados por cílios negros adoráveis. Ela tinha a visão perfeita. Ambas tinham. Uma bênção do pai.

— Um filme de Hitchcock — informou ela. — *A sombra de uma dúvida*.

— Joseph Cotten — disse ele. — Mais um dos bons.

Helen disse:

— Não sei quem é esse.

Algo de autêntico apareceu no sorriso do meu irmão.

— Joseph Cotten — repetiu ele. Ele se ajeitou na cadeira, enfiou a mão no bolso para pegar um cigarro. — O que será que aconteceu com Joseph Cotten?

Eu dei de ombros, ciente e grata pela conversa comum.

— Quem sabe? — respondi, distraída. — Todos aqueles atores antigos. Talvez esteja fazendo comerciais.

— Ou talvez tenha morrido — opinou Susan.

— O filme é de 1940 e poucos — acrescentou Helen. — 41 ou 42.

— Uma história antiga — disse Gabe. — Sua mãe ainda era um bebê nos meus braços.

Eu ri. O ar na cozinha quente tinha ficado um pouco mais leve.

— Dificilmente — respondi. — Eu já estava trabalhando para Fagin nessa época.

Gabe deu um sorriso caloroso. Havia também o encanto de um passado compartilhado.

— O anjo consolador — disse ele.

Ele bateu o maço amassado contra a mão e tirou um único cigarro com filtro e uma caixa de fósforo que estava dentro do celofane. Peguei um cinzeiro na janela e atravessei a cozinha para colocar na mesa. Novamente, toquei o joelho dele com a ponta dos meus dedos.

— Eu não sei nada quanto a isso — neguei. — Mas consegui cinco vestidos novos com o emprego.

E vi as minhas filhas trocarem um olhar cauteloso entre eles: também conheciam aquela história.

Gabe baixou a cabeça, enquanto riscava o fósforo e o sacudia no ar depois que acendeu o cigarro. Ele soprou a fumaça da primeira tragada para o teto.

— Nós éramos grandes fãs dos filmes da tarde lá no asilo de loucos — contou ele.

A porta lateral se abriu e Tom entrou de novo, falando. Ele estava dizendo como um pouco antes, naquele verão, tinha pendurado duas bolas de tênis na viga da garagem coberta para servirem como guia para Susan estacionar, impedindo-a de entrar com carro e tudo na pequena cozinha e derrubar a nós todos das nossas cadeiras no meio do jantar quando derrubasse a parede e chegasse à sala de jantar — algo que mulheres ao volante eram bem capazes de fazer. Na verdade, ontem mesmo, disse ele — e veja só estas adoráveis folhas de hortelã, Gabe, elas crescem no nosso jardim, devíamos preparar alguns julepos —, ontem mesmo, continuou, ele vira uma mulher arrancar uma cerca viva na própria esquina quando deu marcha a ré para sair da alameda de entrada, e ela devia estar a uns sessenta quilômetros por hora e o marido estava em pé na escada da frente com as mãos para cima.

Ele fez uma demonstração, jogando as mãos para cima e deixando-as cair na careca para mostrar o desespero.

Ele se voltou para Susan, que estava apoiada na bancada da cozinha, tolerando as piadas de forma afetuosa. Houve épocas na adolescência da minha filha nas quais eu teria ficado grata por um pouco daquele afeto.

— Acho que vou ganhar um ou dois anos extras no purgatório — concluiu Tom —, por ter colocado outra motorista no mundo.

Ele se serviu do chá gelado e o encheu de açúcar, mesmo depois de Susan ter dito que já estava adoçado com mel.

— Então, este é o negócio — disse ele, dirigindo-se a Gabe —: eu mesmo coloquei as duas bolinhas de tênis na garagem e elas batem na janela e eu dou um pulo de susto. Eu quase tenho um ataque do coração todas as vezes.

As meninas começaram a rir. Ele quase teve um ataque do coração, repetiram elas, rindo, todas as vezes. Ele dá um pulo e grita: “Jesus Cristo!”.

— Às vezes, algo pior — acrescentou Helen.

— Às vezes ele diz “que merda” — contou Susan, e exclamou quando bati com o pé, como se quisesse esmagar o palavrão. Susan retorquiu: — Eu só estou repetindo o que ele disse.

— Eu não sei por que não consigo me lembrar que elas estão lá — continuou Tom. — Elas me

pegam todas as vezes.

Aquilo, obviamente, era uma mentira. Elas tinham me assustado uma vez, mas nunca mais. O resto era um teatro, uma cena engraçada que ele tinha aperfeiçoado nas últimas semanas. Eu sabia muito bem. As meninas também. O susto repentino, a blasfêmia, a mão no coração, tudo aquilo era parte de uma piada. Uma das piadas que fazia às próprias custas, para que nós ríssemos dele, para que o impulso das filhas de debochar dele parecesse apenas uma consideração tardia do modo como ele debochava de si mesmo. Eu sabia disso. As meninas também.

Gabe estava sorrindo para todos nós através da fumaça do cigarro.

— Ele acha que o telhado vai cair — disse Susan. — Ou meteoritos.

— Ou esquilos amarelos voadores — acrescentou Helen, rindo. Ela olhou para o pai. — Bem, foi isso que você disse ontem. Você disse malditos esquilos amarelos voadores.

Tom se virou para olhar diretamente para Gabe.

— Você está vendo o que tenho que aguentar nesta casa? — perguntou ele calmamente. — Com os meninos longe, eu sou o único homem da casa, e é isso que tenho que aguentar. Graças a Deus você está aqui.

A fumaça saía pelo sorriso de Gabe, ela se erguia do cigarro na mão dele. As pernas ainda estavam cruzadas e as mãos pousadas sobre elas; o punho da mão que segurava o cigarro, agora livre da pulseira, era longo e tinha veias azuladas e estava coberto de pelos claros. A distância entre o garoto que ele fora e aquele estranho sentado ali agora atrás de um véu de fumaça parecia enorme. Senti uma vertigem repentina, olhando aquilo, e me apoiei contra o braço nu e úmido da minha filha, enquanto Tom começava a contar para Gabe uma outra história sobre esquilos voadores que uma vez invadiram um espaço pequeno atrás dos quartos do andar de cima (onde você vai ficar hospedado, Gabe, mas não precisa se preocupar) e sobre a dupla cômica de exterminadores — Mutt e Jeff — que capturara os bichos e os levara para casa como animais de estimação. Um deles, o baixinho, carregando o esquilinho no ombro como algum tipo de pirata da montanha.

— E eu não estou brincando.

Ele era um homem que amava falar.

— Você viu aquele topete? — perguntou ele quando saímos da sala daquele antigo hospital do Brooklyn onde o pesadelo de Gabe fora descrito para nós. Ele meneou a cabeça e soltou um único suspiro enquanto caminhávamos pelo corredor. — Era de imaginar que um cara como aquele pudesse comprar uma peruca melhor.

Ele disse aquilo de forma suave, inclinando-se para falar no meu ouvido.

— Um psiquiatra, pelo amor de Deus. — Ele segurou a minha mão. — Usando uma peruca como aquela. — Ele riu. — Isso que é um pedido de ajuda — aquelas tinham sido as palavras que o médico usara para descrever o comportamento de Gabe. — Aquela coisa horrível. Eu me pergunto se a esposa dele não diz isso para ele. E deve coçar pra caramba. — Conduzindo nós dois pelo corredor branco até que chegássemos à porta da enfermaria onde Gabe estava deitado, sedado, de costas para nós, com o rosto voltado para a janela.

— Eu posso me retirar? — Helen pediu quando o pai fez uma pausa na história sem fim sobre o seu esquilo voador. Eram cinco para as quatro.

— O filme — informou Susan, com ar sábio e indulgente.

Tom gaguejou de forma teatral:

— Você vai assistir a um filme neste lindo dia de verão?

— Está muito calor — desculpou-se Helen.

Susan exclamou:

— Pai, ela faz isso todos os dias!

Eu disse que ela tinha ficado na piscina dos Grayson a manhã inteira.

Mas é claro que, naquela época, Tom nunca voltava para casa naquele horário para conhecer a rotina de verão da filha. Ele só tirara o dia de folga para pegar Gabe em Suffolk.

— E onde está Lucy Grayson? — perguntou Tom, olhando embaixo dos cotovelos. Ele explicou para Gabe: — Essa é a filha do vizinho, a melhor amiga de Helen e sua sombra. Elas parecem estar grudadas pelo quadril.

— É a Gerty Hanson dela — completei para Gabe, para nos aproximarmos mais.

— Ela está em casa — respondeu Helen rapidamente.

E antes que eu pudesse trocar um olhar com Tom, ele perguntou:

— O que foi? Vocês brigaram?

Helen baixou o olhar e Gabe se inclinou para a frente de novo, sobre as pernas e os braços cruzados.

— Espero que ela não tenha mantido distância por minha causa.

E, então, na estranheza que se seguiu, ele se virou para a mesa para apagar o cigarro, dando-nos tempo de nos recuperar daquilo. Eu realmente pedira a Helen para não trazer Lucy até o tio Gabe estar bem instalado.

— Pode acreditar em mim, tio Gabe — disse Susan, gentil —, você não está perdendo nada. A garota tem a voz mais irritante que você já ouviu na vida. Tipo a Minnie Mouse, se ela fumasse um maço de Carlton por dia. Não é? — perguntou ela para Tom, pois estava repetindo as palavras dele.

Tom riu e respondeu:

— É. Uma menina de doze anos de idade com uma voz de uma prostituta tuberculosa.

E eu fiz outra objeção.

— Posso ir? — sussurrou Helen com os olhos fixos no relógio que ficava na porta da cozinha. — Já está começando.

Gabe guardou o maço de cigarro e a caixa de fósforo no bolso.

— Eu vou assistir também — disse ele. — Se estiver tudo bem para você.

Seguiu-se um certo alvoroço na cozinha pequena e cheia de gente. Helen correu pelas escadas para o porão para ligar a tv — era um aparelho antigo que precisava de alguns minutos para se aquecer. E o restante de nós a seguiu. O porão era dez graus mais fresco do que o resto da casa. Tinha cheiro forte de terra molhada e óleo do aquecedor. Helen já tinha ligado o aparelho e se acomodado no seu lugar de costume, na cadeira gasta mais próxima da tv. Levei Gabe até o sofá antigo. Susan, dizendo que assistiria só um pouquinho e subiria para lavar o cabelo, sentou-se ao lado deles na cadeira de balanço. Tom não tinha paciência para assistir a filmes no meio da tarde — e, de qualquer modo, não conseguia assistir a um filme em silêncio —, mas ficou tempo suficiente para ver todos acomodados. Ele tinha algumas

tarefas a fazer, disse, e me mostrou a prescrição de Suffolk na palma da mão.

— Aproveitem o filme — disse ele, subindo em seguida a escada do porão com passos leves e tocando suavemente o corrimão.

Eu voltei para a lavanderia para esvaziar a secadora e carregar outro cesto. Terminei de passar roupa, levei as roupas limpas para os quartos no andar de cima e as guardei e desci para colocar mais uma leva na secadora. Susan ainda estava assistindo ao filme com Helen e Gabe — ouvi música dos anos 1940 e a voz de uma jovem atriz. Apenas Gabe me notou quando desci as escadas, e ele ergueu uma das mãos que estava na coxa.

Quando subi novamente para começar a preparar o jantar, encontrei Tom lendo o jornal na varanda telada dos fundos. Descasquei as batatas e as pus para ferver. Então, coloquei cerveja em uma tulipa congelada e trouxe para ele.

— Obrigado, querida — agradeceu ele, oferecendo-me o primeiro gole.

Aquela era a nossa rotina. O primeiro é o melhor, dizia ele, às vezes. Provei a espuma e a cerveja gelada por baixo e, então, devolvi o copo para ele.

— Será que não deveríamos oferecer uma para o seu irmão?

Eu dei de ombros.

— Não sei. O que você acha?

— A bebida nunca foi o problema dele — raciocinou Tom. E fez uma pausa. — Embora eu tenha ouvido algumas discussões por lá sobre o seu pai ser alcoólatra. Os pecados do pai, você sabe. Todo aquele lance de Freud. — Ele arregalou os olhos, debochando de si mesmo e dos médicos de forma simultânea.

Olhei para as minhas mãos. Era Tom quem dirigia para Suffolk toda quinta-feira à noite para participar das sessões de terapia na ala masculina de Suffolk. Quando eu ia junto, fazíamos o caminho nas tardes de domingo. Levávamos cigarros e balas para Gabe e nos sentávamos do lado de fora quando podíamos. Conversávamos sobre coisas sem importância e reservávamos a nossa pena para outros pacientes com expressão interrogativa no rosto ou uma corcunda de derrota nos ombros.

Eu disse a Tom que havia algo naquele lugar que me fazia lembrar do antigo seminário de Gabe. Ele riu e disse que também tinha algo do campo de prisioneiros.

Tom disse agora:

— É só um modo que encontraram para tentar achar alguém para culpar pelos próprios problemas.

Pela parede telada atrás dele, eu via o sol de fim de tarde lançando longas sombras no gramado dos fundos, no pequeno pátio e nos arbustos de flores e na lateral azul da piscina. Eu conseguia ouvir as borbulhas do filtro e os gritos das crianças no quintal vizinho que estavam jogando bola.

Era um aposento rústico. O chão era de concreto pintado e as telas tinham manchas de ferrugem em alguns pontos. Mesmo naquela época, as almofadas sobre as cadeiras de ferro batido já estavam amarelando por baixo da estampa de vinhas, as costuras se abrindo. Havia um clorofito delgado com aparência doentia em um canto, um cesto de brinquedos velhos de piscina que não eram mais usados. Ao lado dele, o cavalete e as tintas de Tom e um quadro quase terminado do canteiro de não-me-toques que tínhamos na frente da casa. Ela era tanto bonita quanto imprecisa.

— Será que vamos um dia saber qual é o problema de Gabe? — perguntei.

Tom colocou o copo de cerveja no tampo de vidro da mesa do jardim. Se eu conseguisse sonhar de novo, sonharia comigo naquele aposento, naquele horário. E me sentaria na almofada que desbotava ao lado dele.

— Nós só sabemos o que os médicos nos dizem — respondeu Tom. — Depressão.

Naquelas primeiras semanas, ele tinha voltado das visitas a Suffolk brincando que aquela era a primeira vez que ouvia a palavra sem ser antecedida por "grande", "A Grande Depressão".

— O que não quer dizer muita coisa — acrescentou ele.

— Para que é o remédio que prescreveram? — perguntei.

— É só para ajudá-lo a dormir — respondeu, gentil.

— O sono nunca veio fácil para ele. Nem quando éramos crianças — contei.

Então, Susan apareceu na porta para dizer:

— Bem, isso é irônico.

Olhei por sobre o ombro.

— O quê?

— O filme — respondeu Susan entrando na varanda. Ela assistira a tudo. — Você sabe sobre o que é? É sobre o tio Charlie. Ele vem para visitar a sua *irmã*. — Ela se balançou um pouco para a frente ao dizer aquilo. — A sua irmã e a sua *sobrinha*, a filha da sua *irmã*. — Ela se balançou de novo. — A sobrinha acha que o tio Charlie é o cara mais charmoso do mundo, e o venera, até que descobre que ele é um assassino. Que mata velhinhas e rouba o dinheiro delas. E suas joias. Então, é claro, ele tenta assassinar a sobrinha também. Ele até se parece um pouco com o tio Gabe.

Eu disse apenas "Susan", porque Helen já estava atrás dela e Gabe vinha atrás. Os dois pareciam meio calados.

— Como foi o filme? — perguntei em tom alegre.

— Bom — respondeu Helen.

— Não muito gentil com os tios solteiros deste mundo — opinou Gabe.

Olhei para Susan, que estava corando sob as sardas e os olhos baixos.

— Foi o que ouvi — disse eu.

— Temo que sempre serei suspeito — declarou ele e deu um sorrisinho.

Ele ainda estava com o casaco. O suor brilhava em cima dos lábios e eu lhe ofereci uma cerveja. Fui à cozinha para pegar. Sugeri que tirasse o casaco e se sentasse lá fora com Tom para aproveitar um pouco da brisa que entrava pelas telas. Enquanto as meninas colocavam a mesa e eu terminava o jantar, ouvi a voz dos dois homens que liam o jornal e conversavam sobre as notícias.

Eu costumava servir refeições frias no calor daqueles verões: presunto fatiado e salada de repolho da delicatéssen, pepinos em conserva, salada de batata e pãezinhos. Gabe ocupou a cadeira do nosso filho mais velho. Seus modos, como sempre, meticulosos e elegantes. Afinal, eles tinham sido criados para pertencer a um bispo. Observando-o sentado à minha mesa, por um breve instante pensei que aqueles modos de gente rica que os meus pais nos ensinaram poderiam muito bem ser um modo (frágil, na melhor das hipóteses, mas um modo ainda assim) de controlar, encurralar, afagar e manter preso o que quer que

fosse que tinha feito Gabe perder o controle no último verão.

Fiz uma observação mental de mencionar isso para as meninas quando elas ficassem encurvadas (Helen) ou lambessem a parte de trás da colher (Susan), que boas maneiras e conversa agradável podem ser muito bem as únicas coisas que temos para manter a confusão controlada e confinada.

Nossos dois filhos, Tommy e Jimmy, nossos gêmeos irlandeses, com apenas onze meses de diferença entre um e outro, estavam trabalhando em Hampton Bays naquele verão. Divertindo-se como nos velhos tempos, explicou Tom para Gabe durante o jantar contando as novidades. Atraindo as meninas como moscas, disse também. Dois universitários. Dois festeiros. Os dois bronzeados de sol na última vez em que os vimos, e não poderia ser diferente já que ficavam estendidos no sol o dia inteiro. Mergulhando no mar para curar a ressaca, sem dúvida, e, depois, indo trabalhar no restaurante à noite. Nenhuma preocupação no mundo, disse Tom.

— Não como você e eu éramos, Gabe, nessa idade.

— Eu me preocupo com eles — confessei. — Com todas essas coisas acontecendo. Drogas e tudo mais. E o modo como as meninas se comportam hoje em dia.

Eu sabia que Susan estava revirando os olhos.

Tom sacodiu a mão, pondo de lado as minhas palavras.

— Eles só estão se divertindo — contrapôs ele. Essa era uma discussão constante entre nós. — Aproveitando a juventude enquanto podem.

— Ah, é claro — concordei.

Eu não gostava nada de ser colocada de lado.

Gabe olhou para mim e sorriu. Ele tinha tirado o casaco e, em sua camisa polo branca, parecia mais jovem e frágil do que quando chegara. Talvez mais como era quando menino. Ou talvez mais como o nosso pai, embora Gabe agora fosse mais velho do que o nosso pai chegou a ser.

— Você conhece a oração de santo Agostinho? — perguntou ele. — A que ele fez quando tinha a idade deles?

Gabe pronunciou o nome do santo com suavidade, no que eu achava ser um jeito sacerdotal, o que talvez explicasse o porquê de eu ter sentido que, de repente, havia um ar respeitoso na nossa atenção. Até mesmo as meninas ficaram sérias, ou talvez cautelosas. Apesar dos nossos esforços, elas não eram mais devotas do que eu era na idade delas, pequenas pagãs.

— Não — respondi.

O olhar do meu irmão era caloroso.

— Deus, conceda-me a castidade e o autocontrole — recitou ele —, mas, por favor, meu Deus, que não seja agora.

Todos nós rimos — as meninas com um pouco de alívio, talvez, ao descobrir que ele não era um homem solene, e Tom com toda a afeição e admiração de longa data que nutria pelo meu irmão.

— Ele é o seu santo, não é? — perguntou Tom. — Santo Augustinho? — Ele pronunciou o nome como se fosse o diminutivo de Augusto. E o fez mais por humildade do que por ignorância. Nos seus lábios, a pronúncia perfeita e deferente usada pelo meu irmão pareceria esnobe. — Você já o mencionou antes.

— Sou um admirador — admitiu Gabe. — O homem lutou com unhas e dentes.

Eu me levantei para tirar a mesa.

— Eu não sei nada sobre isso — declarei. — Só sei que eu dormiria melhor se os meninos estivessem em casa.

Enquanto tomávamos sorvete, Susan dissecou o filme das quatro horas da tarde. Ela expôs as suas imperfeições em termos de lógica e probabilidade, a advogada emergindo nela mesmo quando tinha apenas dezessete anos. Como poderia se explicar o fato de ninguém saber, disse ela, e, sério, as pessoas não eram tão ingênuas assim, e com certeza aquilo era coincidência demais.

— Para que assistir a um filme — perguntou a tímida Helen, de forma precisa —, se você vai passar o tempo todo procurando motivos para não acreditar nele?

— O título do filme é *A sombra de uma dúvida* — respondeu Susan.

— Bem, eu apostaria em Alfred Hitchcock — opinou Tom.

Gabe disse:

— Na minha primeira paróquia — e fez um gesto para Tom, indicando que ele se lembraria —, havia uma viúva com três filhos, sendo dois gêmeos os mais jovens. Eles frequentavam a missa das dez horas da manhã de domingo. Perguntei sobre ela ao nosso pastor logo que cheguei lá, pensando que deveríamos fazer algo por ela, pelas crianças, pelos filhos pelo menos. E ele me diz: "Este é um caso difícil. Ela é alcoólatra".

Susan e Helen soltaram uma risadinha, e Gabe olhou para elas e sorriu.

— Não, é sério — reforçou ele. — Foi isso que ele me disse. Era um fato conhecido por todos na paróquia, ele me explicou. Ela era alcoólatra e tinha três filhos. Ela estava sempre arrumada nas missas de domingo, assim como as crianças, e as duas vezes que a cumprimentei, ela pareceu correta para mim, mas o pastor disse que eu era inocente demais se não conseguia enxergar. Ela era alcoólatra de verdade, afirmara ele. Eu não conseguia acreditar naquilo. Comecei a procurar por ela. Ela sempre parecia sóbria para mim. As crianças se comportavam durante a missa. Eles sempre tinham dinheiro para ofertar e nunca chegavam atrasados ou saíam mais cedo. Perguntei de novo para o pastor que evidência ele tinha, se já a tinha visto cambaleando, vomitando ou qualquer coisa assim, e ele me chamou de jovem e ingênuo. Repetiu uma vez mais que era um fato bem conhecido. Eu não conseguia entender. Não tinha mais com quem falar. Não queria aumentar os boatos ao sair perguntando. Mas, então, notei que todas manhãs de domingo, quando ela e as crianças estavam a caminho da missa, ela entrava na confeitaria no final do quarteirão da casa paroquial. As três crianças esperavam do lado de fora, ela entrava e saía rapidinho. Talvez, pensei, estivesse tomando uma dose. Talvez fosse aquilo que ela fazia.

— Que pena — declarou Tom, mas Gabe ergueu a mão.

— Então, em um domingo de manhã, quando não era eu que tinha que rezar a missa, fui até a confeitaria às quinze para as dez e entrei para tomar um café. Enquanto estou lá, com certeza, ela entra. Compra um pacote de pastilhas de menta para os filhos e paga com uma nota de um dólar e sai de novo. Depois que sai, o dono na confeitaria se volta para mim e diz:

— Aí está um projeto para o senhor, padre. Ela vem aqui todo domingo para comprar pastilhas de menta. Para encobrir o cheiro de álcool no hálito. Antes da missa.

— E você sentiu cheiro de álcool no hálito dela? — perguntei, e percebi, pela sua indignação, que

não, ele não tinha percebido.

— Claro — responde ele. — Por que você acha que ela estava comprando as pastilhas de menta?

— Por quê? — quis saber Helen.

Gabe sorriu.

— Para encobrir o cheiro de bebida. Ou era o que ele pensava. Mas eu tinha uma intuição. Eu os segui até a igreja, me ofereci para ajudar a passar a bandeja de doações, passei-a e me certifiquei de prestar atenção quando cheguei até ela. Na primeira coleta, ela colocou uma moeda de vinte e cinco centavos, o menino mais velho também, e cada um dos gêmeos colocou uma moeda de dez centavos. Na segunda coleta, apenas a mãe deposita mais uma moeda de vinte e cinco centavos. Três moedas de vinte e cinco centavos e duas de dez centavos, todos os domingos. Noventa e cinco centavos. Naquela época as pastilhas de menta custavam cinco centavos. — Ele se recostou. — Ela fazia aquilo durante anos, trocando a nota de um dólar antes de entrar na igreja. E aquilo, até onde eu sei, foi a única fonte dos rumores de que ela seria uma alcoólatra.

Tom riu.

— Nunca faça suposições — concluiu ele, jogando as palavras no ar, dando mais ênfase à primeira e à última parte: aquele não era um novo número. — Você fez nós dois de bobos — disse ele, fazendo um círculo com a mão. — As meninas estavam incluídas, amor e pena nos olhos e nos sorrisos. — Você chegou a explicar isso para o antigo padre? — perguntou ele para Gabe.

— Expliquei — respondeu Gabe. Eu me perguntei se a ligação entre aqueles dois não teria ficado ainda mais estreita depois daquelas conversas semanais na enfermaria masculina. — Mas ele não pareceu muito interessado — acrescentou ele. — Nós tínhamos peixes maiores para fritar na época.

Helen se curvou sobre o pote de sorvete, com a colher ainda no ar.

— Como é que você não é mais padre? Você não gostou?

Senti o que teria sido o impulso da minha mãe de pegá-la pelo braço e tirá-la da mesa. Susan exclamou um pouco indignada:

— Helen! — confirmando a rudeza da pergunta ao censurá-la.

Mas o rosto de Helen assumiu a expressão da inocente incerteza de Tom. Sem malícia. O que havia de errado?

Gabe respondeu, de forma gentil:

— Foi uma grande honra para mim ter sido ordenado padre. — O restante de nós permaneceu em silêncio. Os olhos dele estavam pousados em Helen. — Mas depois que o meu pai morreu, eu não conseguia deixar a minha mãe e a mãe de vocês lá, morando sozinhas. Alguém tinha de estar lá para elas — concluiu ele. Ele moveu a língua na boca como se estivesse provando algo doce. — A sua mãe não sabia cozinhar, vocês sabem. E ela era uma moça ainda. Alguém tinha de estar lá para guiá-la.

— Aí está — disse Tom, feliz. Ele assentiu, como se a questão estivesse resolvida para todo o sempre. Bastava perguntar. — E pensem nisto — continuou ele, dirigindo-se às filhas —: se o seu tio não tivesse voltado para casa, a sua mãe e eu nunca teríamos nos conhecido, o que significa que vocês não estariam aqui. — Ele fez um gesto amplo e dramático como se quisesse envolver a casa inteira. — Então, é melhor que agradeçam ao homem. Agradeçam por ele ter mudado os planos.

As meninas, rindo, intrigadas, baixaram a cabeça.

— Vamos logo — encorajou Tom, exagerando um pouco, na minha opinião.

— Obrigada — agradeceu Helen, sorrindo e olhando para o prato.

Susan meneou a cabeça e cantarolou de forma debochada:

— Obrigada, tio Gabe.

Depois do jantar, eu o convidei para uma caminhada pelo bairro. Estava escurecendo. Os irrigadores de aspersão estavam se ligando nos gramados escuros e os vizinhos estavam sentados em cadeiras de jardim e erguiam a mão em um cumprimento enquanto passávamos. Gabe fumou. Eu o lembrei na longa caminhada que fizemos quando eu tinha dezessete anos, quando Walter Hartnett partira o meu coração.

— Dezessete anos — disse ele, meneando a cabeça. Ele se lembrava. Ele olhava para a frente enquanto caminhávamos, e segurava o cigarro ao lado da perna. — Não consigo imaginar que nada do que eu disse tenha ajudado você.

— Foi por causa do...

— Walter Hartnett — completou Gabe. — O garoto manco. O melhor amigo de Bill Corrigan. Pobre Bill.

E eu acrescentei:

— Pobre Walter, também.

Gabe retrucou:

— Você não pode culpar um homem por dizer que ele já sofreu demais.

Acho que ele poderia estar se referindo a qualquer um dos dois.

Senti o cheiro suburbano de grama cortada e madressilvas, o som dos aparelhos de televisão e rádio, havia o halo das luzes dos postes e as pessoas acendendo as luzes de casa. As coisas se resolvem em uma caminhada, ele tinha me dito. Gabe tinha caminhado pelas ruas desoladas do nosso antigo bairro, pelado, e aos prantos.

— Você é bem-vindo para ficar, você sabe, não é? — declarei. — O quarto do andar de cima é seu para sempre. Quando você voltar a trabalhar, pode ir até a estação com Tom. Susan partirá em breve para a faculdade no outono. E logo será a vez de Helen. Os meninos já se viram sozinhos a maior parte do tempo. Assim você fará companhia para mim e para o Tom. Você vai impedir que Tom fale sem parar nos meus ouvidos depois que ele se aposentar. Nós faremos companhia uns aos outros.

Gabe sorriu.

— Obrigado — disse ele, simplesmente. Ele pensou um pouco. — Eu vou ter que ir ao apartamento para pegar as coisas e cancelar o aluguel.

Eu queria que ele tivesse dito “o antigo apartamento”.

— Tom já esteve lá — contei. — Ele pegou tudo que valia a pena manter, o que não era muita coisa. — As roupas de Gabe, algumas fotografias, todos os livros dele. Até mesmo antes da morte da minha mãe, tiramos qualquer coisa de valor de lá. — Você devia estar feliz de cancelar o aluguel — continuei. — O prédio está pior do que nunca hoje em dia. — E, então, acrescentei em tom brincalhão: — Eu não desejo o Brooklyn nem para um cachorro.

Ele sorriu, mas de forma menos sincera. Ainda leal.

Quando dobramos a esquina para voltar para casa, deparamos com um grupo de crianças. Eram

umas cinco ou seis, correndo entre três gramados, tentando pegar vaga-lumes. Entre elas estava a amiga de Helen, Lucy Grayson, e ela parou quando nos viu passando, arrastando os pés na grama.

— Olá, senhora Commerford — cumprimentou ela com sua voz rouca.

Ela era uma menina magra com pernas morenas, olhos grandes e uma boca sempre aberta. Eu acenei e respondi:

— Oi, Lucy.

Então, vi como as outras crianças começaram a parar também, devagar, juntando-se em volta de Lucy como se a inércia repentina dela os tivesse atraído para nós. Cada um deles me cumprimentou em intervalos estranhos, como as luzes de um vaga-lume. “Olá, senhora Commeford.” “Oi.” “Oi.” Até que tivéssemos passado. Então, ouvi um deles gritar:

— Suffolk ligou. — Era a voz de um menino, abafada com risos.

Seguiu-se, então, o som de pedidos abafados de silêncio, “psiu”, e mais risos, até que as crianças se espalhassem de novo pelo gramado.

Gabe olhava diretamente para a frente, com um sorriso curto nos lábios. Toquei o braço dele, apenas a ponta dos dedos na parte interna dos cotovelos. Ele jogou o cigarro na rua.

— O tio Charlie chegou à cidade — declarou ele, e demorei alguns segundos para me dar conta de que ele se referia àquele filme antigo. — Um outro tio solteiro com um passado nebuloso — continuou ele. — Sempre suspeito.

— Bobagem — respondi.

Quando voltamos para casa, havia um carro estranho na alameda de entrada. Estranho para mim, porque Gabe disse:

— Acho que pode ser um colega meu.

A porta da frente estava aberta de novo, a luz da varanda, acesa, acima dela, e seguimos por ali e encontramos Tom e as meninas sentados na sala com o estranho. Havia dois copos de cerveja na mesa de centro e Helen estava colocando uma tigela de amendoim ao lado deles. O homem se levantou quando entramos. Ele era alto e tinha ombros largos. Usava uma camisa azul-clara de manga curta e calça cinza igual ao meu irmão. Tinha cabelo curto, com bastante gel, ficando grisalho nas têmporas.

— Oi — cumprimentou meu irmão antes de nos apresentar. — Este é Matt Cain, um amigo meu.

Da época da it&t.

Sentei-me na beirada de uma poltrona forrada com uma capa e tentei conversar sobre amenidades da melhor forma que consegui, embora a voz deles na sala sem tapete ecoasse e ressoasse. Senti o suor escorrendo pelas minhas costas. Matt Cain conhecia a rua em Rego Park onde tivemos o nosso primeiro apartamento. Ele mesmo morava em Bay Ridge e ainda trabalhava na it&t, na Park Avenue. Ele tinha os lábios finos e gel demais no cabelo, embora, para ser justa, talvez tenha vindo diretamente do barbeiro. Havia uma marca branca na base do cabelo. E um monte de fios de cabelo grudados no pescoço também. Ele ofereceu cigarros duas vezes e, em ambas, Tom e eu recusamos. Embora Gabe tenha aceitado um e se inclinado para a frente para Matt Cain acender com o fósforo.

Pedi licença e fui até a cozinha. As meninas tinham lavado a louça, mas a deixaram empilhada no escorredor. A panela na qual eu cozinhara as batatas ainda estava suja no fogão. Eu a lavei e, depois,

limpei a pia. Então, guardei a louça, sem ter o cuidado de abafar o som do tinir dos utensílios enquanto eu os guardava, um a um, os garfos e as facas e as colheres na gaveta. Eu estava sendo grosseira, bem sabia. De propósito. Mas não sabia bem o porquê. Bebi um copo de água da torneira, molhei os punhos para me acalmar. Sequei as mãos, coloquei um sorriso no rosto e voltei para a sala quente para perguntar, em tom alegre, se os homens aceitariam mais uma cerveja — ou, se não estivesse calor demais, um café?

Gabe, ao que parecia, estivera contando a eles sobre Suffolk. A rotina dele lá. Tom e as meninas — Susan sentada no braço da cadeira do pai, Helen no chão com as pernas cruzadas e o queixo apoiado nas mãos — o observavam com ar solene. Matt Cain tinha se recostado no canto do sofá, com os braços abertos e apoiados no encosto, as pernas estendidas — ele tinha pernas grossas, longas, com coxas pesadas; era, na verdade, mais pesado do que eu imaginara na primeira impressão. A cabeça estava um pouco inclinada. Ele estava tirando um pouco de tabaco da língua, mas também estivera ouvindo — divertido ou emocionado, difícil dizer.

E eu interrompi, entrando para oferecer outra cerveja ou café se não estivesse calor, o que queria dizer — intencionalmente, eu bem sabia, embora não teria dito no momento antes de falar, que aquela era a minha intenção — de forma graciosa que já estava na hora de encerrar a noite. E querendo bater em mim mesma um segundo depois que falei quando percebi, ou ouvi, em algum eco distante da conversa que eu interrompera, que Gabe estava contando a eles sobre a sua vida em Suffolk e eu perdera.

Matt Cain encolheu as penas e apagou o cigarro no cinzeiro na mesinha de centro.

— Para mim não, obrigado — recusou ele, apoiando ambas as mãos nas penas e voltando-se para o meu irmão: — É melhor eu ir embora. — Pareceu haver mil significados transmitidos ali.

Gabe respondeu:

— Vou acompanhar você até o carro.

Matt Cain insistiu em levar o copo dele e de Gabe até a cozinha. Apertou a minha mão, a de Tom e das duas meninas. Eu sabia que o cheiro do que quer que ele estivesse usando no cabelo ia ficar. Quando começou a se dirigir para a porta da frente, passando pela sala de jantar, Gabe o segurou pelo ombro, indicando a porta lateral para a garagem.

— Susan me disse que essa é a porta que vocês costumam usar para entrar e sair de casa — declarou Gabe, dando uma piscadela para mim.

— Vou acender a luz — eu disse.

Através da cortina da porta de vidro, vi os dois homens pararem. Gabe apontou para o teto da garagem e Matt Cain bateu, de forma brincalhona, nas duas bolas de tênis penduradas ali na garagem sobre o para-brisa do carro de Tom. Ouvi-os rir e esperei, do fundo do meu coração, que não estivessem debochando. Não de Tom, pensei, que perdera um dia de trabalho para ir de carro até Suffolk para pegá-lo, e que fora até lá diversas vezes no decorrer do ano para se sentar na enfermaria masculina com ele para que não ficasse sozinho. Observei enquanto se afastavam do carro, contornando a casa até a alameda de entrada.

Terminei de arrumar a cozinha e, como Gabe ainda não tinha entrado, deixei um bilhete na mesa de jantar. Fui para a cama. Mas não hesite em me chamar se precisar de qualquer coisa. Acrescentei durma bem, escolhendo isso em vez de estamos muito felizes de tê-lo aqui.

As meninas estavam no porão e a televisão estava ligada. E eu gritei para que não ficassem até

muito tarde. Helen disse que Susan já estava dormindo, e Susan respondeu, sonolenta, que não estava, não. Em geral, eu deixava a porta do porão aberta para ouvir quando elas subissem, mas, naquela noite, eu a fechei.

Fui para o meu quarto. Tom já estava na cama. Estava lendo uma revista de notícias, com os óculos apoiados no nariz. Naquelas noites de verão, ele dormia de short e uma camiseta regata branca que mostrava os ombros carnudos tão rosados e redondos quanto o rosto. O ventilador estava ligado na potência máxima, e ele apenas ergueu rapidamente o olhar quando entrei e deu um sorriso vago. Fui ao banheiro para escovar os dentes e vestir a minha camisola de verão. Então, cruzei o quarto de novo e diminuí a potência do ventilador. Segui com a minha rotina noturna. Virei o relógio na mesinha de cabeceira. Coloquei creme na palma das mãos e o espalhei pelos braços. Pus uma rede azul na parte de trás da minha cabeça. Desliguei o abajur que trouxéramos do antigo apartamento da minha mãe e tirei os óculos. O quarto diminuiu e perdeu todos os contornos. Deitei-me na cama, como era a nossa rotina, e me virei para Tom enquanto ele lia. Fechei os olhos. Como era rotina de Tom, ele pousou a mão no colchão ao meu lado, dando-a a mim. Coloquei as minhas duas mãos no braço dele e levei os lábios à sua pele.

Eu diminuíra a potência do ventilador para ouvir quando Gabe entrasse e as meninas subissem do porão. Baixo o suficiente para que pudesse perguntar para Tom o que Gabe dissera enquanto eu estivera na cozinha, sobre a sua rotina em Suffolk. Ele mencionara algo a respeito de choques elétricos? Ele falara sobre o que o levara até lá naquele dia horrível?

Fechei os olhos e levei os lábios à pele fria do meu marido, e ele, ainda lendo, passou as costas da mão no meu seio. Eu não tinha gostado do amigo de Gabe, e isso me fizera ir para a cozinha e perder o que meu irmão contara sobre a sua rotina em Suffolk. Sobre o que o levara até lá. Eu tinha diminuído o ventilador o suficiente para perguntar, em um sussurro:

— Quem era aquele cara, aquele amigo dele?

Tom fechou a revista usando apenas uma das mãos e a colocou na mesinha de cabeceira. Tirou os óculos de leitura e se inclinou para a luz, mantendo o outro braço no colchão ao meu lado, afastando-se apenas o suficiente para puxar a corda. Ele se recostou. Ele tinha o hábito de se acomodar na cama como um homem relaxa em uma banheira. Ele se ajeitou um pouco sob o lençol, mantendo as costas apoiadas nos travesseiros empilhados atrás dele. Novamente, ele passou a mão no meu seio.

— Você se lembra de Darcy Furlong? — perguntou ele, no escuro, um pouco mais alto do que o som do ventilador. — Da cervejaria?

Eu ri.

— Aquele nome.

Eu soltei o braço dele e deitei de barriga para cima. Ele levou a mão ao meu quadril.

— Os boatos sobre ele duraram anos — contou-me. — Coisas bobas, na maior parte do tempo. Alguém o vira fazendo tricô na hora do almoço. Havia um batom em sua mesa de trabalho. Ele usava esmalte nas unhas dos pés. Embora alguns de nós brincasse que, se fosse verdade, aquilo significava que ele tirava em algum momento aqueles malditos sapatos tipo Oxford. — Ele riu. — Nada de tão terrível, na verdade. Apenas coisinhas pequenas que diziam dele de vez em quando. Mas, então, o senhor Heep ficou sabendo daquilo. Ele sempre descobria tudo que se passava naquela época. Então, Darcy ficou doente por um tempo, acho que passou por algum tipo de cirurgia pequena, e todos assinamos um cartão.

Durante aquele tempo, o senhor Heep nos chamou para uma reunião. Eu já contei isso para você.

Eu assenti. Tinha uma vaga lembrança.

— O senhor Heep disse que sabia que estávamos espalhando alguns boatos sobre o senhor Furlong e que ele queria saber se um de nós tinha evidências para comprovar os boatos. Alguém tinha provas? Foi tudo que ele perguntou. É claro que ninguém tinha. O que no mundo poderia servir como prova? Nós o víamos no escritório todos os dias. Ele era um bom funcionário. Chegava todas as manhãs e ia embora à noite. Era solteiro. Sua família era do Sul. O que mais precisávamos saber? E quando ninguém respondeu, o senhor Heep concluiu: "Bem, eu também não, então até que alguém tenha alguma prova ou evidência de que o que andam dizendo sobre o senhor Furlong é a mais absoluta verdade, eu quero que esses boatos pereçam. Quero que isso termine. E eu vou demitir o primeiro que me desafiar".

Ouvi a porta dos fundos abrir e fechar. Ouvi, tenho certeza, Gabe parando para pegar o meu bilhete na mesa de jantar. Estava ciente da frieza das minhas palavras — afinal, eu não escrevera: "Estamos muito felizes de tê-lo aqui".

Ouvi os passos de Gabe no chão sem tapete da sala enquanto ele ia até a escada. No dia seguinte, eu diria novamente que ele era bem-vindo para ficar.

— E foi isso — disse Tom. — Os rumores pararam, é claro. Mas todos éramos livres para continuarmos pensando o que quiséssemos, mas ninguém dizia nada. Sou obrigado a dizer que admirei o senhor Heep pelo modo como conduziu as coisas, colocando um ponto final naquilo. Seja lá o que for que Darcy Furlong era, uma fada, ou um decorador de vitrines ou um filhinho da mamãe, ou apenas um solitário que gostava de meias bonitas e de manter os próprios hábitos, que bem faríamos de ficar falando sobre ele? O que iríamos descobrir? O que mudaria?

No escuro, senti quando ele se afundou mais no colchão, como costumava fazer. Senti meu coração afundar também. Meu irmão fora um garoto de ouro, recitando poesias que eu não conseguia entender, o seminarista magro saindo das sombras de árvores altas com o livro de orações nas mãos. Não estava nem há um ano na primeira paróquia quando teve de dar a extrema-unção para o meu pai, mesmo enquanto o sofrimento do pobre homem constituía um peso terrível. Eu ficara assustada com a ferocidade do seu sofrimento — "Você dormiu?" — quando acordei no carro que alugamos de Fagin. Por diversas vezes fiquei irritada e confusa com sua solidão e meditações, sua vigilância e o modo como temia o que era feio ou cruel, e o modo como a compaixão pareceu derrubá-lo — andar pelado e aos prantos pelas ruas onde fomos criados. Meu irmão sempre foi um mistério para mim, mas um mistério que sempre associei à escuridão sagrada do quarto que compartilhamos no Brooklyn, ou com os bosques silenciosos do seminário, ou o cheiro do incenso na igreja cavernosa, mesmo com sua comunicação silenciosa de toda uma vida usando as palavras que encontrava nos livros. Incompreensível, sim, mas do mesmo modo que muito do que era sagrado era incompreensível para mim, a pequena pagã.

E agora meu coração afundava no peito ao pensar que o mistério sagrado de quem o meu irmão era poderia ter se tornado carnal, carnal e comum, a noção de que ele era simplesmente um certo tipo de homem.

Pensar que ele tinha saído naquele dia de verão, chorando, aos prantos, pelado, e de luto, não pelo mundo mortal, por ele mesmo.

Senti Tom se inclinar no escuro para beijar a minha cabeça e, ao fazer isso, tocar o meu braço, o

meu cotovelo.

— Agora, veja bem, eu não estou dizendo que sei qualquer coisa sobre esse cara que esteve aqui hoje — continuou Tom. — Tudo que estou dizendo é que devemos deixar Gabe em paz. Ele foi cutucado, furado e levou choque e, pior ainda, teve de falar até ficar sem fôlego, lá naquele lugar. — O nome daquele lugar horrível foi banido para sempre de nossas conversas, substituído por esse eufemismo. — Eu mesmo ficava cansado daquilo, e eu só estava visitando, o modo como eles queriam reduzir tudo a algumas palavras fáceis relacionadas a sexo. — Ele fez uma pausa, como se estivesse pensando. — Não sei — sussurrou ele. — Talvez seja eu. Talvez eu veja as coisas de um modo muito simples. — Ele relaxou completamente na escuridão e no conforto da nossa cama. — Mas quem é que pode conhecer o coração de um homem? — perguntou ele em um sussurro, enquanto puxava o lençol para cobrir os meus ombros e os dele, como era o seu hábito quando íamos dormir. — Principalmente um homem como o seu irmão?

Mais tarde, Tom falou no escuro. Era meio da noite. Ele tinha se levantado por algum motivo — será que o telefone tocara? — e agora estava de volta ao quarto. Inclinando-se, a respiração morna. Ele estava sussurrando. Ou chorando. Eu acordei e me dei conta de que ele estava chorando.

— É o Tommy — dizia ele. — O nosso Tommy.

Tommy tinha se afogado, disse ele. Eu mal conseguia entender as palavras. Ele não tinha acendido a luz. A cabeça dele estava pesada no meu ombro. Afogado ou dirigindo. Dirigindo bêbado, e eu me ouvi dizendo:

— Ai, meu Deus.

Levantei da cama, ciente da escuridão, o peso dele sobre o colchão. Ele estava chorando, enquanto falava. Eles estavam trazendo-o para casa, disse ele. Durante a noite. Trazendo o corpo para casa, e eu tapei os ouvidos com as mãos ao ouvir aquela expressão. Eu não queria ouvir aquilo. Eu me vi na sala onde a luz fraca da rua passava pelas cortinas entrelaçadas de cinza e branco. Eu me esquecera de fechar as persianas por causa do tal de Matt Cain aqui na sala, e agora havia um brilho aterrorizante banhando o sofá e a mesa de centro e as fotos da família nas paredes e os sons das minhas próprias súplicas, que eu talvez estivesse dizendo em voz alta, ou não estava falando nada. Por favor, meu Deus, faça com que isso seja só um sonho. Que horror. Que crueldade.

Mas foi exatamente a crueldade daquilo que me fez perceber que era real. Brutal e cruel, como eram as coisas da carne. Mas perder um filho era o pior de tudo. Caí de joelhos. Senti o cheiro de poeira no chão sem tapete. Ouvi Gabe descer as escadas, sonolento e temeroso. Meu Deus, o que aconteceu? A minha cabeça estava enterrada nos joelhos, em algum lugar na escuridão ouvi a voz preocupada das meninas, perguntando e perguntando, mas sem responder às suas perguntas com a resposta que eu temia ouvir. Uma devastação geral. Não acenda as luzes, implorei ao meu irmão quando ele desceu as escadas. Tommy está morto. O meu filho. Eles estão trazendo o corpo para casa esta noite.

Meu Deus. Meu Deus do céu, disse ele.

Ouvi choros nos outros quartos. O corpo estava vindo para casa, ouvi alguém dizer e cobri as orelhas com as mãos. Era uma expressão horrível usada daquele jeito. Como explicar que eu nunca tenha percebido antes a crueldade e a estupidez. Por que o senhor Fagin, com toda a sua sabedoria, não banira

a expressão? O corpo. Recheado com pelo de cavalo. O corpo quente da criança no meu colo. Como eu conseguiria suportar?

Gabe pressionou as mãos nos meus ouvidos. Isso não pode ser real, disse eu. Diga que não é real. Faça com que não seja real. Eu agarrei a manga da camisa dele. E a puxei. Eu disse para Gabe, mas ele estava cheio de compaixão e totalmente impotente. Impossível, ouvi-o sussurrar. Ele estava chorando. Aos prantos. Impossível, disse ele. Eu estava sozinha. Ninguém tinha acendido a luz.

Você poderia pedir, disse eu. A minha garganta doía. Peça.

Acordei devagar na escuridão do quarto e o som constante do ventilador de verão, cuja potência Tom aumentara durante a noite. Senti a dor na garganta que me disse que eu chorara durante o sonho. A casa estava em silêncio. Tom roncava ao meu lado. Demorou alguns segundos para a tristeza do sonho se dissipar, tão real e terrível. Eu já tivera esse tipo de sonho antes. A minha garganta ainda doía com a realidade do que eu sentira.

Enxuguei o rosto com as costas da mão. Era o meio de uma noite de verão, e o meu marido dormia ao meu lado. Não passara de um sonho sobre um desastre. O sonho de uma mãe extremamente ansiosa. A assistente de Fagin ouvindo nos meus sonhos o eco longínquo e acomodado do sofrimento das outras pessoas. Além dos papos na mesa de jantar sobre Tommy e Jimmy mergulhando no oceano salgado todos os dias, para curar ressacas.

Ainda assim, era algo terrível de se dizer "O corpo".

Ainda assim, eu pedira e fora atendida. A vida fora restabelecida.

Ainda assim, naquela noite, eu pediria a Tom para ligar para o restaurante em que os meninos trabalhavam e dizer para eles virem jantar em casa um dia daquela semana. "Sua mãe está preocupada", diria Tom. Ele sempre sabia como explicar as coisas, meio brincando e meio sincero: as mulheres têm que ser mimadas. "Venham para casa para que a mãe de vocês possa dar uma boa olhada em vocês."

Eu me sentei na cama, peguei os óculos e me levantei. Fui até a sala de estar, onde vi que eu realmente esquecera de fechar as venezianas contra o calor da manhã. A luz da rua estava exatamente do jeito que eu vira momentos antes. Eu conseguia sentir o cheiro da poeira de verão no piso sem tapete. E cada uma das fotos de família na parede — fotos profissionais já datadas, fotos de formatura de uma época que já tinha passado — estava marcada com a mesma obscuridade sombria que eu vira no sonho. Parei aos pés da escada. As paredes da sala estavam banhadas de retângulos longos das luzes da rua e de um crucifixo fino. Do quarto de cima, eu conseguia ouvir o meu irmão respirando no seu sono sem sonhos. Subi devagar. Quando cheguei lá em cima, onde estava mais escuro, escorreguei os pés descalços com cuidado ao longo do chão, alguma indicação de como eu tenho que andar agora, na minha cegueira.

Olhei para o quarto dos meninos, que estava banhado da luz fraca que vinha da rua, as duas camas estreitas bem-arrumadas, o cheiro de garoto ainda no ar, mas temperado agora com a brisa quente e o cheiro do calor do dia no telhado. Espiei o segundo quarto. Gabe estava dormindo, as janelas abertas, uma brisa noturna entrando. Ele estava deitado de costas, sob um lençol branco, o braço sobre os olhos, como costumava fazer. Ele estava acordado e sussurrou na escuridão:

— Marie?

Entrei no quarto.

— Você está bem? — perguntei a ele.

— Tudo bem. E você?

O que me fez sorrir. Sentei-me na beirada da cama e senti ele se mexer para eu me acomodar melhor.

— Tive um pesadelo — respondi, e reconheci, enquanto dizia, a minha própria certeza tola de que não fora um sonho. Eu pedira e fora atendida. O tempo se apiedara e se dobrara sobre si mesmo para restaurar o que fora perdido.

Vi meu irmão baixar o braço, senti sua mão se mover em direção à minha sobre o lençol fino. Na escuridão, ele ergueu a minha e a segurou. A sua mão era quente e larga. Senti a certeza dela no seu toque. Entendi que ele conhecia o meu sonho. Que ele sentira quando eu o puxara pela manga.

Na mesinha de cabeceira ao lado da cama, refletindo a luz fraca do lado de fora, havia um copo de água. Ao lado, o remédio que Tom fora comprar.

Perguntei de novo se ele ficaria.

— Este quarto é bom, não é? — disse eu. — Sempre foi um ótimo lugar para os hóspedes. A mamãe ficou aqui algumas vezes. Quando as crianças eram pequenas.

Eu conseguia ver o modo como a luz da rua iluminava os seus olhos e os seus dentes.

— Eu me lembro — respondeu ele, com voz suave. — Aquele cara que esteve aqui, Matt Cain, perguntou se eu tinha interesse em ficar no prédio dele em Bay Ridge. Ele mora em um prédio de três apartamentos e o do último andar está vago. Eu não conheço o bairro muito bem, mas eu disse que ia pensar a respeito.

— Você vai ficar solitário lá — retruquei. Disse aquilo de forma abrupta e sem pensar. — Vai ser uma vida solitária.

Eu não me lembrei naquele momento que a frase tinha sido usada para Bill Corrigan.

— Eu pensei nisso também — disse Gabe, suavemente. Ele ergueu a minha mão e desceu de novo. — Não sei se isso pode ser evitado. — E, então, ele acrescentou: — Não vai ser como um lar para mim. — E o que queria dizer era que não seria como antes. E, então, ele deu uma risada curta. — Você se lembra dos últimos dias da mamãe? Não em casa, como tínhamos que dizer para ela, mas sim no Brooklyn.

Soltei a mão dele quando me levantei.

— Você vai ter um lar aqui — assegurei.

Ele assentiu e, uma vez mais, levou o punho aos olhos. Demorei-me um pouco ali ao lado da cama dele. Sem medo ou premeditação, sem intensão, não naquele momento, peguei o frasco do remédio e coloquei no bolso do meu penhoar.

A escada estava mais escura do que os quartos no andar de cima. Desci devagar, com cuidado, uma das mãos no corrimão e a outra na parede, caminhando com a cautela que eu usaria na minha velhice cega.

Eu talvez tenha salvado a vida do meu irmão naquela noite. Não sei. Talvez tenha apenas sonhado com a perda do meu primeiro filho.

Desci a escada devagar e cautelosamente na escuridão, com cuidado, uma das mãos no corrimão e a outra na parede. A luz dos postes da rua que entravam pela janela da sala se concentravam nos pés da escada. Pensei em Pegeen Chehab e na sua última queda. E, depois, na distância que os seus pais

percorreram para dar a ela a breve vida que teve, as areias da Síria e do Monte Líbano e o piso escorregadio do navio e, então, aquela chama breve na janela do térreo.

Um dia antes de sua morte, Pegeen se inclinara sobre mim, com os olhos brilhando com um plano. Ela disse: “Se eu o vir, vou me aproximar bem. Vou *fingir* que estou caindo, sabe? Bem ao lado dele. E ele vai me pegar e perguntar: ‘É a senhorita de novo?’”. Alguém gentil.

Ela me disse, pobre tola: “Vamos ver o que acontece, então”.

[1] Mateus 10, 29-31. (N. T.)
[2] Fatty Arbuckle foi um comediante, roteirista e diretor de cinema mudo. A senhora Hanson aqui faz uma piada sobre o tamanho avantajado de sua barriga, uma vez que Arbuckle era conhecido não apenas pelo talento, mas também por ser um homem gordo e alto. (N. T.)
[3] Salmo 143:9. (N.T.)
[4] Salmo 59:2. (N.T.)
[5] Fagin é o antagonista da obra *Oliver Twist*, de Charles Dickens. (N. T.)
[6] Trecho da música "Mary Is a Grand Old Name", escrita por George M. Cohan para o musical *Forty-Five Minutes from Broadway*, que estreou em 1906. Tradução livre do trecho: "Mas com propriedade, a sociedade dirá Marie". (N. T.)
[7] Bob Hope foi um comediante norte-americano que, junto com Bing Crosby, formou uma famosa dupla cômica em filmes da década de 1940. (N. T.)
[8] Em inglês, a autora faz um jogo de palavras com *caregiver*, profissional da área da saúde que presta assistência a pessoas com necessidades especiais, e *caretaker*, que também seria traduzido como cuidador, mas no sentido de tomar conta e zelar pelo bem-estar. Nesse caso, a personagem também brinca com o segundo elemento de cada uma das palavras, ou seja, "giver", aquele que dá, e "taker", aquele que toma para si. (N. T.)
[9] A Fuller Brush é uma empresa de venda de produtos de limpeza fundada em 1906. Até 1985, o único canal de venda era o porta a porta. A empresa existe até hoje. (N. T.)
[10] Figura do folclore irlandês que se diverte causando problemas para viajantes. (N. T.)